ALLISON CONTRA OS ZUMBIS
V&R
Madeleine_Roux

ALLISON CONTRA OS ZUMBIS

Madeleine_Roux

ALLISON CONTRA OS ZUMBIS

Tradução Guilherme Kroll

Tradução: Guilherme Kroll
Edição: Fabrício Valério e Flavia Lago
Editora-assistente: Raquel Nakasone
Preparação: Bóris Fatigati
Revisão: Marina Constantino e Marcia Alves
Direção de Arte: Ana Solt
Diagramação e epub: Juliana Pellegrini
Arte de capa: Brian Allen

Título original: *Allison Hewitt is Trapped*

vreditoras.com.br

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br
ISBN 978-85-7683-881-4
1ª edição, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roux, Madeleine
Allison contra os zumbis [livro eletrônico] /
Madeleine Roux; tradução Guilherme Kroll. –
São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2015. –
(Zumbissaga) 2 Mb; ePUB
Título original: Allison Hewitt is trapped
ISBN 978-85-7683-881-4

1. Ficção juvenil 2. Suspense - Ficção I. Título. II. Série.

15-04590 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Para a minha família

Nova Universidade do Norte do Colorado
Rua South Sherman, 10
Liberty Village, CEP 80701

3 de agosto de 2108

Editora Witt-Burroughs
Universidade de Independence
Avenida Johnson, 1640
Independence, CEP 12404

Caro dr. Burroughs:

Deixe-me primeiro expressar minha sincera admiração por seu interesse contínuo em nossa humilde universidade. Sua devoção aos altos valores acadêmicos e à reconstrução da nossa grande nação é digna de reconhecimento. Em segundo lugar, permita-me direcionar sua atenção a um certo indivíduo, talvez o senhor queira incluí-lo em seu livro.

Um colega mencionou que o senhor está interessado em publicar uma coletânea de ensaios biográficos de personagens importantes da Epidemia. Gostaria então de apresentar um candidato para esse seu emocionante novo empreendimento. É muito apropriado comemorar o centésimo aniversário do início da Epidemia com um conjunto de histórias inspiradoras dedicadas à memória dessas bravas almas a quem devemos tanto. O indivíduo de quem falo não é amplamente conhecido. Na verdade, posso dizer, com alguma certeza, que o senhor nunca ouviu falar desta mulher. No entanto, estou igualmente certo de que vai perceber rapidamente que a história dela é uma daquelas com as quais muitos de nós poderão simpatizar. Eu sinto que ela, por meio de sua bravura e de seu sacrifício, merece um lugar em sua coletânea.

Posso garantir que esta mulher tem a mais elevada consideração em nossa pequena comunidade. Antes de seu triste falecimento, ela foi destacada como uma das maiores líderes e inovadoras do estado. Embora não seja tão famosa ou reconhecida como pessoas do calibre de Simon Forrest, arquiteto dos memoráveis Jardins da Vitória, ou tão talentosa como a nossa proeminente e laureada poeta Shana Lane, estou convicto de que Allison Hewitt merece um lugar no panteão que o senhor pretende criar. Sua luta, meticulosamente catalogada durante o pior momento da Epidemia, é um registro do imenso terror e destruição causados pelos Infectados.

Tem sido um privilégio e uma honra trabalhar com os registros que ela deixou para trás. Sabemos agora que ela estava se aproveitando da SafetyNet – ou SNet, como é mais comumente conhecida –, a rede wi-fi emergencial dos militares, disponível em todo o

país. Como você já sabe, a SNet permitiu que muitos dos nossos soldados se organizassem, se encontrassem e, finalmente, virassem o jogo contra os Infectados.

Eu só recentemente soube, por meio dos diários do meu pai, que a srta. Hewitt mantinha um registro on-line durante a Epidemia. Muitas horas de pesquisa foram necessárias para recriar as aventuras dela, já que o servidor que hospedava a história saiu do ar há muito tempo por questões de armazenagem. Somente por meio de constantes petições e após muitas horas frustrantes consegui ter acesso a essas páginas perdidas. Até onde eu sei, coletei todas as postagens da srta. Hewitt e mando-as anexadas para sua leitura. Estou perfeitamente consciente de que incluir toda a história da srta. Hewitt seria impossível, mas imploro que considere uma versão resumida para a coletânea. Permita que ela se torne um símbolo da luta pública, dê um rosto às massas sem rostos e se eternize como um exemplo do alto custo da sobrevivência. A história, acredito eu, merece ser lembrada.

Com a melhor das intenções,Professor Michael E. Stockton Junior

Coração das trevas

18 de setembro de 2009

Eles estão vindo.

Eles estão vindo e não acho que vamos conseguir escapar. Se você está lendo isso, por favor, chame a polícia. Faça isso agora; chame ajuda se ainda existir alguém que possa ajudar. Peça que venham me encontrar. Eu não posso prometer que estaremos aqui amanhã ou depois de amanhã, ou no dia que vem depois desse, mas diga para nos resgatarem antes que seja tarde demais. Diga a eles que tentem.

Se pedirem um nome, digam que me chamo Allison Hewitt, e contem que eu estou encurralada. Allison Hewitt e outras cinco almas estão aguentando firme na sala de descanso da livraria Brooks & Peabody, na esquina da Langdon com a Park. Estamos todos com a saúde relativamente boa. O mais importante: nenhum de nós está infectado.

Se perguntarem o que você quer dizer com tudo isso, diga o seguinte: no fim da tarde do dia 15 de setembro de 2009, pouco antes do encerramento do expediente, a livraria Brooks & Peabody foi atacada pelos infectados. Eu não sei mais do que chamá-los. Infectados? Amaldiçoados? Não tenho certeza se é um vírus ou uma doença, mas sei que se espalha e sei o tipo de destruição que provoca.

Nossos telefones não funcionam, nem as linhas de fax, e nossos celulares começaram a ficar sem bateria. Ninguém pensou em trazer um carregador para o trabalho ou deixar um na sala de descanso. Phil, o gerente, jura que existe um carregador no estoque lá nos fundos, mas isso fica do outro lado da loja, e nenhum de nós é corajoso o suficiente para tentar pegá-lo. Acho que, em algum momento, a situação vai se tornar desesperadora e nós vamos ter que sair para a loja. A comida aqui não vai durar para sempre, e eu nunca pensei que enjoaria de comer salgadinhos. A eletricidade vem dos geradores de emergência que o Phil comprou no ano passado, quando as enchentes estavam piorando e todo mundo ficou com medo de não ter energia justo no fim das vendas escolares. Eu não sei de onde vem a rede wi-fi, mas é algo chamado SNet. Eu nunca tinha usado antes. Pode ser que esteja vindo do pequeno conjunto de apartamentos que fica em cima da loja. Talvez alguém esteja vivo lá; talvez eles estejam tentando entrar em contato com vocês também.

Estamos vivendo atrás de uma porta sólida e segura. A fechadura é de padrão industrial. A sala do cofre fica aqui e as portas são bem pesadas e reforçadas. É o lugar mais lógico para nos escondermos: sem janelas, uma geladeira com um pouco de comida e, principalmente, *portas pesadas e reforçadas*. Não consigo enfatizar o suficiente quanto nós confiamos nessa porta de metal e como ela passou a simbolizar, nem que por apenas

mais alguns dias, a sobrevivência.

Sem janelas e com apenas uma porta, como é que nós sabemos que eles estão vindo?

Sabemos por causa das câmeras de segurança. Elas devem estar funcionando com os geradores de emergência, porque eles continuam a trabalhar, e o único monitor está na sala do cofre. Essa sala fica na área contígua ao cômodo com a mesa, as cadeiras e a geladeira. De vez em quando, em noites em que não consigo dormir, vou até lá (ela não está mais trancada, não acho que dinheiro signifique muito agora, e nenhum de nós nunca tentou roubar nada) e vejo o monitor. Obrigada, Brooks & Peabody, por ter instalado essas câmeras. Elas permitem que nós vejamos quase toda a loja. A imagem é em preto e branco e não é muito nítida, mas eu posso vê-los; observo-os se arrastando pela loja, vagando pelos corredores de estantes, passando pelas seções de suspense e de ficção científica, demorando-se nas luzes de leitura e nos marcadores de livro. Eles não vão partir, nem mesmo depois que todo mundo na loja tiver desaparecido, morrido ou tiver se tornado *um deles*.

O que estão procurando? *O que eles querem*?

Às vezes, eles parecem desaparecer, e eu sei que estão parados diante da porta da sala de descanso, gemendo sobre as barras de segurança, batendo suas cabeças e seus punhos podres contra o aço. Começo a pensar que é injusto, pois os outros estão tentando dormir. O que eles querem? Será que pensam que vamos responder às batidas constantes? Será que eles ainda têm a capacidade de pensar, ou é outra coisa que os faz se agarrarem à nossa porta?

Um dos outros estudantes em meu condomínio tinha um cachorro da raça galgo inglês. Seu nome era Joey. Acho que Joey era o cão mais legal que eu já conheci. Ele foi resgatado de uma pista de corridas de cães, o tipo de lugar onde os cães nunca querem estar, pois são abusados e tratados como objetos. Você pode dirigir um carro por uma pista dia e noite e ele nunca vai reclamar; galgos são exatamente iguais. Eles não se queixam nunca, apenas olham para você com aqueles olhos grandes e profundos e te pedem para que seja agradável e mostre um pouco de misericórdia, se possível. Joey não parecia ser o tipo de animal que seria capaz de machucar nem uma mosca aleijada, mas um dia ele passou por mim, disparando em direção ao pátio. Lembro que quase não tinha espaço para ele passar, mas ele se espremeu para fora. Antes que eu pudesse gritar o seu nome duas vezes, ele já tinha atacado um coelho. Foi tão rápido, tão eficiente, tão completamente diferente do Joey tranquilo que eu conhecia.

Não foi o Joey quem matou aquele coelho, não mesmo, foi seu instinto, seu instinto de caça.

Instinto de caça.

Isso é o que nos aguarda à porta, insano e faminto, movido não por inteligência ou entendimento, mas por uma necessidade cega e intensa do que nós temos...

Estou tentando ficar bem calma. Espero estar me saindo bem. De um jeito estranho, escrever sobre isso, falar a respeito disso ajuda. De alguma forma, torna tudo menos real. Agora, é apenas uma história que eu estou escrevendo para você, um conto que estou fiando, e não uma realidade fria e vil sobre tudo o que sou, faço e penso. É bom para dar uma mudada, fazer algo que eu queria fazer... E acho que isso é do que mais sinto falta: fazer escolhas.

Não temos mais o que escolher; devemos apenas sobreviver, agir conforme a necessidade. Logo, teremos que sair por aquela porta para conseguir comida. Há algumas geladeiras maiores e uma dúzia de sacos de batata frita próximos às caixas registradoras. Vamos precisar pegá-los em breve. Não temos escolha. Não escolhi estar presa com estas pessoas, estes colegas e estes estranhos que eu nunca quis conhecer fora deste trabalho de meio período. Não escolhi me perder da minha mãe, a única família que me resta. Ela já está doente, e agora eu não vou nem poder estar lá no final...

Eu estava estudando para ser alguém na vida, mas, agora, tudo isso já era. Agora, só restam estas pessoas que eu não conheço e um medo constante e incapacitante em relação aos infectados. Acho que eu entendo; entendo o motivo pelo qual essas coisas gemem e ficam rodeando aleatoriamente do lado de fora, e o motivo pelo qual Joey matou aquele coelho. Está no nosso sangue, nos nossos corações: a fome, a ambição, a incessante vontade de sobreviver. Eu só queria trabalhar aqui para ganhar um pouco de dinheiro, e agora, de repente, vou morrer neste lugar.

Talvez eu escreva novamente. Pelo menos é um pequeno conforto pelo qual esperar. Eu devia fechar meu laptop e tentar dormir um pouco. Devia parar de olhar para a tela brilhante, mas estou hipnotizada e não consigo desviar os olhos. Mas vou me forçar a ir para a cama, fechar os olhos e tapar os ouvidos.

Eles estão vindo.

Eles estão vindo e não acho que vamos conseguir escapar.

Comentários

anônimo disse:
18 de setembro de 2009, 11h03
a cidade está tomada. chicago também. saia da cidade, saia o mais rápido que puder.

> **Allison** disse:
> *18 de setembro de 2009, 12h08*
> Tomada? Você quer dizer toda ela? Como você escapou? Diz pra gente se você encontrar um lugar seguro.

Luis Wu disse:
18 de setembro de 2009, 13h36
Oi, Allison,
Você ainda está aí?
Estivemos lendo o seu blog em silêncio até agora. Não podemos divulgar a nossa localização (desculpe), pois há alguns saqueadores agindo em nossa área. Tome cuidado. Você está usando a SNet? Parece ser a única rede que está funcionando. Espero que você consiga aguentar firme.

> **Allison** disse:
> *18 de setembro de 2009, 14h01*
> Eu entendo. Não se entreguem: fiquem seguros e fiquem espertos. A SNet tem uma conexão bastante estável até agora. Vamos torcer pra que não caia! Me informem sobre a sua situação quando puderem.

Machadinha

19 de setembro de 2009

Nós não somos o que vocês chamariam de atletas. Não estou certa de que a ideia da “sobrevivência do mais forte” realmente se aplica neste caso, mas imagino que apenas o tempo vai dizer com certeza.

Primeiro, tem o Phil Horst. O Phil leva a definição básica de torcedor do Green Bay Packers ao extremo. Ele não é só o gerente, ah, não, ele é muito mais um tipo alegre de colega. A maioria de nós trabalha aqui sem reclamar, realizando as nossas humildes tarefas com competência, mas o Phil é o único que parece realmente gostar do que faz. Ele ama este lugar. Não há limites para o seu entusiasmo por *best-sellers* e romances de mistério bestas. Ele mal engole seu refrigerante e já quer distribuir amostras grátis.

O Phil, Philsky, é um cara grande, alto e sólido, não especialmente rápido ou ágil. Imaginem o capitão do time infantil de beisebol, agora o imaginem quinze anos mais velho que as outras crianças, vivendo com uma dieta que consiste em hambúrguer e refrigerante. Agora imaginem que ele acredita ser um papai urso amável e o melhor amigo de todo mundo que ele emprega.

Ele tem a mania de puxar as calças pelo cinto, ajeitando a cintura sobre sua barriga enquanto resmunga nervosamente, como um urso se preparando para o ataque. Ele faz isso principalmente quando se depara com um pedido desagradável ou com um cliente chato.

Phil é o nosso enrolador de língua oficial. Ele é o tipo de cara que diz “deseranhando” em vez de “desenhando” ou “feitovsky” em vez de “feito”. Foi assim que ele ganhou o apelido secreto de Philsky.

Às vezes, eu tenho certeza de que ele e eu falamos línguas diferentes. Me ensine sobre os seus costumes e tradições, ó Grande Philsky, me ensine sobre a cerveja nacional.

Acredite ou não, esse cara tem um diploma em filosofia.

É bom saber que, se as coisas um dia voltarem ao normal, a Brooks & Peabody vai emergir com a sua equipe completamente intacta. Os dois subgerentes estão aqui também, e passam a maior parte do tempo amontoados sobre a mesma revista que todo mundo vem lendo repetidamente. Eles também não tiveram dificuldade em se adaptar à nossa dieta bizarra de salgadinhos e refrigerantes. É uma prática familiar para eles.

A Janette talvez seja a minha colega de trabalho favorita. Ela é tranquila; bebe um pouquinho de refrigerante e joga o restante fora. Ela e o outro subgerente, o Matt, são grandes nerds. Eles são os únicos funcionários que realmente se veem fora do trabalho e, embora ambos sejam casados, sempre tive esse pressentimento secreto de que, se as

coisas fossem diferentes, eles seriam namorados. Eles fazem o tipo “Você me enche o saco, mas anda logo e me beija”, uma vibração que muitos casais esquisitos emanam com um cheiro almiscarado estranho, desajeitado e carregado de conotação sexual.

O Matt é o nosso esnobe e sagaz especialista quando se trata de livros. É incrível ele nunca ter percebido que ter conhecimento em uma única área da literatura o torna inelegível para esse cargo. Mas ele se candidatou e se elegeu para o papel por conta própria, e nenhum de nós tem a energia ou perseverança para convencê-lo do contrário. Ele nunca zomba do gosto literário das outras pessoas logo de cara, mas fica com esse sorrisinho *blasé* na cara, que deixa claro que ele acha que você é um plebeu ignorante. Isso significa que, secretamente, ele vai desprezar qualquer livro que você mencionar.

Tanto Matt como Janette não estão muito fora de forma, mas eu aposto que suas aventuras só acontecem na segurança de sua imaginação. Não sei se algum dos *cosplays* da Janette tem uma espada samurai, mas, se fosse o caso, seria algo muito útil neste momento. A Holly e o Ted também estão aqui, mas eles não são funcionários da livraria. Eles frequentam tanto a loja que eu os reconheço assim que aparecem. Eu os ajudei a comprar tanta coisa que acabei decorando os nomes deles e conhecendo o tipo de livro que gostam de ler, mas, fora isso, são completos estranhos. Holly é uma ruiva baixinha, muito calma e tímida, com pequenas estrelas tatuadas na parte superior da mão direita. Ela se parece com um monte de meninas com as quais cresci, aquelas garotas para casar, mas claramente está passando pela fase da rebeldia adolescente. Ted tem um estilo quase idêntico ao dela; ambos têm tatuagens inócuas, que não são chamativas o bastante para serem consideradas descoladas.

Estes dois estão namorando, ou, sendo mais exata, estão em um estado de simbiose. Janette e eu decidimos chamá-los de Holleted. Eles nunca estão separados. Eles são uma palavra. Agora os chamamos assim na cara deles, o que eles acham um pouco ofensivo. Acho que é porque estão desesperados para ser indivíduos e ter identidades significativas. Eu disse a eles que, quando e se conseguirem se separar por uns dez minutos, vamos considerar atribuir-lhes nomes separados.

– Até lá – eu disse a eles em um almoço composto de refrigerante *light* e amendoim japonês –, vocês são Holleted.

Eu realmente acho que não é tão ruim. Parece um dia especial do ano, um feriado, um dia santo, *holy*, sagrado. Janette concorda. Nós gostamos de provocá-los perguntando uns aos outros coisas como: “O que você vai dar para o seu pai este ano, no Dia de Holleted?” ou “O que você vai deixar de fazer por São Holleted? Eu vou parar de comer chocolate”.

Ted é chinês, estudante de intercâmbio. Não consegui entender por que diabos ele escolheu Ted como seu nome ocidental. Então, ele me disse que sua mãe lhe deu

ursinhos de pelúcia em todos os seus aniversários e que ele tem uma coleção enorme de ursos de todo o mundo na casa de seus pais, em Hong Kong. Subitamente, percebi o motivo. Sozinho, começando a faculdade, vivendo com um completo estranho em um quarto minúsculo… eu também escolheria um nome associado a algo caloroso.

Bom. Acho que isso me deixaria com as opções Emma ou Hermione.

Ted estuda bioquímica na universidade. Ele tem aquela cara de supernerd que todos nós, estudantes de letras, tememos. Assim como Phil, Ted parece ter vindo de outro planeta. Ele recita fórmulas dormindo. Ele diz que isso o ajuda a abafar o barulho e os gemidos vindos do lado de fora.

C-seis, H-seis benzeno, A-G-dois-O óxido de prata, C-U-Fe-S--dois sulfeto de cobre e ferro…

Ferro. Isso me faz lembrar: só temos duas armas.

Duas não parecem muitas, mas eu estou realmente impressionada por termos conseguido encontrar tudo isso dentro da loja. Nós nem deixamos a caixa de ferramentas em um lugar fácil de achar. No ano passado, alguém assaltou uma padaria aqui na rua com um par de tesouras de jardim e, desde então, Phil ficou paranoico com objetos pontiagudos. Essa paranoia pode ter custado a vida de algumas pessoas outro dia. Ainda bem que eu encontrei, no fundo do estoque, um pequeno tesouro que eu vinha ignorando há meses. Um alarme de incêndio e uma caixa de vidro com um machado vermelho e brilhante que tinham se tornado parte da paisagem depois de um tempo.

Você não nota essas coisas até que haja gente gritando por todas as direções, janelas se quebrando e sangue escorrendo pelo piso verde e marfim…

Bem, eu notei. E notei bem a tempo. Phil tinha me colocado na mais desagradável das tarefas da loja: limpar as prateleiras do estoque. Essas prateleiras iam até o teto, com meio metro de distância entre elas, e ficavam bem sujas após algumas semanas de negligência. Eu não tenho a menor ideia de onde vem toda essa poeira, mas noventa por cento dela se aloja na porcaria das prateleiras. Phil não liga para o fato de eu ter alergia a pó; ele não faria os subgerentes cumprirem essa tarefa, então sobrava para mim.

Ter sido enviada para os fundos provavelmente salvou minha vida. Pois isso me colocou perto desse alarme de incêndio e a apenas alguns metros de distância de um velho machado esquecido.

Quando eu me sento e olho os monitores, vejo uma criatura infectada que eu reconheço. E a reconheço por três razões:

1) Seu nome é Susan. Porque ela era – é – uma cliente regular. Ela comprou seis exemplares de *A cabana*. Seis. Não estou brincando. Ela tem a forma de uma pera velha e enrugada e usa o par de óculos mais feio que eu já vi. As lentes são tão grandes que combinam mais com o telescópio Hubble do que com um rosto humano.

2) A Coisa Que Antes Se Chamava Susan estava na seção de livros religiosos quando tudo começou. A janela atrás dela, que ia do chão ao teto, implodiu, lançando no chão pedaços de vidro do tamanho de estalactites. Eu a vi tentando correr na minha direção, atravessando a seção de biografias e a de casa e jardim. Ela não chegou muito longe. O vidro tinha acertado seu tornozelo e ela mancava e sangrava. Uma coisa cinza, retorcida e gotejante entrou pela janela e foi em sua direção, mancando mais que ela, mas impulsionada por algum tipo de velocidade faminta. A coisa pulou sobre o pescoço dela e elas caíram no chão. Vi aglomerados do cabelo da Susan voando entre as estantes e seu sangue escorrendo rápido pelo reboco da parede, em direção a mim. O sangue passou pelo livro que ela estava carregando e o objeto caiu de seus braços, mutilado e aberto.

De volta para casa.

3) Susan devia ter morrido. Você não perde todo esse sangue, ainda mais do seu pescoço, e continua andando. Mas ela fez exatamente isso. Ela meio que ignorou a pessoa caída às suas costas e ficou em pé. Tremendo, inflou como um acordeão puxado pela alça. Suas pernas se endireitaram artificialmente e, em seguida, ela desabou, curvando-se e revelando um grande buraco rasgado na lateral do seu pescoço.

É difícil lembrar muitos detalhes, mas eu sei que podia sentir o cheiro acobreado e exageradamente doce da figura que estava atrás dela. Subitamente, eu não me importava que ela tivesse comprado tantas cópias de *A cabana*. Eu queria ir até lá e ajudá-la a comprar mais seis. Mas ela passou direto pelo livro que tinha derrubado, manchando o chão com o sangue que escorria do que antes eram seus pés. Ela andava como se fosse um brinquedo montado por uma criança de dois anos. Susan veio até mim, lentamente, mas meu cérebro ainda tentava processar o que eu tinha acabado de ver. Em seguida, notei um pequeno ponto vermelho no canto da minha visão. Era o machado, o querido e belo machado polido, com sua alça reluzente e sua cabeça vermelha e curva. Ele era tão brilhante, tão perfeitamente vermelho, como uma camada nova de batom que se passa antes de sair à noite. Havia um pequeno martelo duro pendurado ao lado da caixa de vidro: “Quebre em caso de emergência”. Puta merda, pensei, isso com certeza é uma

emergência. Como eu disse, a memória está nebulosa por causa do pânico, mas eu acho que o meu punho quebrou mais o vidro que o martelo. Ainda assim, não senti nada na minha mão, não até já estar segurando o machado com ambas as mãos pela empunhadura. Corri até a entrada da loja, mas Susan, a pobre e feia Susan, estava no caminho. Eu arremeti com força contra o seu ombro. Arranquei fora o seu braço direito, que saiu mais fácil do que eu esperava. De alguma forma, ela parecia mole, vazia e sem ossos.

Não parei para ver se tinha acabado com ela. Continuei segurando o machado e correndo para a frente da loja, onde o Phil estava conduzindo o Matt, a Janette e Holleted em direção à sala de descanso. Agora eu lembro que o Phil tinha um taco. Eu nunca soube que nós tínhamos um taco na loja. Descobri depois que ele o mantinha escondido em uma tábua solta sob o caixa. Phil balançou o bastão loucamente assim que me viu, acenando para mim com uma mão cheia de sangue. Nunca pensei que ficaria tão feliz em ver aquele besta acenando para mim. Ele estava gritando na minha direção; estava berrando, na verdade. Eu sabia o que ele tinha visto atrás de mim, eu sabia que a Susan ainda estava lá.

Agora eu vejo a Susan no monitor de tempos em tempos. Nós não a chamamos mais de Susan, chamamos de Canhotinha.

Amanhã vou ter que enfrentar a Canhotinha novamente. Estamos ficando sem comida e precisamos ir até as geladeiras próximas ao caixa. Podemos até mesmo saquear o café, se conseguirmos chegar tão longe. Nós vamos ter que abandonar a segurança da porta. Não temos escolha.

Em defesa da comida

20 de setembro de 2009

– Você acha que a gente devia guardar um pouco de salgadinho pra ele? – o Ted pergunta.

Olhamos juntos para o escritório do Phil, a porta fechada, o homem quieto escondido lá dentro.

– Não – eu digo a ele –, ele vai vir atrás de comida quando estiver bem e pronto.

Eu realmente estava começando a sentir falta da atitude dinâmica do Phil.

Phil se tornou vago de repente, como se toda a boa-vontade e a energia que ele foi acumulando após muitos e felizes anos de excelente atendimento ao cliente o tivessem abandonado. Eu estava esperando que ele se voluntariasse para a Missão Resgate (que era o nome muito sério e importante que eu tinha dado à coisa), mas, em vez disso, ele ficou amuado em seu escritório durante toda a manhã, recostado nos armários, segurando uma foto emoldurada dos seus filhos. Janette e Matt estavam em silêncio em relação a isso, já Ted não conseguia se calar.

– Ele pirou.

– Quer saber, Ted? Que tal você deixar ele em paz e voltar a falar comigo quando tiver seus próprios filhos pra sentir falta? – eu digo.

Ele vira a cabeça para o outro lado, arrumando os óculos. Ted usa uma armação do tipo casco de tartaruga. E eu não consigo dizer se o item tem algum significado irônico. Uma das lentes está rachada, o que o faz parecer uma criança maltrapilha. Seu cabelo preto cai desarrumado por sobre o aro dos óculos, balançando como uma cortina de contas sobre as lentes.

– Olha, só preciso de uma pessoa para vir comigo –, eu con-tinuo. Janette, Matt e Holleted estavam todos sentados à mesa de reuniões. Eu estava parada perto da porta, o machado de confiança encostado no meu joelho.

– Podemos aguentar por mais um dia – Matt diz. Ele usa óculos também, mas, com certeza, não por ironia; eles são grossos e livrescos. Matt tem toda a energia desenfreada de um cão bassê, que é nula, e também os olhos caídos e a expressão indefesa. Não duvido que ele se preocupe com algumas coisas, mas sua paixão por algo é pura especulação, já que ele nunca levanta a voz acima de um murmúrio indiferente.

– E depois? – eu pergunto.

– Depois alguém vai vir nos salvar – Holly diz de uma maneira pragmática, falando espontaneamente pela primeira vez.

Ted olha para ela com uma estranha luz nos olhos.

– Holly – eu digo –, concordo que não devemos perder a esperança, mas… precisamos de comida, e nos manter saudáveis e fortes.

Eu não quero lembrá-la de que as ruas do lado de fora do prédio estão sinistramente silenciosas. Durante a primeira hora após a aparição dos infectados, era possível ouvir sirenes da polícia e motores funcionando pelas ruas. Depois disso, os barulhos cessaram, exceto por um grito ocasional e sons que pareciam acidentes de carro. Pelo que posso pegar dos monitores (sendo que apenas um consegue captar algo do mundo fora da loja), não há muito para se ver, a não ser uma cortina de fumaça que preenche o espaço entre a nossa loja e o outro lado da rua. É impossível dizer se está sol ou nublado, se está chovendo ou se o tempo está aberto.

– O Phil deveria ir – Ted comenta, acenando e colocando sua mão aberta sobre o tampo da mesa. Ele queria fazer um gesto solene, mas não tem aquela autoridade adulta para fazer isso com convicção, especialmente com os óculos quebrados.

– Sim, o Phil deveria ir, mas ele está indisposto no momento – eu digo. Sem planejar, todos nós nos voltamos para olhar seu escritório. Apenas o topo escuro da sua cabeça é visível através da janela. – Então preciso de outra pessoa como voluntário. Tenho certeza de que algum de vocês consegue usar um bastão de beisebol de forma razoável.

– Acho que sim. Eu fiz judô por seis anos – Ted diz, balançando os ombros magricelos. Ele já era magro antes, mas alguns dias se alimentando de refrigerante e pequenas porções de salgadinhos o tornaram esquelético. Passarinhos conseguiam ser mais carnudos que ele, e seu cabelo preto armado o fazia parecer cada vez mais com um espantalho.

– Parabéns – eu digo a ele –, você acabou de se voluntariar.

Ted revira os olhos, mas se levanta mesmo assim. Tenho a sensação de que ele quer ir, mas não queria parecer muito ansioso. Holly pega o pulso dele, seus grandes olhos de âmbar cheios de lágrimas. Estamos todos muito emotivos ultimamente, mas o comportamento da Holly se transforma em um instante. Em um momento, ela está assobiando e cantarolando músicas para tentar nos manter otimistas; no outro, ela está gritando e se jogando nos braços do Ted.

– Ele vai ficar bem – digo, pegando Ted pelo outro braço e dando um puxão. – Eu chequei o monitor essa manhã, hoje tem menos deles do que nunca.

Eu não digo a coisa óbvia, a coisa na qual sei que ela também está pensando: zumbis. Há zumbis lá fora.

– Eu não acho que seja uma boa ideia – Matt diz, levantando--se lentamente. Sua barba está nascendo, embaraçada e falha, e ele parece um lenhador aposentado em sua camisa xadrez desbotada e sua calça jeans folgada. Ele está usando sua voz de subgerente, aquela

com uma ponta de sarcasmo.

– Qual é a alternativa? – eu pergunto.

– Sim, qual é a *sua* brilhante solução? – Ted pergunta. Gosto mais do Ted a cada minuto.

– Não tenho nenhuma – Matt responde –, mas acho que todos nós deveríamos continuar aqui. Não sabemos nada sobre essas coisas. Não sabemos como se espalham. Pode ser algo no ar.

Matt, infelizmente, adora uma teoria da conspiração. Esse não é o momento apropriado para nos presentear com a interpretação dele de que o governo é responsável pelos infectados. Mas ele vai fazer exatamente isso, eu posso sentir. Lembro-me das nossas acaloradas discussões sobre as pirâmides e os astecas, e decido que essa é uma conversa que deve ser evitada a qualquer custo. Ele está olhando para mim agora por cima dos seus óculos. Matt tem o que nós, empregados, chamamos carinhosamente de "olhar mortal", que significa que ele tem um olhar astuto e profundamente inquietante, te dizendo que ele não só sabe que você fez algo errado, como também providenciará uma punição furiosa para a referida infração.

– Obrigado pela preocupação, Matt, mas temos que comer.

– Não vá lá fora com a boca e o nariz descobertos – ele diz, desabotoando a blusa e revelando uma camiseta branca e manchada. – É uma arma biológica, é provável que esteja no ar. – Ele entrega a camisa para o Ted e, quando o Ted se recusa a pegá-la, Matt vai para cima dele e começa a amarrá-la ao redor do rosto do garoto, esfregando os óculos quebrados de Ted nos olhos dele.

– Bem, considerando que as saídas de ar aqui não estão seladas, todos nós já estamos praticamente ferrados – eu digo. Estou torcendo para que a Janette diga alguma coisa, para que ela faça o Matt se sentar, ficar quieto. Mas ela só fica lá olhando para ele, com uma expressão nula, os cabelos loiros sujos pendurados ao redor dos ombros curvados.

Ted, fazendo uso de seu caro diploma em bioquímica, com-plementa:

– Que merda, cara, não é uma arma biológica. Ninguém no mundo tem tecnologia pra esse tipo de besteira.

– Ah, essa é a sua opinião de *especialista*? – Matt pergunta, e eu sei que ele está provocando.

Holly então se levanta, colocando-se ao lado de Ted em solidariedade.

– Ele saberia! – ela grita. Em seguida, tira a camiseta da cara do Ted, arrumando seus óculos.

– Opa, certo, vamos manter o volume baixo – eu digo. – Nós não sabemos o que os deixa animados, e, uma vez que o Ted e eu estamos indo lá fora, precisamos de tudo o

mais limpo possível.

– Tá bom, que seja! – Matt diz. – Só quero deixar claro que acho que essa ideia é uma droga.

– Vou me lembrar disso quando a gente voltar e tiver que dividir a comida.

Só levamos cerca de dois minutos para ficar prontos. Já que o Matt continuava insistindo, concordamos em cobrir nariz e boca; de fato, não é uma ideia tão ruim, já que, talvez, precisemos nos defender. A última coisa que eu quero é a meleca deles voando em direção à minha cara, e Matt, admito, está certo em apontar que nós não sabemos como exatamente a infecção se espalha. Eu tenho a sensação de que Matt está irritado e frustrado, mas se segurando, como sempre.

Eu digo a Ted que se certifique de que sua boca está coberta e coloco um par de óculos de sol que estava na sala de descanso. Nós estamos ridículos, Ted com a camisa de flanela do Matt em torno da cabeça, seus óculos rachados saindo para fora do rosto, e eu com uma camisa preta da Holly amarrada da mesma forma.

Holleted se agarram antes que a gente saia. Deveria ser um momento romântico, e poderia ter sido, mas Ted parece tão absurdamente estúpido que não pode ser levado a sério. Essa é a nova cara do romance, eu acho: dar um leve apertão de encorajamento nos ombros. Ele se desprende e nós lembramos Matt de ficar ao lado da porta para ouvir a nossa batida, o que ele concorda em fazer, se apossando das nossas sagradas chaves com uma careta furiosa. Matt manteria as chaves consigo para o caso de alguma coisa nos acontecer, o que, ao ser mencionado, faz Holly mergulhar em outro gemido de agonia.

Ted pega o bastão de Phil, eu, o machado, e estamos prontos para partir. Temos, cada um, quatro sacos plásticos vazios para encher com o saque. Eu me sinto como um lutador de boxe esperando no canto do ringue: quero ir, quero começar, mas metade de mim quer ficar para trás e se acovarda.

Dois passos para fora da porta e eu a vejo.

Canhotinha.

Desculpe, minha velha amiga, não estou atrás de um braço seu dessa vez.

Ted e eu temos uma estratégia vaga: atacar a cabeça e, depois disso, atacar o peito. Eu não estou muito certa de que Ted tenha um braço forte o bastante para causar muitos estragos, mas ele se sai muito bem com a Canhotinha, acertando-a no peito enquanto eu me balanço desajeitadamente para atacar o pescoço dela. Sua boca se contrai com aquele mesmo sentimento vazio e esquisito de antes. Nem parece que eu estou machucando uma pessoa... nenhum humano é tão mole, tão fácil de destruir.

A cabeça da Canhotinha, apodrecendo e escorrendo, me observa do chão, enquanto seu corpo se contorce em um amontoado sem cabeça. Ela ainda está usando a maldita

camiseta, aquela com o desenho de margaridas e as palavras “A melhor mãe do mundo” escritas com a letra de uma criancinha. Sei que devo seguir em frente, mas não posso evitar olhar nos olhos dela. Não há ninguém ali, nenhuma identidade, apenas uma fome constante que persiste mesmo depois de eu ter arrancado fora sua cabeça. Ted me puxa pela manga, a ponta do seu bastão está revestida de uma lama preta. Ele acena para a nossa direita, para a pequena escadaria que leva até a registradora e às geladeiras.

Nosso destino.

Observo a janela à nossa esquerda. A maior parte do vidro sumiu e o que sobrou é só uma barreira pontiaguda ao longo da parte de baixo. Há um amontoado de cacos no chão da loja, e eu consigo ver sílabas soltas a partir do letreiro estilhaçado. Do lado de fora, a rua está praticamente quase toda oculta por uma névoa de fumaça espessa e acinzentada. O cheiro, mesmo através da camisa no meu rosto, é indescritível. Não consigo evitar imaginar um cemitério com todas as tumbas e mausoléus abertos de uma só vez, despejando decomposição e morte no ar. É sufocante e atormentador.

Ted e eu nos obrigamos a subir as escadas e, imediatamente, mais dois zumbis vêm em nossa direção. Um deles é o sr. Masterson, o velho já senil que vivia sobre a loja. Ele traz consigo o seu boné esportivo e um blusão, que está queimado e enegrecido bem no meio, e parte do seu pulmão está tentando escapar pelo buraco em seu peito. Então, ele nos vê – ou fareja, ou sei lá o que essas coisas fazem – e cambaleia em direção a Ted, gemendo como se Ted fosse o mais desejável pedaço de carne jamais visto. Eu o bloqueio com um ataque em suas pernas. Como ele é alto, isso o deixa bem na minha altura, em uma posição perfeita para que eu acerte a sua cabeça. Ted, nesse momento, já está em outro lugar, cuidando do monstro dentuço que está rondando o balcão.

Sr. Masterson está no chão e eu pulo por cima do seu corpo sem cabeça se contorcendo, em direção à primeira geladeira. Ela está praticamente intacta, mas com algumas garrafas de água faltando. Fico surpresa que não tenha sido saqueada por completo. Primeiro, procuro a água, depois, sucos e refrigerantes. Há também algumas bebidas isotônicas, assim como alguns biscoitos veganos gigantes que, graças a Deus, ainda estão nas embalagens. Ted está tendo dificuldades com o seu zumbi, então vou ajudá-lo. Juntos, não é um problema derrotá-lo, e rapidamente Ted vai em direção à geladeira atrás do balcão, onde guardamos as garrafas extras.

– Água primeiro, idiota! – eu berro através da cabine da caixa registradora. Ele estava pegando os guaranás.

Enquanto Ted enche suas sacolas, dou a volta pelo balcão, onde estão as tranqueiras. Procuro cegamente por qualquer coisa que eu possa pegar, colocando doces, chicletes e salgadinhos em uma outra sacola. Uma vez que a prateleira está vazia, volto para ajudar o

Ted. Pelo canto do olho, vejo algo a que não posso resistir. É estúpido, eu sei disso, mas acontece comigo o que acontecia com os cães de Pavlov quando ouviam um sino. Não posso evitar.

À esquerda do caixa está o resto da loja e, o mais importante, centenas de prateleiras cheias de livros. As noites de tédio desenfreado saltam do meu subconsciente. Meu foco já era, não consigo me concentrar. *Preciso pegar esses livros*.

Baixo as sacolas cheias. Esse é o meu primeiro erro. Com uma rápida olhada em direção a Ted, posso ver qu e ele ainda está ocupado com a geladeira, então corro até a pilha de livros mais próxima e começo a colocá-los debaixo do braço esquerdo, apertando-os contra o meu corpo. Não importa quais são os livros, eu só preciso de todos eles. Dante, de Laclos, Austen e Dickens... todos estão em meus braços e o peso deles, o toque das capas novas e lustrosas deles em meus dedos é maravilhoso.

Então, escuto um barulho, um som terrível, rouco, vindo da minha esquerda, e entendo que cometi um erro terrível. Há mais três deles, maiores que o sr. Masterson. De alguma forma, eles conseguiram parar de gemer por tempo o bastante para me surpreender.

Ai, merda, eu penso, sentindo o suor brotar por todo o meu rosto e pela nuca. Não consigo encontrar o machado. Deixei fora do meu alcance, perto do Ted, junto com as sacolas de comida.

E tudo estava indo tão bem.

Atiro a coisa mais próxima, um volume gigantesco de trabalhos compilados de Whitman, e acerto a cara do zumbi. Não é o bastante para pará-lo, mas, com certeza, o atrasa. A tragédia disso tudo é que não consegui manter os livros sob o meu braço, um descuido imperdoável. Me arrasto de volta até a caixa registradora e a comida, ofegando como uma idiota por baixo da camiseta ao redor do meu rosto. Os outros dois zumbis são lentos, talvez famintos, o que os deixa lentos. Está quente como o inferno e o suor escorre das minhas têmporas até o meu pescoço, juntando-se à transpiração em minha clavícula e às trovoadas da minha pulsação.

– Que *porra*! – Ted grita, me puxando para frente pela minha camisa. Pego o machado e as sacolas de comida. Saímos correndo, descendo as escadas. Ele quase não consegue carregar as sacolas dele e o bastão, mas conseguimos chegar em segurança ao final das escadas. Nenhum de nós se preocupa em despachar o monstro se arrastando na nossa direção pelas janelas quebradas; estamos muito perto, muito próximos de estar a salvo. Ted bate na porta com o bastão e posso ouvi-lo choramingando dentro do envoltório na sua cabeça.

– Onde eles estão? Onde eles estão? – estou gritando. Não sei bem o motivo de estar gritando, já que o Ted está bem na minha frente, com seu cabelo preto balançando sobre a

máscara de pano. A porta não está se abrindo, e eu não consigo ouvir nada vindo de lá de dentro. Olho por sobre os meus ombros e os zumbis estão bem próximos, grunhindo e nos observando como se houvesse algum divertimento, como se rissem de nós, batendo na porta trancada como idiotas. Aquela porta, aquela maldita porta, a mesma que nos mantinha seguros.

Largo tudo o que está nas minhas mãos, pego o machado e o balanço a esmo, cegamente, encolerizada. Sangue e glóbulos fedorentos e cinzentos voam para todos os lados. Não sei mais se estou cortando um, dois ou três deles, mas não importa mais, apenas continuo balançando até ouvir o som mais delicioso do mundo: um baque e um clique e a abertura da porta para nós, apenas para nós. Eu me viro e chuto as sacolas para dentro. Chuto até que alguém me pega pela mão e me coloca para dentro.

A porta se fecha e estou em casa, a salvo, *viva*.

Comentários

Isaac disse:
20 de setembro de 2009, 14h03
Se você ouviu sirenes na área, é possível que um carro de polícia ou um veículo de algum outro serviço de emergência tenha sido abandonado nas proximidades. E, se vocês forem corajosos ou imprudentes o bastante, podem conseguir andar por alguns quarteirões ao seu redor. Ambulâncias carregam suprimentos médicos – você ainda não os mencionou no seu blog, então entendo que ainda não tem nenhum, e, mais cedo ou mais tarde, alguém vai se machucar. Jaquetas de bombeiros são boas armaduras improvisadas, são roupas grossas que vão proteger contra mordidas. E, claro, a polícia tem armas, então qualquer oficial que não conseguiu escapar pode ter com ele pistolas ou coisa melhor. Sei que parece frio falar em tirar objetos dos mortos, mas isso aqui é questão de vida ou morte.
Além disso, eu duvido que o vírus (ou o que quer que seja isso) seja transportado pelo ar; você com certeza já teria pegado por estar tão próxima dos infectados. Uma troca de fluidos (como um espirro de sangue caindo nos seus olhos ou na sua boca) é algo com o que você deveria se preocupar mais. O mais deprimente é que, apesar dos zumbis, os humanos ainda são seus piores inimigos.

> **Allison** disse:
> *20 de setembro de 2009, 17h37*
> Obrigada, Isaac. Eu até te diria para tomar cuidado, mas parece que você está mais preparado do que nós. Temos alguns poucos kits de primeiros socorros, mas nada substancial. Poderíamos escapar, mas não sei como os outros se sentem a respeito disso. O Ted talvez tope, mas tenho certeza de que o Matt daria algum motivo para ficarmos do lado de dentro.

A botânica do desejo

21 de setembro de 2009

Agora, com absolutamente nada para fazer, *5 coisas que eu literalmente me prostituiria para ter*:

1. Um banho quente (de pelo menos dez minutos) (qual é, tô vendendo o meu corpo aqui)
2. Um legume – qualquer um (talvez não beterraba)
3. Pasta e escova de dentes
4. Um banheiro que funcionasse
5. Um tanque de guerra Panzer VIII Maus

Comentários

Isaac disse:
21 de setembro de 2009, 12h46
Acrescente alguns quilos de bandagens e antibióticos e você vai ter a minha lista.

> **Allison** disse:
> *21 de setembro de 2009, 13h09*
> Você está sendo muito pragmático, Isaac. É o fim do mundo, certo? Tanques e banheiros, meu amigo, tanques e banheiros.

Mel disse:
21 de setembro de 2009, 14h35
Nova Orleans já era. Estamos tentando fugir pelo mar e torcendo para que Cuba esteja livre.

D.J. disse:
21 de setembro de 2009, 15h08
Existe alguma forma de reverter isso? Amputação? Remédios?

> **Isaac** disse:
> *21 de setembro de 2009, 17h59*
> Eu não confiaria nisso. Se alguém estiver infectado, você deve colocá-lo em quarentena ou, se tiver estômago, acabar com o sofrimento da pessoa.

Pandora

23 de setembro de 2009

Boa noite, sobreviventes Isaac, D.J. e Mel. Boa-noite, sol, boa- -noite, lua, boa-noite, laptop, acho que todos nós partiremos em breve.

Não, nada, nem uma piscadinha, nem mesmo a menor sugestão de um ronco. Nada parece funcionar, nem a mais bela canção de ninar consegue me colocar para dormir. Me tornei insone.

Começou de maneira inocente. E foi com uma estranha coincidência. Depois que Ted e eu voltamos do nosso saque, nós racionamos tudo. Parece que algo aconteceu com a gente, algo tipo amizade ou solidariedade. Ele nunca mencionou o meu completo lapso de lucidez, aquele que quase nos transformou em comida de zumbi. Não sei por que ele fez isso, mas me permitiu respirar aliviada.

Fizemos o racionamento mais ou menos assim:

2 sacos de salgadinhos por pessoa por dia
2 bebidas (sucos primeiro, por causa da data de validade) por pessoa por dia
3 ou 4 doces por pessoa por dia
2 biscoitos cada, para serem comidos quando a pessoa quiser

Claro que não é muito, mas é o melhor que podemos fazer. Ainda temos um pouco de carne seca na geladeira e um bolinho velho de origem indeterminada, que ninguém ainda foi corajoso (ou estúpido) o bastante para comer.

Depois de termos racionado a comida, sentamos para comer. Ted e eu bancamos a mãe para a maioria. Janette parece estar extremamente frágil nos últimos dias; ela nunca lidou com sangue muito bem, nem em livros ou filmes, então nós a poupamos dos detalhes da nossa expedição. O pobre do Phil comeu em seu escritório, ainda curvado sobre si mesmo, como uma criança aproveitando o recreio silenciosamente. Ele balbuciou um quase mudo “obrigado” quando eu lhe entreguei o saco de salgadinho e o refrigerante.

O resto de nós comeu na mesa, sob o zumbido e o pálido brilho das luzes de emergência, mastigando e deglutindo. Cada um lutando contra os próprios pensamentos. Matt tem estado muito mais animado. Acho que ele se sente mal por ter votado contra a missão a princípio, então tem demonstrado o que poderíamos chamar de “entusiasmo” – ou o que quer que a cara de bassê dele deixe transparecer.

Foi mais ou menos depois do jantar que eu reparei em uma coisa estranha no chão. Estava presa nos balcões próximos à porta. Primeiro, achei que fosse um monte de papéis ou um panfleto velho de “Trabalho em equipe”, perdido há muito tempo. Esperei até que os outros deixassem a mesa, espalhando-se pelos cantos opostos da sala. O casal Holleted

normalmente tenta manter um pouco de distância para poder se acariciar e se beijar em paz. Janette e Matt começaram uma partida de pôquer com um baralho velho que encontraram. Matt estava oficialmente sem uma camiseta; ela foi arruinada pelo suco de zumbi que espirrou nela.

Eu fingi que estava tirando a camiseta do balcão e me abaixei, pegando a coisa presa e colocando-a dentro do bolso da minha calça. Matt olhou para mim quando coloquei sua camiseta de volta no lugar, me observando como se eu fosse uma mosca que ele tinha acabado de notar perto da sua cabeça.

– Desculpa. Desastrada... – acho que murmurei.

Matt voltou sua atenção e seu olhar mortal de volta ao jogo de cartas, e eu peguei o meu laptop e escapuli para a sala do cofre. E é aqui que estou agora, com minha tela bem do lado do monitor. A loja está mais silenciosa nos últimos dias. Qualquer que tenha sido a comoção que Ted e eu provocamos, já estava resolvida, e cada vez menos figuras retorcidas eram captadas pelas câmeras.

E eu estive muito distraída para lhes dar atenção. O que descobri no meu bolso naquela noite? Um livro. Miraculosamente, o objeto conseguiu chegar até a sala de descanso, chutado para dentro durante a briga. Devo ter derrubado antes do Matt abrir a porta e, de algum jeito, consegui jogá-lo para cá. E a coisa conseguiu chegar aqui, a única sobrevivente, náufraga, pária. Isso por si só pode não parecer muito excitante ou notável, mas quando peguei o livro de volta, já na sala do cofre, não podia acreditar.

O despertar – o livro favorito da minha mãe.

Elevação... Alegria... Completa descrença... Fiquei louca!

Não acredito em uma força superior, nunca acreditei, mas preciso admitir que, por um rápido e fugaz momento, eu senti a presença ou talvez a interferência de algo sobrenatural. Pareceu muita coincidência, muito perfeito. Por um momento, me sentei com o livro apoiado nas mãos, apenas encarando a capa como se fosse uma oferenda, uma tigela de incenso abençoado. Desse momento em diante, do instante em que o livro chegou ao meu poder, parei de dormir.

Olha, eu sei que não é exatamente a mão de Deus intervindo para dar um sinal nem nada do tipo. Quando estava na escola, meus amigos e eu gostávamos de fazer a brincadeira do copo em festas do pijama. A gente se assustava que nem bestas, observando com terror enquanto o copo soletrava M-O-R-T-E. Era o suficiente para nós, o suficiente para nos deixar acordados a noite toda nos perguntando quem morreria. Anos depois, um namorado me explicou como essas brincadeiras funcionam: pequenas vibrações nos dedos comunicam o que se quer ver. Então, seu consciente pode até não estar pensando em F-A-N-T-A-S-M-A, mas seu subconsciente está. E isso é o bastante para

fazer com o que o copo se mova lentamente até as letras.

Talvez fosse o meu subconsciente trabalhando. Talvez eu tivesse pegado *O despertar*, colocado debaixo do meu braço e o prendido lá, determinada a não deixá-lo cair. De qualquer jeito, intervenção divina ou truque da mente, o livro estava comigo agora. Não sei por que eu o guardava com tanto zelo, não permitindo que os outros vissem o que eu tinha encontrado. Não é mais assim agora, eles o estão passando de mão em mão, revezando-se em ler e reler o livro.

Mas, na primeira noite, depois de termos racionado a comida e jantado, fui até a sala do cofre sozinha com o livro. Li de cabo a rabo e então comecei de novo. Comecei a ficar sonolenta e decidi dormir um pouco. Adormeci rapidamente, a luz neon do monitor cobrindo o meu rosto e minhas mãos fazendo de travesseiro para minha cabeça repousar.

Talvez o livro não tenha começado a insônia, talvez o sonho tenha feito isso, mas o livro desencadeou o sonho e o culpado exato não importa. O sonho era assim: eu estava de volta à loja com Ted, balançando o machado ao meu redor e pegando comida. Então, algo eleva-se atrás de mim gritando asperamente, como um demônio. Eu me viro e é um deles, um dos mortos-vivos, e parece ser Susan, mas não é. É a minha mãe, e ela está usando a porcaria da camiseta com a letra de uma criancinha...

A MELHOR MÃE DO MUNDO.

Não consigo me mover. Não consigo parar de olhar para o rosto dela, mas quero correr, fugir daqueles olhos vazios. Eles não são mais os olhos da minha mãe. Suas mãos se fecham como garras sobre mim, a carne já era, só dá para ver seus ossos brilhando. Seu crânio está espreitando pelos orifícios flácidos do rosto. Ela está careca, é claro, a quimioterapia levou seus cabelos meses atrás, e há manchas de um roxo berrante em todo o topo da sua cabeça. Seus dedos rasgam minha camiseta. Ela alcança minha pele e não há nada que eu possa fazer. Não posso matá-la, não posso atingir seu pescoço com o machado, então apenas paro e espero que ela me destrua.

Acordo suando frio. Há pequenas gotas de umidade no balcão e as costas das minhas mãos estão escorregadias e úmidas. O monitor reluz e falha por um instante, e então a câmera se fixa no corpo sem cabeça de Susan, ainda lá, ainda usando aquela camiseta.

Depois disso, depois que esse sonho termina, eu não consigo mais dormir.

E agora, escrevendo isso, minhas mãos estão tremendo porque não consigo controlar os meus nervos. Meus olhos doem e parecem pesados, cheios de areia e embaçados por horas e horas gastas no escuro da noite insone. Parece que tudo está viscoso, e eu sei que essa sensação iria embora se eu conseguisse descansar, se eu dormisse por uma hora ou duas, mas não consigo. Algo na minha cabeça não me permite. Penso sobre o sono constantemente e tento ler para me distrair, para manter minha mente alheia ao fato de

que, quando a noite vier, nada vai acontecer. Vou fechar os olhos e me sentir perfeitamente, horrivelmente acordada.

Isso tem que parar. Se continuar assim por muito mais tempo, vou me tornar inútil, fraca, apagada e doente.

Isso tem que parar.

Comentários

Isaac disse:
23 de setembro de 2009, 22h33
Você não está louca. Fique alerta, tente criar uma rotina e se manter presa a ela. Vai ser mais fácil para o seu corpo se você encontrar um ritmo. Não deixe seu sistema imunológico ficar muito fraco.

Mel disse:
23 de setembro de 2009, 23h20
O barco parte hoje, e eu vou estar nele. Nós vimos algumas das criaturas na água, mas elas pareciam lentas. Acho que vamos conseguir. Você não vai me ver por aqui mais, Allison. Mas vou pensar em você. Tchau.

> **Allison** disse:
> *23 de setembro de 2009, 23h55*
> Boa sorte com as ondas, Mel. Nos mande um cartão-postal de Cuba e um pouco de rum. Garrafas e mais garrafas de rum.

O curioso incidente noturno com o cachorro

25 de setembro de 2009

Toc, toc...

(Vai, responda à brincadeira.)

Certo. Quem é?

BLAGRRUUGGHHEEEFGH.

– Você está completamente louca, não é? – Essa foi a entusiasmada resposta do Ted. Mas acho que ele riu, mais tarde, em segredo. – Primeiro o Phil e agora você? Você gosta de ficar a noite toda acordada pensando nessas merdas?

– Não – respondi timidamente. – Não a noite inteira.

Desculpe. Esse é o tipo de porcaria que se passa por humor por aqui nos últimos dias. É desolador. Em algum momento entre a minha vigésima embalagem de batatinhas fritas e a minha décima bebida isotônica, devo ter começado a ficar um pouco deprimida. Sim, é oficial. Perdemos aquele sentimento amoroso, nossa *chutzpah*, nossa *joie de vivre*. Não que já não estivéssemos destroçados por estar enfurnados na sala de descanso bege, mas, pelo menos, a gente não ficava reclamando, não se via olhos vazios mirando o nada.

Nunca pensei que eu ficaria tão mal tão rápido. Janette e Matt perderam o gosto por jogos de cartas e passam os dias se entretendo jogos sem sentido e rodadas infinitas de "O que você preferia fazer". Phil literalmente não sai do escritório a não ser para usar o banheiro, o que nos leva ao nosso mais recente problema: a casa dos horrores inomináveis que é o nosso banheiro.

Não tem água, tem pouco papel higiênico e nenhuma ventilação. Vou deixar que você imagine por si só como é o cheiro disso, porque, se eu tentar descrever, vou terminar destruindo meu laptop com um jorro de vômito laranja-neon cor de Doritos.

De verdade, nós fedemos.

É algo que não podemos mais ignorar despreocupadamente, não só porque um odor terrível está começando a vazar para a sala de descanso, mas também porque estamos todos muito ranzinzas e mal-humorados para nos preocupar com boas maneiras. Assim, com o cruel gás de desânimo que está nos abatendo e a câmara de morte nas proximidades apenas esperando para desencadear uma nova rodada de terror toda vez que alguém precisa fazer xixi, temos uma situação de emergência.

Portanto, uma reunião se faz necessária.

– Certo, pessoal – eu digo, tentando fazer o meu melhor para manter uma cara séria. Estou a ponto de explodir em risos. Primeiro, porque estamos prestes a ter uma reunião sobre peidos, e também porque não durmo há dias. Eu sou uma versão pálida e sombria de um ser humano. Sei que as minhas olheiras estão começando a parecer com duas mochilas militares, mas esse assunto demanda a nossa atenção imediata, e estou determinada a discuti-lo até o fim. Posso ver que o Ted está prestes a explodir em gargalhadas a qualquer instante, então lanço a ele um pertinente olhar adulto.

– Acho que não preciso salientar que isso aqui está fedendo pra caralho – digo, colocando as mãos na minha cintura, fazendo uma pose bem séria. – Precisamos pensar em alguma coisa, pois eu prefiro ser devorada por aquelas abominações a deixar isso ficar pior.

– Tem outros banheiros no corredor – Matt propõe, balançando um saco aberto de salgadinho de queijo. Ele já não está parecendo tanto um lenhador mendigo agora.

– Sim! Exatamente o que eu estava pensando! Precisamos começar a usá-los, mas com sabedoria, certo? E eu sei que é nojento, mas precisamos esvaziar o banheiro daqui. Vamos fazer isso em turnos para que ninguém desmaie. Tem um balde na salinha de manutenção no fim do corredor. Não acho que os zumbis vão se importar com um pouco de merda e xixi, então vamos lançar tudo lá na loja – eu explico. Com isso, o Phil levanta a cabeça como se alguém o tivesse esmurrado no estômago. – Sim, Phil, o que foi?

– Não podemos fazer isso – ele diz com um vigor surpreendente. Ele não tem olheiras. Dorme mais do que todos nós juntos, mais do que um gato velho narcoléptico.

– O que você quer dizer? – Ted deixa escapar, sentado na distância certa para poder ver Phil. Ted tem comido bem e conseguiu recuperar um pouco do peso. Fica melhor assim. Infelizmente, seus óculos quebrados e o cabelo indomável ainda o deixam com cara de escoteiro. – Não podemos continuar vivendo desse jeito, cara, é muito nojento.

– O Ted está certo – eu digo. – Absolutamente certo.

– Mas é *a livraria*.

– Ah, *pelo amor de Deus*, Phil, não acho que nós vamos reabrir pelos próximos meses, certo? Não se preocupe com isso, por favor. Você está ignorando toda nossa situação.

Eu realmente não consigo explicar quanto é bom passar por cima dele. Ele não se tornou um estorvo, mas certamente não tem sido de muita ajuda também.

– Apenas... apenas tentem jogar tudo lá pra saída, pode ser? – acrescento, e isso parece acalmá-lo um pouco. – De agora em diante, vamos usar os banheiros do corredor. Nunca vão sozinhos, chequem todas as saídas e se certiquem de que alguém está de guarda. A

cada três dias, vamos esvaziá-los.

Matt e Janette avançam até a porta, parecendo sombrios enquanto se preparam para recuperar o balde da sala de manutenção. Esse comportamento era até esperado de Matt, mas eu estava esperando que Janette se animasse um pouco com a ideia de ajudar o grupo. Phil se arrasta de volta até o seu escritório e bate a porta, fazendo com que as fotos da sua parede balancem. O casal Holleted se aproxima de mim, e fico contente ao vê-los sorrindo, mesmo que pareçam exaustos.

– Bem, acho que tudo acabou bem, certo? – Ted pergunta, sorrindo. Ele tinha amarrado um pedaço de fita na junta dos seus óculos. O resultado é charmoso.

– Às mil maravilhas.

Eu pego o primeiro Turno da Merda, que foi como Ted batizou a tarefa. A tarefa revelou-se muito pior do que o esperado e leva uma eternidade. Vou te contar, quando se tem um balde transbor-dando de material fecal, você toma o maior cuidado para ter toda a certeza de que não vai derrubar em você mesma ou no lugar onde você vive, ou em qualquer um que possa estar no caminho. Isso significa que o ritmo é lento e bem estressante. Você passa todo o caminho engasgada e tentando ao máximo respirar pela boca, *mas mesmo assim é como se você estivesse provando o troço*. Partículas de cocô. Vapor de xixi.

Jesus Cristo.

Estou no final do meu turno quando acontece. Ted estava vigiando enquanto eu apressava a minha parte do revezamento insano, cavando com o balde no banheiro da sala de descanso, cautelosamente andando na velocidade máxima até a sala de reunião, saindo até a loja e então atravessando-a em direção às janelas quebradas. Eu estava jogando a maioria daquela porcaria pelas janelas. Phil tinha um pouco de razão: era meio errado jogar essas coisas no chão da livraria. Então, para deixá-lo feliz (ele e todo mundo, acho), estava jogando o conteúdo dos baldes pelas janelas quebradas.

Era também uma oportunidade de dar uma olhada no mundo lá fora, algo que você simplesmente não pode deixar passar. A fumaça que desfilava pela rua tinha diminuído e agora é possível ver o prédio do outro lado. As janelas também estão quebradas lá. É quase satisfatório ver aquela butique esnobe destruída e aos pedaços. Quase. Há alguns zumbis vagando pelas ruas, mas todos eles parecem estar caminhando em uma mesma direção, para oeste, para o *campus* universitário. Não há sinal de vida humana, não há traços de outros sobreviventes, apenas carros virados, a carnificina de uma batalha súbita, marcas de incêndio e de pneus pelas ruas... Exatamente como um *set* de cinema.

Durante nossa corrida de revezamento, Ted e eu começamos a pensar em uma teoria. Temos certeza de que existem dois tipos de zumbis: Murmuradores e Vagantes. Ambos são perigosos, por razões óbvias, mas de fato são bem diferentes entre si. Murmuradores

murmuram (dãr), são barulhentos, gemem e guincham enquanto vêm na nossa direção. Eles são rápidos, mais determinados, mais desesperados. Os Vagantes, alguém poderia argumentar, são ainda mais perigosos porque são silenciosos de um jeito estranho e podem se aproximar furtivamente de você. Mas eles são lentos e não parecem reagir muito rapidamente. Ted e eu achamos que os Murmuradores estão famintos, por isso agem mais insanamente que os Vagantes, que estão saciados e não ligam tanto para colocar as suas mãos ossudas nas nossas caras. Durante o Turno da Merda, encontramos alguns poucos zumbis, mas a maioria era de Murmuradores. Tenho que dizer que são os que eu prefiro – eles deixam você saber que estão vindo, anunciando a sua chegada.

Eu estou me sentindo cansada, acabada, mal consigo focar os meus olhos, mas vou terminar essa última viagem até a janela como se fosse o ato final da porcaria da minha vida. Dar um bom exemplo, como eu pude ver, era a chave da liderança. Se eu esvazio primeiro o banheiro, então os outros vão fazê-lo sem reclamar e, se o trabalho for bem feito, um bom padrão ficará estabelecido.

Como eu disse, é aí que a coisa acontece: eu levanto o balde e seguro a minha respiração enquanto jogo tudo pela janela. Então, ouço um som. Um som que eu não ouço há um bom tempo, um som que faria qualquer ser humano se colocar em posição de alerta e olhar ao redor.

Au... grrr... au, au, au!

É um cachorro, um vira-lata, e está me olhando lá do meio da rua. Talvez olhar não seja a definição correta... na verdade, ele está implorando atenciosamente com seus olhos cor chocolate amáveis e doces. Suas orelhas são escuras, uma está levantada e a outra, dobrada. Seu focinho é de um rosa brilhante, e ele tem um corpo magricela, quase faminto. Tem um quê de pastor alemão e também uma pitada de pit bull. Ele é quase todo preto e laranja, com a maior língua que eu já vi, balançando na lateral boca.

– Vem aqui, carinha! – eu chamo.

– O que você está fazendo? – Ted resmunga.

– Estou chamando o cachorro, o que você acha?

– Você não pode, Allie, e se ele estiver infectado? E ele deve estar com fome. Vai comer a nossa comida.

– Não seja tão sem coração, seu idiota. Nós não podemos deixá-lo sozinho lá fora! Vem cá, não vamos machucar você.

O cão dá alguns passos lentos em direção a nós. Decido, então, que ele é um cão esperto e bonzinho, por não correr de imediato para os braços de um humano com um balde cheio de merda até o talo. Despejo suavemente os resíduos pela janela e deixo o balde no chão. Este parece ser o sinal que o cão estava esperando, e ele se aproxima, fungando a perna da

minha calça e lambendo a fivela do meu cinto.

– Também amo você – digo, fazendo um carinho na sua cabeça grande e emaranhada. – Vem com a gente, tem comidinha aqui.

Todo mundo participa da Missão de Merda 2009 com absoluta avidez depois que o cão aparece. O que diabos há com um vira-lata que faz os humanos esquecerem suas preocupações e seus problemas e se aprumarem? Ele fez algo com o Phil, dando-lhe um novo ânimo, um novo propósito, e fez o mesmo com todo mundo. Holly nunca me pareceu uma pessoa que gostasse de cachorros, e sei que a Janette tem gatos, mas o Dapper (esse é o nome dele) conseguiu ganhar a simpatia delas. Claro que ele come, é outra boca para alimentar e para dar de beber, e precisa ser levado para fora da loja para fazer as necessidades. Mas ele faz com que todos nós fiquemos menos rabugentos.

Estou dormindo de novo. Dapper dorme comigo, enroscado nos meus pés, o focinho frio pressionando minha canela. De vez em quando, ele lambe o meu pé. Acho que ele pensa que todos nós podíamos tomar um banho. Ele não reclama. Não me fala que não há esperanças, que estamos presos aqui para sempre até nossa comida acabar, até que os mortos encontrem um jeito de entrar. Ele só olha para mim com aqueles olhos enormes de aceitação e carinho.

Ele é grato, é gentil e é meu.

Comentários

Isaac disse:

25 de setembro de 2009, 20h28

Geralmente, um novo cão faz você *perder* o sono, mas acho que, se estiver funcionando, vale a pena. As Dakotas estão perdidas, mas vou me livrar dessas criaturas algum dia. A vida rural parece ser o caminho, é raro ver algum desses monstros por aqui para matar, apenas um vizinho ocasional que perambula de fazenda em fazenda. Você pode começar a ferver a água se o saneamento for ruim, e se alguém estiver doente, mantenha-o longe dos outros. Fico feliz que você esteja dormindo de novo, mantenha-nos informados.

> **Allison** disse:
>
> *25 de setembro de 2009, 21h51*
>
> Sim, um cão é a cura para a insônia, quem poderia saberzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz...

O clube das garotas malvadas

26 de setembro de 2009

– Mas eu vou parecer um menino!

– Não vai, eu prometo. Além disso, você não está cansada de cheirar como um garoto?

– Eu não me importo – Janette diz, cruzando os braços, teimosa. – Você não vai tocar no meu cabelo... e eu não cheiro mal.

– Você está fedendo. Confie em mim. – Ela não se mexe. – Isso não é um desfile de moda, Janette. – Nossa Senhora, acho que a minha mãe costumava dizer a mesmíssima coisa para mim quando eu estava no ensino médio e ia para a escola com uma malha preta horrorosa e tênis rosa choque de cano alto.

Eu não estou dando a mínima para os sentimentos da Janette neste momento. Alguém tem que ceder, e isso significa uma coisa: corte de cabelo obrigatório para todos.

Isso não me incomoda. Já tenho cabelo curto há alguns anos. Costumava ter os fios bem compridos, em camadas e com luzes, até que a minha mãe e eu decidimos cortar tudo para doar para uma instituição beneficente para ajudar crianças que perderam os cabelos em algum tipo de tratamento. E isso foi antes de ela ter tido câncer, o que é um pouco irônico, eu acho. Ou seria como em "Ironic", da Alanis Morissette – ou seja, não é realmente irônico, apenas coincidência? De qualquer maneira, nós duas descobrimos que gostávamos de ter cabelo curto, então mantivemos os nossos assim. Quando minha mãe foi diagnosticada, eu raspei o meu cabelo em solidariedade. Cresceu novamente, mas hoje nós vamos cortá-lo.

Eu costumava brincar que a peruca que a minha mãe ganhou da instituição tinha sido feita com o próprio cabelo dela, ou com o meu, ou ainda que era uma peruca Frankenstein híbrida de nós duas. Ela nunca a usou muito. Ficava bem com a cabeça raspada, e acho que abraçar isso dava-lhe força.

De qualquer forma, a Janette e as inseguranças dela são irrelevantes. Eu estou preocupada com pulgas, ou, pior ainda, piolhos. Sem um chuveiro, é impossível ficarmos minimamente limpos. Acho que esse é o primeiro passo. Holly suportou tudo muito bem e, para ela, poderia ser bem pior. O rosto longo com bochechas salientes da Janette não combina muito bem com cabelos curtos, e ela fica parecendo com alguém, com algo que me é familiar... mas ela não fica parecendo um menino. Pelo menos não com um feio.

Quase consigo sentir uma conexão entre a gente, como se estivéssemos passando um dia no salão de beleza mais capenga de todos. Não tem máscara de esfoliação ou banho de sal marinho, mas parecemos e nos sentimos diferentes. Melhores.

Peter Pan. É isso que a Janette me lembra, aquela garota que interpreta Peter Pan no

teatro. Eu contaria para ela, mas não acho que ela aceitaria isso como um elogio. Eu queria que ela fosse Peter Pan. Queria que ela pudesse voar para longe daqui e nos trazer alguma ajuda.

Comentários

bruce disse:
26 de setembro de 2009, 16h56
Cortar o cabelo, essa é uma boa ideia! Também é uma coisa a menos para *Eles* agarrarem. Estivemos presos em uma biblioteca há uma semana… apenas três de nós restaram, dos 37 que estavam aqui no começo. A maioria é de Vagantes. Os livros são a única coisa que nos mantêm seguindo em frente. Não vai durar muito mais, não temos armas e, pouco a pouco, eles estão destruindo as nossas defesas. Espero que vocês tenham mais sorte que a gente.

> **Allison** disse:
> *26 de setembro de 2009, 18h01*
> Bruce! Você é um gênio! Eu não tinha pensado nesse benefício. Vou repassar para a Janette, tenho certeza de que ela vai se animar ao saber que os cabelos curtos a transformam numa ninja estelar capaz de se esquivar de zumbis. Boa sorte na biblioteca. E que história é essa de não ter armas? Pegue um dicionário-tijolo e use contra esses desgraçados como se fosse a porra das Olimpíadas.

O quarto sangrento

27 de setembro de 2009

– Conta pra eles. Vai. Fala o que você me falou.

– Não posso esperar a presença do meu advogado?

– Não, não pode, Allison. Conta agora, ou eu vou fazer isso.

Vou explicar o cenário para você: eu estou parada diante do grupo todo reunido, suando em bicas, parecendo um porco fedorento com um cabelo bem aparado. Eles estão olhando para mim e, por causa da expressão do Ted, sabem que eu fiz algo ruim, muito ruim, digno de castigo. Estou de volta ao ensino fundamental, em uma apresentação de trabalho, encarando mortificada várias sobrancelhas levantadas e lábios franzidos. Todos estão ainda mais rabugentos que o habitual, como se o azedume do Matt tivesse se espalhado como uma praga. Já estamos no fim de setembro, e está começando a esfriar. O frio está rastejando pelas paredes e fazendo com que a umidade pegajosa do nosso minúsculo mundo se transforme em algo ainda mais sinistro. Holly está com tosse. E eu sei agora que as prioridades da Brooks & Peabody são: câmeras de segurança e geradores de energia, mas não calefação.

Não sei o que fazer. Eu me mexi. Acho que limpei minha garganta.

– Venho mantendo um blog por um tempo. Começou como um pedido de ajuda, mas... sei lá, eu me senti bem em falar sobre o que estava acontecendo, então segui em frente. – Não sei por que é difícil falar sobre isso, mas parece uma traição, e eu posso ver a Holly à beira das lágrimas. – Há boas e más notícias. As boas são que ainda tem gente viva. Eles estão por aí, e me escrevem de volta. As más notícias são que... eles estão nas mesmas condições que nós, encurralados, sem saída.

– E nenhum deles é policial ou paramédico? – Matt pergunta secamente, revirando os olhos para mim.

– Eu não sei. Mas isso nos leva a um outro tópico. – Olho para o Ted, que aquiesce solenemente. Nós discutimos isso em nossa reunião particular e votamos, por unanimidade, entrar em ação. E tomamos uma decisão: essa era a hora para contar ao grupo, e eu já sabia que isso não terminaria bem. Pelo menos Dapper estava sentado quietinho aos meus pés como uma velha e sábia estátua, um talismã contra os olhares ansiosos lançados na minha direção. – Ted e eu vamos até os apartamentos hoje. A comida está acabando mais uma vez, e todos nós precisamos pensar sobre como encontrar algo mais permanente.

– Mais permanente? – Holly ecoa. Seu rosto está completamente branco, e as pontas dos seus dedos estão paradas perto da boca. Ela estava roendo as unhas com muita

frequência ultimamente.

Ted e eu nos entreolhamos.

– A questão é que as notícias que temos do mundo lá fora não são animadoras. Chicago também está sob ataque, e…

– Ataque? – Janette pergunta, pressionando o joelho do Matt com a mão. Eu começo a desejar que eles parem de repetir tudo o que eu digo e passem a contribuir, mas seria pedir muito. É minha culpa, eu deveria ter me expressado melhor, não deveria ter dado esperança a ela. Quero dizer, um ataque poderia implicar em uma possibilidade de resistência, e eu sei para onde a cabeça dela foi. É para onde a minha iria também.

– Invasão.

Há uma longa pausa depois disso. Vejo pequenas partículas de realidade tomando conta dos rostos deles, derretendo até formar uma horrível neblina, colocando vincos em suas testas e torcendo suas bocas em uma expressão de pavor. Holly cobre a boca e emite um som estridente, estrangulado.

Eu deveria estar brava. Isso tudo é culpa de vocês: Isaac, e você, Mel, e você, você, anônimo e você, Bruce. Vocês deveriam ter vergonha. Quando eu vi que tinha mais gente por aí, quase derrubei o meu refrigerante de limão no teclado do laptop. E, então, nessa agitação, contei ao Ted sobre vocês e, como consequência, a minha triste vida on-line foi revelada. Ted, compreensivelmente, não ficou satisfeito ao saber disso.

– No que você estava *pensando*? Usando a merda do seu laptop! Você está desperdiçando energia – ele retrucou, franzindo a testa para mim. Ted tinha se recusado a cortar o cabelo, e, agora, a sua franja estava começando a ultrapassar os seus óculos. Ele empurrou-a para fora da sua vista com uma bufada raivosa. – Não consigo acreditar nisso. Por que você não disse nada?

– Isso é uma coisa boa, Ted, eu posso sentir. Veja bem, se ainda existe wi-fi, quer dizer que ainda existem pessoas *fazendo* coisas, certo? Coisas normais! Ou pelo menos nem tudo está ferrado, sabe? Tipo… Não é verdade?

– Você tem que contar para os outros – ele sussurrou, enrugando a testa e balançando a cabeça escura de esfregão. – Eles merecem saber. Eu merecia saber. Queria que você tivesse me contado o que você estava fazendo.

– Bem, agora você sabe. Não foi… *intencional*. Só pensei que não fosse dar em nada, sabe? Encarava mais como terapia do que um chamado de s.o.s. Acabaram os segredos a partir de agora, Ted, prometo.

Isso pareceu acalmá-lo um pouco, e o nosso congresso de dois membros mudou para um novo tópico: o cachorro. Dapper não late. Nunca latiu para nenhum de nós por motivo nenhum. Talvez ele intuísse o perigo em que todos nós estávamos metidos; talvez apenas

quisesse se enturmar sendo o mais agradável possível (o que tinha funcionado, por sinal). Mas, na noite passada, depois dos cortes de cabelo, começamos a notar barulhos intensos vindos de cima, barulhos de algo sendo arrastado. A princípio, não demos muita atenção, mas Dapper passou a latir levantando a cabeça, pulando para cima e para baixo e arreganhando os dentes em direção ao teto.

Ted e eu decidimos que aquilo era significativo. O latido e os barulhos… Pensamos que podia haver sobreviventes lá em cima. É bem possível, se considerarmos que eles estão no segundo andar. Eu não tenho ideia de quanto os mortos-vivos podem ser ágeis ou não. Talvez eles não consigam lidar muito bem com escadas e, se elas os atrasaram, então talvez os moradores do andar de cima tenham conseguido mantê-los do lado fora. Nos perguntamos se Dapper veio de um dos apartamentos e esse era o seu jeito de nos contar isso.

E isso nos leva à desagradável tarefa de pedir, mais uma vez, por voluntários. Ted e eu não estamos muito certos de que, se estivermos em dois, vamos conseguir passar em segurança pela loja, chegar até os fundos e subir pela escada de emergência. Uma terceira pessoa seria ótimo, alguém para observar a retaguarda, apenas mais um par de olhos na vigília. Eu posso ver o Matt se preparando para uma discussão, se deslocando um pouco para a frente, como se colocasse o seu corpo entre nós e Janette. Matt tinha feito uma longa e pensativa pausa para organizar seus pensamentos e se preparar para o grande final, seu olhar mortal pronto para desintegrar.

– Não – ele diz por fim. Previsível. – Sem chances. É suicídio.

– Não é suicídio, Matt. Não seja tão dramático.

– Você não tem ideia do que acontece lá, de quantos são lá em cima.

– Mas e se não for tão ruim assim? E se nós pudermos melhorar tudo? Poderíamos até viver como seres humanos novamente, com sofás, mesas e camas! – eu digo. Está piorando… se ele mantiver a desgraça e a tristeza rolando, ninguém vai se voluntariar para nos ajudar.

Então Janette, linda, maravilhosa, Janette Peter Pan, murmura bem baixinho:

– Seria ótimo dormir em uma cama.

Matt se decepciona com ela, chocado e totalmente traído, e joga as costas para trás com força contra os armários. Ele cruza os braços sobre o peito e se vira para outra direção. Estou torcendo para que isso signifique que Janette vai se juntar a nós, mas ela já está em silêncio de novo. Eu troco olhares com o Ted e passo desajeitadamente a pisar em ovos na conversa. Consigo sentir a frustração no ar. Quero gritar: *Não entendem? Não veem o que está acontecendo? Precisamos nos acertar!* É *tudo o que temos que fazer: nos acertar, porra!*

– Por favor? – eu pergunto, suspirando.

– Eu vou. Dane-se. Sim, eu vou.

É o Phil. Ele se levanta, olhando para os seus companheiros com um ligeiro sorriso de escárnio. Finalmente despertou. Acena com a cabeça, para reforçar sua própria confiança ou a nossa, não sei dizer, e, em seguida, caminha a passos largos para a porta.

– Então? O que estamos esperando? Vamos ou não vamos?

– Sim, claro que vamos, mas espere um minuto para nos aprontarmos, ok? Não há pressa. – Ted puxa a camiseta de Matt de cima do balcão, um pouco cético, mordendo o lábio inferior, e eu posso ver por que: Phil está um pouco entusiasmado demais.

Phil se recusa a ir caso não possa estar com o bastão de beisebol. Tudo bem. Pegamos o extintor de incêndio da sala do cofre e o demos para Ted. Imaginamos que ele poderia ao menos atrasar os zumbis se eles se aproximarem. Eu não sei quanto dano uma borrifada de pó químico poderia causar no rosto de alguém, mas nenhum de nós está disposto a experimentar.

O plano é nos mover rápido, para não sermos parados em nenhuma área da loja. Continuar seguindo até alcançar os fundos. Esperamos que, se chegarmos à saída de emergência, qualquer um dos Murmuradores que decidir nos seguir já terá se dispersado a essa altura. Eu verifiquei os monitores e a livraria parecia tranquila e silenciosa. Entre as viagens para levar o Dapper para fazer as suas necessidades e para usar os banheiros, nós já tínhamos limpado a maior parte das imediações. Eu não estava muito certa sobre os fundos, onde havia muitas prateleiras de livros que poderiam servir como esconderijo para emboscadas.

Porém, o meu medo real é de ir lá fora. Quando abrirmos as portas dos fundos, as que levam para a rua, não teremos como saber o que vamos encontrar.

Enrolamos panos nas nossas cabeças e lembramos Matt de ficar com o ouvido colado na porta. Secretamente, pedimos à Holly que ficasse atenta também. De nós três, o Phil era quem estava parecendo mais ridículo. Ele está usando um velho blusão como envoltório para a cabeça, os óculos por cima do tecido, apontando para fora. Sua camisa polo branca agora está mais para amarela, e as calças cáqui estão irremediavelmente amarrotadas. Resmungando, ele puxa para cima as calças e acena para o Ted, que segura a porta. Quando saímos, é muito decepcionante. A área depois da porta está vazia, e não há nada exceto o som de um alarme de carro distante.

Vou na frente ao lado de Phil, e Ted fica na retaguarda. Viramos à direita, subindo as escadas e passando pelas geladeiras vazias e pelas caixas registradoras. É difícil resistir às prateleiras de livros quando passamos por elas, mas eu tinha aprendido a minha lição, sei que atrás de qualquer uma delas poderia haver toda uma confusão de mortos-vivos. Antes

de sair, o Ted tinha me pedido o favor de pegar apenas um ou dois livros no caminho de volta se eu precisasse. Dois no máximo. Maldito insolente.

Passando pelas caixas registradoras, há cerca de dez metros de prateleiras antes do fim da loja. Permanecemos à direita, deixando apenas um lado disponível para ataque. Há um leve murmúrio vindo da esquerda, e o Phil gira para encará-lo, preparado, pronto. Ele ergue o bastão e o brande com força antes mesmo que eu possa alertá-lo. Olho para o Ted, que parece menos cético agora, mesmo através da camisa de flanela do Matt.

O chão está cheio de livros manchados, livros arruinados com páginas coladas ao piso por sabe-se lá o quê. Desço o machado em uns poucos Murmuradores logo antes de virarmos à direita em direção ao estoque e posso ver que, nas estantes de livros em toda a sala, há mais deles. Eles nos notam. Mas o plano é seguir em frente, de modo que fazemos isso e continuamos em uma caminhada rápida que se transforma em uma corrida quando nós chegamos à sala dos fundos. O estoque fica em uma área grande com algumas poucas mesas compridas para a organização de entregas. Está dividido em dois; a primeira grande sala tem estantes quase vazias e produtos para reposição, e há também o fundão, com as portas que levam para o mundo lá fora. Conseguimos chegar até lá e, antes mesmo de sair, sabemos que será desagradável – ouvimos o barulho, os murmúrios, ruídos dolorosos de dezenas de mortos-vivos deslocando-se ao redor. Eles se anteciparam à nossa chegada e lentamente foram nos encontrar nas portas.

Phil continua focado e a postos para quebrar alguns crânios. Eu não reconheço nenhum desses Murmuradores, o que torna mais fácil terminar o trabalho do Phil com golpes bem aplicados nos pescoços. A parte mais difícil é manter uma distância segura do Phil, que está se lançando ao trabalho com um zelo admirável. Ted fica para trás, atirando jorros de pó químico com o extintor de incêndio, empurrando os mortos-vivos para que Phil e eu tenhamos tempo de acabar com eles. Trabalhamos com ritmo.

Quando finalmente o estoque está limpo, e o chão, coberto com uma lama preta pegajosa, tiramos um momento para respirar. Os ombros de Phil estão tremendo pelo esforço, ele se inclina para descansar as mãos sobre os joelhos e arfar. Eu tinha me esquecido do quanto estávamos sedentários, já que só ficávamos sentados o dia todo, repassando o mesmo livro, as mesmas revistas, jogando cartas, comendo tranqueiras e dormindo.

O fundo do depósito não é nada notável. Há uma mesa comprida, uns poucos computadores para a checagem de entregas e mais alguns lugares para armazenamento. Posso ver que as portas traseiras estão rachadas; um fino e fantasmagórico raio de sol desce até o meio do recinto. Phil cambaleia, mas se apruma em posição de combate, corajosamente indo em direção à porta. Parece algo grande, importante. Conquistamos

algo, alcançamos um objetivo que era apenas um vago e imaginário “lá”.

Eu estou preocupada com Phil. Sei que ele é adulto e que pode cuidar de si mesmo, mas não tenho certeza de que ele está preparado para o que vai ver quando aquelas portas se abrirem. Não tenho certeza se eu estou preparada também. Phil empurra com força as pesadas portas e elas soltam um longo e metálico guincho. O mundo lá fora é cinza, pontuado por alguns eixos delgados de sol sangrando através das nuvens. Está mais frio do que eu esperava; é fim de setembro por aqui, frio, nublado e vívido. É o tipo de clima que eu costumava amar, tempo de colocar blusa, sentar do lado de fora enrolada em um cobertor. Mas não há o exuberante aroma âmbar de folhas queimadas, nem esquilos brincando nas árvores. Há apenas prédios abandonados, à distância, que são como monumentos esquecidos; luzes apagadas, sem as pessoas, que se foram.

Posso ouvir de novo aquele alarme de carro funcionando, mas não há som de motores, nenhum veículo misterioso vindo nos resgatar. Está medonho e tranquilo. O terreno de cimento do lado de fora está vazio. Não há nenhuma festa de boas-vindas dos mortos--vivos para interromper a horrível e dolorosa tranquilidade. Isso uma vez foi uma cidade, um lugar para se viver, que agora está mudo e cinzento. Phil tropeça para fora, sem se importar com o frio, mas eu posso ver os pelos nos seus braços se arrepiando. Saio também e dou alguns passos. A grande lixeira de reciclagem e a lixeira comum estão abertas, bagunçadas, papéis e caixas espalhados por todo o chão. Ted cutuca as minhas costas com urgência. Me viro para ver o que ele está apontando. É um carro, o carro de Phil. E, de repente, tudo fica claro.

Phil já está correndo em direção ao seu velho carro antes que qualquer um de nós possa fazer alguma coisa para impedir. Mesmo se tivéssemos conseguido, Phil é um cara grande, com ombros de um jogador de futebol americano e com peso suficiente para nos jogar de lado sem muito esforço. Ele corre até o carro, mas nem chega até a porta antes de parar.

Não consigo explicar. Todo mundo sabe o quão desconfortável e desolador é ver um homem adulto chorando, só que isso consegue ser de alguma forma ainda pior se for o seu chefe. Ele está caído bem do lado do carro, apoiado em seus joelhos; todo o seu corpo se sacode para frente e para trás como se ele estivesse sendo eletrocutado. A tampa do combustível está aberta, pendurada. A mesma coisa aconteceu com o carro ao lado do seu, o de Janette. Não há combustível. Foi roubado.

Ele veio com a gente para fugir. Está claro agora. Eu deveria ter pensado nessa possibilidade. Eu quero ficar brava, quero me colocar diante dele, chacoalhá-lo com força e dar um tapa na cara dele. Mas não posso. Eu quero perguntar: *Para onde você iria? Você acha que há para onde ir?*

Em vez disso, vou em sua direção e coloco a minha mão sobre os seus ombros com gentileza. Ele está todo tenso, uma pilha de nervos e frustração.

– Está tudo bem. Não vou contar pros outros.

Precisamos continuar, seguir em frente, mas eu não sei como tirá-lo do seu luto. É apenas mais uma onda de terror, outra dentro de uma interminável série de surpresas desagradáveis. Phil para de tremer depois de um tempo e se apruma, babando em todo o dorso da mão, enquanto tenta enxugar as lágrimas e o ranho das bochechas e do queixo.

Há uma lágrima em seu cavanhaque, mas não falo nada.

– Tem uns tacos de golfe no porta-malas – ele diz em uma voz triste e tranquila. Tira um chaveiro da calça cáqui e vai até o porta-malas. Lá dentro, uma grande bolsa de tacos de golfe esperava, dormindo sobre um couro reluzente, cada uma das cabeças cobertas em capuzes como pessoas em uma excursão. Phil os alcança com cuidado e, com amor, retira um dos tacos. – Ele não é uma beleza?

É mesmo.

– Aqui, um para cada um de nós.

Phil me entrega um taco. Diz que é um *driver*. É leve, o que não parece natural, considerando a enorme cabeça metálica. Retiro a capa protetora e até na luz opaca do tempo nublado o metal prateado brilha. Lê-se DIABLO no objeto.

– Vamos pegar os *drivers* e os tacos de madeira – Phil diz, entregando um para Ted e pegando dois para si mesmo.

Ele parece estar se recompondo. Acho que só o fato de segurar os tacos o trouxe de volta à normalidade.

Depois disso, é hora de voltar a se movimentar. Estou ficando nervosa por permanecer a céu aberto durante tanto tempo. Fico imaginando que, virando a próxima esquina, tem uma tropa de Murmuradores marchando em nossa direção. Voltamos à área pavimentada, onde Ted dá um tapinha nas costas de Phil em agradecimento pelos tacos.

A escada de emergência pende dos apartamentos acima, terminando bem perto do solo. Eu sou muito baixinha para conseguir alcançá-la sozinha, então Ted me ajuda, colocando suas mãos entrelaçadas como um estribo. Eu não estou animada por ser a primeira a ir em uma subida que pode perfeitamente me colocar em um lugar cheio de mortos-vivos, mas há um novo e brilhante taco de golfe dependurado no meu cinto, e eu estou ansiosa para experimentá-lo. Não que eu tenha me cansado do machado, mas é bom saber que eu tenho algo na reserva.

A escada é feita de ferro forjado e está muito fria, coberta de pequenas pontas que ferem as minhas mãos. Subo o mais rápido que posso, torcendo para chegar no topo e entrar por uma janela antes que as criaturas lá dentro tenham chance de se antecipar a nós. Ainda

não sabemos como eles nos encontram… será pelo cheiro? Ou será algo pior, algum tipo de poder maligno adquirido na hora da morte?

Chego ao final da escada com os dentes batendo de frio. Uma vez que sua adrenalina baixa, o frio avança, indo para dentro das suas roupas e fazendo seus ossos congelarem. A janela bem em frente à saída para a escada de emergência está escancarada. O que não é um bom sinal. Quem quer que vivesse lá dentro devia ter tentado escapar, e por que alguém faria isso se estivesse perfeitamente à salvo dentro do seu apartamento?

Quando Ted e Phil chegam ao meu lado na saída de emergência, entro pela janela. Estou na cozinha de alguém, que tinha sido totalmente saqueada. Os armários e as gavetas estão abertos ou jogados sobre o linóleo, fragmentos de prataria e louça estão espalhados pelo chão e pelas bancadas, e a porta da geladeira está completamente escancarada. Não vendo nenhum perigo imediato, eu entro e, em seguida, abro mais a janela para Ted e Phil. Eles lutam para passar pela pequena abertura, suspirando e grunhindo enquanto se espremem.

Faz frio aqui dentro, e o lugar está preenchido por um silêncio estranho, do tipo que faz você pensar em fantasmas. Nada de feliz poderia ter acontecido ali. Não houve qualquer alegria ou riso, não quando o sentimento de morte está se infiltrando e rastejando por toda parte. Nem a brilhante e alegre pintura amarela consegue manter o medo e o frio afastados. Verifico os armários para ter certeza, mas não há nada, nem migalhas. Alguém já tinha passado e limpado o apartamento. Não há comida, nada comestível, e a geladeira fede a mofo e a leite estragado. Fecho-a e sigo por um corredor pequeno e estreito. As fotografias emolduradas ainda estão lá, bagunçadas e inclinadas, mas intactas. Tento não olhar para as fotos de família, os sorrisos esperançosos e blusas cafonas.

– Merda – eu escuto o Ted balbuciar. Eu estava pensando a mesma coisa. Quando você vive em quase completo estado de pavor, seus instintos melhoram, ficam mais afiados, e você consegue perceber quando algo está terrivelmente errado. Tenho essa sensação na sala de estar, andando sobre suspeitas manchas vermelhas sobre o carpete marfim de pelos emaranhados, e sinto novamente quando termino de passar por todos os cômodos sem encontrar ninguém, apenas bagunça e mais bagunça, gaveta aberta após gaveta aberta e um telefone pendurado fora do gancho, sem linha.

Deixamos o apartamento e nos direcionamos para o corredor. Ali, encontramos alguns dos nossos amigos mortos-vivos, e Ted e eu podemos praticar as nossas tacadas de golfe. Nunca tinha ligado muito para esse esporte, mas com certeza poderia aprender a amá-lo. O taco *driver* é leve, mas perverso. Arranca um bom pedaço da cara do primeiro Murmurador. Ainda prefiro o machado, é mais confiável, mais mortal, mas o *driver* é mais fácil de manejar e muito menos cansativo. É melhor para derrubá-los escada abaixo

e ouvir com satisfação seus corpos macios batendo no piso térreo.

O ambiente está escuro, as paredes, cobertas com papel de parede rosa listrado, com bordas em padrões florais. Há outras portas abertas, e um calafrio percorre as minhas costas. Não quero entrar em nenhuma delas, mas sei que deveríamos. Os dois primeiros são quase idênticos ao outro apartamento: saqueados, frios, vazios e preenchidos por uma névoa difusa de almas atormentadas. Há dois apartamentos restantes, e apenas um deles tem a porta fechada. Entramos primeiro no aberto.

Agradeço muito pelo frio, pelo clima frio.

Ele está lá, um homem de meia-idade, por volta dos 35 anos. Ele está – estava – sentado em uma cadeira de balanço. A cadeira está estranhamente colocada no meio da sala, afastada do sofá, da TV, do aparelho de som e do relógio do vovô. A parte de trás da cadeira é vermelha, mas não deveria ser. Sua cabeça está jogada para trás, seus cachos escuros caem em cascata sobre a borda. Chego mais perto. Phil e Ted param na entrada, e eu posso ouvir Phil vomitando no corredor. O pescoço do homem está aberto, talhado, não por dentes, não por mortos-vivos, mas pelo movimento preciso de uma faca.

– Não, isso não é certo – eu disse, balançando a cabeça. Os olhos dele estão abertos, com um branco leitoso onde deveria ter azul. A sala está tão fria que ele ainda não começou a se decompor. O mesmo pensamento continua vindo a mim a cada poucos segundos: mesmo que limpemos este lugar, mesmo se ele ficar seguro, *como poderemos viver aqui*?

Então estou correndo até o corredor e vomitando nas escadas. Não posso evitar, aquilo era pior, muito pior que todas as outras coisas, que as coisas que andavam por aí sem estar vivas. Era possível senti-lo preso lá dentro, o grito silencioso, a boca aberta implorando pela vida.

– Temos que tirá-lo daqui – Ted diz. Concordo, e minha estima por Ted cresce um pouco mais quando ele pega o corpo com cuidado pelos ombros enquanto eu seguro-o pelas pernas. Não temos certeza para onde levá-lo, mas decidimos que seria para o lado oposto do corredor, em um canto silencioso ao lado de uma porta fechada. Ele pesa em nossos braços, mesmo sem o seu sangue, e eu não consigo tirar os olhos do fio vermelho que atravessa o seu pescoço. Após colocá-lo no canto, voltamos para o apartamento e encontramos um lençol limpo no armário, uma das poucas coisas que não tinha sido pilhada. Colocamos sobre o cadáver e assistimos o tecido branco manchando e se acomodando, cobrindo-o como um mártir em paz.

Eu me lembro das manchas vermelhas no primeiro apartamento, as que estavam no carpete. E me pergunto onde estariam os corpos.

Não há nada a dizer, então seguimos em silêncio até a última porta, a que está fechada.

Está trancada, o que me faz arrancar a maçaneta fora com o machado. As janelas da sala de estar estão um pouco abertas, e uma brisa entra assoviando. Ali também está frio, o que me deixa agradecida. Há outro corpo, uma mulher velha e frágil, com a mão coberta de pintas escuras e a pele tão antiga que se estica sobre seus ossos como se fosse um pergaminho. Ela parece feliz, bem, sentada em seu sofá estofado, com os olhos fechados e um sorriso sem cor. Fica a dúvida se ela teve um ataque do coração, se viu a comoção do lado de fora, acomodou-se no seu sofá e apenas morreu. É mais fácil carregá-la, mas ela é tão leve e delicada que ficamos preocupados em quebrá-la e transformá-la em pó. Nós a cobrimos e a colocamos ao lado do homem.

Phil vigia a porta, com o bastão de beisebol e seu taco reluzente prontos para entrar em ação.

Quando voltamos ao apartamento dela, encontramos tudo onde deveria estar: porcelana, prataria, potes, panelas, toalhas e roupa de cama. Tudo muito limpo, mas há um leve cheiro de poeira, como se todas as coisas que ela tivesse fossem velhas, de uma época diferente. Pego uma carta de cima da sua escrivaninha. Sra. Jane Weathers. Vou até a sua cozinha; o lugar está pintado de um verde brilhante. Há algumas plantas no peitoril da janela, mas elas começaram a murchar e definhar.

Quando abro o armário que fica sob a pia, preciso me segurar para não rir. Eu realmente estou tentando não rir, mas é simplesmente demais. O lugar poderia ser um modelo para sobrevivência em caso de emergências. A pobre sra. Weathers era com certeza um produto do medo nuclear da Guerra Fria. É óbvio. Ted encontrou dois geradores no armário e um antigo rádio portátil com números tão grandes nos sintonizadores que poderiam ser vistos do espaço. Nos armários da cozinha, encontro todo o tipo de porcaria enlatada definhando no fundo da sua despensa: feijão cozido, pêssegos, purê de batatas instantâneo.

– Bem, parece que nós vamos passar a viver aqui em cima, como se estivéssemos em um velho seriado de TV – eu disse, segurando uma lata de creme de milho para que o Phil a inspecione.

Não consigo me lembrar da última vez que comi uma coisa dessa, mas parece melhor que salgadinhos. O apartamento é perfeito: limpo, espaçoso e bem suprido. Não sei se todos nós caberemos dentro dele, ou se devemos. Existem outros apartamentos, mas não consigo parar de pensar nas marcas de sangue no carpete... Esse lugar é a escolha mais lógica. Tem uma saída para as escadas de emergência à mão. Poderíamos colocar um tapete sobre as manchas, poderíamos fazer algo...

– Ataque!

Phil grita, e ele já está no batente da porta tentando afastar as criaturas que se arrastam,

forçando a entrada. Posso ver um braço decrépito com apenas três dedos tentando alcançá-lo. Ted também está lá, borrifando com o extintor e gritando na minha orelha. Pego uma sacola de papel e começo a enchê-la com algumas latas e um abridor, e me junto aos rapazes, que já limparam o caminho até o apartamento com a saída para a escada de emergência. Corremos para lá e eu empurro a sacola para os braços do Ted. Phil e ele descem primeiro e dou cobertura para a saída deles, cortando dois Murmuradores que estão em nossos calcanhares. Fecho a janela ao sair, deixando apenas uma pequena abertura.

Dentro da livraria está mais quieto, então nos movemos com mais cautela. No caminho, passando pelas estantes, pego alguns livros e jogo dentro da sacola do Ted. Eu me contenho, e ele me dá um tapinha nas costas. Holly nos saúda à porta, com lágrimas de alívio correndo pelos olhos. Nunca tinha notado quanto é bonita, como seu novo corte de cabelo favorece o seu belo rosto, com as maçãs do rosto altas e régias. Eu estou apenas feliz que eles estejam vivos e alegre por ter o Dapper dançando nas minhas canelas, dando voltas ao redor dos meus pés enquanto eu tiro o pano do meu rosto e baixo o machado e o taco de golfe.

– Achamos alguns tacos de golfe nos apartamentos – digo, em resposta aos olhares curiosos.

Phil dispara um olhar agradecido em minha direção, e todos nós nos sentamos para o jantar, composto de carne seca, refrigerante e feijões enlatados.

Agora estou sozinha na sala do cofre. Exausta e com medo.

Os monitores estão tranquilos, todo mundo está dormindo, mas não consigo parar de pensar… Talvez não devamos viver nos apartamentos. Parece errado pegar um lugar a que não temos direito, mas que escolha nós temos? A sala de descanso é muito pequena, e eu estou desesperada para dormir em uma cama de novo, para sentir algo macio sob a minha cabeça à noite, para voltar para a vida civilizada – ou algo parecido com isso. Mas tem alguma coisa me incomodando.

Não sei por que nos sentimos vinculados a este lugar, mas parece impossível sair.

Ligo o rádio que encontramos no lar da sra. Weathers. As pilhas ainda funcionam. O negócio cheira a livros molhados e está coberto de pó. Ligo, procurando por sinais de vida, mas há apenas estática, estática, estática.

Comentários

CptCrckpot disse:
27 de setembro de 2009, 19h09
As coisas não estão muito melhores aqui no Texas, se você estiver pensando em tentar chegar aqui. Estou em um escritório em um parque industrial entre Dallas e Fort Worth. Eu trabalhava no turno da noite

fazendo atendimento ao cliente para uma empresa pequena. As coisas tinham apenas começado quando eu entrei para trabalhar, não havia qualquer menção sobre o assunto nos jornais. Escutei algumas sirenes logo que cheguei aqui, e, mais tarde, pude ouvir ao longe acidentes de carros e disparos de armas de fogo, mas foi tudo. Ainda bem que o nosso escritório é o último dentro do último parque industrial indo para norte pela rodovia. Passei a semana anterior apenas aqui no escritório, fortificando o lugar da melhor maneira possível.

> **Allison** disse:
> *27 de setembro de 2009, 19h34*
> Capitão, te desejamos sorte. Há outros sobreviventes com você? A união faz a força, então veja se você consegue encontrar alguns colegas para ajudar nas fortificações.

Isaac disse:
*27 de setembro de 2009, 19h5*6
Os suprimentos estão baixos por aqui, o inverno está chegando e não há tempo para plantar nada. Só espero que consigamos nos manter com a comida enlatada que ainda nos resta. Às vezes, fico nervoso por não ver nenhuma dessas criaturas por dias, e então, BAM! Aparece uma no jardim batendo nas janelas. Tenho um rifle de caça, mas não atiro a menos que seja absolutamente necessário. Um machado, como você sabe, Allison, funciona tão bem quanto e não desperdiça munição. Você tem alguma coisa para se defender, CptCrckpot?

> **CptCrckpot** disse:
> *27 de setembro de 2009, 21h09*
> Não, na verdade, não há armas aqui, exceto alguns extintores de incêndio e abridores de cartas. O sinal de internet está ficando irregular. Acho que não teremos mais até o fim da semana.

Criancinhas

29 de setembro de 2009

– Sofás, janelas, lugares decentes para dormir... É a melhor escolha, Allison, e você sabe disso. Acho que nós devemos ir lá pra cima.

– Nós temos que discutir isso, Phil! Temos que decidir juntos, como um grupo. Você não pode simplesmente decidir por nós. Isso aqui não é Philtadura não.

– *Quê*?

– É... esquece. Veja, é importante discutirmos isso como adultos. – Phil me dá um olhar vazio. Ele não estava nem ouvindo. – Ninguém está mais no comando, e isso é maior do que as suas vontades.

Algo estranho aconteceu. Phil subitamente é a voz da autoridade.

Ted e eu expressamos nossas consideráveis dúvidas um para o outro – os nossos temores de que, apesar de os apartamentos no andar superior serem agradáveis e representarem uma melhoria geral, ainda não tínhamos certeza sobre nos mudar permanentemente. Havia mais prós do que contras pela mudança, mas, assim como eu, o Ted não gostava do mal-estar geral de terror que pairava em torno do lugar. Só que o desgraçado do Phil passou por cima de nós e falou para o Matt e a Janette do apartamento da sra. Weathers – tinha uma boa vista da rua, geradores, prataria e ervilhas!

Matt e Janette, acostumados a receber ordens do Phil, embarcaram na ideia, o que levou o Ted e eu a expressar nossas dúvidas.

– Mas foi ideia sua ir explorar lá em cima – Matt protesta, revirando os olhos para mim, provavelmente pela quinta vez naquela manhã.

– Eu sei, mas você tem que entender... Só acho que talvez a gente deva discutir um pouco mais sobre o assunto, talvez fazer uma votação.

Convenientemente, Phil não tinha contado sobre o morto com a garganta cortada. Talvez ele tenha mencionado algo a respeito de termos movido a sra. Weathers para o corredor, mas isso não pareceu incomodar o Matt ou a Janette. Era tentador, muito tentador, contar a eles que o Phil estava pronto para nos abandonar a qualquer momento. Quando o cheiro de liberdade estava no ar, mesmo que de leve, o Phil tinha dado uma grande tragada, se virado e tentado voltar para casa.

Eu estava torcendo para que eles topassem a ideia da votação. Holly votaria no que Ted dissesse, e então nós poderíamos declarar um impasse e parar para pensar por um tempo.

– Certo – Phil diz, baixando os braços. – Vamos votar, então. Todos a favor de nos mudarmos lá pra cima levantem as mãos.

Uma, duas, três e – o que é isso? – *quatro* mãos levantadas. Ted e eu nos viramos

bruscamente para olhar para Holly, e ela dá um passo para trás, dando de ombros.

– Eu só... pensei que seria bom, não é? Estou cansada de ficar aqui em baixo.

Cutuco o Ted, com força.

– Controle a sua mulher, cara.

– Ei! – Holly gritou.

– Foi uma piada, Holly. Relaxa – eu digo, assoando meu nariz. Posso ouvir o Phil rindo, zombando da minha frustração. A democracia é superestimada. Eu deveria ter apenas barrado Phil no seu escritório. Por um instante, considerei contar a eles sobre o homem no apartamento D, mas decido não fazer isso. Eu não via Phil, Matt e Janette tão felizes desde antes de toda essa maldição começar.

– Vai exigir muito trabalho – eu lembro a eles, puxando para o meu lado o cabo de guerra do poder. Isso não seria fácil; o Phil ainda tinha um jeito de se colocar diante do grupo, que o procurava para receber atribuições. – Nós encontramos alguns Murmuradores lá em cima, então precisamos ficar atentos. Acho que seria melhor ficarmos em dois apartamentos, divididos, mas não muito distantes.

Tendo ganhado a discussão, o Phil estava praticamente exultando, prestes a transportar o que tinha sobrado da comida para o andar de cima. Organizamos times, apenas um por vez fazendo a travessia, duas pessoas vigiando enquanto uma terceira carregava comida ou livros ou produtos de limpeza. Levamos três viagens para carregar tudo lá pra cima.

Espero para ir na última equipe, demorando no cofre. Temos que dizer tchau para esses monitores, esses pequenos repositórios de informação. Dapper está ganindo e faminto, e eu sei que ele não quer deixar a sala de descanso. Eu deveria ser mais confiante, mais otimista, mas tudo me parece muito precipitado. É assim que os erros são cometidos, eu continuo pensando, é assim que vamos acabar encurralados e lutando pelas nossas vidas.

Holleted e eu ficaríamos com um dos apartamentos, os outros três habitariam o outro. Eles estão um ao lado do outro, então tomo a iniciativa e uso o machado contra a parede geminada. Demora algumas horas de trabalho, mas finalmente Ted e eu conseguimos um buraco respeitável. Não temos telefone, nem rádios, e precisamos de uma maneira confiável de mantermos contato.

Há várias coisas preocupando minha mente, mas uma em particular: me deixa muito nervosa ainda não ter encontrado a fonte do wi-fi. Ao lado do Ted e com um taco de golfe, percorro todos os apartamentos procurando pelo roteador. Chego à conclusão de que deveria estar na área de manutenção dos apartamentos, naquela terra de ninguém sob as escadas. Decidimos deixar a exploração para outro dia; provavelmente estava bem escuro e frio, e nós só temos algumas velas e uma lanterna. Para a nossa sorte, a sra. Weathers mantinha um suprimento grande de pilhas por aí. Esperamos que seja o suficiente para

alimentar a lanterna e o rádio por tempo indeterminado.

E tem algo mais me preocupando: logo que chegamos e nos acomodamos, Dapper começou a latir e rosnar, andando em círculos e arreganhando os dentes. Ted e eu estamos tentando manter nossas trocas de olhares nervosos ao mínimo necessário, mas não podemos evitar dividir um momento de ansiedade quando notamos o estranho comportamento de Dapper.

Então nos mudamos. De algum jeito, foi mais fácil do que eu esperava. Matt, Janette e Holly fizeram a jornada de maneira tranquila e não chegaram a ver muita coisa. Dissemos a eles para ficar olhando para a frente, mas tenho certeza de que eles viram de relance a carnificina no fundo da loja. A maioria dos mortos-vivos já tinha sido eliminada na nossa aventura no outro dia. Mesmo assim, cada um deles recebeu um taco de golfe, o que, em questão de horas, viria a ser muito útil.

Mudar não tinha sido agitação suficiente por um dia.

Nem três horas depois de entregarmos os tacos de golfe, escuto um grito vindo do outro apartamento. Existem muitos tipos de grito: de terror, de dor e de surpresa. Esse era do último tipo. Espreito o buraco irregular na parede e vejo Janette cobrindo a boca, seu taco de golfe no chão e um homem que eu nunca tinha visto antes ajoelhado ali esfregando a testa com a mão.

Holleted e eu corremos até o outro apartamento, onde o Phil e o Matt já estavam chegando. O homem não está morto, e com certeza não está morto-vivo, mas ele tem um galo enorme do lado direito da cabeça.

– Quem é você, *porra*? – eu pergunto, com o que acredito ser uma voz extraordinariamente calma, dadas às circunstâncias.

– Nossa, eu estava pensando a mesma coisa!

Ted está levantando seu taco de golfe sobre sua cabeça, preparando-se para um grande ataque digno de esmagar um cérebro. O estranho se encolhe, cobrindo o cabelo loiro encaracolado com ambos os braços.

– Não! Merda, não me bata de novo. Eu não estou armado.

Phil avança para confirmar a informação, empurrando o estranho para baixo desajeitadamente, mimetizando algo que ele assistiu em *Law & Order*. Quando se afasta,

consente solenemente, dando um leve grunhido. Eu o ignoro e me coloco entre o Ted e o recém-chegado.

– Por que diabos você estava escondido em um armário? – eu pergunto, cruzando os braços. Ele ainda está ajoelhado no chão, o que é bom. Isso me faz pensar que ele, pelo menos, reconhece quem está com a vantagem ali.

– Eu moro aqui – ele responde, com uma risada de quem não acredita no que está acontecendo. – Mas ouvi todas essas vozes e barulhos e fiquei assustado. – Ele engole em seco e olha para a esquerda. Tem algo errado. Uma ideia vem à minha mente e eu percebo que preciso falar com ele em particular.

– Qual é o seu nome? – pergunto, tentando parecer gentil.

– Zack, meu nome é Zack, mas não podemos ficar aqui. Tem...

– Nós acabamos com eles, checamos tudo – eu interrompo, abrindo bem os olhos para que ele saiba que não importa o que queira dizer, teria que guardar para si.

– Parece que não! – ele murmura, alisando o galo em sua cabeça.

– Este é realmente o seu apartamento? – eu questiono.

– Não esse aqui, o meu é o apartamento D. Era do meu cunhado.

Eu me viro para o Ted. D foi onde encontramos o homem na cadeira de balanço.

– Então por que você está aqui? – faço uma nova pergunta.

– Não conseguia... não conseguia ficar lá! Não depois...

– Que eles pegaram o seu cunhado – termino para ele. Ele fecha os olhos para mim, inclinando a cabeça para o lado. Posso ouvir o Phil se remexendo atrás de mim. Pelo buraco na parede, eu consigo ouvir Dapper uivando. Eu não queria que os outros soubessem sobre o homem na cadeira de balanço. Não ajudaria em nada colocá-los em pânico.

– Consegue ficar de pé?

Zack acena com a cabeça lentamente e, depois, apoia o calcanhar no tapete, se erguendo de uma vez com um empurrão forte. Ele se levanta e olha à sua volta, encarando todos nós com as sobrancelhas salientando sua expressão ansiosa.

– Acho que não podemos te expulsar, já que você já mora aqui e tal.

– Hm... Allison, posso falar com você?

– Claro, Ted.

Ele entrega o taco de golfe para o Phil sem uma palavra. Eu o sigo até o quarto principal, e ele fecha a porta atrás de nós. Seu cabelo está caindo sobre seus olhos novamente, e ele o empurra para longe e me olha.

– Quê?

– Quer saber? Não podemos aceitar o cara. Isso está fora de questão.

– Sério? E por quê?

– Não sabemos nada a respeito dele. Pode ter sido ele quem matou aquele cara!

– Matou o próprio cunhado? E por que ele continuaria por perto? Assassinos geralmente não continuam por perto após matar alguém. Quero dizer, *serial killers* gostam de atenção e essas coisas, mas isso é totalmente diferente. Sem falar que ele estava escondido no armário. Se ele é corajoso o suficiente para cortar a garganta de alguém, por que se esconderia de nós?

– Porque ele está em menor número, talvez? Por que temos um cachorro? Tem uma infinidade de razões!

– Só... Só não parece certo expulsá-lo daqui. Como poderíamos fazer isso? Você sabe tão bem quanto eu que ele provavelmente morreria lá fora sozinho – eu explico. – Além do mais, você quer fazer inimigos?

– Sabemos que há outras pessoas por aí. Sabemos disso agora, você mesma disse. Essas pessoas, quem quer que sejam, no seu, ahn...

– Blog?

– Sim. Veja, se não soubéssemos que existem outros sobreviventes, então talvez tudo fosse diferente, mas do jeito que as coisas são... Acho que é uma má ideia.

– Nosso suprimento de comida está melhor, nós temos espaço. Eu não posso, em sã consciência, mandar alguém para a morte – eu digo, agarrando o Ted pelo colarinho e colocando-o diante da janela. As cortinas estão fechadas, então empurro-o para trás. – Olha aí. Olha o que tem lá em baixo. Não tem mais nada. Para onde ele iria? Nós não podemos ser uns bárbaros, Ted, simplesmente não podemos. E se fosse você escondido naquele armário? Ou a minha mãe? Quando as coisas voltarem ao normal, esses pequenos atos de bondade vão contar.

– Nossa, você está falando igual a minha namorada.

– E isso é tão ruim assim? – eu grito, perdendo o controle. Tento respirar. Apenas mais algumas inspiradas profundas e tudo seria mais fácil de lidar...

– Você só quer ele por perto porque ele é bonitão.

– *Como é que é?* Você está louco? O que isso importa? – As inspirações não estão funcionando, nada está funcionando...

– Bem, se for necessário repopular a Terra, ele é um grande avanço em relação ao Phil.

Eu não pretendo, não acho nem que eu quero, mas dou um tapa na cara do Ted. Ele vai para trás, segurando o rosto e seus óculos tortos.

– Quando foi que eu já tomei uma decisão por motivos puramente egoístas, Ted? Você acha que, se eu pensasse só em mim, nós estaríamos onde estamos agora? Você acha? *Responda.*

– Foi uma coisa estúpida de se dizer. Sinto muito.

– Ele fica. Entendeu? Apenas… Ele fica, porra.

Deixo o Ted para trás, cuidando do meu tapa. Tem algo feio dentro de mim, e não é só meu temperamento. É algo pior. Posso sentir todas as perguntas, todas as dúvidas, rodando em uma massa terrível de raiva. É muita coisa para lidar, muito para uma pessoa só. E é pior, porque sei que, se minha mãe estivesse aqui, ela poderia ajudar. Ela saberia o que fazer. Ela sempre foi tão forte, tão centrada… Saberia exatamente o que me dizer. Talvez meus instintos estivessem errados e talvez o Ted estivesse certo, mas eu estaria perdida se começasse a agir como se nada e ninguém importasse mais. Tudo importa, cada pequeno e último vestígio de humanidade importa agora. Os livros, o rádio, as pessoas… Temos que seguir.

Na sala de estar, eles ainda estão de pé, inutilmente encarando Zack, como se o Papai Noel Zumbi tivesse caído da chaminé. Eu passo por eles pela barreira de Janette e Matt, e pego Zack pelo pulso.

– Pessoal, este é o Zack. Zack, estes são Janette, Matt, Phil e Holly, e o cara na outra sala é o Ted. Sou a Allison. É bom ter você com a gente.

Zack ficará no nosso apartamento por causa das suspeitas e olhares desconfiados do Matt, que vêm em ondas pungentes. Ted está fazendo o seu melhor, mas eu sei que ele está engolindo o orgulho e a frustração. Holly, claro, é afável e bondosa. Ela é um trunfo para nós, eu consigo ver agora. Quando todos se recusam a sorrir, Holly é um raio brilhante de sol saltando pelos corredores. Ela até começou um projeto de arte na sala do nosso apartamento, algo para torná-la um pouco mais alegre e deixar esse lugar mais parecido com um lar.

Zack se voluntariou para dormir na banheira, com alguns travesseiros e um edredom, o que deixa a cama toda para mim. Posso ouvir os cotovelos dele se chocando com as paredes na porta ao lado, e Dapper está esticado na ponta da cama, mas, fora isso, tenho a solidão tranquila e um lugar para escrever e descansar. O casal Holleted está no sofá-cama da sala de estar. Acho que estão felizes pela privacidade, e eu invejo o relacionamento deles. Odeio que o Ted esteja um pouco certo. Estou solitária, e ele consegue ver isso. Talvez todo mundo consiga ver isso.

Comentários

Brooklyn Girl disse:

29 de setembro de 2009, 15h37

A área de Bed Stuy ainda está firme. Conseguimos bloquear as escadas do nosso apartamento e usamos as escadas de emergência para sair para pegar suprimentos. Até agora, os incêndios estão queimando outros lugares que não o meu quarteirão, mas a fumaça faz com que a nossa visibilidade seja horrível. Não dá para ver as coisas até que elas estejam na sua cara. Vamos invadir a quitanda do quarteirão esta noite.

Tenha fé.

> **Allison** disse:
> *29 de setembro de 2009, 17h51*
> Viva. Eu achei que Nova York seria o primeiro lugar a sucumbir. Manhattan já é passado?

Rev. Brown disse:
29 de setembro de 2009, 17h58
Deixe sua fé ser seu escudo! Seus braços vão cansar, suas lâminas vão embotar, mas a luz de Deus livrará você de qualquer problema.
Não tenha medo! O julgamento correto d'Ele caiu sobre esse mundo de sodomitas e descrentes, e somente nós, os que acreditam, seremos levados aos céus depois que Ele já tiver abatido este rebanho.
Como os mortos marcharam sobre Jerusalém, quando Jesus estava pendurado naquela cruz, assim também eles marcharão sobre nós nesta hora final.
Quando o arrebatamento vier – e não tema, ele virá, e será logo –, Deus verá os fiéis no Paraíso, deixando os satanistas, ateístas e homossexuais para trás, consumindo-se pela existência antes de serem queimados no fogo do inferno.

Bob em Rhode Island disse:
29 de setembro de 2009, 18h32
Tente chegar a um supermercado se você puder, não vai sobrar muito se você não se apressar.

> **Allison** disse:
> *29 de setembro de 2009, 17h51*
> Eu sei disso, mas, no momento, se aventurar lá fora é perigoso. Já estou feliz que conseguimos nos mudar sem nenhum incidente. Quer dizer, acho que o Zack se qualifica como um incidente, mas dizer isso poderia magoá-lo. ☹

S.W.A.T. SGT. jason jeffery disse:
29 de setembro de 2009, 19h45
Vivo em uma pequena cidade a cerca de cinquenta quilômetros de Arlington, então não estamos tão mal, meus amigos scott e jerrod são os únicos sobreviventes que encontrei, e nós três estamos aguentando muito bem na casa do scott. Continue postando, você é uma luz nas trevas.

Café da manhã dos campeões

30 de setembro de 2009

– Feliz último dia de setembro!

Acordo com café da manhã na cama. É a primeira comida quente que eu vejo em semanas: mingau de aveia com mel e pedaços de chocolate. Há um ramalhete de flores do lado do prato, algo que, com certeza, tinha vindo de um dos muitos buquês de plástico que decoram o apartamento da sra. Weathers.

– Pra quê tudo isso?

– Queria agradecer, sabe, por me salvar de ser morto por um ataque de tacos de golfe.

– Por nada. Eu não acredito em punições cruéis e inesperadas. Mas acredito em chocolate.

– Acho que foi pura sorte.

– Como você conseguiu esquentar isso? – eu pergunto. O Zack está sentado a uma distância segura, na beirada da cama, forçando Dapper a se mover. O cão olha para ele e, em seguida, rola e volta a dormir. Eu deveria estar envergonhada, mas estamos todos tão sujos e despenteados o tempo todo que não estarei muito diferente no final do dia.

– Tem uma outra coisa pela qual eu queria te agradecer... O meu cunhado... Eu sei que vocês o moveram. Eu não consegui. Não pude tocá-lo, nem olhar para ele – Zack diz, olhando para baixo, para suas mãos. Ele está vestindo jeans desbotados e uma camiseta térmica verde-escura de mangas compridas. – Salvei algumas coisas de lá, antes que os ladrões aparecessem.

– Então, o que aconteceu? – eu digo, calmamente.

– Eles pegaram tudo, e um deles... você sabe. Eu estava tentando te avisar. Eu tenho medo de que eles voltem. Não conseguiram entrar neste apartamento e não me surpreenderia se eles voltassem. Todo mundo está tão desesperado. E fazem coisas terríveis.

– Vamos estar prontos para eles – eu respondo, forçando um sorriso. – Desculpe por te interromper ontem. Eu não quero que os outros saibam sobre o seu cunhado, sobre o que aconteceu com ele. Já foi difícil o bastante trazê-los aqui para cima. Se você visse, teria pensado que estávamos indo dar a volta ao mundo, não apenas subir as escadas. Eu não tenho certeza de como eles reagiriam a algo assim. – Zack não precisava saber que eu não estava muito empolgada com a mudança no começo. Nós estamos falando por generalizações, eufemismos, estou muito nervosa para dizer a palavra “assassinato” na frente dele. Escolho deixar de lado o fato de que, quando Phil interferiu, a mudança aconteceu bem rápido. – Isso ainda não explica o mingau quente de aveia.

– Ah! – ele diz, se animando. As cortinas estão abertas e a luz entra pálida, leitosa. Assim, o quarto fica brilhante, sonolento, confortável e ameno. Os olhos verdes do Zack guardam um vislumbre do amarelo daquela bruma leve e ele sorri. – Eu salvei um *hibachi*, uma grelha japonesa. Não sobraram muitos carvões, mas o suficiente para algumas refeições. Nunca tentei acender apenas com jornais, mas podemos tentar isso.

– Um *hibachi*? O Phil com certeza vai morrer de felicidade. Se não estiver grelhada, ele nem considera comida.

– Tenho que concordar com ele nessa – Zack diz, rindo. – Quer dizer... Bem, certo, tenho que confessar uma coisa. – Seu sorriso se esvai. Não sei o motivo, mas a expressão dele revira meu estômago. Ele suspira devagar, seu peito infla e desinfla como uma bexiga. – Eu era o *sous chef* no L'Etoile, então mingau não é exatamente um desafio.

– Viu? Sabia que tinha um motivo para eu arriscar o meu pescoço por você – eu digo a ele, sorrindo. A sensação no meu estômago desaparece. Da sala de estar, consigo ouvir as primeiras evidências de Holleted acordando. Há alguém arrastando e raspando um abridor de latas na cozinha.

– É fofo – Zack diz.

– O quê?

– O jeito como você se preocupa com eles. Você é a mãezona por aqui, não é?

– Ah, eu... é tão óbvio assim?

– Tem certeza que você não quer contar a eles a respeito dos ladrões? – pergunta. Eu queria comer o mingau, mas era difícil me concentrar com ele examinando o meu rosto. – Não parece certo, sabe, deixá-los no escuro.

– Pode deixar que eu me preocupo com eles. Como você disse, eu sou a mãezona.

– Você não acha que eles têm o *direito* de saber?

É tocante que ele esteja preocupado com pessoas que acabou de conhecer, mas é difícil não brigar com ele. Essa é uma coisa que eu preciso trabalhar – a necessidade de começar uma briga ao primeiro sinal de discordância. Não sei o que me fez ficar tão sensível, talvez fosse a comida tentadora a apenas alguns centímetros de distância, que eu ainda não tinha sido autorizada a tocar. A proximidade com a comida quente deve ter deixado minha mente confusa. Minha memória não está perfeita, mas eu disse algo como:

– Tudo está tão ferrado, Zack. Quem sabe o que pode acontecer amanhã ou depois? Parece que, deixando isso em aberto, deixá-los pensar que há alguma chance de acontecer algo bom... Não posso simplesmente acrescentar uma nova razão para se preocuparem. Não agora. Ainda não.

– Justo – ele diz, segurando as mãos. – Vou deixar você em paz. Se você conseguiu trazê-los até aqui, então você deve saber o que está fazendo.

– Obrigada – eu digo. – Só quero que todo mundo se dê bem. – A aveia está perfeita, cremosa, quente e com uma textura ótima. Não tem gosto de algo que tenha vindo de uma caixa. – Isso – eu digo, segurando uma colher cheia de mingau – provavelmente é sua porta de entrada para o coração e a mente deles.

Leva apenas algumas poucas horas para que Zack comece a se enturmar. Não sei porque eu estava tão preocupada com isso; é como nós vivemos agora. Outro humano, outro ser vivo – você aprende a aceitá-lo como ele for, aprende a gostar dele e a considerá-lo sua família. Não é nem mesmo um processo consciente, mas uma técnica de sobrevivência inevitável. Nenhuma das regras normais de amizade se aplicam aqui – não há aquela zona intermediária, quando você começa lentamente a conhecer alguém. Você está vivendo em um lugar apertado, dormindo, comendo, fazendo tudo no mesmo diminuto apartamento. Então você descobre rápido como encaixar uma pessoa na sua rotina.

Zack ajuda com o jantar e, de alguma maneira, fazemos uma caçarola de uma fritada de salsichas em conserva, feijão e milho enlatado. Agora, ele está auxiliando Holleted a limpar a louça. Eu estou de volta ao meu quarto, sentada na cama, com as cortinas abertas. Posso ver a cidade. Posso ver o que resta dela. À distância, a fumaça perdura no horizonte, edifícios escuros e carbonizandos à medida que queimam lentamente de dentro para fora. Eu me pergunto se tudo ainda vai terminar em chamas, se veremos esse apartamento e a livraria pegar fogo. E eu me pergunto onde a minha mãe está, se está viva, se encontrou um grupo como eu, uma pequena família desfalcada para se apegar.

Eu estive mexendo no rádio. Às vezes, acho que consigo ouvir vozes, uma única voz, zumbindo abaixo da estática. Encontro-a por um instante e depois ela logo some. Quero tanto ouvir alguém lá fora que acho que estou imaginando o fantasma de uma voz.

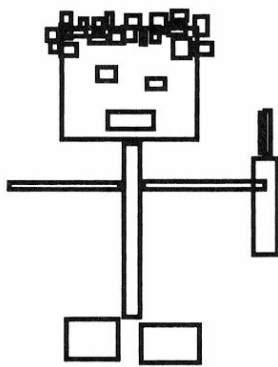
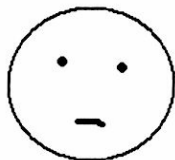
Atualização

1º de outubro de 2009 - aproximadamente 1h30

O suprimento de vinho da sra. Weathers foi encontrado. O Ted e o Zack agora são melhores amigos. Todos nós somos melhores amigos. Não há mais espaço na cama, há corpos espalhados por toda a parte. Dapper insiste em pegar um terço para ele. O cachorro não está bêbado.

Zack pediu – ou melhor, *exigiu* – que eu providenciasse um retrato para vocês. Eu me obrigo. Observe:

(Nota para o leitor: Zack insiste em apontar que o seu cabelo, na verdade, não é feito de macarrão, que tem um pouco de barba e não perebas, e que está se rejubilando com uma garrafa de Chianti, não com um absorvente gigante. Também que seus olhos não estão totalmente fora de sintonia, como mostrado no retrato.)

Mais uma vez. Cubista:

E por fim, a contribuição de Holly:

Ceci n'est pas Zack.

Observem a habilidade artística.

Comentários

Mamãe disse:

1º de outubro de 2009, 2h27

Allison, querida, é você mesma? Pare de se embriagar e responda, por favor. Preciso saber se você está

bem. Sua tia está aqui comigo e com os nossos vizinhos também. Temo que não haja muita comida sobrando e vamos ter que sair em breve. Podemos ir até onde você está? Você acha que é seguro? Graças a Deus você está bem. Eu te amo demais e quero chegar até aí.

> **Allison** disse:
>
> *1º de outubro de 2009, 2h57*
>
> Puta merda, eu sou a pior filha do mundo. Mãe? É você? Como você achou isso? Não importa. Tá todo mundo bem aí? Vocês conseguem pegar as ruas laterais? Acho que vocês deveriam evitar as avenidas, estão lotadas de carros e outras coisas. Não tente nos alcançar a não ser que tenha certeza de que pode fazer isso. Eu te amo também, te amo e vou te escrever de novo.
>
> > **Mamãe** diz:
> >
> > *1º de outubro de 2009, 3h08*
> >
> > É isso. Nós vamos até você. Nos dê três dias. Deve ser mais do que suficiente. Se você não tiver notícias de nós até lá… Então não sei, mas não venha nos procurar, Allison. Eu preciso de você sã e salva. Estarei com você em breve, querida.

Outras vozes, outros lugares

1º de outubro de 2009

– Pu-ta mer-da. Puta merda, puta merda, puta merda!

– Uau. É quase exatamente o que eu disse.

Ao ouvir a notícia, o Ted nos agracia com uma interpretação empolgante da sua dança feliz (é imperdível, acredite, é como se ele deslizasse em volta de um pau de sebo), em êxtase porque minha mãe sabe usar computador e é valentona. Os outros tiveram uma resposta mais comedida, especialmente o Zack. Acho que ele sabe que é difícil lá fora e não quer que eu mantenha minhas expectativas muito altas. Mas elas estão altas e não estão baixando: minha mãe está viva e está vindo até mim. Mas isso não é tudo, isso não é, nem de longe, tudo.

Há vozes que você nunca esquece.

Elas não aparecem sempre, mas, quando aparecem, implantam--se na nossa memória como um pólipo suave, invisível. Você pode não ouvi-la durante anos e anos, mas, quando a ouve novamente, sua mente brilha, se ativa, e a voz se torna tão real como uma pedra quente na palma da mão.

Sua mãe (woot), seu pai, Frank Sinatra, Billie Holiday, Dick Clark, Bono...

Meu pai morreu quando eu era bem pequena. Supostamente, eu não deveria lembrar da sua voz; nem tive a oportunidade de realmente conhecê-lo. Mas eu consigo conjurar o som da sua risada, o jeito como ele soltava um "humm" suave enquanto matutava, como se mergulhasse em memórias. Eu posso ouvi-lo, eu me lembro dele. Ele sempre vai estar comigo.

Havia uma nova voz agora, uma voz que eu conheço e que eu nunca vou esquecer. Podia ser muito bem Deus, Buda ou qualquer outra divindade, perfeita demais para ser percebida...

O rádio está funcionando. *E tem alguém lá fora.*

A luz do Senhor carregará você acima de qualquer mal...

Talvez você estivesse certo, rev. Brown. A despeito de tudo, crentes encontrarão o dedo de Deus, o trabalho d'Ele na menor das coisas. E agora existe uma nova voz para nós nos apegarmos, algo para nos motivar, para usar como um escudo contra as dúvidas do dia a dia, o pessimismo e o medo. Talvez não seja religiosidade, talvez não seja Deus, mas é algo belo e bom para acreditarmos.

91.7 é o número mágico. Encontrei no escuro, em um horário enevoado quando você sabe que a manhã ainda está longe e anseia pelo descanso, mas sabe que não vai voltar a dormir. É aquele tipo de tempo vazio e solitário, quando você precisa de alguma coisa,

qualquer uma, para ocupar a sua mente. Comecei então a mexer no rádio, mantendo o volume bem baixo para não incomodar os outros. Dapper ficou agitado pela desapontadora e constante estática, se contorcendo até chegar a mim através do vale de lençóis irremediavelmente enrugados. Sua cabeça estava descansando em minhas panturrilhas enquanto o pequeno ponteiro ia para cima e para baixo, procurando entre as desoladoras ondas de rádio. Até que, por fim, após uma hora de sintonização inútil pulando entre AM e FM, apontando a antena para diferentes direções, a voz ganhou vida.

– ...até nós, se você conseguir, temos comida, abrigo e remédios limitados. Temos enfermeiras e voluntários prontos para ajudar qualquer ferido. Repito: o campus universitário está aberto. Estamos reunidos no ginásio. Se conseguir chegar até nós, temos comida, abrigo e remédios limitados.

Cheguei mais perto da janela, sem fôlego, eufórica, e coloquei a antena o mais perto do vidro possível. A mensagem se repetiu, dessa vez mais devagar. Pensei que talvez fosse uma gravação, mas, então, como se respondesse aos meus anseios, a voz disse algo mais:

– Não sei quantos de vocês estão ouvindo, ou quantos ainda estão tentando desesperadamente sobreviver, mas quero que saibam: nem toda esperança está perdida. Vocês têm um lugar para ir, um lugar para procurar. Está tarde e vocês estão com medo, sem esperança, mas não se desesperem. Hoje mesmo uma mulher chegou até nós. Ela estava faminta, machucada, assustada, mas conseguiu cruzar dezesseis quilômetros para chegar até aqui. Ela nos ouviu, perseverou, e chegou inteira. O nome dela é Melissa. Ela veio com sua filha de dois meses e contou que a nossa transmissão no rádio a inspirou a continuar. E então, em homenagem à Melissa e à sua coragem, escolhi ler uma passagem do seu livro favorito esta noite. Portanto, queridos ouvintes, fechem os olhos, deixem que suas preocupações desapareçam e escutem.

Não conseguia acreditar. Devia estar alucinando, só podia ser. Não era possível. Tinha recebido notícias da minha mãe e confirmado que havia outras pessoas por aí – perto daqui – em menos de 24 horas. A universidade está a apenas dez quarteirões de distância, uma caminhada de dez a quinze minutos em um ritmo calmo. Mas sair, arriscar... Dez quadras seria muito perigoso, um caminho cheio de mortos-vivos. A universidade está no centro da cidade, um lugar populoso. Pode estar absolutamente cheio dessas coisas...

Nossa, mamãe, fique a salvo.

Ela já deve ter saído e não vai poder ler isso, mas não consigo parar de pensar nela andando por aí, tentando desesperadamente chegar até aqui.

Haverá tempo para se preocupar com isso nos próximos dias, discussões para começar, argumentos para aturar. Mas, agora, quero parar de me preocupar, de ficar ansiosa, e apenas seguir instruções. E assim fiz, como a voz disse. Me apoiei de volta no travesseiro,

coloquei a mão sobre a cabeça de Dapper, fechei os olhos, fiz uma oração pela segurança da minha mãe e escutei.

"Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos, a era da sabedoria, a era da ignorância, a época da crença, a época da incredulidade, a temporada da luz, a temporada das trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tivemos tudo antes de nós; não tivemos nada antes de nós, estávamos todos indo para o céu, estávamos todos indo para o outro lado..."

Aí estão vozes que você nunca vai ser capaz de esquecer.

Durmam bem, Isaac, Brooklyn Girl, reverendo, mamãe. Há vozes na escuridão, doces bastiões de uma possibilidade radiante, e elas oferecem a chance para cada um de nós sobreviver.

Comentários

Isaac disse:

1º de outubro de 2009, 22h08

Parabéns por encontrar a sua mãe, Allison. Seria bom se todos nós pudéssemos ter essa sorte. Estou torcendo pelo sucesso da jornada dela.

> **Brooklyn Girl** disse:
>
> *1º de outubro de 2009, 22h34*
>
> Acrescente os meus votos de sucesso! Nos avise no instante em que ela chegar aí.
>
> > **Allison** disse:
> >
> > *1º de outubro de 2009, 22h48*
> >
> > Obrigada pelo apoio, pessoal. Tenho certeza de que, onde quer que ela esteja, ela ficaria feliz!

Paraíso perdido

3 de outubro de 2009

– Quem diabos precisa de todos esses enfeites de Natal? Será que ela tem uma árvore diferente para cada um dos Natais que já passou na vida? Isso tem que ser um sinal de instabilidade mental, certo? Quero dizer, é mais que compulsivo – eu digo, segurando uma das zilhões de bolas de Natal. – Além de brega.

– Elas são hediondas – Holly confirma, estremecendo.

– Você acha que podemos usá-las de alguma forma? Transformá--las em bombas? Você não consegue ver essas coisas voando pelas janelas, acabando com uma legião dessas aberrações?

– Vale a tentativa – ela diz.

Hoje nós continuamos a tarefa de organizar todas as coisas da sra. Weathers e encontrar algum lugar para guardá-las. Ela realmente tinha um monte de lixo, que ocupava a maior parte dos seus armários e grande parte do corredor. A maioria das coisas que ela tinha guardado e embalado era de tranqueiras sentimentais. Nada está etiquetado, então Holly se ofereceu para me ajudar a vasculhar as caixas e ver o que poderia ser útil e o que poderia ser deixado para depois.

É difícil se concentrar. Ainda não há sinais da minha mãe e eu estou pegando canetinhas de colorir que, sem dúvida, eram dos netos da sra. Weathers e tendo dificuldade em me lembrar de qual caixa eu as tinha tirado. Ainda não tinha contado para ninguém a respeito do rádio. Sei que parece egoísmo, mas há uma razão para a omissão.

Holly está arrulhando sobre algo que encontrou. É uma velha fotografia, apagada, alaranjada e coberta de manchas de pingos d’água. A moldura ainda está em boas condições, e na foto estão a sra. Weathers e talvez seu marido ou um antigo namorado. Ele vestia um uniforme de marinheiro, um clichê, e ambos pareciam positivamente despreocupados. Tiro aquilo da Holly antes que ela fique muito apegada.

– Sei que é difícil jogar fora todas essas coisas – eu digo a ela, enterrando a fotografia no fundo da caixa. – Sei que parece errado, como se nós estivéssemos roubando isso dela ou algo assim. Eu espero que ela entenda. Todos nós ainda somos bem jovens, não merecemos ficar lutando para conseguir viver.

– Você está certa – Holly diz, com tranquilidade. Seu cabelo ruivo agora curto fica indo para todas as direções. É realmente muito cativante.

– Aqui – digo a ela, empurrando outra caixa –, tente essa aqui. Vamos torcer para que sejam mais cupons vencidos.

Não consigo saber se Holly percebeu que eu estou distraída, ou se ela também está

distraída por outra coisa. Quero dizer, ela sabe que eu estou preocupada com a minha mãe, mas ainda não tem nenhuma consciência do rádio. Há um problema terrível e doloroso corroendo meu estômago, e não é fome. Abro outra caixa: velas e aromatizadores de ar. Nada mal. Continuo pensando em investigar a sala de manutenção lá em baixo, e um bom suprimento de velas é um lembrete. Talvez eu possa realmente fazer algo produtivo se a voz que fica martelando na minha cabeça se cale e vá embora.

Você tem um lugar para onde ir, um lugar para procurar.

Eu deveria apenas contar para ela. Deveria contar para todo mundo. Algo está diante de mim, uma questão. É aquela palavra, “procurar”. E se eu não quiser procurar? E se eu estiver cansada de procurar? Mesmo se nós chegarmos à universidade, daí o quê? Será que ficaremos lá para sempre, ou haverá outro destino depois, e então outro e mais outro? Encontramos algo muito bom aqui. Não é perfeito, não é glamoroso, mas parece manejável, sustentável. Phil, Janette e Matt já entraram no velho modo de vida: eles nos ignoram e nós os ignoramos. Talvez esse sintoma por si só já seja uma prova de que descobrimos uma semelhança com a normalidade. Por que arriscar? Mesmo que esteja a apenas dez quarteirões de distância, por que nos desenraizar novamente apenas para viver em um ginásio lotado, com um novo grupo de estranhos? Mas, se eu não contar a eles, é como uma mentira, como mais uma traição.

– Allison?

– Hum? Sim?

– Tá tudo bem? Você está olhando para esse aromatizador já tem uns cinco minutos.

Merda.

– Ah, sim... eu estou bem. Desculpe, estou apenas perdida nos meus pensamentos, só isso.

– É a sua mãe? Você quer compartilhar?

Com certeza, penso, olhando para o rosto curioso da Holly, por que não? Não que ela seja estúpida, só que acredita muito, muito mesmo, nas pessoas. Não consigo imaginar que ela cutucaria as minhas verdadeiras motivações.

– Holly – eu começo, limpando a garganta –, você gosta daqui? Quero dizer, se você pudesse escolher entre ficar aqui ou ir para outro lugar, você iria?

Ela muda da posição de pernas cruzadas em que estava para uma nova, com ambas as pernas tortas para o mesmo lado. O globo de neve em miniatura em suas mãos começa a ir para cima e para baixo, jogado de uma mão para a outra enquanto ela estica um pouco a língua e pondera sobre a pergunta. Pelo menos, não tem uma resposta pronta. Talvez minhas hesitações não fossem tão estranhas, afinal.

– Acho que depende – ela disse, finalmente, dando de ombros.

– Do quê?
– De onde é esse lugar.
– Sim, bem pensado.
– Por que você está perguntando?
– Não sei, acho que só por curiosidade. Esse lugar não é tão ruim, certo? Nós meio que criamos um ninho, não acha? – Ela desvia o olhar quando eu faço a pergunta, colocando a palma da sua mão como um molde em cima do globo de neve, pressionando-o até que quase quebre em suas mãos. – Holly?
– Aqui é bom. Eu… gosto daqui.
Com isso, ela se volta novamente para as caixas e a conversa está encerrada. Eu a observo enquanto se ajoelha para pegar um pacote grande e fechado. Ela o agarra pelas abas, mas ele é muito pesado e cai de seus braços, pousando obliquamente. Uma cascata tilintante de ornamentos de Natal desce sobre os nossos pés, vermelha, verde e dourada, cheirando a pó e pinha. Uma das bolas verdes se quebra no meio, e jaz aberta como um ovo.
Começo a limpar tudo e, sem nenhum aviso, Holly está em lágrimas. Ela cobre o rosto com as duas mãos e soluça com força, com todo o seu corpo tremendo pelo esforço de se recompor. Toco suavemente o seu joelho, me perguntando se a conversa foi muito, se foi longe demais.
– Ei, tá tudo bem. Só uma quebrou, vamos limpar tudo, não se preocupe.
– Não é… n-não é isso! – ela diz, forçando as palavras hesitantes entre os soluços.
– Nossa, ei, não se preocupe. O que está acontecendo?
Varro o vidro quebrado para o lado e me aproximo dela, esperando que o que ela estava procurando era a presença humana e um ombro para chorar. Holly esconde o rosto por um momento antes de seus dedos lentamente começarem a limpar as bochechas.
– É o Ted – ela fala, tropeçando no nome dele. Meu primeiro pensamento é que ele tinha terminado com ela, e o segundo é que eu ia quebrar a cara dele. – Ele… ele me pediu em casamento. Me pediu para casar com ele.
– Isso é ótimo! – eu grito, talvez um pouco entusiasmada demais. Holly me encara de volta, mistificada.
– É mesmo?
– Quero dizer… sim, não é? Pensei que vocês dois eram… você sabe, para a vida toda.
– Não é nada disso. Eu o amo, de verdade, mas não gosto da ideia… Parece que ele só está fazendo isso por causa dessa situação, sabe, de tudo que está acontecendo – ela diz. As lágrimas pararam, descendo mais lentamente pelas suas maçãs do rosto. Ela funga, limpando o nariz com as costas da mão pálida. – Então eu perguntei a ele se ele estaria

me perguntando isso se nós não estivéssemos presos aqui. E ele disse que não!

Sabia que o Ted não era nenhum Casanova, mas isso não tinha desculpa.

– Bem, tenho certeza que ele quer dizer... que sendo as circunstâncias como são, as coisas são incertas. Sei que ele acabaria te pedindo em casamento um dia, então qual é a diferença se pediu agora?

– Não sei. Entende? Simplesmente não sei! Eu deveria estar feliz, parte de mim está. Eu pensei que ele nunca juntaria coragem. Ele era tão tímido quando nos conhecemos, e eu sei que os pais dele nunca aprovariam a nossa relação, mas é só isso! Significa que ele não acha que vai ver os pais de novo. Acho que ele desistiu.

– Não – digo a ela com firmeza, apertando seu joelho. Sou sincera. – Isso não é verdade. Ele não teria pedido para casar com você se já tivesse desistido. Ted tem esperança para vocês dois, de uma vida juntos. Não é um insulto, Holly. Eu apenas queria que você soubesse como você é sortuda.

Ela coloca sua mão quente sobre a minha e acena com a cabeça, um sorriso despontando nos lábios, enquanto as lágrimas terminam de correr para fora de seu queixo. Com cuidado, ela levanta um pedaço irregular do ornamento quebrado e o vira, deixando-o refletir a luz e ganhar vida com o brilho.

– Não conta para ele, por favor. Que eu estava brava – ela me pede, derrubando um pedaço de vidro. Não consigo parar de olhar para a coisa.

– Não, claro que não – eu digo, rindo. – Vai ser o nosso segredo.

Tive uma visita logo antes de ir para a cama. Zack veio bater um papo. Eu não o vi muito hoje, nem ele nem o Ted. Enquanto Holly e eu trabalhávamos nas coisas da sra. Weathers, Zack e Ted se ofereceram para vasculhar os outros apartamentos mais minuciosamente em busca de itens úteis, e checar duas vezes lugares ocultos e esconderijos. O frio se infiltrava pelas janelas; Zack vinha envolto em um cobertor de malha robusto.

– Ocupada? – ele pergunta, acenando em direção ao laptop sobre os meus joelhos. Dapper rola um pouco para a frente, prevendo que ele seria solicitado a se mover.

– Não muito – respondo, baixando o monitor. – O que foi?

– Tá tudo bem com o Ted? Ele parecia estranho hoje.

– Estranho como?

– Não sei dizer... Agitado... Irritadiço – ele diz, sentando-se ao pé da cama. – Sei que ele não é meu maior fã, mas foi estranho.

– Tenho certeza que ele não tem nada contra você – eu digo. – É apenas estresse. Acho que ele e a Holly estão com problemas. Melhor deixar pra lá.

– Ah – ele diz. – Entendi... Problemas no paraíso.

– Então você chama isso de paraíso?

Ele olha para mim, apertando os olhos como se eu estivesse a quilômetros de distância. Tento desesperadamente manter minha expressão neutra, evitar que minhas bochechas queimem em um vermelho brilhante. Conseguir me esquivar de uma pergunta sorrateira dele seria difícil, muito mais difícil do que com Holly.

– O que está rolando? – ele me pergunta, chegando mais perto.

Bem, aí vai.

– Ouvi alguém no rádio ontem à noite – conto. Seus olhos se arregalam. – Era um homem na universidade. Eles criaram uma espécie de operação de socorro lá. Ele também leu para que eu pudesse dormir.

– Sério? – Zack responde, arqueando uma sobrancelha com um sorrisinho.

– Não desse jeito. Foi... agradável, mas estranho, sabe? Ouvir alguém lá fora, alguém com algum tipo de autoridade. Disse que eles tinham comida e abrigo.

– É um policial?

– Acredito que não, não disse nada que desse a entender isso – respondo. Ele desvia o olhar em direção às suas unhas. – Então?

– O quê?

– O que você acha que devemos fazer?

– Não é ruim aqui.

– É o mesmo que eu estava pensando. A última coisa que eu quero é estar no meio de uma centena de jovens universitários suados, ou dos meus próprios malditos professores – eu digo, balançando a cabeça. – Mas podemos ficar sem comida, especialmente se minha a mãe estiver chegando e trazendo pessoas, ou com frio... Só acho que vale a pena discutir.

– Olha – ele diz, pegando a minha mão –, comida pode ser encontrada. O que nós temos aqui... é como um lar, um lugar só nosso. Se formos para a universidade, não sabemos o que vamos encontrar. Pode parecer bom agora, mas vai ser mais difícil sair, uma vez que estivermos lá.

– Eu sei, mas não sou boa em guardar segredos. Acho que eu deveria contar para os outros.

– Faça isso – ele diz, acenando vigorosamente a cabeça, fazendo seus cachos saltitarem. – Mas eu garanto que eles vão dizer a mesma coisa.

– Obrigada por me ouvir.

– Se importa se eu ficar? Poderia curtir uma história para dormir.

Ligamos o rádio e apagamos a vela. A voz está lá, o estranho. Nos deitamos perfeitamente parados no escuro, ambos de costas, escutando Dapper respirar e a voz baixa e ritmada que vem do rádio. Eu não consigo deixar de pensar no milagre de tais coisas, de tecnologias com as quais eu nunca tinha me preocupado ou nunca tinha considerado antes. Era como se uma pessoa completamente nova estivesse lá conosco, um homem que eu nunca encontrei antes, mas com quem eu me familiarizaria com o tempo. Estava lá, lendo, sua voz se separando em um milhão de pontos de luz, carregando uma história, palavras, calor. Deitamos bem quietos e, ainda assim, eu sinto a respiração saindo dos meus pulmões, indo até o rádio, viajando através do alto-falante, pelas ondas invisíveis para visitar o estranho com a voz hipnotizante.

A voz lê um trecho de *O despertar*, e não posso evitar pensar na minha mãe. Queria que ela estivesse aqui para me acalmar. Seria muito mais fácil relaxar e apenas curtir o rádio se eu soubesse que ela ainda está viva, se soubesse que ela chegaria aqui para ler para mim da maneira como ela costumava fazer. Ela está lá fora, sei que sim. Só torço para que a urgência dos meus pensamentos positivos seja o bastante para que ela consiga se salvar.

Comentários

Isaac disse:
3 de outubro de 2009, 21h08
Ainda nenhuma notícia da sua mãe?

> **Allison** disse:
> *3 de outubro de 2009, 21h29*
> Nada ainda. Estou tentando não entrar em pânico, mas não deveria demorar tanto. Em um dia normal, da casa dela até aqui levaria cerca de 45 minutos. Acho que a distância não tem mais muito significado.

>> **Brooklyn Girl** disse:
>> *3 de outubro de 2009, 22h09*
>> Ei, se nós ainda estamos aguentando, ela com certeza vai conseguir. Não perca as esperanças, Allison.

Razão e sensibilidade

4 de outubro de 2009

– Alguma coisa?

– Nada. Nem um piu. Tem alguns Vagantes circulando lá fora, mas nenhum sinal dela.

Ted coloca uma mão sobre o meu ombro e o aperta. Eu não sei o que fazer. Se eu chorar, é como aceitar que ela não vai chegar. Eu não vou chorar, não mesmo. Preciso me focar, focar e liderar.

Assim sendo, a reunião prossegue como eu esperava.

Ninguém está muito animado com a ideia de sair dos apartamentos no momento. Phil levanta a possibilidade de encontrar familiares perdidos entre as pessoas reunidas na universidade. Janette acha a ideia dele promissora e excitante. Matt aponta que uma mãe sozinha carregando uma criança e viajando quinze quilômetros por um caminho perigoso era uma anomalia, e não algo a ser esperado. Essa, claro, é sua forma de dizer que era bem improvável que a esposa gordinha e bem-intencionada do Phil (ou seus dois filhos) tivesse conseguido percorrer os mais de dezesseis quilômetros entre o carro deles e a universidade. Phil faz um pouco de birra, porém algo me diz que ele acha que Matt está certo.

Ted, que passou a maior parte da reunião me encarando do canto da sala de estar com os óculos um pouco tortos para a direita, me encurrala quando os outros saem para jantar. Ficamos sozinhos lá, com a a mesa de centro entre nós. Posso ver ele se armando para uma briga, mas hesitando para começar.

– Tudo bem – digo. – Pode falar. Vá em frente. Sei o que você está pensando.

Ted se recusa a falar, com os lábios tão contraídos que parecem uma estrela do mar toda dobrada e sufocada. Posso ver os pensamentos oscilando em seus olhos, as decisões, a cuidadosa ponderação das opções. Ele empurra os óculos contra o nariz e joga o cabelo como um garanhão impaciente.

– Não quero brigar – ele diz.

– Quer sim, não tem problema. Apenas comece antes que eu fique com muita fome.

– Certo – ele bufa. – Por que você não me disse? Pensei que nós tínhamos… Eu sei que você está nervosa por causa da sua mãe, mas achei que tínhamos um acordo, sabe? Nós discutimos as coisas e, depois, levamos para o grupo. O que aconteceu com isso?

Eu meio que sabia que isso ia acontecer, mas saber não torna as coisas menos desagradáveis.

– Essa não é uma decisão que eu posso tomar, ou que nós pode-mos, entende? É uma decisão do grupo, todo mundo está envolvido.

– Todo mundo? – ele diz, baixando a voz, em um tom sério. Quando ele começa a ficar com raiva, seu sotaque torna-se mais carregado e seus ombros se abrem como se ele estivesse se preparando para uma briga. Não acho que ele vai explodir, mas parece um javali arrastando os pés, enrolado, tenso, uma bola de fogo fervilhando em frente a uma pintura de Thomas Kinkade emoldurada em ouro.

– Certo. Todo mundo. E isso significa você e Zack, não é?

Não sabia que *isso* ia acontecer, mas pensei que talvez acontecesse. Cruzo os braços, inflando o peito para imitar a postura ridícula de dominante dele. Eu continuo insistindo em silêncio que não há drama nenhum ali. Digo para mim que é só uma disputa de poder, e não o Ted sendo um moleque chorão e ciumento.

– O Zack sabia? – ele pergunta, indo direto ao ponto.

– Sim, acho que sim. Mas, olha só, em minha defesa, ele arrancou a informação de mim.

– Então é assim que se diz hoje em dia?

– Sabe aquela coisa "Te machuco porque te amo"? Bem, isso não se aplica aqui.

– Esse também é um dos seus jogos pervertidos?

– Olha aqui, seu cuzão – murmuro, dando um grande passo na direção dele. – Eu vou te dar outro tapa, se precisar. Não faça isso ser tão atraente.

Eu posso sentir a coisa surgindo, aquela fúria de titãs: o meu temperamento fervendo com raiva, morrendo de vontade de rasgar a minha garganta e sair. Ainda não sei de onde vem isso. O melhor palpite? A maldita atitude do Ted e o fato de a minha mãe, a mulher mais incrível do mundo, estar perdida e talvez, só talvez, morta.

– Foda-se – digo, murchando. – Isso é uma perda de tempo.

– Com certeza.

– Você acha que temos que partir? Quer dizer, quando a minha mãe chegar, acha que devemos ir embora?

Ted leva um momento para responder. Enquanto isso, ambos sentamos no grande sofá do lugar. Ele está cheio de cobertores de malha feitos à mão, tantos que o sofá mesmo é quase invisível embaixo de todos eles. Tudo no lugar cheira a canela. Misturado com um odor adocicado e outro de fezes, o cheiro que parece que carregamos para onde quer que vamos. Não conseguimos nos livrar disso, não importa o quão cuidadosos somos ao limpar os banheiros, sempre fica um pouco desse fedor.

Ted descansa o tornozelo magro sobre o joelho e mantém as mãos no fundo dos bolsos. Me sinto tentada a interromper o silêncio com um pouco de emoção a respeito da Holly, mas fico com a boca fechada. Acho que gosto da nova cumplicidade da Holly, o jeito como ela olha para mim como se fôssemos gêmeas separadas no nascimento. Eu não posso ler a mente dela, mas posso dar um palpite bastante preciso.

– Meus instintos dizem que sim – Ted finalmente responde. – Mas seria uma grande mudança. Quem sabe se vai ser muito melhor? Ainda assim, ver pessoas novas, pessoas pra caralho…

– Eu sei. Também penso nisso.

– Pode ser uma casa dos horrores – Ted diz, com um sorriso torto. Seu pé balança ritmado no ar. – E anti-higiênico, com todas aquelas pessoas juntas.

– Eu acho que devemos ficar – digo a ele. A tensão se dissolve, voltando à velha amizade que existia antes. Se não fosse pelo rádio e por Zack, nossa discussão nem teria existido.

– Sério?

– Sério. Qual é o sentido? Procurar e procurar sem nunca ficar feliz com nada… Quando tudo vai terminar? Fico exausta só de pensar nisso. Buda ensinou que o desejo nunca aprende, nunca acorda da sua própria tolice, e nos impele eternamente, e pra quê?

– Hum, bem… Confúcio diz: “Garotas brancas que sentam na beirada entendem tudo”.

– Certo, nunca cite Buda para um chinês, tinha esquecido.

– Mentirosa.

– Infiel.

– Branquela.

– *Oriental*.

– Porra! Isso machuca!

– Se você acha que devemos ir, então eu vou pensar; se não, então acho que o caso está encerrado – digo, deixando as piadas de lado por um momento. Ted olha para mim. Ele realmente precisa de um corte de cabelo.

– Não consigo parar de pensar nos filhos do Phil, e na Janette… e, sabe, por favor, não me bata… talvez sua mãe. Se ela não chegar até aqui, há uma chance de ela ter ido para a universidade.

– Estou tentando superar isso. Não quero me apegar à esperança por tanto tempo. Ela disse que três dias deveriam ser o suficiente, mas… Devemos dar a ela mais tempo – digo, forçando um sorriso. – Afinal, mulher que peida na igreja senta em seu próprio banco.

– Isso sequer faz sentido. O que há de errado com você?

Eu me estico e dou uma pancadinha no ombro dele. Melhor que um tapa. Isso fez ele cair para trás, grunhindo teatralmente e agarrando o braço. Do lado de fora, através das cortinas e do vidro da janela, posso ouvir os mortos-vivos fazendo a sua lenta e determinada marcha pela rua. Sei para qual direção estão indo. Oeste. Para o campus. Será que eles podem sentir os corpos lá, o banquete que os espera…? Talvez eles estejam se juntando à nossa porta, vindo atrás de nós.

Ou talvez tenham encontrado minha mãe e o destino dela já está selado.

Vamos ficar. Por enquanto, vamos ficar aqui, seguros, incertos, encolhidos para nos esquentarmos.

Amanhã é o aniversário do Phil. Holly e eu vamos tentar fazer um bolo, de algum jeito. Zack perguntou se ele pode ouvir o rádio comigo de novo. Não consigo pensar numa boa razão para recusar.

Comentários

Brooklyn Girl disse:
4 de outubro de 2009, 20h36
Perdemos um dos nossos hoje, um primo. Não pude matá-lo, então o prendemos do lado de fora. E ele está arranhando a porta para tentar entrar, para… Não importa. Não é mais ele.

> **Allison** disse:
> *4 de outubro de 2009, 20h55*
> Minhas condolências, isso é o pior. Você não pode mais ajudá-lo, mas isso não facilita nada. Seus suprimentos estão durando? A quitanda faz entregas?
>
>> **Brooklyn Girl** disse:
>> *4 de outubro de 2009, 21h10*
>> Estamos bem, especialmente agora que temos uma boca a menos para alimentar. Estou preocupada porque não verificamos as escadas do apartamento muito bem. Vamos resolver isso amanhã. Espero que até lá o Gary pare de tentar voltar.
>>
>>> **Isaac** disse:
>>> *4 de outubro de 2009, 22h23*
>>> Acabe com o sofrimento do Gary. Ele não pode te agradecer, mas agradeceria se pudesse.

Isaac disse:
6 de outubro de 2009, 19h26
Allison? Tá tudo bem?

Brooklyn Girl disse:
6 de outubro de 2009, 22h23
Merda. Perder o Gary já foi ruim o bastante. Por favor, diz pra gente que vocês estão aguentando firme!

O mundo se despedaça

6 de outubro de 2009

Me desculpem, pessoal. Esse meu longo silêncio não foi intencional. Mas, quando a merda bate no ventilador, eu não consigo correr e fazer uma postagem nova. É difícil ser coerente quando você está cortando um zumbi com uma mão e digitando com a outra. Então vou tentar atualizá-los. Por favor, perdoem quaisquer omissões ou confusões; minha mente ainda está se recuperando.

– Algum sinal dela? – Ted perguntou. Isso foi ontem.

– Nossa, não, beleza? Você não acha que quando eu souber dela, eu vou falar alguma coisa?

– Desculpe. Eu só pensei… sei lá.

– Ela vai conseguir. Ela precisa. Talvez eu tenha zicado tudo. Tenho que parar de olhar para a rua.

Eu gosto da preocupação do Ted, mas está ficando exaustivo. Sei que, em breve, talvez eu tenha que enfrentar a possibilidade de a minha mãe ter partido, de nunca mais vê-la. Não estou pronta para isso. Sei que a minha mãe é guerreira e, se eu sou o tesouro no final do arco-íris, ela não vai desistir sem brigar. Ela não ia querer que eu mergulhasse em pensamentos sobre a morte, não quando resta tão pouca vida por aí.

E não é que eu seja mórbida, sério, só tenho uma perspectiva saudável sobre a morte. Mesmo quando eu era criança, não via nisso um grande problema. Eu enfrentei a morte desde cedo. Meu pai e meu irmão mais velho morreram em um acidente de carro quando eu tinha apenas três anos e meio. Foi aí que aprendi que a frase "Eles não sofreram" tinha algum significado, mas "Eles foram para um lugar melhor" não tinha. Eu nunca, nem por um momento, mesmo bem jovem, acreditei que aonde quer que eles tivessem ido fosse melhor do que estar vivo e com a gente. Era insultante que as pessoas pudessem dizer isso, que estranhos, mesmo os bem-intencionados, pudessem sorrir, passar a mão na minha cabeça e dizer que meu pai e meu irmão preferiam estar mortos a viver com a minha mãe e comigo.

E, assim, eu aprendi uma lição importante: as coisas eram e, em seguida, simplesmente deixavam de ser. Eu não concordava com a opinião popular de que a morte era algo que se

pudesse moldar e mudar de forma. Mas já reverti esse posicionamento. Não acho mais que é algo o.k., que não tenho que me preocupar.

Perdemos um dos nossos, um com certeza, e talvez mais.

Holly e eu começamos a trabalhar cedo no bolo de aniversário do Phil. Não tínhamos certeza de quantas tentativas seriam necessárias, então decidimos que seria melhor deixar toda a manhã e a tarde para isso. Nunca tente fazer um bolo em um *hibachi*. Apenas não tente. De qualquer forma, nós tentamos. Bater a massa foi fácil, já que a sra. Weathers parecia ser uma cozinheira proficiente. Farinha, açúcar, sal, fermento, óleo vegetal... Tudo isso foi fácil de achar. Ovos e leite foram mais difíceis, mas eles apareceram miraculosamente no meio da manhã.

Zack entrou esbaforido na cozinha, com os braços cheios de latas de leite e uma cartela de ovos.

– Onde diabos você encontrou isso? – eu perguntei, observando-o colocar com cuidado o leite e os ovos sobre o balcão da cozinha. Ele coçou a nuca com a manga da camisa. Lembro bem que ele estava suando, apesar do frio intenso que persistia por toda parte: do lado de fora, de dentro, em nossos ossos. Seus olhos verdes brilharam com malícia quando ele acenou vagamente em direção à janela.

– Lá fora.

– *Lá fora*? Você está me dizendo que saiu pra pegar essas porcarias para um bolo de aniversário? Você tá louco?

– Vocês precisavam, certo? Não dá pra fazer um bolo sem ovos e leite.

– Bem... *sim*, mas... Nossa Senhora...

– Ora, vamos – ele disse, tocando o meu ombro –, não seja assim. Eu estou bem, está vendo? – Ele se virou em uma pirueta um pouco insolente, o cobertor de malha enrolado nos ombros como se fosse uma capa. Holly o encarava com os olhos arregalados, e eu não podia culpá-la. Ir lá fora, sozinho, entre os mortos-vivos... Mas se o Zack podia sair e voltar, então a minha mãe poderia também.

– Tem certeza de que você está bem? Não foi arranhado? Mordido?

– Eu estou bem – ele repetiu, o sorriso sumindo. – Um agradecimento seria ótimo.

– Obrigada – eu soltei, balançando a cabeça pela façanha dele. – Mas não faça isso de novo.

Ele se inclinou e me deu um beijo na bochecha. Sua barba me arranhou e me fez ficar toda gelada. Holly se aproximou; não notei até que ela estivesse praticamente respirando no meu pescoço. Zack desapareceu pelo *hall* e nós ficamos lá, fazendo esforço para respirar, para falar algo. Eu ainda não consigo imaginá-lo correndo entre os carros virados, os postes caídos, as caixas de correio quebradas... Parece absurdo, impossível, e

tudo isso por um bolo.

Acho que foi nesse momento que senti a primeira premonição de perigo.

– Tem alguma tigela limpa sobrando? – perguntei à Holly, virando as costas para o *hall*. Não queria que ela visse como eu estava abalada, mas já era tarde demais.

– Podemos fazer uma pausa – ela me disse com gentileza, fazendo um carinho nas minhas costas.

– De jeito nenhum. A terceira vez é a boa, certo? – eu disse, tentando melhorar o clima. Jogamos fora um dos nossos experimentos que não deram certo e medimos o açúcar, a farinha e o sal mais uma vez. Eu podia ver as mãos dela tremendo enquanto ela quebrava dois ovos e jogava alguns copos de leite em uma tigela. Fiz uma cobertura com leite, polvilhei açúcar e coloquei perto da janela, para descansar. Eu podia ouvir o som do rádio vindo do quarto. Ted o manteve ligado toda a manhã, fascinado e obcecado. Eles tinham passado a tocar músicas de maneira intermitente, a maioria canções antigas, animadas e inofensivas. Ninguém precisava ouvir The Cure agora.

Phil, Matt e Janette estavam jogando cartas no cômodo ao lado. Eu podia ouvi-los através da parede, rindo, gritando, jogando as cartas ruins sobre a mesa de centro. Na minha memória, o som é confuso e fraco, como uma televisão funcionando em uma sala distante. Todo mundo estava dedicado a manter o moral do Phil elevado, distraindo-o do fato de que ele estava passando seu aniversário em um apartamento invadido e pilhado, comendo um bolo feito em um *hibachi*. À distância, eu podia ouvir os Everly Brothers cantarolando sobre sonhos. Holly e eu abrimos as cortinas da cozinha e da sala de estar para deixar entrar um pouco da luz leitosa que se projetava por entre as nuvens. Havia uma ameaça de chuva nessas nuvens, um peso escuro lançando longas sombras na rua.

– Ei, devo usar todo o pacote de chocolate?

– Hum? Sim, manda ver – eu disse, voltando-me para ver Holly segurando o pacote sobre a tigela. – Mas economize as nozes. – Ted passou toda a manhã organizando a comida e o material culinário, colocando as coisas com cuidado em fileiras organizadas, arrumando tudo em caixas etiquetadas de maneira que nós pudéssemos encontrar facilmente milho, feijões e frutas sem ter que vasculhar a despensa. Holly e eu nos esquivávamos das caixas conforme nos movíamos pela cozinha. Dapper fez de si um incômodo, como habitual, trançando nossas pernas enquanto tentávamos cozinhar.

Zack se juntou a nós para assar o bolo. Derramamos a massa em uma panela funda e acendemos uma metade da grelha, cobrindo o bolo com papel alumínio e deixando-o do lado apagado da grelha. A teoria de Zack era que o calor seria o bastante para assar a massa sem queimar o açúcar, e o papel alumínio evitaria o sabor defumado. Na hora seguinte, nos revezamos para checá-lo, cutucando o topo com um garfo. Apesar dos

nossos esforços, a porcaria defumou toda a sala de estar e ficamos dentro de uma névoa de baunilha queimada. No apartamento ao lado, eles podiam sentir o cheiro, então fizeram uma tentativa idiota de evitá-lo colocando jornal sobre o buraco.

Não tínhamos velas de aniversário para o bolo, então colocamos a cobertura e fizemos um círculo de velas comuns ao redor da panela. Estava um pouco escuro no topo, mas o meio estava bom. Janette e Matt trouxeram o Phil e cantamos "Parabéns" nos amontoando perto das velas para nos aquecermos. O quarto estava mais frio do que o normal, e foi quando notei que a janela da cozinha estava aberta. Alguém devia tê-la aberto para arejar a fumaça.

Enquanto cantávamos, percebi que a Holly estava prestes a chorar. Essa parte está bem forte na minha memória. Eu me emocionei também, mas consegui me segurar, sentindo muito frio e um súbito medo, que me impedia de encontrar os meus sentimentos. Phil apertou as mãos contra o peito, ele tinha trocado sua manchada camisa polo por uma blusa grande, fechada com zíper. Todos nós estávamos enrolados em cobertores, como um grupo desigual de sacerdotes druidas levando o nosso triste ritual arcano, cantando e tremendo de frio à luz das velas.

Phil pegou o primeiro pedaço. Matt, com sua cara caída de bassê se animando, gritou:

– Discurso, discurso!

Ainda bem que Phil o ignorou. Ele não precisava falar nada a respeito do bolo, a respeito de sentimentos. Todos nós podíamos entender a sua gratidão com base no seu sorriso grande e bobo. Eu queria que ele tivesse se barbeado, pois estava começando a parecer um homem das cavernas. Ninguém tinha nada para presenteá-lo, mas começamos um novo jogo de cartas. Peguei um pouco do chocolate que estava sobre um pedaço de bolo e o dei a Dapper, que comeu tudo em uma só bocada. Zack, Holly e eu saímos do jogo. Zack ficou me encarando até eu notar. Não sabia por que estava me observando, por que seus olhos eram tão intensos, tão persistentes.

O bolo tinha sido detonado e o primeiro jogo de pôquer tinha acabado quando aconteceu.

Na verdade, não vi a maior parte, só vi uma imagem embaçada, um grito, pratos se quebrando. Quando ouvi a Holly gritando, primeiro pensei que ela tivesse se queimado na

grelha, mas, quando cheguei para ajudá-la, tinha algo enrolado no seu pescoço, algo marrom e sarnento, como um cachecol podre. Dapper tentou ir em direção à coisa, mas eu o segurei pela coleira e o puxei para trás. Se ele tivesse mordido essa coisa, teria virado história também.

Mas não era uma doninha ou uma raposa, era um esquilo que, ao se soltar da Holly, deixou uma trilha de sangue. Sem pensar, o machado estava na minha mão e eu já estava perseguindo o bicho, encurralando-o entre o sofá e o armário. Não era um ser vivo, não era normal. Eu podia ver o crânio molhado brilhante através da pele rasgada de sua cabeça; ambas as orelhas estavam faltando, mastigadas. O machado cortou-o ao meio, separando-o em dois. Cortei fora a cabeça também, só para ter certeza.

Muita emoção e muitas distrações. Eu nem notei que a janela ainda estava um pouco aberta.

Eu esperava encontrar mais falatório, gritaria, mas, quando voltei até onde os outros estavam, havia apenas silêncio. Eles tinham formado um círculo ao redor da garota, que se debatia no chão, agarrando futilmente o próprio pescoço. Era uma mordidinha, apenas um pequeno corte na pele, não maior que um arranhão, mas tinha pegado as veias dela, e todos nós podíamos ver isso. Seus olhos já estavam mudando, ficando esverdeados, e sua pele estava descamando a cor rosa saudável.

Ted se apressou em segurá-la, sussurrando repetidamente o nome dela. Baixei minha mão. Queria puxá-lo para trás, salvá-lo antes que a Holly o pegasse. Mas ainda não havia aquela obstinação nela. Ele se levantou, colocando-a de pé com gentileza. Holly olhou em direção a mim. Eu a encarei profundamente e observei conforme ela ia deixando de me reconhecer, o cruel desconhecimento caindo sobre o seu rosto como uma máscara de Halloween. Abrimos o círculo e Ted passou com a Holly mancando, apoiada no seu ombro. Eu não conseguia ver o rosto dele, ele não deixaria me ver.

Ofereci o machado ao Ted. Ele tinha engordado um pouco. Havia uma dureza nas suas maçãs do rosto e a sua mandíbula parecia de ferro; eu lembro claramente agora. Ele estava amadurecendo bem ali, bem no carpete manchado e desbotado de uma casa que não era nossa, numa vida que não reconhecíamos mais.

Segui os dois quando foram em direção à porta, para o *hall*. A porta bateu na minha cara. Nenhum de nós disse nada, nem um adeus. Por um instante, fiquei preocupada pensando que o Ted fosse fazer algo estúpido, que eu nunca mais o veria de novo, ou, se visse, não seria o Ted que eu conhecia, mas um Ted que precisaria ser aniquilado. Quase quis que o Zack colocasse o braço ao meu redor, que me dissesse que estava tudo bem, apesar de eu saber que não estava. Eu sabia que tudo estava completamente ferrado.

Em seguida, houve um som como o cair de um barril, seguido por um tipo de trituração

macia e rápida. Eu estava na porta quando ouvi aquele som, com minhas mãos repousando na madeira durante o que eu sabia ser o último momento de paz do Ted. Olhei para os outros. Janette e Matt estavam se segurando bem próximos um do outro, e Phil estava diante da janela, como se a própria janela tivesse cometido o crime.

Ele fez a coisa certa, eu pensava comigo mesma. É um de nós. Sabe o que precisa ser feito.

E, então, ouvi mais um som, um que eu não esperava e nem queria ouvir: um choro, uma lamúria, não de tristeza, mas de absoluta frustração. Ted abriu a porta, e eu estava lá, esperando. Podia ver seu rosto: não tinha sobrado mais nada, nem um pouco do Ted ativo e cruel que se escondia por baixo do seu exterior sóbrio e *nerd*. Ele tinha sido apagado, cortado com a mesma machadada que havia acabado com a Holly.

– Se algum de vocês quiser se despedir, deveriam me seguir.

Nós lotamos o corredor, inclusive o Dapper, com a cabeça baixa; em nossas bocas, o gosto das lágrimas que ainda não tinham sido derramadas e as palavras que ninguém teve a coragem de falar. Holly não estava lá, mas havia manchas frescas no chão e nas mãos de Ted. Sua camiseta estava pendurada no corrimão da escada como uma grinalda de flores em torno de uma lápide.

Ted não falava nada e eu não tinha certeza se eu podia falar, mas peguei a sua mão, segurando-a e apertando-a até o sentir me apertando de volta.

– Não é justo – eu sussurrei. – É completamente injusto.

Janette começou a chorar e Phil estava fungando, tentando ser corajoso o máximo que podia. Não sei por quanto tempo ficamos lá, fazendo reverência em direção à camiseta dela, esperando como companheiros de um soldado caído, esperando por um sinal para seguir em frente; essas coisas não terminariam todas de uma vez, não antes de encontrarmos forças para levantar as nossas cabeças. Parte de mim queria que tudo acabasse, pois, se alguém tão bem-intencionada e doce como Holly podia ser destruída por algo tão aleatório, por tamanha coincidência, então por que continuar?

Ted soltou a minha mão e se virou, nos liderando de volta para o apartamento. Foi aí que eu notei que o Zack não estava lá com a gente e eu não conseguia lembrar quando parei de vê-lo por ali. Eu me distraí. Perdi o foco por um instante, e ele tinha sumido. Eu soube que algo estava muito errado quando o Ted bateu com o machado contra o balcão.

– Não – eu disse a ele. – Não, vasculhe tudo, procure por toda a parte.

Ele correu para a cozinha, Phil e Matt correram para o outro apartamento. Nós não procurávamos pelo Zack, mas sim pelas caixas, as caixas cuidadosamente rotuladas guardando a nossa comida. Toda a comida.

Ted caminhou pela cozinha com o rosto branco, sem sangue. Pela voz dele, dava para

perceber que nós tínhamos perdido tudo.

– Tem algo que você precisa ouvir, Allison.

Era o rádio: eu podia ouvi-lo para fora do quarto e no corredor. Era A Voz, o estranho em quem tínhamos aprendido a confiar.

– Alerta, fiquem em alerta. Ele tem cerca de 1,75 metros de altura, loiro, olhos verdes, cerca de 75 quilos. Nós o conhecemos apenas como Jack. Membros estão reportando suprimentos e equipamentos roubados.

– Pegue o seu bastão.

– Allison!

Era a Janette na sala de estar, colocando os pulmões para fora de tanto gritar. Ted e eu a encontramos lá, armados, com os rostos vermelhos e furiosos. O espaço do lado de fora da porta, no corredor, estava se movendo, fervilhando. Ted e eu conseguimos abrir caminho até lá. Era uma maldita emboscada; dúzias, talvez centenas, todos eles tropeçando pela escada em direção a nós. Me debrucei sobre o corrimão com o Ted me protegendo. No fim da escada, eu podia ver a porta da sala de manutenção aberta e vários mortos-vivos entrando.

– *Filho da puta desgraçado, cretino, imbecil.* – Passei por Ted em direção ao apartamento. A Janette estava jogada no chão, enrolada e soluçando. Matt e Phil apareceram com seus tacos de golfe, e Dapper latia sem parar, dançando para todos os lados atrás do Ted.

– Janette – eu disse pela janela. – Janette! Levanta, porra! Le-vanta e pega o vinho.

– O vinho? – ela gaguejou.

– SÓ FAZ O QUE EU TO PEDINDO, CACETE!

Janette ficou de pé atrás de mim, e eu pude ouvir o tilintar das garrafas sendo colocadas sobre o balcão. Havia só três, mas seria o bastante. Lá fora na rua, eu conseguia ver o Zack fugindo com as nossas coisas, a nossa comida. Ele estava devagar, e poderia haver uma maneira...

– Leve o machado para ele, Janette. Ted! – gritei, indo em direção às garrafas. – Você consegue segurá-los na porta?

– Sim, mas seja lá o que você estiver fazendo, vai logo!

Mal podia ouvi-lo em meio ao som do bastão e do machado. Phil e Matt estavam atrás dele, batendo em qualquer coisa que chegasse muito perto.

– Janette, eu preciso que você se concentre, certo? Abra essas garrafas e derrame tanto quanto você puder. Pela pia, entendeu?

Ela balançou a cabeça freneticamente em afirmação, os olhos vazando lágrimas enquanto eu pegava o abridor de garrafas e o forçava contra as suas mãos trêmulas.

Escancarei as portas embaixo da pia e tirei as coisas de lá enquanto procurava o que eu queria, que eu escondia no fundo: uma pequena latinha prateada com tampa em vermelho brilhante. Peguei um lençol velho no armário do quarto. Felizmente, nós guardávamos os isqueiros sempre à mão, e a Janette tinha esvaziado a maior parte da primeira garrafa. Agarrei-a e balancei com força, assistindo ao bom *pinot noir* ir pelo ralo. Janette foi abrir mais garrafas enquanto eu rasgava uma tira do lençol. Rasguei mais duas enquanto sacava a tampa vermelha da aguarrás. Ouvi a Janette engasgar com o cheiro à medida que a garrafa ia sendo enchida até a metade, depois a outra, e então a última.

– Allison! Vamos! Merda!

– Estou quase terminando! – gritei de volta, acreditando no que eu dizia. Enfiei as tiras de pano dentro e coloquei as rolhas de volta nas garrafas.

Voltei ao quarto e guardei o laptop, quase derrubando-o ao enfiá-lo na mala, jogando-o diagonalmente sobre os meus ombros. Ted estava gemendo com o esforço quando voltei à sala de estar, seus golpes ficando cada vez mais erráticos.

– Certo, precisamos abrir caminho até a saída de emergência. Já tenho como cobrir a nossa retirada.

Ted me devolveu o machado e, juntos, nós abrimos um caminho. Não era muito claro, e mais de uma vez senti meu coração bater mais rápido quando uma mão voava tentando pegar a minha manga ou o meu sapato. Ted foi na frente com o Matt e o Phil, a Janette no meio, carregando as minhas garrafas. Matt tinha uma das mãos na coleira do Dapper, puxando o cachorro bem junto de si. Ouvi a janela se abrindo e o barulho dos pés deles contra o metal da escada de emergência. Minhas mãos estavam tão firmemente fechadas em torno do machado que eu podia sentir minhas juntas rangendo de raiva. Se não mantivesse as mãos apertadas, ele deslizaria para fora do meu alcance por causa do suor. Coloquei o isqueiro na boca e ficou difícil de respirar e golpear, mas dei um jeito. O apartamento estava enchendo e o barulho era ensurdecedor, gritos e gemidos, um bando de mortos-vivos raivosos e famintos se forçando pela porta. Eles estavam destruindo uns aos outros apenas para chegar até a gente.

– Certo! Saímos!

Tirei o isqueiro da boca.

– Desçam pelas escadas. Rápido! Rápido!

Me esquivei para a cozinha e saí para a escada de emergência, mantendo a janela aberta. O apartamento estava lotado e havia corpos se contorcendo para dentro da cozinha, bocas abertas, línguas faltando ou penduradas apenas por um fio de músculo. Nunca tinha feito um coquetel molotov, mas já tinha visto na TV, e isso teria que bastar. Acendi o primeiro trapo e, sem ter ideia do que esperar, joguei-o imediatamente. O que foi ao mesmo tempo

uma boa e uma má decisão.

A explosão aconteceu em algum lugar na sala de estar e foi inacreditável. Chegou até a cozinha, o calor batendo na janela e no meu peito. Quase caí pela sacada, mas consegui me segurar em pé, minhas costas gritando de dor. Meu rosto estava quente onde a explosão tinha lambido minha pele. Desci as escadas derra-pando e falei para os outros se afastarem. Dei uns passos para trás antes de acender o segundo e arremessá-lo contra a janela. Fogo e partes de corpos voaram pelo ar, caindo em cascata por sobre as nossas cabeças e o muro de contenção do prédio. Estávamos atrás da livraria e do prédio quando o fogo começou a crepitar.

Lembro de Dapper chorando quando se sentou aos meus pés.

– Certo – eu disse, me voltando para encarar os outros. Sei que eu parecia uma louca, porque eles estavam olhando para mim boquiabertos, como se eu tivesse perdido a cabeça. – Ted, você vem comigo. O resto de vocês vai direto para a universidade. Nós nos encontramos lá.

– Mas... onde vocês vão? Vocês têm que vir com a gente – Janette disse, ainda apertando a segunda garrafa contra o peito.

– Ted e eu temos assuntos não resolvidos a tratar – falei para eles. Apertei a mão do Matt e depois a do Phil. – Vocês vão ficar bem, eu sei disso. Não é tão longe. Cuide bem dessa garrafa, Janette. Usem se precisar. Levem o Dapper com vocês, ok?

Janette acenou em concordância, porém era possível ver algo em seus olhos. Ela estava pensando: dez quadras, *dez quadras*, isso é tão longe quanto o Sri Lanka. Tremendo, levou o Dapper embora. Ele não queria ir com eles, mas eu sabia que era mais seguro. Sabia que eu não estava no meu juízo perfeito.

Ted e eu circulamos o muro, abrindo uma boa distância em relação ao prédio. O crepitar do fogo atingia o nível da rua. Todo o andar dos apartamentos estava em chamas, com fumaça e labaredas brilhando nas janelas. A rua estava quase vazia, alguns detritos aqui e ali, marcas de queimaduras e manchas marrons de sangue desbotado.

Claro que Zack tinha uma boa vantagem em relação a nós, mas ele estava lento, carregando peso, e sabíamos em que direção estava indo. Ele não voltaria para os apartamentos e não iria para perto da universidade. Não havia tempo para catarse, para ficar de luto em respeito à Holly ou para nos preocuparmos com os outros. Nós estávamos com pouco peso, armados, e impulsionados por algo terrível, algo que nos consumia. Ambos estávamos ansiando por uma boa briga. Não havia ninguém para nos impedir. Zack estava lá fora, sim, mas também a minha mãe, e agora era minha única chance de encontrá-la de novo.

Comentários

Isaac disse:
6 de outubro de 2009, 23h21
Allison, sei que você está brava, mas seja cautelosa. Não banque a valentona ou nós nunca mais vamos ter notícias suas.

> **Brooklyn Girl** disse:
> *6 de outubro de 2009, 23h56*
> Isaac tem razão. Você está sofrendo, está com medo, mas você tem que manter a cabeça no lugar. Diga ao Ted que eu entendo a sua dor. Nós mandamos um dos nossos para um lugar melhor, e foi a melhor decisão que eu tomei em muito tempo. Mantenha-se segura, Allison, e poste novamente.

O mundo se despedaça parte 2

7 de outubro de 2009

Nós fomos para o leste perseguindo Zack, correndo na pista da direita da avenida Langdon.

– Quanto você acha que ele tem de vantagem? Dez minutos? Quinze? – Ted perguntou.

– Dez – respondi. – Eu diria que são dez.

Ele tinha apenas dez minutos, mas dez minutos poderiam fazer toda a diferença. Se fosse esperto, ele não iria desacelerar mesmo diante de obstáculos-zumbis. Eu torcia para que ele tivesse nos subestimado, que diminuísse para uma caminhada logo que perdesse de vista o prédio. Os apartamentos ainda estavam queimando atrás de nós, a fumaça preta engrossando a atmosfera.

– Então qual é o plano se nós o pegarmos *mesmo*? – Ted sussurrou. Nós estávamos tentando manter o volume baixo, o que significava vozes suaves e pés macios. Não havia muitos Murmuradores por ali, apenas uns poucos Vagantes circulando pelas ruas. Quando nos distanciamos um pouco do centro, as ruas ficaram mais livres, com menos carros batidos, menos motos e bicicletas.

– Não dou a mínima pra comida, Ted. Eu só quero ensinar uma lição a esse imbecil. Mas segurança vem em primeiro lugar, certo? Nós não sabemos se ele conseguiu uma arma. Aja como se quiséssemos a comida de volta, como se fosse a única coisa na qual estamos interessados.

– Você realmente acha que ele vai acreditar nisso?

– Não, mas pode funcionar para chegarmos perto… perto o bastante.

Estávamos prestes a contornar um SUV quando eu a vi. Era de um marrom perolado e estava encravada em um pneu enegrecido, polvilhada com fuligem. Ted tropeçou até parar quando me viu ir até o pneu e me ajoelhar. Apanhei a bolsa de couro, fria e suave, com minhas mãos.

Era a bolsa da minha mãe.

– Não pode ser – Ted disse, lendo as minha expressão. – Ela não teria saído tanto da avenida principal.

– Talvez não. Mas se eles estavam sendo perseguidos…

Não havia nada ao redor do carro, ou da bolsa, ou do pneu, apenas a estrada repleta de cicatrizes e cinzas. Fiquei na expectativa de encontrar sangue ou qualquer outro sinal da minha mãe, mas só havia a bolsa, abandonada, aparentemente sem luta. Podia ver que Ted estava impaciente, esperando, mas eu precisava saber. A carteira dela não estava na bolsa. Havia uma escova de cabelo, um pacote de chicletes, algumas moedas e um pedaço

de papel azul colado no fundo. Peguei-o com cuidado, reconhecendo a letra dela imediatamente.

Tia Tammy
Fort Morgan
Liberty Village

Liberty Village estava sublinhado duas vezes, e a letra era desleixada, apressada. A palavra “Tammy” estava escorrida e manchada.

– O que significa isso? – Ted perguntou, espiando por cima do meu ombro.

– A tia Tammy mora no bairro de Fort Morgan. Não tenho ideia do que Liberty Village seja – respondi, tentando segurar o nó na minha garganta. Se respirasse, se engolisse em seco muito rápido, eu choraria. Eu estava de pé, segurando a bolsa e a nota. – Ela deve ter ouvido alguma notícia sobre a Tammy. Talvez tenha sido para lá que eles foram.

– Pensei que eles estavam indo para os apartamentos.

– Eu também – eu disse, franzindo a testa. – Mas talvez eles quisessem nos levar para Fort Morgan. Talvez ela esteja indo para lá agora. Nossa, eles chegaram tão perto. Só mais algumas quadras...

– Allison...

– Eu sei – eu disse, olhando para cima. Ted estava semiflexionado para correr, tremendo. Coloquei o papel no bolso da calça e joguei a bolsa no meu ombro. Não havia nenhum sinal da minha mãe ou dos seus companheiros, nenhuma indicação da direção para a qual teriam ido. Eu tinha que tomar uma decisão. Ted nunca faria isso por mim.

– Zack primeiro – disse a ele. – E depois para o *campus*. Eles podem ter ido para lá se estivessem encurralados.

– Tem certeza?

– Sim, certeza. Vamos.

Nós olhamos para cada beco, nos certificando de que ele não tinha saído da rua principal. Os prédios estavam tão dilapidados, tão vazios, que era improvável que ele parasse por ali. Se o fizesse, nós o teríamos visto através das janelas quebradas. Ted e eu aceleramos novamente, tentando evitar o cansaço.

Quando já tínhamos andado cerca de onze quadras desde os apartamentos, chegamos a um beco sem saída, literalmente. Bem na nossa frente estava um calmo e pequeno cemitério, com cerca de sessenta túmulos. Fomos reduzindo em silêncio, até pararmos na pequena porta de ferro forjado. Seria fácil pular, mas nenhum de nós se moveu.

– Não é tipo *A noite dos mortos-vivos*, eles não vão pular de dentro das sepulturas – eu disse, sem nenhuma confiança nem autoridade. Ted concordou e passou uma perna por

cima da cerca, caindo do outro lado.

– Allison... – ele murmurou, mas não precisava. Eu tinha visto, à distância, do outro lado do campo salpicado de tristes lápides e pequenas árvores: um flash marrom e amarelo. Era Zack, com seu cobertor e as caixas. Ele tinha parado sob uma árvore e estava inclinado, provavelmente recuperando o fôlego. Para a nossa sorte, exausto por correr com os braços cheios com quase dez quilos de caixas.

Coloquei o dedo sobre os lábios, fazendo um sinal de silêncio, e percorremos o cemitério juntos, quietos, como sombras silenciosas sussurrando pelo terreno esponjoso. Eu sentia o machado mais pesado, como se a coisa estivesse pedindo para que eu pensasse em minhas ações. Eu estava atenta a cada graveto, cada folha seca, temendo que, a qualquer mínimo estalo, Zack fugisse correndo. A árvore na qual ele estava recostado ficava a cerca de dez metros, então Ted e eu nos esgueiramos pela esquerda, tentando manter o tronco entre nós. O problema do machado é que ele é uma arma de curto alcance; você precisa chegar bem perto para atacar. De repente, eu desejava não ter deixado o nosso último coquetel com a Janette. Eu não conseguia pensar em nada mais gratificante do que ver o Zack explodindo em chamas.

E é claro que quase fiz bobagem, pisando em um graveto a poucos passos da árvore. A cabeça de Zack se virou para examinar ao seu redor. As caixas caíram das suas mãos logo que ele nos viu, e então ele já estava correndo em disparada, em direção ao limite norte do cemitério. Com todo o senso de discrição abandonado, Ted e eu o perseguimos, ganhando terreno, chegando perto, até que o Ted, se lançando para a frente, conseguiu fazer com que Jack tropeçasse. Suas pernas se trançaram, e ele caiu, rolando pelo chão algumas vezes antes de voltar a correr. Mas era tarde demais para ele. Nós o tínhamos pegado.

Ted o interrompeu com uma pancada preliminar nas costelas. Zack se curvou no chão aos nossos pés, ofegante, segurando as mãos para cima tentando se defender. Ele olhou para nós aterrorizado. Podia ver as coisas mais claramente agora, podia ver quem éramos e o que estávamos dispostos a fazer.

– Por favor! – ele gritou, arrastando-se para trás. Ted deu mais um golpe no joelho dele, o que o desacelerou. – Nossa! Droga! Faço o que vocês quiserem, levem a comida! Levem! Eu sinto muito, o.k.? Sinto muito mesmo.

– Não, você não sente muito coisa nenhuma. Ainda não.

Seu pé direito veio em direção ao meu tornozelo. Só precisei de uma única machadada. Havia tanto sangue, mais do que eu esperava, e saía em pequenos jatos e espirros, bombeados pelo seu coração disparado. Ele mal conseguia gritar, mas começou a soltar sons inarticulados, processando o absurdo enquanto tentava se arrastar para fora do nosso alcance. Nós o deixamos seguir por alguns metros, observando enquanto se

contorcia para longe como uma centopeia que perdeu a cauda.

– Acontece que você é uma estrela, Zack... ou Jack, qual é o certo? Ouvimos tudo a seu respeito no rádio, sobre como você roubou a universidade, sobre uma *emergência* – eu disse, chegando perto. Não havia mais nada que ele pudesse fazer, nenhum lugar para ir. – Qual é o seu problema? Nós estávamos nessa juntos, seu *filho da puta.* – Pontuei essas últimas palavras com o seu outro pé. Vi que ele estava prestes a desmaiar, então baixei o machado. Ted deu uma pancadinha na cara dele com a ponta do bastão.

– Nós vamos deixar você agora, Zack. Espero que você se lembre da minha cara quando eles vierem.

Ted e eu nos viramos para partir, em silêncio, unidos por uma profunda repugnância pelo que tínhamos acabado de fazer. Mas, por mais que eu tente, não encontro nenhum remorso. Eu ainda consigo ouvi-lo murmurando "Por favor, por favor" repetidamente, deitado na grama alta.

Não tínhamos dado nem dez passos quando percebemos o nosso grave erro. Eu estava começando a entender o que atraía essas coisas, e sangue fresco certamente parecia ter o mesmo efeito que um sino de igreja. Eles tinham sido chamados, invocados, em direção ao cheiro do sofrimento de Zack. Isso fez o ataque do apartamento parecer uma simples ida até a sorveteria.

Eles surgiram de cada quarteirão ao nosso redor, vindo em nossa direção. Não havia esconderijo ou rota de fuga, apenas um mar sólido dessas coisas cambaleando até nós. Eu sabia que, mesmo se conseguíssemos passar pelos primeiros, não teríamos a cobertura necessária para chegar até a rua em segurança.

Atrás de nós, Zack estava morrendo, de verdade, e se tornando um deles. Ele não iria muito longe sem os pés, mas isso não me fez sentir melhor sobre a nossa situação. Subitamente, o lugar começou a cheirar como um cemitério de fato deveria cheirar, úmido, arenoso e adocicado de decomposição. Ted e eu ficamos de costas um para o outro, esperando, deixando-os se aproximarem. Começou a chover; as nuvens se abriram, fazendo barulho.

Cogitei subir em uma árvore e esperar por ajuda de lá, mas sabia que era mais fácil enfrentá-los que ficar sentada em uma árvore feito uma idiota, esperando por uma missão de resgate que não existia. Olhei para a bolsa da minha mãe e a apertei contra meu peito.

– É sério, Ted – eu disse. – Se te pegarem primeiro, eu acabo com você, prometo.

– Obrigado. Foi um prazer, Allie.

Eu estava calma, segura por saber que pelo menos eu partiria lutando. Eu não morreria de fome na sala de descanso, nem pegaria escorbuto ou definharia no ginásio da universidade. Eu morreria de pé e ao lado do Ted. Talvez minha mãe já tivesse ido. Talvez

eu tivesse encontrado a última pista da sua vida. Eu sentia que podia respirar de novo, como se estivesse vendo o fim do túnel, e não era tão ruim. Mas quis ver minha mãe uma última vez.

Quando eu finalmente estava começando a ficar confortável com a ideia de morrer, quando os murmúrios e pés arrastando tinham chegado ao auge, ouvi um barulho ensurdecedor da rua. Tiros, dezenas deles, rajadas e mais rajadas de balas. Cobri as orelhas, aturdida. As cabeças e corpos que nos rodeavam explodiram, virando cinzas pelo poder de fogo incrível que era disparado em todas as direções. Através da névoa de gosma vaporizada e pedaços de corpos, pude ver uma forma grande e preta, uma caminhonete e uma figura de pé na parte de trás. A caminhonete esmagou a linha mais próxima de Murmuradores, espalhando-os aos nossos pés. Era um veículo o.k., uma surrada Land Rover com uma rede de carga no teto. Não conseguia conceber que tipo de louco dirigia aquele troço, mas descobri rápido quando o homem de pé na parte de trás pulou em direção a nós. Ele atirou mais algumas rajadas contra os zumbis que estavam atrás da gente. Eu estava muito chocada para me mover, extasiada pela chegada milagrosa daqueles dois anjos.

– Eles estão bem? – o motorista gritou, descendo do carro.

– Parece que sim – o outro disse, arrancando a máscara. Ambos estavam vestidos com fardas pretas e coletes à prova de bala. Soldados, talvez. O mais próximo tinha, na manga direita, uma insígnia azul e vermelha com uma coroa e um pássaro. Seu cabelo era vermelho flamejante, e tinha barba ruiva e olhos azuis bem pálidos. Ele olhou para nós com a testa franzida.

– Posso saber o que os dois filhotes estão fazendo aqui?

Abri a boca para responder, mas de trás de nós veio um grito de terror. Era o Zack, ainda vivo, se empurrando com os cotovelos em direção a nós. O ruivo olhou para o machado na minha mão e para onde deveriam estar os pés de Zack, e me segurou pelo pulso. Parecia que o meu braço sairia do corpo conforme eu era empurrada em direção ao caminhão.

– Puta merda... Então é isso? – ele perguntou. Ele tinha um sotaque britânico, mas era leve. O motorista apontou seu rifle para o Ted e indicou o carro com a cabeça.

– Senhor? Senhor! Isso não é o que parece – eu disse a ele, lutando para recuperar o ar. Meu braço estava me matando, torcido e pulsando, tomado de dor.

– Sim, eu já ouvi isso antes – ele disse, dando um riso sem graça enquanto nos jogava na parte de trás do carro. – Ficou um pouco louca, não? Eu adoraria atirar em você agora mesmo e te deixar com esse pobre desgraçado, mas acho que prefiro prendê-la e deixar que pense a respeito por alguns dias.

– Não! Você não está entendendo, senhor. Ele nos roubou! Aquelas caixas, vá ver, eu

juro, ele roubou toda a nossa comida! – gritei, lutando contra o seu punho de ferro. Ted tentou dizer algo, mas o homem deu uma pancada na cara dele. – Não bata nele! Qual é o seu problema? Estamos do seu lado! Nossa Senhora, solte a gente! Não somos criminosos. Por que você não me escuta? Ouça o que estou dizendo, seu idiota!

Ele levantou a mão e calou a minha boca, me jogando contra o aço duro da caminhonete. O veículo ganhou vida, e as caixas ficaram no chão, misturadas e abertas como um baú de brinquedos abandonado. Zack assistiu à caminhonete partir, com as mãos esticadas tentando nos alcançar.

Fomos vendados e presos. Não parecia que eram algemas, talvez fossem abraçadeiras plásticas. Fomos mais ou menos jogados do carro para o pavimento e, em seguida, chacoalhados até que conseguíssemos ficar de pé. Eles nos fizeram marchar até uma colina íngreme, sem escadas, com armas plantadas com força nas nossas costas. Eles pegaram o meu laptop e as nossas armas, e tudo o que eu conseguia pensar era em reaver meu machado e convencer aqueles imbecis de que eu não era uma louca. Suponho que persuadi-lo com um machado poderia ter provado justamente o contrário, mas eu estava muito irritada e confusa para me importar.

Uma porta se abriu. Eu poderia dizer exatamente onde nós estávamos com base no som das dobradiças e no barulho desenfreado do lado de dentro: era o ginásio da universidade. Era esse som, a forma como as palavras pulavam ao redor dos tetos altos e do piso de madeira, a forma como os tênis apitavam e chiavam contra a superfície do solo. As botas dos soldados batendo ritmadas enquanto nos empurravam pelo ginásio. Seguimos por outro conjunto de portas, passando por um corredor frio e úmido e, em seguida, para baixo, por dois curtos lances de escadas. Parecia um porão, claustrofóbico e com cheiro de mofo.

Eles tiraram nossas vendas e nos deixaram no escuro em quartos separados. Fui lançada em um pequeno escritório com uma janela. O soldado ruivo deixou as minhas mãos amarradas. Ele fedia a fogos de artifício e uísque. A mesa no canto tinha uma pesada camada de poeira com alguns espaços em branco, lacunas onde um monitor e um teclado de computador possivelmente estariam antes. Tudo cheirava a um úmido perpétuo, arruinado, como se o lugar tivesse sido inundado e nunca mais secado. Era, provavelmente, o escritório de um treinador, mas certamente me fez sentir em uma cela.

Eles não trouxeram comida. Eu não conseguia dormir. Não sabia se havia uma saída possível para aquilo tudo.

Hoje

Alguém vem para dar uma olhada em mim bem cedo, antes que eu possa lembrar quem eu sou e o que eu deveria estar fazendo. Tinham tomado a minha arma e a bolsa da minha mãe, mas não pegaram o pedaço de papel com a mensagem. Consigo escondê-lo o melhor que posso no meu bolso, passando os dedos sobre o que estava escrito. Ela não desistiria, eu sei que não.

Nas últimas duas horas, eu estive entrando e saindo de um estado sonolento, permeado por sonhos, tão exausta e amedrontada que não consegui repousar, mas meu cérebro parou de tentar encontrar meios para escapar. Quando a chave entra na fechadura e eu ouço o clique, espero ver o soldado ruivo novamente com a sua barba engraçada e sorriso largo. Mas não é ele. É alguém totalmente diferente.

– Alô.

Rapidamente, coloco o papel na mão e o encaro, os joelhos dobrados com força contra o meu peito. As abraçadeiras plásticas em torno dos meus pulsos estão machucando como o inferno, e eu posso sentir minha pele cheia de bolhas. A dor é momentânea porque eu conheço aquela pessoa, de algum jeito, eu o conheço. Não parece ameaçador. Talvez intimidador, mas não ameaçador. Mesmo carregando um grande rifle de assalto, não parece agressivo. Pode ser apenas por causa do quarto pequeno, mas ele parece o chefe de tudo aquilo. O homem está vestido com uniforme preto também, mas os botões da frente parecem ter sido feito às pressas. Vejo o seu ombro de relance e percebo que a insígnia da coroa e do pássaro também estão lá.

– Eu sou Collin, Collin Crane. – Depois de uma pausa, continua: – Eu sei que você sabe falar. O Finn diz que você tem uma farpa no final dessa língua. Não seja boba – ele diz, agachando-se. – Não estou aqui para machucá-la.

É então que eu percebo.

“*A era da sabedoria, a era da ignorância*...”

– É você.

– Como é?

– A Voz, é você! O homem no rádio! Puta merda, não acredito nisso! É você.

Abaixado perto de mim, posso ver claramente o seu rosto. Ele é mais velho do que os outros soldados, provavelmente está em seus cinquenta e poucos anos, com o cabelo escuro bem aparado, ondas grisalhas nas têmporas e um par de formidáveis olhos verdes

acastanhados. Não consigo deixar de pensar em como o cabelo dele ficaria se fosse um pouco mais comprido, mais livre. Há uma marca profunda em seu queixo, e as suas sobrancelhas são escuras e muito retas. Seus olhos sorriem nos cantos, vincados com a idade e a experiência. Seu olhos sorriem para mim, assim como os seus lábios.

– Você me ouviu no rádio, não é? – pergunta, soprando uma risada.

– “Ele tem cerca de 1,75 metros de altura, olhos verdes, cerca de 75 quilos…” – eu repito. – Zack… Jack… sei lá. Era ele, é por isso que eu estou aqui. Tentei explicar isso para os seus homens, mas eles não me escutam. – Sinto minha boca correndo comigo, as palavras saindo muito rápido. Ele inclina a cabeça para o lado, apoiando em uma das mãos.

– Eu sei disso.

– Sabe? Isso é ótimo, eu… espera, você sabe? Então por que eu ainda estou aqui?

– Eu queria te ver com meus próprios olhos – ele diz. Sua voz é mais selvagem pessoalmente, mas ainda assim muito impactante, uma opala finamente lapidada. Tem sotaque também, assim como o soldado ruivo, mas mais carregado. – Aquele desgraçado foi a nossa tormenta por semanas. Nós estávamos prestes a oferecer uma recompensa por ele quando você e seu amigo apareceram.

– Como sabiam que tinham que vir nos pegar? – pergunto, me certificando de que o meu pobre pulso machucado esteja bem à vista.

– Por causa de um cachorro, na verdade.

– Um cachorro… o Dapper? Então eles conseguiram. Ufa! – O alívio é súbito e glorioso, um arrefecimento brusco, e o nó no meu estômago relaxa um pouco. Mas o rosto do homem está tenso, cheio de linhas de expressão.

– Eles? Não, só tinha um, o cachorro. Pensamos que talvez fosse raivoso, pois mordeu o meu sobrinho. Acho que você o conheceu, o meu sobrinho. De qualquer forma, percebemos que coisas estranhas tinham acontecido; talvez o cachorro estivesse agitado por uma razão. Mandei-os sair em patrulha e foi assim que encontraram vocês. O que aconteceu com o seu cachorro? O rabo estava chamuscado. Até quase a metade.

– Não. Não, não, *merda*, Janette.

Consigo imaginar tão perfeitamente que até dói.

– Vocês estavam esperando alguém? – pergunta com gentileza. É aí que ele saca uma reluzente faca de caça do cinto, passando a lâmina rapidamente pelas minhas abraçadeiras plásticas. Esfrego os meus pulsos doloridos, alternando estremecimentos e suspiros. Tento esconder o papel, mas ele percebe com o canto do olho e tenta pegá-lo, mas eu tiro minhas mãos de perto.

– Meus amigos… eles deveriam ter chegado aqui.

– De qual direção? – pergunta, de repente muito sério.

– Leste... provavelmente da baixa Dayton.

Ele se levanta, dando alguns passos para trás. É mais que o bastante. Não precisa nem me dizer que Dayton é uma região perigosa, cheia de zumbis ou o que quer que seja. Tenho certeza de que o que ele tem a dizer em seguida vai me machucar, então me preparo para isso. É algo que simplesmente aprendi a fazer, como amarrar os sapatos ou fazer um sanduíche.

– Dayton... Não, sinto muitíssimo, não dá para passar por Dayton. Há muitos carros... A polícia tentou fazer uma barricada que só piorou a situação.

Janette deve ter entrado em pânico e atirado o coquetel molotov. Pobre Dapper.

– Estou encrencada? – pergunto, olhando para o chão. Me concentro nas rachaduras no cimento, nas ondas deixadas no concreto por uma cadeira ou uma mesa, isso ajuda. E se eu tivesse que procurar as famílias deles? E se eu tivesse que ser a mensageira?

– Não, não, nada disso – ele diz, rindo de novo. É uma grande risada, turbulenta, que enche a pequena sala e testa os limites dela. – Vou conversar com o meu sobrinho. Eu peço desculpas em nome dele. Ele pode ser um pouco... bem, zeloso demais.

– Percebi.

– Sinto muito pelos seus pulsos – ele diz, oferecendo uma mão, que eu aceito para conseguir me levantar, descobrindo, então, que estou faminta e fraca. Ele nota o meu cambaleio para a direita. – Vamos providenciar uma refeição e um lugar para você descansar.

– E o Ted? O meu amigo?

– Ele pode vir também. E como devo te chamar?

– Allison. Meu nome é Allison.

Paro na porta. Meus pés parecem chumbo e estão doloridos. Posso sentir cada movimento puxando os tendões dos meus tornozelos e pulsos. Só quero dormir ali por dias. Collin está me esperando, observando-me fixamente do alto da sua grande estatura. Por algum motivo, não consigo olhá-lo nos olhos. Não quero que ele veja que estou cheia de raiva e desapontamento. Não é um bom começo. Eu não sou assim.

– Você viu... Apareceu alguém com o sobrenome Hewitt por aqui? Lynn Hewitt? Tem mais ou menos a minha altura, por volta de cinquenta anos, bonita.

– Acho que não – ele diz. – Mas não fico sabendo de todo mundo que passa por aqui. É a sua mãe?

– Sim. – Mal posso ouvir a minha própria voz, parece que estou me afogando. Minha garganta está tão apertada que puxar ar suficiente para respirar é, por si só, uma missão. Meus joelhos tremem, mas fico em pé, mantendo a cabeça baixa e os olhos longe de Collin.

– Não é culpa – ele murmura, e posso ouvir o ritmo macio da sua voz, o mesmo som que flutuava pelos alto-falantes do rádio como um fantasma do passado.

– O quê?

– Não é culpa o que você está sentindo no momento. É choque.

– Oh.

– Há uma diferença importante: o choque eventualmente desa-parece. A culpa, eu temo que não.

– E você sabe disso por quê…?

– Vamos chamar de experiência pessoal, o.k.?

Mas eu não estou sorrindo, não estou reagindo como ele espera. Seu rosto, que tem a mesma expressão quixotesca da superfície de uma fivela brilhante, muda rapidamente para uma carranca solidária.

– Você matou um homem – ele diz. – Isso rasga a alma. Mas é apenas um rasgo, Allison, e rasgos podem ser remendados.

– Se mantenha na sua leitura dos clássicos, por favor. Posso cuidar de mim mesma.

– Vejo que Finn estava certo sobre o seu charme conquistador – ele responde, mas com um algo a mais, um pouco de riso na voz. – Porém, sinto muito em dizer que você não me assusta. Venho ensinando sabichões, gênios e idiotas da sua idade por muitos anos. Nada surpreende esse velhote aqui.

– Você é professor? – pergunto, movendo-me em direção à porta.

– Eu *era* professor, sim, de astronomia.

– Um professor de astronomia cheio de armas?

– Todos nós temos hobbies.

Ted está comigo agora. Eles até nos deram comida quente, chá de camomila e biscoitos velhos. E devolveram o meu laptop. Os óculos do Ted estão ainda piores, uma das lentes está quase caindo, mas a outra está intacta. É bom ter o meu amigo de volta, ver os seus olhos brilhantes piscando sob a franja preta de esfregão. Há uma vila de tendas no ginásio, e Collin arrumou uma para nós. Ele estima que haja cerca de 150 pessoas lá, com mais gente chegando todos os dias. Dapper não poderia estar mais feliz; ele não parece sentir falta da outra metade do seu rabo, e eu aprecio o seu entusiasmo inabalável. Ele

está cheirando um pouco a carvão vegetal e produtos químicos, mas nos foi dado sinal verde para dar banho nele amanhã. Os geradores aqui produzem tanta energia que conseguiram ligar algumas bombas de água e aquecedores.

Ted está quase dormindo. Suas recitações de fórmulas químicas foram diminuindo até se tornarem um gemido incoerente. Eu quero dormir, quero muito descansar e esquecer, mas cada vez que fecho os olhos, vejo a Janette. Vejo o Phil. Vejo o Matt e até mesmo o Zack. Não quero me arrepender ou odiar, quero ser a pessoa que eu era quando tudo isso começou: Allison Hewitt, estudante universitária, estudante de literatura, entusiasta de Faulkner, jogadora de hóquei na grama, filha, uma pessoa normal.

Esses títulos não existem mais. Collin não é mais professor, Ted não é mais bioquímico e eu sou apenas uma sobrevivente. Nem mesmo sei quem o Zack foi, o que ele gostava de fazer, o que ele era na vida anterior. Ele disse que era cozinheiro, fazia trilhas, jogava golfe e que estava concorrendo a uma vaga em uma revista sobre problemas ambientais. Qualquer uma dessas coisas pode ser verdade ou pode ser mentira.

Collin diz que eu não devo me arrepender do que fiz. Ele diz que só vai doer por alguns dias, algumas semanas. Acho que ele está errado. Acho que vai doer para sempre. Acredito que a dor vai persistir, passando por toda a etapa de tolerância ou de entendimento, e vai me seguir até que eu aprenda a ser uma pessoa diferente ou morra.

E o pior de tudo é que minha mãe não está aqui. Procurei, mas não precisava: eu sinto isso. Ela está lá fora, em algum lugar no mundo lutando para sobreviver, e eu estou aqui, a salvo, sem poder fazer nada para protegê-la.

Comentários

Isaac disse:
7 de outubro de 2009, 15h55
Estou feliz que você esteja viva. Se a sua mãe está lá fora, você vai encontrá-la, ou ela vai encontrar você. A comida está diminuindo por aqui, o moral também. Não tenho certeza de quanto tempo podemos aguentar. Seguir sozinho parece bom agora, mas sei que é apenas o orgulho falando. Não desista, Allison. Você está carregando todos nós com você.

Brooklyn Girl disse:
7 de outubro de 2009, 17h25
Esta é a última vez que você terá notícias minhas, mas eu queria dizer boa sorte e até mais. Você vai se sair bem, Allison, eu sei disso. Hoje de manhã nosso quarteirão pegou fogo e só está piorando. Temos que partir. Eu não tenho ideia de para onde vamos, mas não há escolha. É hora de seguir em frente.

amanda disse:
7 de outubro de 2009, 18h23
por favor... eu não posso esperar.
sei que não tenho muito tempo antes que o frio ou eles me consumam. até lá, vou confiar no seu grupo para me fazer companhia. eu estava presa aqui, sozinha, e encontrei o seu blog, que é o único contato que

eu tive com pessoas “reais”. eu vou fazer luto pela holly com vocês... enquanto eu puder... mas siga escrevendo.
eu não posso esperar.

Cartas a um jovem poeta

8 de outubro de 2009

Amanda:

Já que agora nós somos tecnicamente parte de uma operação de socorro (seja lá o que for isso), Ted e eu decidimos embarcar em um projeto. Nós começamos a coletar aqui haicais dos sobreviventes para tentar dar um pouco de esperança e luz para as pessoas. Além disso, muitas das pessoas que encontrei aqui estão intrigadas com o blog. Acham que eu sou um pouco louca, mas não me importo.

Não podemos sair,
mas o ginásio é enorme
e eles têm chuveiros.
-Ted

Química é difícil,
Mas é mais difícil se você for
burra como a Allison.
-Ted

Ted cheira como uma bunda,
mas, sério, isso não é novidade.
Obrigada, Deus, pelos chuveiros.
-Allison

Hum, eu não entendi isso,
por que estão escrevendo poemas
para a internet?
-Collin (ghost writer: Allison)

Estou aprendendo a atirar,
as armas estão carregadas e pesadas,
C diz: Lide com isso.
-Allison

O que é um haicai?
Sou só um grande e estúpido vira-lata;
Oh, veja! Um osso.
-Adivinhem quem é (ele está lambendo a própria bunda no momento...)

Comentários

Carlene disse:

8 de outubro de 2009, 14h33

Sobrevivendo aqui no Alasca. É bom saber que ainda existem pessoas conscientes vivendo no mundo… Continue contando a sua história. Continue nos lembrando de que há esperança para recuperar o nosso planeta. Continue nos dizendo que você está viva.

> **Allison** disse:
> *8 de outubro de 2009, 16h43*
> Será que você não poderia mandar alguns salmões pra gente aqui? Acho que os caminhões não estão circulando, e eu não sei pelo que podemos trocar. Livros, talvez, ou boa vontade? Pensando bem, fique com os salmões, tenho certeza de que você precisa deles também.

amanda disse:
8 de outubro de 2009, 16h43
obrigada pelos poemas! eles deixaram o meu dia muito melhor T

Assombro

9 de outubro de 2009

– Mais um dia no paraíso – Ted diz, de pé desde muito cedo, antes que eu tivesse a menor inclinação de sequer abrir os olhos. – Você quer que eu arrume um café da manhã pra gente?

– Vai você. Eu ainda não estou com fome.

– Certo, mas quando eu voltar, é melhor que você esteja aqui. Sem sair para procurar a sua mãe ou me largar para ir até Liberty Village. Há waffles congelados aqui, Allison. Waffles. Pense nisso.

Ironicamente, todos aqui chamam o lugar de Vila. Beleza, é só o.k., não é *Liberty* Village, mas é – passei a acreditar – o lugar certo para se estar.

As tendas iam das muito pequenas até algumas monstruosidades extravagantes tamanho família que podiam sediar um pequeno circo. Eles têm comodidades aqui que eu não poderia sequer imaginar encontrar nos apartamentos. Como água corrente, chuveiros, aquecedores, bandagens e xampus antissépticos, cotonetes, geladeiras, pacotes de gelo e absorventes. A vida fica muito mais simples com coisas como essas. Você não percebe o quanto cotonetes e absorventes são essenciais para o seu conforto e sanidade até ficar sem eles. Só de saber que eu posso acordar e limpar as minhas orelhas é um alívio.

A Vila é basicamente separada em duas áreas: as Esposas de Black Earth e o Resto.

Não levou muito para que o Ted e eu percebêssemos essa divisão. As Esposas tendem a deixar bem clara a *diferen*ça entre elas e os outros. Não fazem isso com música alternativa ou tatuagens. Fazem isso com religião. A gente não tem muita certeza sobre qual é a denominação religiosa delas, mas é um tipo muito estrito. Todas as manhãs precisamente às nove, uma prancheta com uma ficha de inscrição é passada de tenda em tenda. O propósito é angariar nomes para a hora da oração. As Esposas de Black Earth se reúnem em um círculo bem no centro do espaço onde ficam suas tendas e rezam, percorrendo cada um dos nomes da lista por um momento, pedindo pelas suas almas ou por uma passagem tranquila para o além.

Elas já tinham alcançado o nosso lado da Vila, principalmente sob a forma de assistência às crianças. Há muitos pais e mães solteiros por aqui, pessoas que perderam esposas, maridos, namorados ou parceiros no meio do caos e foram deixados para criar um filho ou mais por conta própria. É incrível assistir à progressão lenta das Esposas se infiltrando na nossa parte do ginásio, escorrendo pelos espaços entre as tendas. Elas procuram mulheres e homens atordoados, de os olhos vidrados, desconfiados do mundo.

Collin me mostrou tudo hoje, apresentando-me às famílias que ele conhece melhor, contando a elas que eu ajudei a acabar com “aquele verme maldito”. Ele é, ao mesmo tempo, respeitoso e autoritário – o que não é fácil, mas que parece agradá-lo, não importando a audiência. As apresentações são boas a princípio, mas, depois, ficam cansativas e mais rápidas. Não sou uma heroína e me parece peculiar ser laureada por um ato rápido e cruel de vingança. Então forço um sorriso para cada novo rosto, aperto suas mãos e escuto suas histórias. Eles me agradecem por ter acabado com Zack, e eu faço uma reverência tímida, tentando não pensar na cara agonizante dele e nos seus cotocos sangrentos sobre a grama morta.

Visitamos por último as Esposas. Pergunto por que existem tantas, de onde elas vieram e por que elas estavam sozinhas. Não posso evitar imaginar que, se a minha mãe estivesse aqui, ela sentaria o mais longe possível dessas mulheres.

– Estou começando a cogitar que tudo isso começou fora da cidade, e que os subúrbios caíram primeiro, por isso a cidade foi tomada tão rapidamente – Collin diz. Ele não vai a lugar nenhum sem uma arma, mas ninguém aqui parece se importar; todos o veem como um protetor e líder inquestionável. Hoje ele carrega uma pistola Glock abrigada na parte de trás do seu uniforme. Collin cumprimenta a todos pelo nome.

– Black Earth foi um lugar pesadamente atingido – diz Collin. – Uma casa por vez, até perceberem que precisavam fazer algo. Havia muitas famílias lá, muitas crianças. Eles decidiram colocar todas as crianças em uma van e tirá-las de lá enquanto os pais, ávidos caçadores, saíram para tentar segurar o massacre. Não funcionou. Eles estavam em número muito menor, e os maridos caíram “lutando como anjos do Senhor”, como as Esposas vão dizer.

– E a van? – eu pergunto, já sabendo do seu destino.

– Elas a encontraram quando fugiram, vindo em direção à cidade. O carro estava capotado em um buraco, vazio.

A forma como a história delas se desenrolou não me surpreendeu. Aquela é a terra da caça, da pesca, das fazendas e das motos Harley-Davidson. Nunca me senti muito próxima dessa parte do Estado, mas me sinto mal por eles, pelo jeito que eles tentaram desesperadamente se defender. Atravessamos a linha invisível que separa as Esposas de todos os outros. Parece haver muita gente aqui que as ignora ou que definitivamente não gosta delas. Essas pessoas sentem, com razão, que as Esposas são orgulhosas de quem e o que são e acham que elas podem ser um pouco loucas, levando a caridade ao extremo por conta das perdas horríveis que sofreram. Ouço algumas pessoas advertindo as crianças a ficarem longe desse lado. E vejo que algumas barracas foram propositadamente montadas o mais longe possível das Esposas.

É parecido com *Amor, sublime amor*, mas sem as danças.

As tendas delas estão todas reunidas em um círculo, cuja entrada dá diretamente no centro. Você poderia esperar ver uma fogueira no meio, mas, em vez disso, elas colocaram uma cruz feita com ripas de madeira e fita adesiva. Há uma estranha simetria nisso tudo, suas pequenas tocas de *hobbits* todas em círculo, com uma grande e agourenta cruz observando todas. Elas emergem das barracas, uma a uma, como se invocadas por um sino invisível.

E elas estão ocas, completamente vazias, e esforçando-se para estarem cheias novamente.

As Esposas estão agitadas hoje, excitadas. Uma nova família chegou, os Stockton. Eles não são de Black Earth, mas isso não importa; toda e qualquer família recebe uma acolhida calorosa e um convite para viver entre as Esposas. A oferta foi recusada, mas os Stockton parecem promissores, ou esse é o rumor. Não me lembro de tê-los conhecido.

– Eles estão na tenda médica – Collin murmura. – O pai sofreu algumas escoriações leves, talvez uma torção no tornozelo. Você vai conhecê-los mais tarde. Vou apresentá-los a você.

Mas, primeiro, eu precisava conhecer as Esposas. É uma experiência assustadora, um pouco como cair de paraquedas no meio de uma convenção das Mulheres Perfeitas e ser bombardeada com perguntas e tapinhas nas costas. Collin (a quem elas se dirigem como sr. Crane), claro, conta a elas sobre minha angustiante ação, a vitória do bem contra o malvado Zack. De todos os moradores da Vila, elas são as que ficam mais impressionadas, mais gratas e maravilhadas. Elas me olham como se eu estivesse entregando o sangue de Cristo, suas bocas formando "ós chocados". Suas reações é que me assustam mais.

– Deus te abençoe, abençoada seja, Deus te abençoe por acabar com aquele... rato.

– Deus está contigo... Ele deve estar. Deve estar.

E assim segue. Eu tento ser humilde, parecer a heroína martirizada que elas esperam. Mas não sou autêntica. Collin percebe o meu desconforto e me conduz para longe do grupo, levando-me até uma das Esposas sentada sozinha. Ela está empoleirada em uma caixa de plástico vazia, com as mãos dobradas recatadamente sobre o colo. Veste uma saia de algodão fino e um suéter azul soltinho, com margaridas bordadas em volta da gola. Seu cabelo vermelho com permanente está emaranhado e ensebado. Quando ela olha para nós, vejo que a frente da sua camisa está manchada com uma ampla pincelada de sangue.

– Marianne? Essa é a Allison.

Ela não estende a mão nem dá sinal de que me viu. Seus olhos vão direto para o meu corpo, através da minha pele e dos meus ossos, e sinto um arrepio. A princípio, penso que acabamos, que o Collin vai me arrastar para longe daquele fantasma, daquele espectro

mas, de repente, os olhos dela crepitam com vida e seus lábios rachados se abrem.

– Meu filho – diz ela em um gemido, ofegando como se acabasse de perceber que ele tinha sumido. – Meu filho... comeu minha bebezinha. Meu filho comeu minha bebezinha!

Ele repete isso várias vezes, erguendo a voz até que estivesse gritando para mim a plenos pulmões.

– MEU FILHO COMEU MINHA BEBEZINHA!

É nesse momento que Collin me leva embora, disparando um olhar para as outras Esposas, que se apressam para socorrer Marianne. Envolvem-na em um emaranhado de braços, balançando-a, cacarejando suavemente para ela como um bando de galinhas gigantes indo em direção aos pintinhos, todas as cabeças se curvando em direção a ela. Marianne então desaparece no meio delas, silenciada, perdida no mar daquele cuidado súbito e esmagador.

– Caramba – falo baixinho, balançando a cabeça para tentar dissipar o doloroso barulho em meus ouvidos. Collin aquiesce.

– A Marianne está... bem, eu acho que ela está perdida. Tem algumas pessoas assim por aqui, mas ela é a pior. Uma vez, perguntei dela para a Susan, que me disse que a casa da Marianne foi a primeira a ser atingida, e que ela viu o filho dela... você a ouviu.

Ouvi. É difícil conseguir tirar aquele som da minha cabeça e, quando pisco os olhos, posso ver na minha mente os olhos dela vidrados de terror. Parecem os da Holly – vagos, escondidos.

Collin me conduz para fora da arena por um corredor longo e estreito. Saímos para o ar livre, para uma névoa suave de outono. Está certamente fresco do lado de fora, mas temos muita roupa extra agora, e as Esposas têm se ocupado transformando casacos universitários em grossas blusas irregulares. Não eram muito quentes, mas faziam um bom trabalho protegendo do vento. Logo que saímos, escuto um tiro. Estou me acostumando a isso, a ouvir tiros cada vez que saio ao ar livre.

O pálido sol por trás das nuvens e sua mera provocação de calor fez com que a névoa se levante no horizonte. Tudo é cinza para além da fronteira do ginásio. É possível ver apenas insinuações das quadras de tênis, de uma calçada, alguns metros à frente, um caminhão estacionado com um homem de guarda. Há cinzas no ar e o estranho e salubre cheiro de calor que escoa do solo. Choveu ontem à noite, mas agora a terra está praticamente seca.

Ainda bem que os tiros que ouvimos são só treino. Collin e seu sobrinho ruivo, Finn, tinham preparado um estande de tiro ali perto. Eles decidiram transformar Ted e eu em soldados. Mas o Ted ainda está na tenda médica. Ele parece muito mais interessado em

aprender a suturar feridas e consertar ossos a vir praticar tiro ao alvo comigo.

– De onde veio tudo isso? – eu pergunto, inclinando a cabeça em direção à arma que o Collin está apontando para uma longínqua pilha de caixas de madeira. Ele parece diferente com a arma preparada e pronta para disparar. Está mais distante, como se coberto por um tipo de véu de sobriedade. Seu rosto ainda está enrugado suavemente, seus olhos ainda são brilhantes, mas a sensação que ele exala é arrepiante. Há tantas armas, tantos suprimentos, que não posso evitar perguntar. Parece que é um assunto que não deve ser tocado; não importa de onde as armas vieram, só importa que há pessoas aqui que sabem como usá-las.

– Da polícia. Eles não são treinados para coisas assim. Talvez em Nova York ou em Chicago tivessem experiência com revoltas e gangues, mas aqui eles simplesmente não estavam preparados. Há uma diferença entre se manter calmo sob pressão e ser inteligente sob pressão. – Collin deve ser imune ao barulho de tiros, porque ele mal recua quando puxa o gatilho e os cartuchos explodem. Eu, entretanto, não estou acostumada a esse som ensurdecedor, e me assusto todas as vezes. – Eles queriam que os cidadãos entrassem no ginásio para estabelecer um perímetro de segurança sólido e para ter uma localização central para onde os sobreviventes pudessem ir. Esse foi um bom movimento, uma boa ideia. Porém, eles montaram a droga da barricada bem na parte frontal, bem na principal artéria. Tenho certeza que pensaram que uma parede manteria os mortos-vivos do lado de fora. E estavam mais ou menos certos, porque isso também mantinha os cidadãos do lado de fora. Não sei se você sabe, mas quando temos pessoas em pânico com uma barricada de um lado e mortos-vivos do outro... Bem, agora você tem um problema, pois há três vezes mais zumbis do que antes. A barricada vai cair e o seu perímetro foi pro saco.

– Então a polícia foi embora? Eles deixaram as pessoas lá para morrer?

– Não – ele diz, baixando a arma. – Eles morreram também.

– Então os coletes à prova de bala, o caminhão e as armas... tudo isso era dos policiais? – pergunto.

Collin assente, recarregando a arma bem devagar para que eu pudesse ver e a entregando para mim. Parece que voltou para o que era antes: o homem com o sorriso rápido de um professor e olhos provocadores. A arma ainda tem o calor das suas mãos.

– Finn serviu na Força Aérea Real, e eu também. É uma tradição familiar. Mantenho os meus uniformes por perto por... sei lá, por ser sentimental, é um lembrete da minha juventude. Os uniformes servem apenas para acalmar a mente, para exibir. Se você tem um monte de pessoas assustadas, desesperadas por ajuda, nada cria um pouco de ordem como uniformes e rifles de assalto. Com tudo em ordem, pudemos organizar expedições

para mercadinhos, bibliotecas, farmácias e ambulâncias, e, com suprimentos, você tem pessoas felizes.

– Você fez tudo isso sozinho?

– O Finn ajudou.

– Certo. Mas vocês fizeram isso sozinhos?

– Claro – ele diz, dando um tapinha no meu cotovelo. Ele está impaciente. Ele acha que eu poderia ser uma boa combatente se aprendesse a atirar sem ficar tensa todas as vezes que aperto o gatilho. Não posso evitar. Sei que aquele som está vindo, a explosão. – Ninguém pensa em situações como essa, Allison. Só reage. Mas creio que você já sabe disso.

– Mas você é tão... tão calmo. Como você faz isso? Como você não se desespera?

– Segure – ele diz, empurrando os meus braços com firmeza até que a arma esteja voltada para o chão. – Você perdeu alguém? Mais de uma pessoa?

– Minha mãe – gaguejo, pega de surpresa. – Não... não sei onde ela está. Deveríamos ter nos encontrado, mas ela nunca apareceu.

– Entendo. Eu perdi a minha esposa. Também não sei onde ela está, mas posso adivinhar. Não sou invencível, Allison. Estou apenas fazendo o melhor que eu posso. E é apenas isso que eu estou te pedindo, de verdade.

O treino de tiro vai mal. Não consigo me focar e não consigo parar de pensar na minha mãe. Eu não devia ter contado a respeito dela para o Collin, devia ter ficado de boca fechada.

Ted não volta para a tenda até que seja bem tarde. Ele estava cuidando dos Stockton. Ele gosta muito deles, especialmente dos dois meninos pequenos. Dapper é minha única companhia enquanto espero por Ted, e mesmo o cachorro parece não ligar para o meu estado amuado. Quando Ted volta, cai no sono quase imediatamente, exausto pelo duro dia de trabalho. Quero que ele se levante, quero conversar e contar piadas, falar que eu sou inútil com uma arma e ouvi-lo rir quando eu contar que o Collin acha que sou uma completa maricas. Nos últimos dias, o cabelo desarrumado do Ted dominou tudo exceto a superfície dos seus óculos, e ele precisa ficar tirando os fios da cara até para ver aonde está indo. Quando ele se vira no saco de dormir, o cabelo preto se enrola ao redor da cabeça como uma porção de adagas.

Collin perguntou se eu queria tomar um drinque. Finn estaria lá, pois Collin quer que o sobrinho se desculpe. Tenho certeza de que ele quer que todos nós sigamos em frente. Lembro-me de que essa é a frase que ele usa: “Siga em frente”. Eu recusei polidamente, dizendo que não estou interessada, que estou muito cansada.

Agora eu queria ter aceitado o convite, porque estou aqui sentada lendo tudo o que

vocês escreveram. Vocês estão vivos. Alguns poucos estão fazendo mais do que só sobreviver, e eu posso imaginar com facilidade seu desdém por alguém como eu, alguém que não consegue fazer nada além de ficar sentada, chafurdando na própria tristeza e olhando para o meu companheiro de quarto como uma louca assustada. Eu não devia estar sozinha assim. Eu devia estar tomando um uísque com o Collin e o sobrinho, deveria estar me permitindo viver.

Porém, mais uma vez, toda vez que penso em Collin, em sua voz e em como ela soava no rádio para guiar e pacificar, eu automaticamente penso no Zack. Depois desse erro catastrófico, como posso confiar no meu julgamento? Como posso confiar em mim mesma?

Collin quer que eu conheça os Stockton amanhã. Eles são uma boa família, segundo ele. Uma família de verdade, completa.

Estou com saudade, mamãe. Se você estiver lendo isso: estou com saudade.

Comentários

Rev. Brown disse:

9 de outubro de 2009, 18h45

Nós, os sobreviventes, conhecemos sua alma, Allison. Leio em voz alta aqui no Kingdom House de Atlanta o que você escreve. E foi o meu Jamal, de todos os nove, quem ofereceu soluções para o seu problema moral.

Allison, não há como você saber se o que você fez foi pecado. Você sabia que tinha um motivo justo e você procurou a justiça. A maneira como fez pode ter enviesado para a malícia – sua alma pode ter se escurecido com uma mancha de uma vingança cruel –, mas Deus não manda que perdoemos nossos inimigos. Jesus Cristo nosso Senhor exigiu que tratássemos os outros como gostaríamos de ser tratados. E sei, assim como eu sinto o Seu espírito se agitando em suas palavras, que a palavra Dele vai mover você. Se alguém roubou comida do coletivo, seria exigido que as próprias mãos do ladrão fossem tomadas, assim como os nossos antepassados faziam.

Tudo é trabalho do Senhor.

Logan disse:

9 de outubro de 2009, 19h09

Levei um tempo para encontrar internet que funcionasse. Estou usando a SNet, é a mesma que você está usando? Coisas como essas eu considerava garantidas, mas você conhece o ditado. Olha, onde eu estou, aqui no Colorado, nós tivemos um aviso. Algumas poucas transmissões esparsas, antes que Eles viessem. A maioria apenas seguia com a rotina, mas alguns de nós… sabíamos que isso não pararia até nos atingir. Nós, eu mesmo junto com alguns poucos que trabalhavam comigo, usamos as duas semanas de avisos-prévios e nos preparamos. Pelo menos pensei que sim. Em retrospecto, vejo que não havia muito o que fazer para nos prepararmos de verdade para o que viria. Alguns chegaram até a ser presos por roubo antes que os Infectados sequer tivessem aparecido… pessoalmente. Não sei o que aconteceu com eles, mas vamos dar uma olhada pela janela? Não é muito difícil adivinhar. Acho que o exército me ensinou algumas coisas que eu nunca tinha percebido. Sobrevivência não é um direito, mas algo que se conquista. Sobrevivência do mais Apto de verdade.

Mantenha-se lutando. EXISTEM outros e nós VAMOS “consertar” isso, mesmo que signifique colocar uma bala

de nove milímetros, uma lâmina ou um machado entre os olhos de cada um Deles.

Matthew H disse:
9 de outubro de 2009, 19h36
Querida Allison,
Suas palavras nos dão tanta esperança. É muito encorajador saber que existem outras pessoas para nos dar força. Estou muito triste por ler sobre os seus amigos que já faleceram. Nós perdemos entes queridos aqui também.
Encontramos ontem um celular Blackberry (tínhamos um carregador (!), uma tomada funcionando (!!) e a internet por satélite ainda funciona – por quanto tempo?). Há quatro de nós, estamos na parte da frente de uma igreja no norte de Las Vegas. Você escreveu sobre o "desdém" que nós poderíamos ter por você. Allison, nada pode estar mais longe da verdade. Você nos trouxe para uma rede de vida – isso nos dá esperança, não ressentimento. Por favor, continue postando. Manteremos contato. Nós estamos muito gratos por muitos de vocês estarem vivos.
Paz,
Matthew, Caroline, Jamie e Gideon

Uma janela para o amor

10 de outubro de 2009

– Você mata “zumblis” também?

– Sim, Evan – eu digo, fazendo um cafuné na cabeça do garotinho de ouro. – Exatamente como a sua mãe e o seu pai.

De cara, consigo ver porque Ted admira os Stockton. Corie e Ned formam um casal alto e atraente, com o tipo de simpatia vigorosa que parece transcender a lama da depressão e do choque que permeia toda a Vila. Seus dois filhos são muito encantadores. Não de um jeito perturbador, como crianças dopadas por Ritalina. Eles têm energia e são falantes, e você pode adivinhar poucos segundos depois de conhecê-los que eles tiveram uma infância cheia de escaladas em árvores e caças a vaga-lumes. Mikey, o mais velho, tem dez anos e o olhar intenso da mãe, uma morena de cabelos escuros. Ele é mais reservado que o irmão mais novo e me informa, em um tom discreto, em um sussurro de adulto, que o seu irmãozinho é “só um bebê”. Evan tem quatro anos, é um lutador, e parece o pai: típico norte-americano, garoto-propaganda de uma marca de roupas. Evan ainda está aprendendo a falar. Ele se locomove apenas montado nos ombros do pai, empoleirado lá em cima como um guru em uma montanha. Evan me conquista imediatamente quando as primeiras palavras que diz são:

– Não gosto muito dos “zumblis”. Meu pai diz que eles são ruins. Você mata “zumblis” também?

Seria fácil subestimar Corie e Ned, e é tentador escrever sobre eles como um casal jovem de classe-média alta afetado e seguro de si que esconde um casamento turbulento e repleto de ódio. Mas eles parecem legais, de verdade, o tipo de pessoas que você encontra e mais tarde pensa: eu gostaria de ser como eles um dia. Corie é aquela mulher que você sempre sonha em superar em uma reunião da antiga turma da escola. Você chega lá convencida, educada, bem--sucedida, apenas para descobrir que agora a Corie é professora de pilates e se tornou mais humilde, agradável e ainda por cima envelheceu com graciosidade – de fato, ela é mais bonita agora com trinta e poucos anos do que quando era adolescente. E você pode até querer odiá-la, mas daí você a vê agora, em um mundo confuso, quebrado, onde é fácil se tornar insensível e deprimido, e ela ainda está sorrindo para seus filhos, ainda é uma mãe firme como uma rocha.

Não me dou bem com o Ned logo de cara, mas, mais tarde, em uma conversa com o Collin, ele se transforma em alguém que eu realmente quero conhecer melhor. Ele e Corie moravam em um subúrbio não muito longe de Black Earth. Quando os mortos-vivos chegaram, o bairro se dividiu. Ninguém se uniu, ninguém ficou para lutar. Um

vizinho descobriu que fogo é uma arma poderosa contra os mortos-vivos, mas que também tem uma tendência a sair do controle. Dentro de uma hora, toda a sua vizinhança estava em chamas.

– Eu não disse "Vamos ficar, essa é a nossa casa, nós vamos ficar não importa o que aconteça". Que se dane. Eu sabia que precisava ir. Não sobraria nada, eu sabia. Podia ver a casa vindo abaixo ao nosso redor e o Evan gritando. Eles estavam no quintal, na garagem, em todos os lugares. Então eu disse: querida, se certifique de que os meninos estão com você, pegue os dois. Nós vamos sair daqui. Eu não sabia para onde ir. Não importava.

(Não é tão empolgante, eu sei, mas a próxima parte é quando eu praticamente o indico para presidente da Vila.)

– Então eu coloquei fogo no meu carro PT Cruiser e o empurrei pela rua.

Nesse momento, Collin e eu nos entreolhamos, percebendo que Ned se encaixaria muito bem por aqui. Collin e ele então descobrem que ambos eram ex-militares. Ned foi engenheiro no Exército dos Estados Unidos quando tinha vinte e poucos anos. Isso é o bastante para fazer com que se tornem dois irmãos perdidos e logo estão dando tapinhas nas costas um do outro, como compadres. Eu estou de volta ao meu primeiro ano de graduação, quando até mesmo a mais tênue conexão ajudava estranhos a fazer amizade. Você está sozinho, incerto e assustado, então qualquer interesse em comum é o bastante para gerar um vínculo para toda a vida… "Você gosta de peras? Sério? *Eu* gosto de peras. Vamos encher a cara?"

Ned e Collin são isso: duas peras camufladas em uma fruteira. Talvez eles devam ser o novo Holleted. Nollin? Cod? Nossa. Deixa pra lá.

Acho que vou ver muito menos o Collin e muito mais a Corie e as crianças. Então, depois de ouvir a versão animada e bagunçada do Evan sobre a jornada deles até o ginásio, me junto ao Collin e ao Ned para praticar tiro ao alvo. Ned não atira há anos, mas o jeito como ele pega o objeto mostra que ele tem um talento natural. De cara, já acerta uma lata de refrigerante e uma bola arremessada no ar. Ele me faz parecer uma velhinha cega sentada na varanda atirando em esquilos. É difícil não ficar impressionada, não ser envolvida por Ned e seu afável tornado de bondade. Ele é *muito legal*.

Infelizmente, mal vi o Ted durante todo o dia. Ele tem estado tão ocupado com enfermeiras e pacientes na tenda médica que começo a me perguntar se não está fazendo isso para me evitar. Espero que não. Sinto falta de tê-lo por perto.

A boa notícia é que Dapper está animado com a chegada do Evan e do Mikey na sua vida. Os meninos estão apaixonados pelo vira-lata, e eu acho que é seguro dizer que o sentimento é mútuo. E mesmo com tudo isso, toda essa novidade, eu estou um pouco preocupada com a Corie. Não que ela seja frágil, é mais o oposto, na verdade, mas eu sei

que ela vai ter dificuldades para se enturmar. As Esposas de Black Earth já começaram a rondá-la, ardilosamente pedindo conselhos sobre coisas maternais quando claramente não precisam de nada. Elas estão tentando atraí-la para dentro do bizarro clube delas, e temo que podem conseguir. Collin acha que elas são inofensivas, que é bom que elas tentem se manter ocupadas em vez de deixar que suas perdas consumam suas vidas.

Sutil, Collin. Beeem sutil.

Venho pensando sobre a natureza do potencial, sobre como todos nós temos o potencial para sermos como o Zack. Eu sei que tem algo feio dentro de mim... uma violência que eu nunca soube que existia, que eu nunca tive oportunidade de encorajar até focar essa feiura no Zack. Tento esconder essa parte, mas então me lembro de como isso me salvou (e salvou o Ted também). Acho que essa feiura está no Ted também. Ele pode ser um escoteiro despenteado por fora, mas por dentro... acho que é como eu. Frio. Dói pensar assim, que eu posso vir a roubar ou matar, ou que, se for mordida ou infectada, também vou me tornar uma dessas coisas. Todos esses destinos em potencial estão trancados dentro de mim no momento, mas estão começando a emergir. Queria ter a chave, queria saber a senha do cofre. E então manteria tudo isso trancado para sempre.

Collin me pergunta de novo se eu quero me juntar a ele e ao Finn para uma bebida, e dessa vez eu aceito. Achei que ele não fosse me convidar de novo, e me anima muito o fato de ele não ter me excluído por completo. É agradável. Tanto que, de fato, não há quase nada para falar a respeito. Finn é ainda mais intenso e blasfemo quando está bêbado, um furacão de palavrões, histórias picantes e cabelo ruivo. E o Collin? Ele parece uma daquelas pessoas que são simplesmente imunes ao álcool. Pode ter ficado um pouco mais rosado, mas continua um mistério, como sempre – reservado e afastado de nós, escondido atrás do rosto bonito e sereno. Ele é muito bom nisso, eu acho – ele apresenta uma ilusão de abertura, quando, na verdade, está escondendo a maior parte da sua personalidade. Não acho que ele tenha algo a esconder. Ele apenas prefere se sentar separado, atrás de um manto de sigilo, silencioso e confortável.

Após Finn adormecer, seus cabelos vermelhos como chamas na mesa, Collin me leva até a estação de rádio. Agora eu sei de onde vem a transmissão. Ele está usando a cabine de imprensa do ginásio, onde os narradores transmitiam os jogos. O lugar tem uma visão de toda a Vila, e, por alguns momentos, sentamos juntos só observando em silêncio o acampamento dormindo tranquilamente. De vez em quando, alguma lanterna aparece em uma das tendas, iluminando o nylon colorido como se fosse um vaga-lume preso em uma jarra.

Há uma pilha de livros no chão perto de uma confortável cadeira giratória. Avanço sobre os títulos, em transe pelo simples ato de segurá-los em minhas mãos. Segurar um livro é

uma coisa pueril, *era* uma coisa simples, e agora possui uma magia excitante que eu nunca tinha notado antes. Collin me conta que os sobreviventes conseguiram reunir os livros que tinham guardado e os que resgataram da biblioteca.

– Devo ler um pra você? – Collin pergunta, sentando-se na cadeira confortável.

– Agora? É tão tarde.

– Você não ouvia tarde da noite? Não foi assim que nos encontrou? – ele pergunta. Claro que ele está certo, e eu concordo, rindo, agradada com a ideia de estar animada com uma voz, apenas uma voz.

– O que é tão engraçado? – ele perguntou.

– É bobo… não, é tosco.

– O quê?

– Tem certeza de que quer saber?

– Com certeza – ele diz, me ajudando a escolher os livros. Ele para sobre *Wise Children*.

– Ouvi você em uma noite em que o Zack estava perto de mim. Pensei que eu estava… não sei, me apaixonando por ele ou algo assim. Nossa, imagina? Consegue imaginar tamanha idiotice?

– Posso, na verdade.

Espero para ver se ele vai falar mais, mas isso é tudo o que está disposto a compartilhar.

– Ainda assim – eu digo –, não é tão ruim. Pelo menos você não se casou com um cleptomaníaco como o Zack.

– Não que eu saiba. – Ele balança a cabeça para os livros nas minhas mãos, e eu me sento diante dele. Não consigo decidir. São tantos livros bons.

– Qual vai ser?

Collin assovia “Let’s Go Fly a Kite”, de *Mary Poppins*, enquanto tento decidir; é algo que ele sempre faz quando está parado esperando. Estou um pouco bêbada, então pego *Justine*, de Durrell. Collin questiona a escolha levantando uma sobrancelha e pega o livro mesmo assim. É um livro para a voz, para os ouvidos.

– Não vou nem perguntar quem resgatou esse aqui – eu murmuro, me recostando na cadeira como um gato persa que se prepara para uma boa soneca.

– Fui eu, se quer saber.

– Hedonista.

– Charlatã.

– Oh! – eu grito, sentindo a bebida fazer efeito. – Boa!

– Posso começar, ou você quer brincar um pouco mais?

– Me desculpe – eu digo, sobressaltada. – Por favor, comece.

Então vejo que há uma folha sobre o painel de comando. Collin vira alguns botões e

pigarreia, levando a cadeira para perto do microfone. Começa a falar, devagar e deliberadamente, naquela grande voz velha e enferrujada dele. Ele está lendo o que está escrito na folha.

– Não sei quantos de vocês estão ouvindo, ou quantos ainda estão tentando desesperadamente sobreviver, mas quero que saibam: nem toda a esperança está perdida. Vocês têm um lugar para ir, um lugar para procurar. Está tarde e vocês estão com medo, sem esperança, mas não se desesperem. – Ele faz uma pausa na lenga-lenga familiar e olha para mim, sorrindo com franqueza. – Porque, há apenas alguns dias, uma mulher veio até nós. Ela quase foi morta tentando chegar aqui, mas conseguiu. Ela nos ouviu, perseverou, e estou muito feliz que ela tenha chegado aqui inteira. O nome dela é Allison. Então, para homenageá-la e homenagear a sua coragem, esta noite escolhi ler um trecho de um livro que ela escolheu. Portanto, queridos ouvintes, fechem os olhos, deixem que as suas preocupações desapareçam e escutem. Por favor, lembrem-se: caso vocês não gostem deste livro, não fui eu quem o escolheu.

Faço uma careta e levanto o punho para ameaçá-lo em silêncio enquanto ele ri da minha indignação. Em seguida, limpa a garganta mais uma vez e demora-se um breve momento esquadrinhando o livro aberto na sua frente. A sala está tão escura, tão suave e silenciosa que eu quase posso ouvir o profundo pulsar do seu coração. E, então, finalmente, ele começa a ler.

Depois de pouco tempo, começo a me se sentir sonolenta. Estou bêbada do uísque da “aposentadoria” do Collin, uma garrafa chique que ele vinha guardando por muitos anos, que ele pretendia abrir quando se aposentasse. Esse dia só aconteceria dali a muitos anos, mas ele cansou de esperar e decidiu compartilhá-lo com o Finn e comigo. É, provavelmente, a bebida mais cara que eu já provei, e conforme ela desce queimando, me vem uma sensação boa, como o primeiro raio de sol do verão. Eu me sinto quente e velha e começo a perceber que Collin está me observando por cima do livro.

De alguma forma, o rádio não consegue transmitir a beleza da sua voz. O aparelho a distorce, como se toda a morte e desgraça que nos permeiam corroessem a qualidade de sua voz até que se torne uma mera imitação. Mesmo com o Zack ao meu lado, ela parecia bonita; mas agora, vendo-o pessoalmente, estando no mesmo quarto que o texto e o homem e a voz, é incandescente.

Potencial.

Há momentos em que o nosso potencial se cansa de ficar na sombra e vem de repente, com violência, para o primeiro plano. Como uma canção forçada pelos nossos poros ou a água caindo sobre uma represa, esse potencial surge, determinado, demandando nossa atenção. Talvez existam outras coisas trancadas nesse cofre – talvez haja mais que apenas

violência, decepção e frieza. Talvez haja iluminação, amor, uma espécie de saudade que te queima por dentro.

Volto à minha tenda, tonta, inflamada e com “Let’s Go Fly a Kite” martelando na minha cabeça.

Comentários

Rev. Brown disse:
10 de outubro de 2009, 23h21
Deus Jeová fez com que soubéssemos de nosso potencial por meio de Seu único Filho:
“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos. Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos. E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida.”
II Coríntios 4:7-12

Andrew N disse:
10 de outubro de 2009, 23h45
Allison, desejo tudo de bom para você, para o Ted e para a Vila. Encontrar as suas palavras e as histórias dos colegas leitores me dá esperança de que nem tudo está perdido e de que a humanidade vai sobreviver.
Depois de vender as minhas ações da empresa de internet em que eu trabalhava, decidi velejar ao redor do mundo. Peguei meu barco em Newport Beach, na Califórnia, e fui para o norte, em direção ao Alasca, meu primeiro destino. Estou seguindo meu caminho pela costa do Pacífico, parando sempre que consigo para tentar pegar suprimentos. A água potável está acabando. Pelo menos tenho painéis de energia solar que me fornecem eletricidade. A internet por satélite é irregular; eu perdi o meu telefone por satélite em Salem, depois de ser perseguido por Murmuradores. Não encontrei nenhum outro marinheiro no radioamador. Continuo tentando a cada hora.
Se houver algum outro marinheiro por aí, devo chegar à baía de São Francisco em alguns dias. Tenho o suficiente para durar até lá; a partir daí vou ter que me preocupar com a água potável.
Boa sorte a todos.

> **Elizabeth** disse:
> *11 de outubro de 2009, 00h31*
> Marinheira aqui, presente! Quando tudo começou, conseguimos chegar até um barco que o pai do meu namorado tinha em Newport Beach, Califórnia (alô, Andrew!). Somos três. Eu, meu namorado e o pai dele. Tentamos pegar a mãe do meu namorado para vir conosco, para tentar fugir antes das massas de mortos-vivos, mas ela sempre foi uma pessoa caseira e fugiu para “salvar” a mãe dela com Alzheimer. Esperamos o máximo que podíamos na doca, mas ela nunca apareceu.
> Nós temos a esperança de ver alguém, qualquer um, nos mares ou vivo nos portos, mas parece que nem Avalon (em uma ilha) conseguiu escapar. Talvez um navio de passageiros tenha transportado os mortos-vivos? Quem sabe. Talvez encontremos sobreviventes em outras ilhas, presos em acampamentos. Ainda é muito arriscado ir para terra firme, existem muitos mortos-vivos esperando qualquer deslize. Só espero que eles morram de fome. Talvez, se não puderem obter mais de nós, isso aconteça. Continue postando, Allison. Há outros sobreviventes por aí, talvez mais do que nós pensamos.

Allison disse:
11 de outubro de 2009, 9h23
O mar parece uma boa opção. Vocês não sabem o que significa para mim que todos vocês tomem parte do seu tempo para escrever, para dizer que estão encontrando os seus caminhos. O Evan e o Mikey gostam da ideia de ir ao mar. Eles querem ser piratas, “Fagelo dos Zumblis”, como o Evan diria, e o Mikey corrigiria: “Flagelo dos Zumbis, cabeça oca”. Eles são tão novos, mas já estão se tornando guerreiros.

Microterrores

13 de outubro de 2009

Eles continuam vindo, cada vez mais, chegando sozinhos ou em bandos, atordoados e com um olhar vazio ao serem trazidos para dentro. É difícil não olhar para os seus rostos; você vê algo incrível lá dentro, um olhar fugaz de descrença quando entram, saindo do frio. É difícil encontrar um tempo para escrever. Collin e Finn insistem para que cada um dos novos seja vistoriado em busca de mordidas, arranhões ou qualquer sinal de que possam estar trazendo perigo para dentro. Até agora, todo mundo que apareceu estava bem. Não consigo imaginar ter que afastar alguém, dizer "Me desculpe, você não tem permissão para ser salvo".

Mas Ted acha que é o que vai acontecer a partir de agora. Ele tirou o dia de folga hoje. Está sentado na nossa tenda a tarde toda, rabiscando cálculos em um caderno, com o cabelo desgrenhado caindo por cima dos óculos e do nariz, emitindo grunhidos de frustração e apagando tudo com fúria antes de começar tudo de novo. É difícil encontrar o velho Ted dentro desse novo. Sei por que ele ficou assim – ele precisava de uma distração, uma atividade na qual se focar. Holly, a vida dela, a morte dela, tudo isso ainda está terrivelmente perto. O trabalho de ajudar as pessoas, de suturar feridas e encontrar sintomas o salvou de alguma forma, o salvou de seguir por uma longa e solitária estrada de sofrimento.

Eu sei que ele não quer me contar, mas ele está claramente nervoso com alguma coisa. Eu precisei perguntar. Agora, gostaria de não ter feito isso.

– Pode ser qualquer coisa. Não temos o equipamento para descobrir de onde está vindo ou se é apenas um caso isolado…

– Do que você está falando? – eu pergunto. Posso ouvir o Evan e o Mikey perseguindo Dapper do lado de fora da nossa barraca. O riso deles fura a barulheira incoerente dos moradores. Pulo para mais perto do Ted, tentando dar uma olhada em seu caderno. Ele puxa as páginas para perto do corpo, escondendo-as.

– O William, aquele zelador, nós achamos que é porque ele está velho. Mas agora tem outra pessoa, tenho certeza do que amanhã vai aparecer outro caso, e depois outro, e mais outro – diz ele, com as sobrancelhas escuras se encontrando bem no centro da testa. Ele balança a cabeça de esfregão, suspirando profundamente entre dentes cerrados. Empurra os óculos contra o nariz, acho que suas malditas armações vão simplesmente evaporar de tanto que ele fica mexendo. – O vômito, a diarreia… Talvez seja giárdia, algo na água. Explicaria tudo.

– Na *água*? Tem algo errado com nossa água?

– Pense um pouco – ele diz. – O saneamento está piorando. Quanto mais pessoas colocamos aqui dentro, mais fácil é para algo contagioso se espalhar. Basta uma pessoa, só uma, e então estaremos infectados, de verdade...

– É impossível – eu repreendo. – Estou ajudando na verificação. Nós não vamos deixar ninguém passar.

– E se for um animal? E se for algo que não pudermos parar? – pergunta e olha para mim, seus olhos escuros arregalados e brilhando. Eu sei no que ele está pensando: só foi preciso um roedor para matar a Holly.

– Não vai acontecer, Ted. O que aconteceu com a Holly... foi... não foi nossa culpa. Foi azar. Não há ninguém aqui como o Zack. Ninguém aqui nos colocaria em perigo – eu digo, tocando o seu joelho, tentando lembrá-lo que nós somos amigos, que ele tem uma amiga. Ele não se mexe, mas eu posso ver a sua expressão congelando.

– Não foi o Zack – Ted diz após uma longa pausa. Alguém tinha tentado consertar seus óculos; havia esparadrapo enrolado em torno de ambas as bordas. Posso ver a fita isolante das emendas anteriores.

– O quê? Claro que foi ele. Quem mais teria deixado a janela aberta daquele jeito?

– Eu. Fui eu quem deixou.

Puxo a mão para longe dele e sinto seus olhos esquadrinhando meu rosto. Eu assumi que o Zack tinha aberto a janela, que ele esperava que algo ruim acontecesse. Mas talvez fosse simplesmente um acidente, um descuido. Tento pegar a mão do Ted, ele deixa. Ficamos sentados em silêncio por um momento, não por respeito, mas porque não consigo pensar em nada para dizer.

– Está tudo bem? – eu pergunto, por fim.

– Sim – ele diz. – Ficaria muito melhor se você apenas seguisse em frente.

– Eu? Do que você está falando? – Essa conversa não deveria ser sobre mim. Não quero que ele fuja disso, que tente evitar o confronto com uma coisa que eu sei que é um fardo incontrolável. Ele sorri para o caderno, evitando os meus olhos.

– O Zack. Não foi sua culpa. Nós podemos confiar nas pessoas aqui, Allison. Você mesma disse isso.

– Eu sei.

– Não, não acho que saiba, porque, se soubesse, seu maldito namorado não viria me pedir permissão para ver você.

– Ele... meu... *o quê*?

– O Collin me parou ontem à noite no meu caminho de volta para a tenda – Ted diz, ainda evitando meu olhar. O que é ótimo, porque, de outra forma, meus olhos estariam queimando. – Perguntou se você estava... sabe, livre.

– Ai, meu Deus.

– Sim. Eu disse pra ele que você estava de boa, só um pouco abalada com o lance do Zack e que você estava preocupada com a sua mãe. Dividida entre ficar ou outra coisa. Eu, hum… espero que tenha falado a coisa certa?

– Claro que sim. Quero dizer… merda… é verdade, não é?

– Pare de se segurar, Allison – Ted murmura, fechando o caderno e se encolhendo para se afastar de mim. Fica de pé e para antes de sair. – Esqueça o Zack e fique perto do Collin. Pode chegar um momento em que este lugar não seja mais seguro e, quando essa hora chegar, eu quero ele do nosso lado. Eu gosto dele.

Fico observando-o partir de boca aberta, me balançando como uma bandeira contra o vento.

– Alguma vez te ocorreu que eu possa não gostar dele desse jeito? – grito atrás dele, mas já o tinha perdido.

– Gostar de quem?

Uma cabeça loira rebelde aparece na tenda. É o Evan, com seus olhos claros dançando. Ele se parece e age tanto como o pai que é quase como falar com um adulto em miniatura. Posso imaginar exatamente como o Ned era quando garoto: todo ossudo, briguento e com cachos saltitantes.

– Não é da sua conta, Evan – eu digo, pegando-o no colo e saindo da barraca. Ele guincha, debatendo-se enquanto eu o coloco de cabeça para baixo e o giro, fazendo dele um avião. Mikey, muito maduro para essas bobagens, apenas assiste com a mão sobre cabeça do Dapper e fazendo uma careta firme de reprovação. Deixo Evan no chão e ele gira um pouco, até perder o equilíbrio. Em seguida, cai em um ataque de riso, implorando para que Dapper vá lambê-lo e cheirá-lo.

– Onde está seu pai? – pergunto, ansiosa para sumir de vista. Se eu não me mantivesse ocupada, começaria a pensar no Collin. Eu deveria estar mais chateada, mas isso realmente não me surpreende. Ted está certo, eu venho me segurando.

– Ele está no porão. Minha mãe disse que vocês encontraram uma academia – Mikey respondeu.

– Obrigada. Peguem leve com o Dapper.

Sou discreta, mantendo-me do outro lado do ginásio, o mais longe possível da fila para checagem dos sobreviventes. Collin está lá, sua altura colocando sua cabeça acima da maioria dos outros. Ele provavelmente deve estar se perguntando por que eu estou tão distante, mas essa é uma conversa que podia esperar.

No caminho, vejo a Corie sentada em círculo com as Esposas, com as mãos entrelaçadas na cortina espessa e brilhante do seu cabelo. As Esposas estão costurando, ou tricotando,

ou estofando ou seja lá o que elas fazem todos os dias. Corie parece estranha, muito bonita e ativa para estar sentada naquele grupo. Sua cabeça está ligeiramente inclinada, seu cabelo escuro todo caindo para um lado. Ela não me vê. Não me vê observando seus olhos tristes e distantes.

Enquanto procuro por Ned, percebo que estou assoviando "Let's Go Fly a Kite". Paro subitamente, desapontada por meu subconsciente estar determinado a me minar. Encontro Ned no subsolo do ginásio. Nós não estamos autorizados a ligar as máquinas dos geradores. Collin foi ousado o suficiente para fazer uma exceção para mim, e passei a usar o meu tempo de gerador para recarregar o laptop. Mas *shhh*, isso fica só entre a gente.

Depois da sala de máquinas, há bancos e pesos e muitas maneiras de entrar em forma. Ned está me ensinando musculação. É bom gastar energia em algo tangível, algo que eu possa ver e sentir na tensão dos meus músculos. Estou terrivelmente fora de forma e Ned é impiedoso, me fazendo passar pelo treinamento do exército que ele experimentou anos atrás. Ele é um ávido jogador de *squash* e remou na equipe de sua universidade. É constrangedor descobrir que um pai de trinta e poucos está em melhor forma do que eu, mas tento usar isso de forma construtiva, como motivação.

Quando chego, Ned está no meio de uma série de flexões. Ao terminar, ele grita como se tivesse sido esfaqueado, rolando para o lado. Ned é um pouco mais baixo que Collin, com grandes pernas de nadador e um queixo tão quadrado quanto uma tábua de passar roupa. Seu cabelo castanho-acobreado está começando a rarear logo acima de sua testa alta. Tem um bronzeado de fim de semana e um rosto firmemente composto de características masculinas, exceto pelos lábios bonitos e bastante incomuns. Já vi modelos mais bonitos, mas não muitos. Atiro-lhe uma toalha e ele consegue pegá-la antes que atinja o seu rosto.

– Obrigado – ele diz, enxugando a testa e o pescoço. – Tudo certo lá em cima?

– Se eu tiver que cheirar mais uma axila ou inspecionar outro pé fedido, vou desistir da vida.

– Ha ha! – ele ri, exatamente desse jeito, em breves surtos intercalados por uma respirada. Seus olhos dançam enquanto ele se senta, gemendo como um cadáver velho. – Não deveria estar mais frio por aqui? Eu estou morrendo.

– Não está frio em lugar nenhum – eu digo, sentando em um banco. O teto é baixo aqui e tudo ecoa, apesar do piso densamente acolchoado. O maquinário é novo e bem cuidado; sem dúvida, pago por generosos doadores da universidade. – Há tantas pessoas aqui agora, é como a maldita floresta tropical lá em cima.

– Sim, mas uma floresta tropical tem que ser assim, sabe... sufocante, porque são matas, não porque há tantos malditos corpos – ele diz, fazendo uma careta igual à do seu

filho. – Qual é o problema?

– Hum?

– Você está… não sei. Seu rosto meio que caiu quando eu disse isso.

– Oh – eu falo, coçando preguiçosamente o meu ombro. Não sabia se conseguiria escapar dessa, ou se conseguiria contar uma mentira convincente. – O Ted está sendo um chato e me deixando louca.

– Ah, é?

– Ele disse que está ficando muito lotado e que isso é perigoso. Ele acha que talvez a água esteja contaminada.

– Estamos fervendo tudo – Ned diz, apoiando os cotovelos nos joelhos. Suas pernas são cobertas por pelos castanhos densos e encaracolados.

– Pois é, nós também, mas nem todo mundo é tão cuidadoso.

– Bem, nós podemos nos expandir para outras partes do prédio, ou para outros prédios. Temos muitas opções – ele diz. – Mas você não está convencida?

– E se alguma coisa entrar? Um *deles*.

– Mas nós estamos checando todo mundo.

– Eu sei disso, Ned, mas ainda assim… é que… não é infalível, sabe?

– Ouça – ele diz, ficando de pé, com suas longas pernas se desenrolando. – Você precisa parar de pensar assim. Eu já estive pra baixo nas últimas semanas, e você simplesmente não pode se permitir ficar assim. Você é mais forte do que isso. Eu sei que você é.

– Certo. E você me conhece há… uns três dias?

– Não importa. Eu sei, é simples. Não temos tempo para bobagens. Você só precisa olhar para alguém e decidir: posso confiar em você ou não posso – ele diz, vindo se sentar perto de mim no banco. Suas mangas já estão molhadas, e ele cheira um pouco a sal e talco de bebê. Eu me sinto como uma criança ao lado dele.

– Ah é? Eu não sou muito boa em tomar essas decisões rápidas.

– Bem, eu sou, besta. E te digo uma coisa: você tem que parar de olhar para o lado ruim. Tem coisas positivas aqui. Nós temos comida, temos um teto acima das nossas cabeças, armas e temos uns aos outros, certo? Você e eu. Não somos como essas pessoas que desistem. Somos guerreiros. Eu posso te treinar. Nós podemos treinar juntos e, se chegar um dia em que tivermos que lutar aqui, vamos fazer isso e vamos ficar bem.

– Por que você me atura? – eu pergunto, rindo. – Eu sou uma cabeçuda. Prometo que eu vou melhorar.

– Ótimo – ele diz, se levantando. – Apenas ferva essa josta dessa água e não deixe de inspecionar nenhum dedo.

– Josta?

– Desculpe, coisa de pai – ele diz. – A Corie me fez parar de falar palavrões. Ela pegou o Mikey soltando uma bomba P durante o treino de futebol, e aí nós paramos.

Malhamos. Treinamos. Dá uma boa sensação treinar, me sentir como um soldado, como se eu estivesse trabalhando por um objetivo. Sei que amanhã meu corpo vai me odiar por causa disso e que cada articulação e cada músculo vão gritar de agonia e frustração, mas eu não vou parar. Esta noite, eu vou falar com o Collin e não vou me segurar. Vou parar de afastá-lo, vou parar de me sentir tão... *congestionada*.

Antes do treino terminar, eu já estou vomitando em uma lata de lixo, com os pulsos tremendo enquanto eu tentava me curvar sobre as minhas pernas oscilantes. Eu pareço totalmente acabada e me sinto como se estivesse prestes a desmaiar a qualquer momento no ombro do Ned, mas é bom. É uma sensação boa.

Não vou deixar o Ted me pegar. Eu não me importo que ele esteja preocupado – há pessoas aqui fazendo o seu melhor para se certificar de que nós estamos em segurança, e eu sou uma delas. Se eu tiver que verificar várias vezes cada desgraçado que passa pelas portas, vou fazer isso, e se tiver que andar por aí e ferver a água de todos, eu vou. Este lugar é um bom lugar, bom demais para desistirmos.

Comentários

Andrew N disse:
13 de outubro de 2009, 17h20
Andrew de novo, dando um alô. Eu velejei pela baía de São Francisco e as coisas não estão boas por lá. Não consigo encontrar um lugar para atracar que não esteja dominado. Alguém tem alguma dica?
A minha comida está acabando, e estou cogitando a pesca. Sei que deve ser o último recurso, pois não tenho ideia se os peixes também estão infectados. Descobri como destilar água salgada, o que deve me ajudar por alguns dias.

> **Elizabeth** disse:
> *13 de outubro de 2009, 17h56*
> Os peixes ainda não nos prejudicaram, então acho que você pode ficar tranquilo se alimentando deles. Apenas inspecione cuidadosamente antes de comer. Nós os matamos e, em seguida, esperamos um pouco para ver se eles se reanimam. Até agora, tem sido seguro comê-los.

Dave no Meio-Oeste disse:
13 de outubro de 2009, 19h03
Alguém tem qualquer conhecimento sobre o que é essa coisa? Por favor, me ajudem. Nossos recursos são limitados... alguém encontrou algum antibiótico ou qualquer outra coisa que possa reverter o processo? Por favor... meu filho... tenho que salvá-lo.

> **Allison** disse:
> *13 de outubro de 2009, 21h22*
> Temo que você vai ter que deixar o seu filho encontrar o destino dele. Não é agradável, Dave, mas essa é a realidade da situação.

O bom soldado

14 de outubro de 2009

– A Corie parece estranha para você? Distante?

– Quem? – Ted pergunta, com a cara enfiada em uma tigela cheia de macarrão instantâneo. Seus óculos embaçam quando ele pega o macarrão com o garfo de plástico.

– Meu Deus, Ted, a *Corie*, sabe? A esposa do Ned?

– Hum, não notei nada.

– Deixa pra lá – eu digo, e Ted continua comendo, me ignorando. Ele está fora de órbita mesmo.

– Estou atrasado – ele diz, engolindo o resto da comida. – Eu deveria estar na tenda médica há muito tempo.

– Estou preocupada com a Corie – eu digo, segurando a ponta da barraca e olhando para fora. – Você acha que devo dizer algo para o Ned?

– Faça o que quiser – Ted diz. – Preciso ir.

Acho, não... eu *sei* que a Corie está andando com as pessoas erradas. Ela foi para o lado das louquinhas muito rápido. Ela não está mais por aí. Quando o Evan precisa dela, é impossível encontrá-la. Ele arranhou o cotovelo ontem, brincando com o Dapper, e o Mikey e eu levamos quase 45 minutos para encontrá-la. Acontece que ela estava em cima do telhado, sentada em um semicírculo, orando com as Esposas de Black Earth.

De certa forma, eu vi que isso ia acontecer. Talvez seja minha culpa. Sinto como se eu tivesse comandado completamente o marido dela. Ted e eu estamos monopolizando o tempo dele, encorajando--o a nos passar treinos extenuantes até estarmos engatinhando, ofegantes como andarilhos se arrastando pelo deserto.

Pensei que talvez a Corie se tornasse uma líder por aqui, mas eu estava errada. Esperava encontrar força nela. Afinal de contas, ela conseguiu passar com dois meninos por um mar de destroços queimando e monstros comedores de carne. Ela merece, pelo menos, o meu respeito. Mas não encontrei a líder que estava esperando e a assisti se afastar, saindo do meu alcance, até que sua lealdade mudou completamente.

A prancheta não é mais passada de barraca em barraca todas as manhãs. As Esposas de Black Earth estão aumentando consideravelmente seus números, se virando e mostrando as suas garras, como um caranguejo morto virado de costas. Entre passar um tempo na academia com o Ned e o Ted (haha, rimou!) e cumprindo as minhas obrigações, eu não tenho conseguido ficar de olho nas Esposas. Suspeitosamente, é difícil encontrar esse tempo.

Mas, essa tarde, tive que encontrar a Corie. Mikey e Evan queriam que ela ensinasse a

eles geometria, mas a Corie não estava na barraca deles nem à distância de um grito. E me foi dada a tarefa ingrata de encontrá-la enquanto o Evan e o Mikey comiam palitos de muçarela e jogavam uma velha bola de tênis para o Dapper. Não tenho mais certeza se ele ainda é meu cachorro. Acho que a sua deserção já é oficial.

Até que finalmente a encontro. Ela e o resto das Esposas estão sendo levadas para dentro por um Finn muito estressado. Ele está fazendo uma careta enquanto tenta empurrar delicadamente de volta para o prédio uma velha particularmente rechonchuda, com o rosto do mesmo tom de vermelho berrante que seu cabelo. Elas tinham tentado escapar pela saída nordeste para o estacionamento. Há um perímetro definido lá em cima e algumas pessoas de guarda, mas não é uma área segura.

– Vocês podem rezar no ginásio, como todo mundo – Finn grunhe, batendo a porta atrás de si. Ele fisicamente plantou-se no caminho, certificando-se de que elas pudessem ver o grande rifle de assalto cruzado em seu peito.

– Mas e os condenados? Temos que rezar por eles! Para eles!

– Que maldito pesadelo.

– Corie! – eu grito, andando no meio de um mar de cardigãs florais e pulseiras perfumadas. Pego-a pelo cotovelo e tiro-a da massa de donas de casa raivosas. Elas ficam fazendo beicinho para o Finn e para o seu mau humor. Não é difícil tirar a Corie dali; seu cotovelo se encaixa perfeitamente na palma da minha mão. – Evan e Mikey estão achando que talvez você pudesse dar uma aula de geometria.

Lentamente, seguimos o caminho para baixo, pelos corredores escuros. Há tiros abafados vindos de fora e o zumbido de vozes suaves nas nossas costas. Sei que as Esposas estão nos observando enquanto levo a Corie para longe delas. Corie treme um pouco e, em seguida, impulsiona-se para a frente. Posso ver a mãe, a guerreira, retornando. Ela está terrivelmente magra agora, é um milagre qualquer luz de esperança irradiar através da sua pele pálida.

– Eu devo ensiná-los – ela diz obtusamente, assentindo para si mesma. Seu cabelo negro se acalma em uma ondulação pelas suas costas. – Eles estão muito solitários?

– Não, acho que não. Dapper é uma boa companhia – eu digo, sorrindo para ela. – Eles estarão todos cansados no final da tarde. – Ela sabe de tudo isso, não sei por que tenho que lembrá-la. Algo está rolando. É óbvio que andar com as Esposas a extenuou.

– Está tudo bem? – pergunto.

– Oh? Sim, está tudo ótimo – ela diz. Paramos na porta, pouco antes da entrada do ginásio. A tubulação vazia sobre as nossas cabeças zumbe com o frio do corredor. Se formos mais adiante, vamos encontrar o fluxo de sobreviventes sendo tirados do frio.

– É que… você não tem passado muito tempo com os meninos ultimamente, ou com o

Ned.

– Hum – ela diz, jogando o cabelo. – Ah. *Certo*.

– Eu… desculpe? Eu não quis colocar o dedo na ferida.

– Não tem problema. Apenas… esquece, não é importante, não mais.

Eu a empurro um pouco de volta para o corredor, me certificando de que ela não pode escapar. É estranho fazer isso com uma mulher mais velha do que eu, uma pessoa que deveria ser vigorosa e temível. Quero tanto que ela acorde, que sacuda a névoa em que está metida. Percebo que ela não está fazendo amigos, mas se escondendo.

– Está acontecendo alguma coisa entre você e o Ned?

– Não.

– Corie… *Qual é*?

– Nós… nós estávamos… – ela olha ao redor, seus olhos azuis-escuros lançando-se sobre os meus ombros.

Com um encolher de ombros, ela morde um pouco o lábio inferior. Ela é tão bonita, é difícil não se apiedar e querer confortá-la. Posso imaginá-la como uma menina correndo na luz do sol, seu cabelo liso e preto voando para todas as direções. Ela deve ter sido linda, uma destruidora de corações.

– As coisas entre nós… a gente ia tentar uma separação. Eu queria o divórcio, mas ele me convenceu a dar um tempo antes.

Isso é incompreensível para mim. Não sou uma grande defensora da necessidade do casamento – minha mãe se deu bem depois que o meu pai se foi e nunca precisou se casar de novo –, mas não consigo entender o motivo de alguém se divorciar de uma pessoa como o Ned. Quero muito ficar do lado da Corie, mas é difícil simpatizar com ela quando o Ned está cheio de energia e engajado, e ela está cada vez mais parecida com um personagem do Tim Burton. Sua pele está cinza ao redor dos lábios e dos olhos, e eu me pergunto se ela está comendo o suficiente.

– O Ned parece ser um cara legal. Tenho certeza de que era apenas uma fase. Todos os casais passam por isso.

– Ele *é* um cara legal, é por isso que ainda estamos juntos. Não sei… Sinto como se eu fosse uma covarde, mas não consigo parar de pensar na separação. É difícil acreditar que eu quase o deixei… E então, bem, tudo foi pro inferno e eu não pude deixá-lo, não mais, não desse jeito. Eu não sei por que não consigo parar de pensar nisso, Allison.

Tudo começa a fazer uma espécie de sentido desastroso: o distanciamento, a religião, a desnutrição. Tenho certeza de que um divórcio, especialmente agora, seria mais do que suficiente para testar a fé de alguém.

– Ei, ei, tá tudo bem. Todos nós passamos por coisas muito difíceis, sabe, as pessoas

mudam de ideia. Elas podem mudar, Corie, e não tem nada de errado nisso. Ninguém precisa saber, ninguém. Olha, mais tarde, vai haver tempo para pensar sobre tudo isso, sobre casamento e futuro e todas essas coisas. Mas agora, eu acho que todos devemos nos focar em nos assentar, em tornar este lugar seguro e possível de viver, o.k.?

– O.k. – ela diz em uma voz bem baixa. Libero o seu braço, fazendo um carinho. Não parece certo deixá-la ir sem um pequeno gesto de consolo. Ela passa por mim com os olhos vermelhos e inchados, e as pontas dos dedos preocupados ao longo do seu queixo. Se ela apenas confiasse, se olhasse para o Evan e o Mikey, se visse o que tem, quanto é sortuda. Em seguida, ouvi um pedaço de uma música de *Mary Poppins* e...

– Tudo certo por aqui?

Eu me viro para encontrar uma enorme cartucheira de munição me encarando. Quando levanto o queixo, encontro olhos cor de avelã sobressaltados acima das balas. É o Collin, e ele sorri se desculpando. *Maravilha*. Eu não gosto quando homens grandes fazem essa cara. É charmoso demais.

– Collin! – minha voz sai como um guincho ainda mais forte que o tom de vermelho das minhas bochechas. – Tudo certo, estou só batendo um papo com a Corie.

– Ela está bem?

– Acho que sim – eu murmuro. – Sim... melhorando.

– Entendi.

Estava ficando estranho; percebo que ele está prestes a desistir dessa conversa, posso sentir seus ombros se curvando, se preparando para sair. Não posso deixar que ele fique pedindo permissão ao Ted para me ver. Preciso ser adulta.

– Podemos ir para algum lugar? – pergunto. – Para... conversar?

– Agora?

– Opa.

– Acho que agora não dá – ele diz, cabisbaixo. Ele raspou o cabelo e desenvolveu o hábito de ficar passando a mão livre na barriga enquanto pensava. É um pouco como assistir a um sonhador esperançoso esfregando uma lâmpada, e eu me pergunto se uma fumaça azul vai sair do seu nariz. Mas não há nenhum gênio, apenas um suspiro de frustração.

– Mais tarde? Podemos conversar mais tarde?

– Sim.

– Venha depois das nove.

É o que eu faço, carregando um nó de tensão comigo. Eu não consigo parar de me preocupar com a Corie. Quase posso sentir a compulsão de ser uma Emma *à la* Jane Austen – o forte desejo de me certificar que ela e o Ned vão ficar juntos, de esquematizar e conspirar para fazê-los dançar uma música romântica. Mas isso é uma fantasia. Não há espaço para esse tipo de bobagem, não há espaço para risco. Eles têm que contar um com o outro, se não pelo Evan e pelo Mikey, então pela nossa sobrevivência geral.

Como eu tinha planejado, deixo o meu laptop carregando em um dos geradores e vou para a barraca do Collin às nove. Eu me sinto como um bandido, andando na ponta dos pés pelo ar amortecido, com o frio apenas começando a cair sobre os corpos suados e esparramados em barracas e sacos de dormir. Quase consigo sentir centenas de olhos me observando enquanto navego pelo labirinto de tendas.

Não surpreende que a barraca dele esteja escura, iluminada apenas pelo brilho leve e gentil de uma velha lamparina. Quando entro, sinto o cheio da cera de abelha queimando lentamente em pequenas tiras perto das chamas. O chão é uma bagunça de travesseiros, cobertores velhos e um saco de dormir aberto. Não é uma tenda grande, então eu me sento perto dele, com as pernas cruzadas, me aquecendo com o calor da lamparina.

– Obrigado por vir – ele diz em um tom só um pouco mais alto que um sussurro.

– Sem problema – respondo.

Foi um pequeno dilema me vestir para isso. Não era um encontro, então eu não precisava caprichar, mas também não queria aparecer de pijamas. Acabei optando por uma camiseta da manga comprida e meu par de calças de sempre. Collin está cansado, e é bom vê-lo com uma camiseta polo com os botões abertos.

– É um pouco apertado aqui – ele diz, rindo silenciosamente. – Não acho certo pegar uma das barracas grandes só para mim.

– Não se preocupe – digo a ele. – Garanto que é uma grande melhora em relação aos roncos e a um cachorro.

– Acho que eu te devo desculpas – ele diz, sorrindo de uma maneira que faz com que suas covinhas escorram pelo seu rosto em direção ao queixo.

– Eu estava prestes a dizer a mesma coisa.

– De verdade? E por que você estaria se desculpando?

– Eu deveria ter vindo mais cedo. Conversar.

– E sobre o quê? – ele pergunta, as covinhas desaparecendo do seu rosto.

– É que... eu tenho andado distraída nos últimos dias e triste, eu acho. Fico esperando a minha mãe aparecer, mas ela não aparece, então fico pensando que talvez eu deva sair para procurá-la – eu suspiro.

– Isso é tudo?

– E eu deveria ter dito que você me deixa um pouco nervosa – digo, sentindo minha garganta ficar seca e nodosa. – Não foi nada que você fez, nada de ruim. Eu só pensei que talvez eu devesse, sabe, não tentar dar em cima de você.

Soou ainda pior do que isso. Minhas palavras são tão desordenadas e ridículas que eu me encolho no instante em que elas saem da minha boca. Sou uma merda de uma adulta e não consigo dizer o que quero – o que é óbvio, porque o Collin parece confuso. Eu contorço meu rosto, preparando o grande final, uma ponta do nó que está morando no meu estômago há dias.

– É a sua esposa. Acho estranho. É estranho pra mim que você a tenha perdido. Só me parece muito cedo e errado... e estranho.

– Você mencionou que acha estranho.

– Desculpe.

– Algumas vezes, na verdade.

– Sim.

– Allison – ele diz, e não é uma voz de rádio, mas uma voz que está bem na minha frente, próxima, quente e deslizando sobre meus braços. Ele coloca a mão grande e pesada no meu joelho e eu posso sentir o seu suor, mesmo através do meu jeans. – Isso é tudo?

– *Isso é tudo*?

– Eu não quero que você se preocupe com ela ou comigo, o.k.? Eu sou mais velho que você, Allison, já vivi muito mais do que você. E posso dizer com segurança que não há nada na minha vida que sequer se compare a esta situação monumentalmente ferrada. Posso questionar, posso odiar e posso me revoltar se eu quiser, mas uma coisa não muda: é isso que somos agora. Não preciso te dizer que cada dia aqui é passageiro, cada momento é um presente. Eu não deveria precisar te provar que sou capaz de controlar minha mente. Você entende o que estou dizendo?

– Sim.

– O que eu estou dizendo? – ele pergunta, fixando seus olhos castanhos em mim na semiescuridão. Seu rosto não parece tão ilegível agora, como se tivesse arrancado parte da defesa que o mantinha à distância.

– Está dizendo que eu deveria parar de ser tão idiota, que eu deveria parar de cismar com cada porcaria que eu fizer a partir de agora.

– Certo.

– Então… não é estranho? – pergunto, percebendo então que o joelho dele está tocando o meu. Eu quase tinha esquecido que nós estamos cercados, cercados por todos os lados por pessoas como nós, sobreviventes, seres humanos.

– Não é estranho – ele diz.

– Não é estranho.

Eu não volto para a outra barraca por horas. É bom pensar que tenho duas barracas agora, que posso ter duas casas. Acho que talvez eu seja um pouco nômade agora. Acho que talvez todos nós somos.

Comentários

Dave no Meio-Oeste disse:
*14 de outubro de 2009, 22h0*1
Por favor… ALGUÉM tem alguma informação para reverter o processo? Meu filho está infectado e eu… bem… ele está a salvo. Ele não pode ferir ninguém, mas sei que está sofrendo. Está tão delirante e com raiva; não diz nenhuma palavra, solta apenas rosnados profundos quando chego perto dele. Mas tenho certeza que isso não é permanente. Não pode ser. Alguém, por favor, pode oferecer algum conselho???
Estou postando isso em todos os lugares que encontro.

> **Logan** disse:
> *14 de outubro de 2009, 22h27*
> Você tem que deixá-lo ir. Não pense. Não se aflija. Apenas se livre dele.
>
> > **Isaac** disse:
> > *14 de outubro de 2009, 23h53*
> > Ele não é mais seu filho. Chegou a hora de deixá-lo ir.

Monstros invisíveis

16 de outubro de 2009

– Você ferveu isso? Checou duas vezes a data de validade?

Isso se tornou um *script*, palavras mágicas que eu murmuro para cada copo de água que distribuímos e para cada pacote de sopa que damos. A maioria das minhas perguntas são respondidas com grunhidos ou suspiros.

– Sei que você está com fome, mas se expirou você não pode comer.

– Minha criança está com fome! – eles dizem, agarrando desesperadamente os miojos ou as beterrabas.

– Eu sei, mas não é seguro. Crianças pequenas são mais vulneráveis. Podem ficar doentes e morrer. Temos que tomar precauções, temos que ferver *tudo*.

Mais e mais sobreviventes estão ficando doentes. Não sei se o Ted estava certo, se está vindo da água ou de outra coisa. Talvez alguns dos alimentos tenham estragado ou há uma gripe por aí, e todos nós estamos em pânico tentando rastrear a origem, a causa.

Sinto agora como nossos antepassados devem ter sentido no início, que a água é o maior dos tesouros, a mãe que alimenta o berço da vida. Água, o mais precioso bem do nosso planeta, o que nos sustenta, nos abastece e nos ajuda a crescer, e que agora está sob suspeita. Eu me sinto bem, a maioria de nós está bem, mas os que estão doentes lamentam o dia todo, cantando o sofrimento deles para o resto de nós, fazendo com que nos sintamos culpados por estarmos saudáveis.

Como posso deixar esse lugar? E ainda assim, como podemos ficar? Dou uma olhada no Evan e no Mikey, meninos que mal começaram a entender o mundo. Será que os estamos colocando em perigo apenas passando mais um dia nesse campo de refugiados lotado? Os sobreviventes chegam em um fluxo constante, nem sempre são muitos, às vezes são apenas uns poucos, mas é sempre constante. Eles estão esgotando os nossos recursos – não, os recursos são para eles também –, mas logo os suprimentos vão ser tão poucos que ninguém vai ter muita coisa.

Talvez esta seja a desculpa que eu precisava. Eu esperei muito tempo para ir atrás da minha mãe. Não deveria sequer ter esperado.

Fervo a minha água duas vezes, às vezes três, antes de beber, e depois de cada gole eu começo a me sentir mal, e não é de doença, mas de medo.

Envenenada. De dentro para fora... Não vou deixar que esse seja o meu destino, não depois de tantos dias de sobrevivência duramente conquistados. Vou elaborar um plano, uma solução, não importa quantas horas de sono ou refeições eu perca. Esta é a nossa fortaleza, nosso porto seguro, e uma ameaça é uma ameaça, vinda de fora ou de dentro.

É hora de ir. Talvez eu deva arrancar o Collin deste lugar, ou apenas golpear a sua cabeça e arrastá-lo. Então nós poderíamos cuidar de nós mesmos. Poderíamos ir sozinhos e encontrar a minha mãe. É inútil especular, mas não posso evitar... Não posso evitar, mas especulo.

Comentários

Dave no Meio-Oeste disse:
16 de outubro de 2009, 19h08
Com as provisões acabando, não me resta muito. Meu filho… pobrezinho… eu nunca pensei que ele viveria todo esse tempo depois de ser infectado. Eu percebo agora que eu não vou viver para vê-lo ser salvo. Só posso torcer para que outra pessoa salve o meu garoto.
Uma vez que sei o que preciso fazer, vai ser muito fácil finalizar os meus planos. Como eu disse, não me resta muito mais. Não há mais comida nem água. Apenas os gemidos persistentes de raiva do meu filho e o conhecimento das minhas falhas remoendo o meu cérebro. Não há muitas pessoas que vão entender o que eu preciso fazer, mas eu preciso dar ao meu filho qualquer chance de viver o suficiente para que alguém encontre uma cura. Talvez se ele for o mais forte dos infectados. Talvez se ele puder viver mais tempo, vai ter a chance de ser curado. Já que estou perdido, só posso esperar que o meu presente para ele lhe dê essa chance. Por favor. Encontrem uma cura. Encontrem um jeito de salvar o meu filho. Não deixem que o meu sacrifício seja em vão. Eu não tenho mais dúvidas. Vou liberar o meu filho e deixar que ele tire força do meu corpo. Obrigado a todos por continuar lutando.

> **Allison** disse:
> *16 de outubro de 2009, 20h22*
> Dave, em alguns momentos, eu penso que você é o mais valente de todos nós. Eu suplico que você reconsidere: não prolongue o sofrimento do seu filho. Deixe-o ir ou acabe com ele. Você tem que lembrar que ele não está vivendo, mas sim morrendo a cada dia. A escolha é sua, mas, por favor, pense nisso.
>
>> **Isaac** disse:
>> *16 de outubro de 2009, 21h10*
>> A Allison está certa. Você tem que parar de pensar em si mesmo. Pense nele. Faça a coisa certa e acabe com tudo.

O despertar

19 de outubro de 2009

– Vamos hoje, agora mesmo!

– Não posso ir, você sabe disso. Tenho um compromisso com essas pessoas, Allison.

Parece que estamos tendo essa conversa todas as manhãs. Collin não vai ceder, mas às vezes eu posso vê-lo imaginando uma fuga, nós dois juntos na estrada, e o seu rosto se acalma. Então ouvimos alguém chamando por ele e tudo desaparece.

– Sou muito boa em pegar estrada – eu digo, adoçando um pouco com um braço em volta da sua cintura. – Você não está nem um pouco interessado?

– Você sabe que é tentador, e sabe que eu não posso.

Vejo agora que as minhas esperanças de fuga, de felicidade, eram tolas.

Tudo o que fizemos, toda as restrições, toda a luta e todas as barreiras que impusemos se provaram nada, serviram apenas para jogar as nossas cabeças contra uma parede de ferro sólido. Não importa o que fazemos, o que tentamos, algo sempre vai minar os nossos esforços. Redobramos nosso zelo, juramos fazer o que fosse preciso, o que pudermos, até estarmos exaustos demais para seguir em frente. Talvez devêssemos parar de prolongar o inevitável. Talvez devêssemos abrir as portas e deixar que o nosso destino venha marchando para dentro.

Tentamos usar água da chuva, mas a chuva não vem. Nuvens carregadas e silenciosas passam sobre nós, nos provocando quando mais precisamos delas. Dormir é impossível, já que o ginásio está lotado de gente tossindo e gemendo o tempo todo. Os doentes ficam mais doentes, os saudáveis – que são poucos – ficam mais saudáveis, e assistimos nossa uma vez pacífica vila se tornar um campo de refugiados com a saúde combalida e espíritos moribundos diante da praga à solta. Estamos todos tão ocupados tentando evitar que tudo desmorone que ninguém tem o tempo ou energia para fazer a nossa transmissão de rádio; nosso único entretenimento confiável se foi, substituído pelo trabalho constante. Não há mais barracas sobrando, então as pessoas dormem no chão, em sacos de dormir ou em pilhas de cobertores roídos por traças. Nosso suprimento de alimentos está no limite absoluto e muitos comem menos do que deveriam para deixar mais para que os doentes possam recuperar alguma força.

E, acima de tudo isso, as Esposas de Black Earth começaram a questionar a liderança do Collin. Elas insistem que ele está levando o campo para a lama, impondo muitas regras, impedindo as pessoas de pegarem a comida que é delas por direito, deixando entrar vagabundos em vez de proteger os moradores da Vila. Todos os debates civilizados do mundo não vão acalmar o pedido delas por uma nova liderança, um novo regime. Ele está

tentando manter a ordem do único jeito que sabe: nos mantendo a salvo, fortificando o perímetro, ouvindo os problemas e os mediando enquanto tenta manter as Esposas de Black Earth tranquilas, na medida do possível. Não é perseguição, é apenas uma boa administração.

A ira das Esposas parece ter se estendido até mim pelo simples fato de eu estar associada ao Collin. Elas sabem, é claro, que ele e eu nos tornamos muito próximos, e tenho certeza que também sabem que eu durmo em sua tenda quase todas as noites. Não sei o que dizer para elas, como reagir. Por um lado, percebo que elas têm o direito de estarem chateadas e que o ginásio está lotado acima da sua capacidade, mas também acho que elas deveriam oferecer uma solução viável em vez de ficarem reclamando e espalhando boatos.

Sugeri mais de uma vez ao Collin que arrumássemos as nossas malas e partíssemos.

– Se elas querem tanto tomar o controle, deixe que fiquem com ele – disse a ele. – Deixe elas saberem quanto é ingrato e exaustivo fazer isso.

Mas ele não vai desistir de nós, mesmo agora que tudo parece estar dando errado.

Hoje, o Ned e eu tivemos a difícil tarefa de resolver o problema do saneamento. Com tantos vômitos e diarreias, está impossível usar os banheiros. Com o Finn de guarda, Ned e eu arrastamos os banheiros químicos das quadras de tênis e os colocamos alinhados do lado de fora do ginásio. Mantê-los fora é mais perigoso, mas decidimos que é melhor do que deixar o cheiro e os germes lá dentro. As sessões de treino brutais do Ned devem estar funcionando; arrastar essas coisas não é tão difícil assim. O bronzeado do Ned está desaparecendo. Muito tempo do lado de dentro, vivendo sob luzes artificiais, vivendo na escuridão.

Desde a nossa conversa, a Corie tem me evitado. Acho que ela suspeita que estou do lado do Ned e que não faz sentido tentar me ganhar. Mas ela está errada. Eu estaria mais do que disposta a ouvir o lado dela da história, se ela estivesse disposta a me contar. Mas ela escolheu o lado que quer ficar e, apesar de não se revoltar contra o Collin tão maldosamente quanto as outras Esposas, posso ver pela postura curvada, pelos olhos vazios, que a Corie se aliou por inteiro a elas. Não sei por que ela faz isso; acho que talvez

estar na presença de tantas mulheres funcione como um escudo. Em seu círculo fechado, ela pode se esconder de todos nós, especialmente do Ned.

E o Ned fica o tempo todo em um silêncio terrível. Ele se recusa a comentar o envolvimento dela com as Esposas, mas frequentemente o pegamos encarando a Corie. Eu me pergunto se eles discutiram ou se ela só está lhe dando algum sinal de que a vida deles juntos acabou.

Arrastar os banheiros foi só o começo do meu dia. Ned e eu também demos uma assistência ao Ted com alguns pacientes mais doentes. Eles parecem ter algum tipo terrível de gripe ou algum tipo de infecção no estômago. Eles não conseguem ingerir os alimentos e, quando o fazem, isso parece lhes causar muita dor. Depois disso, ajudei o Evan e o Mikey com as suas fantasias de Halloween.

O Halloween é o dia favorito do Mikey e os meninos insistiram para que nós começássemos a fazer as fantasias mais cedo. Aparen-temente, o Ned já tem um extenso repertório para os meni-nos; ano passado, Mikey foi um Transformer, e a máscara tinha olhos que se mexiam. Não consigo dizer para eles que não vai ter muitos doces e que mais ninguém vai se incomodar em usar fantasia também. Eu espero conseguir arrumar, no mínimo, um traje para mim, para tentar manter a máscara de normalidade por um pouco mais de tempo.

Mikey quer ser o Zorro, então nós estamos fazendo para ele uma capa e uma máscara a partir de uma lona velha e de umas blusas de basquete que encontramos no porão. Dapper será seu fiel cavalo. Evan não conseguia se decidir entre ser um pirata ou o Wall-E, e estava desolado por ter de escolher. Apesar da implicância do irmão, decidimos combinar as duas ideias e fizemos um Wall-E pirata. Suas roupas seriam feitas de papelão, latinhas, tubos de encanamento de borracha e um pedaço de uma blusa – para o tapa-olho, claro.

Não é um Transformer, mas deve servir.

Depois de ajudar os meninos com a primeira fase das fantasias, fico um tempo na porta para o check-in dos recém-chegados. As pessoas que chegam agora são as piores que já vimos, elas estão tão famintas e assustadas que só conseguem balbuciar coisas incoerentes quando pedimos que se encaminhem para trás de uma cortina e removam as suas roupas. Passar tanto tempo com o Evan e o Mikey fez ascender o alerta vermelho na minha cabeça: quase não há crianças ou idosos. Todo mundo aqui parece ter entre dezoito e sessenta anos. Evan e Mikey são dois de um pequeno punhado de crianças, e só consigo me lembrar de cerca de seis ou sete idosos que ainda estão por aí. Isso me deixa com medo de que não haja geração para nos suceder, ninguém com formação o suficiente para enfrentar os nossos problemas com novas ideias.

O que vai ser de nós?

Eu não tinha comido desde a manhã, então Collin e eu fazemos uma pausa e comemos juntos, na barraca dele. Mesmo lá, confortada pela sua presença e pela privacidade da tenda, o mundo exterior continua a existir, a nos invadir. Os barulhos secos e chiados de tosse nos seguem por toda parte, não nos deixando esquecer de que há pessoas em agonia ao nosso redor. Depois de compartilhar uma lata de sopa e algumas barras de granola, saímos para treinar tiro.

Sob o frio do outono, ele me falou o quanto sentia falta de ensinar, o quanto tinha saudades de dar aulas e corrigir trabalhos. Sentia falta até de lidar com os membros mais insuportáveis do corpo docente.

– Eu trocaria tudo por mais um dia como professor – diz, recarregando uma arma para mim. – Um dia que eu teria que saborear, prestar atenção em todos os detalhes.

Fico esperando um olhar distante aparecer no seu rosto, mas isso não acontece. Ele parece relaxado perto de mim agora, o rosto enrugado lembrando algo pacífico. E acrescenta, tranquilo:

– Mas, de novo, talvez eu nunca tivesse conhecido você. A vida seguiria como sempre foi... plácida, complicada do jeito que as pessoas gostam de complicar. Talvez nós nunca sequer nos conhecêssemos. Estranho, né? Não consigo imaginar a vida sem você.

– Não é estranho – digo a ele. – Isso é totalmente maravilhoso.

Não faz mais sentido usarmos alvos para os treinos. Em vez disso, Collin me leva até o limite da cerca e eu atiro nos Vagantes que circulam na neblina. Estou melhorando em acertar alvos que se mexem, mas a proficiência do Ned e do Collin me deixa envergonhada. Com um tiro, arranco fora a orelha de um Murmurador que teve a grande ideia de atacar a cerca.

– Ah, minha querida... – Collin diz com aquele sotaque matador dele. – Eu poderia ficar o dia todo assistindo você matando zumbis.

Collin coloca o braço ao meu redor, abraçando-me de lado. Sinto seu calor através da sua jaqueta.

– Você está melhorando – acrescenta. – Muito. Está ficando... será que eu me atrevo a dizer? Artística, talvez? Em breve, você vai ter que treinar com os rifles.

– Você é um doce... – eu digo, enrubescendo. – Mas está errado.

– Com o tempo você pega o jeito – ele diz. – Quando você parar de vê-los como pessoas e passar a vê-los como o que realmente são.

– Desculpe. Um machado me parece mais humano, de alguma forma. Você pode colocá-los em paz e olhá-los nos olhos.

– Não precisa se desculpar – ele diz, beijando o topo da minha cabeça.

Não me lembro quanto tempo ficamos em silêncio, apenas observando as sombras rondando do lado de fora do nosso perímetro.

– Você acha – começo, com calma – que existe um culpado por tudo isso?

– O que você quer dizer?

– Você acha que talvez exista um cientista em algum lugar que sabe que fez isso, que arquitetou isso? O que mais poderia ser? Quero dizer, se não for um experimento ou uma arma, então o que mais poderia fazer isso? – Faço um gesto para o mundo exterior, o mundo além da nossa pequena equipe de dois integrantes. Está muito frio para uma longa discussão filosófica, mas as minhas extremidades podem suportar mais um minuto ou dois.

– Se estivéssemos em 1982, eu culparia os russos – ele diz, preparando-se para falar mais, considerando o seu próximo comentário com os olhos castanhos focados no meu rosto. Eles queimam em direção a mim. – Quem quer que tenha sido o responsável – ele diz, por fim –, provavelmente já está morto.

Faço um gesto de consentimento.

– Acho que não quero saber.

– Sério?

– Sim. Não tenho certeza se eu poderia continuar lutando tanto se soubesse que alguém é responsável por tudo. É muita maldade para encarar.

Collin beija a minha cabeça mais uma vez e sorri de um jeito um pouco triste. É impossível saber, mas, a julgar pelo estranho brilho nos seus olhos, acho que, nesse momento, eu cresci na sua estima.

– Vamos, suas orelhas vão congelar. Vamos entrar.

Pode parecer um clichê, mas, honestamente, esse foi o melhor momento que eu tive em muitos, muitos dias miseráveis. Tudo parece se mover em direção à paz. E esse é o dia que me sinto mais próxima dele, quando realmente para de parecer estranho e passa a ser normal, até mesmo natural e *bom*, bom de verdade. E esse dia é o dia que penso que, mesmo que as Esposas façam as coisas do jeito delas e isso destrua a harmonia da nossa Vila, eu terei algo para salvar, algo tangível a que eu possa me agarrar. E hoje é o dia em que o Ted faz um pouco de progresso e conclui que talvez haja uma forma de acabar com

essa doença que está se espalhando, uma forma de continuarmos um pouco mais.

E hoje é o dia em que – sem nenhum aviso, como um caminhão de vinte toneladas ultrapassando o farol vermelho – outro grupo de sobreviventes aparece. E, no meio deles, mancando, faminta e, sem dúvida, viva, está a esposa do Collin, Lydia.

Comentários

Elizabeth disse:
19 de outubro de 2009, 16h46
As coisas estão quase sonolentas no oceano. De vez em quando, nós aportamos; Avalon se provou ser um bom lugar pela sua baixa população e baixo número de mortos-vivos. Em um certo momento, nós velejamos para o norte em direção à base aérea de Vandenberg, e o lugar parecia completamente deserto. O campo Pendelton, em San Diego, tinha alguma atividade, mas, pra ser sincera, parecia mais seguro ficar no barco.
Fizemos contato com alguns sobreviventes que estavam acampados em ilhas mais remotas e com alguns cientistas que estavam fazendo estudos.
Sugiro que você siga em frente, Allison. Pegue aqueles que querem viver, que querem lutar, e parta. Boa sorte, fique viva, e vamos torcer para que em outro lugar coisas melhores estejam acontecendo (como o pessoal do Instituto Oceanográfico sugere).

Amy disse:
19 de outubro de 2009, 17h02
Allison! Ela voltou? Como ela fez isso?

> **Allison** disse:
> *19 de outubro de 2009, 17h46*
> Vudu? O Grande e Terrível Poder da Ironia? Seja lá o que for, eu preferia ter morrido mil vezes a isso.

j. witt diz:
19 de outubro de 2009, 20h08
nossa, Allison, sinto muito. o que aconteceu?

Horas de lazer

20 de outubro de 2009

– Ted? – Ninguém respondeu. – Ted? Tem alguém aí? Dapper?

A terra está queimada e cheia de sangue, assim como os meus pés descalços; o chão está cheio de armas descartadas, escudos e resquícios de armaduras, meus passos afundam na areia úmida e nos seixos, vacilando e não levando a lugar nenhum. Um véu de fumaça aparece alguns metros ao norte, empurrado por um vento tépido. Por trás da fumaça, está uma parede distante, esburacada e machucada pela ferocidade de mil pedras arremessadas, marcada como se deuses viessem para praticar pessoalmente os seus arremessos aqui, nesta praia, contra esta nação.

– Oi?

[Nota da autora: o relato que se segue é a mais absoluta verdade, e é o que acontece quando há problemas com garotos e uma pessoa bem perdida resolve misturar bebida forte com relaxantes musculares mal prescritos. Não faça isso em casa – a não ser que seja desejo do leitor entrar em comunhão com antigos reis gregos mortos há muito tempo.]

Está incrivelmente quente, meus olhos estão cansados e quase se fechando, secos como se estivessem defumados por uma fogueira. Ted e Dapper não estão em lugar nenhum. Há um som estranho subindo, uma percussão trovejante e explosões de pratos vindo das ondas batendo contra as rochas. É uma praia e há areia sob os meus pés, grudando nas minhas mãos, no meu rosto e subindo nos meus joelhos. Um mar enorme avança nas minhas costas e um antigo muro desmorona na minha frente. Para ser sincera, já tive sonhos mais agradáveis.

E, se isso é um sonho, a minha vontade deve valer alguma coisa. Mas, por mais que eu tente, não consigo mandar a areia embora. Meu poder mental não é capaz de trocar as cinzas e as chamas por um par de palmeiras e uma *margarita* com gelo.

Uma colina íngreme se levanta à minha esquerda, irregular e coberta por arbustos se agarrando às protuberâncias rochosas pelas raízes para continuar vivendo. As pedras sobem em direção a um planalto elevado, e a face que dá para o mar está coberta por uma camada de sal. Há um cheiro por baixo das cinzas da fumaça, um cheiro de sal marinho, como uma pitada de perfume que se apega ao pulso de uma mulher morta. Após poucos passos desajeitados, tropeço no terreno irregular, me balançando e xingando antes de cair na areia. Eu me levanto e sinto feias pontadas de dor na cabeça. Meu cérebro assovia, chacoalhando como uma chaleira prestes a explodir.

– Onde eu *estou*?

– Troia, pessoinha do futuro. O que restou dela.

Uma longa sombra acompanha o vozeirão e, quando me viro, há um homem atrás de mim, com um escudo circular ocultando metade do seu corpo e uma espada afiada apertada pela outra mão.

– A do *Cavalo de Troia*? Essa Troia? – eu mal posso ouvir a minha própria voz. Há um barulho de construção à frente, perto da parede quebrada, um som selvagem de coisas quebrando e crescendo rapidamente. Eu não sei para onde olhar, mas mantenho os meus olhos com firmeza sobre o soldado alto, que traja um capacete de bronze com uma crista e cujos olhos amendoados me espiam de volta.

– Eu voltei no tempo?

– Não acho que seja o caso – ele diz. – Não é incomum para um guerreiro em dúvida ser visitado por um guia do destino. Eu mesmo já conversei com a deusa Atena, e ela, com sua sabedoria insondável, continua a cuidar de mim.

– Atena? Que barra pesada.

– Como é?

Mas não tenho a chance de responder, não naquele momento. A coluna de fumaça quebra subitamente e uma fileira de soldados vem correndo em direção a nós, correndo pela colina na frente da parede. Por contraste, esses companheiros são quase reconhecíveis, reconfortantes – as articulações ossudas, as faces maltrapilhas e os gemidos ofegantes: mortos-vivos, dúzias, armados e destruindo tudo para chegar desordenados até nós. Seus elmos de bronze se equilibram no que restou das suas cabeças, suas armaduras estão penduradas em ângulos esquisitos, folgadas em seus peitos e ombros em decomposição. Quando eles se aproximam, o soldado ao meu lado coloca algo na minha mão. Tem quase o mesmo peso do machado, mas é uma espada, longa e afiada.

– E esses são zumbis troianos? – eu pergunto, dando um estratégico passo para trás. Ele pode cuidar dos primeiros, parece capaz disso.

– Acho que são sim – ele diz, levantando o escudo só um pouco.

– Eu estou bêbada?

Ele olha com dureza para mim por um segundo, apertando os olhos por entre o bico de bronze do seu capacete.

– É provável.

Ele acaba com um dos zumbis, fazendo um movimento rápido contra o primeiro soldado, arrancando a cabeça dele com um golpe limpo. Parece um açougueiro em suas tarefas diárias, um homem com prática e despossuído de sentimento, desmantelando soldado após soldado, derrubando a linha de mortos-vivos com uma precisão ultrarrápida.

– Você é rápido para um velhote.

– Quarenta e cinco! – ele ruge, fazendo outra decapitação. – E forte como um touro.

– Deve ser todo esse azeite em que você está besuntado, aposto. E por carregar esse escudo o dia todo. Tem um vindo à sua esquerda.

Ele gira, cortando o zumbi no meio, realizando um giro rápido para bater o escudo no que vinha imediatamente atrás.

– Obrigado, pessoinha. Será que você poderia fornecer alguma assistência?

– Claro – eu digo, experimentando girar a espada. Ela é mais pesada que o meu machado, mas a lâmina e a empunhadura têm um bom balanço. Há apenas alguns retardatários sobrando, e eu já estou sem ar quando eles caem, desmoronando sobre as dunas coradas. O soldado dá alguns passos para frente e baixa seu escudo. Está tranquilo nesse momento, mas a nuvem de fumaça inquietando-se à nossa frente me diz que não seria por muito tempo. Olho para as suas pegadas na areia ao lado das minhas.

– Nossa, como você é grande.

Meu pé mal consegue cobrir um quarto das marcas deixadas pelas sandálias dele. Coloco o meu pé na pegada, como uma criança comparando seus dedinhos com os do pai.

– Ou talvez – ele diz, rindo como o estrondo de um trovão –, você seja muito pequena, pessoinha do futuro.

– Sei que vou eu me arrepender por perguntar isso, mas quem é você? – O desejo de ver o seu rosto e reconhecê-lo faz com que eu me aproxime alguns passos. Sua pesada capa já foi clara como creme, mas agora está esfarrapada e rasgada, e os desenhos nas bordas estão escurecidos com uma mistura de areia e sangue. O soldado se aproxima, tirando o pesado elmo de bronze da cabeça. Quando ele se vira, sinto uma pontada de reconhecimento, do mesmo jeito perplexo que um coelho pressente o perigo ou um bebê sente a sua mãe. O rosto do homem é longo, desgastado e tem profundas cicatrizes, com um nariz aristocrático que parece ter sido quebrado e redefinido muitas vezes. Seus olhos verdes e amendoados são cercados por cílios escuros e longilíneos.

– Odisseu – ele diz com gentileza, olhando para mim como se fosse muito óbvio. – Rei de Ítaca.

O desejo de, simultaneamente, murchar, morrer e sujar as minhas calças é urgente, como também é o desejo de manter um fugaz pingo de dignidade. Eu estou alucinando muito; ou a minha professora de ciências disse algo sobre não misturar álcool com drogas controladas, ou aqueles remédios psiquiátricos estavam vencidos. Era melhor do que ficar me lamentando sobre a Lydia, eu acho.

– Então você é o meu totem?

– Guia.

– Isso aí. Pois bem, você tem algum conselho para mim agora ou como isso funciona? Preciso cuspir sangue de cordeiro? – pergunto, hesitando na sua sombra. Ele se move para o lado, deixando uma clara visão do muro de Troia, da nuvem de cinzas e do que eu suspeito ser uma nova onda de mortos-vivos esperando na coluna de fumaça.

– Nós lutamos – ele diz. E como se fosse uma deixa, mais mortos-vivos de armadura emergem, caindo sobre as dunas e vindo em direção a nós. – Nós lutamos até estar muito cansados para pensar.

– Isso não pode estar certo.

Porém, eles já estão sobre nós, gemendo e guinchando a canção enervante deles. Odisseu para de rir e recoloca o elmo na cabeça. Ele baixa o ritmo, deixando que eu pegue mais alguns mortos-vivos, dando um passo para o lado de propósito, para ter certeza de que eu posso acertá-los. Aprendo rápido que eu não sou muito boa com a espada, então também pego um escudo, esperando poder bloquear o ataque das garras. A horda à nossa frente está crescendo e chegando em uma corrente constante. Seus gritos abafam o bater das ondas atrás de nós.

– Cadê todo mundo? – eu grito por sobre todos aqueles barulhos e gemidos.

– Se foram – ele diz. – Todo mundo. Voltaram para as suas casas, para suas esposas, famílias e reinos.

– Mas você não?

– Não, eu não. Ainda não.

Por um momento, fico tentada a contar para ele sobre a provação de dez anos pela qual ele ainda vai passar. Porém, olho sua espada de relance, brilhando com celeridade e precisão divinas e, sabiamente, reconsidero. E eu suspeito que ele já saiba. Acho que é por isso que ele está ali naquela praia deserta, distribuindo lições de vida para uma vendedora de livros do futuro em uma viagem alucinógena.

É aí que descubro que ele está certo. Isso é exaustivo e a minha mente está vazia. Eu estou falhando, tropeçando, e ele me salva mais de uma vez, pulando para interceptar um zumbi que eu deixo passar. As armaduras fazem com que seja difícil desmembrá-los, mas eu estou aprendendo a encontrar fraquezas e a mirar com cuidado nos pescoços vulneráveis.

Quando o último da horda cai no chão, eu já estou sem fôlego, suando em bicas pelas têmporas e pelo peito. Odisseu me dá um tapinha nas costas e é necessário usar toda a força que ainda me resta para não cair para a frente, na areia.

– Calma, cara – eu digo, levantando esbaforida. – Esse seu punho parece um maldito trator.

– Me explique isso – ele diz, virando-se para mim, tirando o seu elmo mais uma vez. –

Esse trator.

– Não importa – eu digo, afastando a ideia com um aceno e vendo as gotas de suor voarem dos meus dedos para sua couraça. – Desculpe. Está tão quente. Será que podemos continuar com a coisa de guia?

– Você devia se sentir honrada – ele diz rispidamente. – Por lutar ao meu lado, no rastro sangrento dos melhores guerreiros gregos... isso, frágil humana, é viver!

– Sim, saúde!

– Muito bem, eu posso ver que você está sem forças – ele diz. Por um momento, desvia o olhar. Quando ele se volta, não posso evitar um engasgo, enquanto cambaleio para longe dele, como se eu tivesse sido marcada com ferro em brasa no peito, o choque roubando todos os meus pensamentos de contrariedade ou de fala. Seu rosto está se transformando, o nariz e a boca se desprendendo como se fossem uma máscara de papel. E, agora, é Collin quem me encara, segurando o elmo de bronze debaixo do braço, com uma espada em sua mão sangrenta. Os olhos. Os olhos ainda são os mesmos.

– Você vai me deixar, não é? – ele pergunta.

– O quê? Não! Quero dizer, talvez eu precise, não sei – eu gaguejo, tentando olhar para o outro lado. Ficar perplexa com o seu próprio subconsciente seria sinal de esquizofrenia latente? – Não sei se quero continuar aqui, não com a sua esposa. É... humilhante. Quero você só pra mim. Eu sou egoísta. Não posso evitar.

– Você acha que está pronta para partir? Você sabe o que tem lá fora? – ele pergunta, indicando o campo de batalha, as dunas e a pilhas de corpos de mortos-vivos destruídos. – Para onde você vai?

– Minha mãe – eu respondo –, eu preciso encontrá-la. Eu esperei por muito tempo. Esperei, para poder estar com você. Mas agora...

– Agora você quer me deixar.

– Não, porra. Eu não quero – eu digo, enfiando minha espada na areia –, mas as coisas que você disse, que não poderia imaginar a vida sem mim, isso não vale mais nada. Ver você com ela... eu não consigo lidar com isso. É demais. Pessoas estão morrendo, o mundo está desmoronando, minha mãe está desaparecida e agora isso. Eu não quero te deixar, quero que você deixe a Lydia. Você não pode esperar que eu fique por perto e veja vocês dois juntos.

– Eu entendo – ele diz, assentindo com gravidade. – Houve amor entre nós, não é?

– Claro que sim.

– E agora acabou?

– Não da minha parte – eu sussurro. – Mas a minha parte não importa mais. Eu não posso viver com ela olhando para mim como se eu fosse um verme nojento. Eu não vou

ser um fardo.

Quando ele olha para mim de novo, está se preparando; é aquele tipo de reavaliação franca que nunca faz bem. É como um teste e, do jeito que ele me encara e seus lábios se contorcem para baixo, eu sei que falhei.

– Não preciso te dizer para tomar cuidado. E se você acha que essa é uma escapatória, então vá.

A areia parece se mover sob os meus pés, e eu tenho que lutar para ficar de pé. Minha cabeça está latejando, ou são as ondas, ou ainda os milhares de pés marchando em direção a nós. A fumaça, agora, está em toda parte, se espalhando pela parede, pelo céu, pela terra e chegando até ele, levando-o para longe.

– Quando você começa uma jornada – ele diz – e não conhece os obstáculos, a única forma de perseverar, de continuar vivo, é tendo um lar.

Eu não consigo mais ver as minhas mãos ou os meus pés. A massa cinzenta e preta está nos dominando, nos sufocando. Antes de ele sumir por inteiro, vejo seu rosto, seu triste sorriso de perdão, enquanto ele olha para mim como se fosse a última vez.

– Você tem um lar, Allison? – ele pergunta. – Você tem um lar?

Comentários

Isaac disse:
20 de outubro de 2009, 23h26
Eu... uau. O que foi isso?... Quero dizer... O que eu posso dizer?

> **Allison** disse:
> *20 de outubro de 2009, 23h50*
> Que tal: pega leve nos remédios tarja preta?

>> **Isaac** disse:
>> *20 de outubro de 2009, 23h59*
>> Sim. Acho que isso diz tudo.

Isaac disse:
22 de outubro de 2009, 14h09
Allison? Notícias? Por favor, não me diga que você ainda está andando com antigos guerreiros gregos de novo. Não exagere com esses remédios.

steveemchicago disse:
22 de outubro de 2009, 17h39
ficando preocupado por aqui. tudo bem, allison?

Noruega disse:
25 de outubro de 2009, 9h47
Nada há dias. :(Esse silêncio está me matando. Aconteceu algo com você?

> **steveemchicago** disse:
> *26 de outubro de 2009, 6h14*

descanse em paz.

Possessão parte 1

26 de outubro de 2009

– Argh. Não estou bem. A cabeça não está boa.

– Sim, pensando bem, não acho que esses remédios sejam uma boa ideia.

A cara embaçada do Ted olha para a minha na manhã que sucede a minha pequena aventura pelo tempo até a Grécia Antiga. Ver um amigo não está ajudando, nem um pouco, e o café que ele empurra na minha mão ajuda só um pouquinho.

– Obrigada, Ted – eu murmuro, vendo um uma luz branca lancinante. – Você é oficialmente o pior traficante de drogas da história.

– Você está bem? Você estava falando umas coisas bem doidas.

– Não importa – digo, com o nariz no copinho de isopor. – Só não fale sobre isso. Café é o que importa. Sem comida. Tem… outro Skywalker.

Aquela manhã – quando a ressaca já tinha passado – eu descubro um novo sentimento, algo que percebo que, em breve, eu precisaria me acostumar: a frieza de um detento confinado a uma prisão.

Tenho que me desculpar com todos pelo longo intervalo entre as postagens. Não queria deixar vocês preocupados. Juro que houve uma boa razão para isso. Bem, não exatamente “boa”, mas ainda assim uma razão. Eu vou tentar descrever os eventos da última semana com clareza e com o maior detalhamento possível, mas algumas informações ficarão perdidas para sempre, algumas memórias sumiram, e não tem nada a ver com remédios vencidos.

Como é possível imaginar, a chegada da esposa do Collin jogou um pouco de complicação nos meus planos de uma vida normal. A doença que estava assolando os nossos sobreviventes piorou com a chegada da Lydia e seus companheiros. Eles são um bando desorganizado sem conexão real um com o outro – um advogado, um jardineiro, um contador –, compartilhando apenas o objetivo de sobreviver o suficiente para chegar ao *campus* e ao ginásio. Eles também ouviram a transmissão do rádio e imaginaram o pior quando elas pararam. Sem a Lydia e a sua obstinada persistência, eles talvez nunca tivessem conseguido chegar.

Lydia é praticamente uma amazona, alta e voluptuosa, com um cabelo todo certinho e

prateado e um rosto artístico. A primeira coisa que veio à minha cabeça foi que ela era "muito" – muito cabelo, muito mulher, muito fria, como uma curvilínea boneca de neve de boca fina e uma camada brilhante de cabelo grosso.

Tentei não formar uma opinião negativa sobre ela, de verdade, tentei me manter objetiva, mas é bem impossível ser objetiva em um caso assim. Ou ela intuiu que algo tinha acontecido entre o Collin e eu, ou pura e simplesmente não gostou de mim. Já mencionei que um Sith pode usar a Força também?

Nossa primeira interação foi estranha, tensa e, felizmente, aconteceu bem longe do Collin. Lydia me escolheu entre os indivíduos no comando. Ela me encontrou discutindo com um bando das Esposas de Black Earth quando elas tentavam, mais uma vez, protestar contra a liderança do Collin.

– Oi – ela disse, passando a mão pelo rosto para tirar o cabelo dos olhos. Acho que ela tem uma idade mais próxima a do Collin. Ela tem uma maneira dramática de falar, dando a cada uma das suas palavras o mesmo peso melódico, colocando um sotaque ininteligível de sabe-se lá que lugar.

– Ei – respondi, torcendo para soar tão distraída como estava.

– Você deve ser a Allison.

– Sim, sou eu, me desculpe, eu estou um pouco ocupada.

Isso não pareceu importar para ela, já que continuava de pé a poucos metros de distância, me observando com olhos frios e velados, com ambas as mãos nos quadris redondos. Ela tinha a cabeça inclinada enquanto me inspecionava da cabeça aos pés. Ned havia chegado para ajudar e, sem dizer nada, entrou na conversa, tentando barganhar com as Esposas. Elas estavam demandando mais comida, mais roupas, mais, mais, mais. Ele conseguia persuadi-las para que se acalmassem por um dia ou dois, e elas ficavam encantadas quase por unanimidade pela sua personalidade e aparência calma, mas pareciam sempre desconfiar de mim.

– Esse é o Ned? – Lydia perguntou quando eu me afastei. Pensei que fosse melhor deixar o Ned resolver essa; havia muitas latas para serem abertas na mesa de comidas. Uma das Esposas ergueu uma cruz improvisada e o Ned baixou o braço dela com gentileza, tirando os palitos de sorvete da cara.

– Sim. Ele é de grande ajuda por aqui e um bom amigo.

– Hum. Ele parece mais alto de longe.

– Sim, bem, ele não é bem o Colosso de Rodes, mas tenho certeza que, para você, todo mundo parece de Lilliput.

Eca. Não foi o meu melhor. Eu não esperava que a Lydia respondesse, mas a vida é cheia de surpresas desagradáveis.

– Eu gostei muito de Swift, na verdade.
– Bem, se o autor voltar dos mortos, eu aviso para ele.

A conversa acabou ali. Eu não consigo olhar na cara dela, e não consigo olhar para o Collin. Não me parece certo exigir que ele escolha um lado ou defenda a situação. Não dá para culpar ninguém. Como de costume, Ted está desaparecido. Ele sempre dá um jeito de sumir nos piores momentos, quando eu mais preciso dele. Ned é um bom ouvinte. Ele está determinado a ficar do meu lado, e estou profundamente agradecida. A simpatia dele, entretanto, foi parte do que nos meteu em uma pequena enrascada, e por pequena enrascada claro que eu quero dizer que nos metemos em um buraco de merda tão fundo que quase nos mandou para o centro da Terra. Julio Verne ficaria orgulhoso.
As Esposas de Black Earth tomaram uma decisão: querem partir. Imediatamente.
Collin diz que elas poderiam partir. Afinal de contas, isso não é um estado fascista, elas podem partir se quiserem. É o funeral delas. Ned insiste para que eu fique perto dele enquanto o choque inicial da chegada da Lydia ainda está fresco, terrível e me transformando num monstro de pavio curto e com propensão a alucinações bizarras. Ele pode ver o que os outros não conseguem: infelizmente, a minha estabilidade está sendo destruída junto com o meu relacionamento com o Collin e, agora, eu precisarei encontrar outra saída. As experiências com drogas já foram longe demais, eu sei.
Por causa disso, nós gastamos duas horas na academia, e isso é terrível, mas é a distração de que estou precisando desespera-damente. Então o Ned e eu levamos Dapper até a parte do estacionamento que fica para além do perímetro de segurança, onde estão os veículos. As Esposas de Black Earth receberam uma das vans que comportam de seis a oito pessoas. É um presente generoso, que acho que elas não merecem.
– O que há de *errado* comigo? Eu me transformei em uma megera – eu digo, verificando o porta-malas em busca de qualquer visitante indesejado. Temos que limpar a van e nos certificar que ela está em boas condições de funcionamento. Existem tarefas piores, como jogar partes de zumbis em um buraco na terra ou tomar um chá com a Lydia.
– Só fique longe dela. É tudo o que você pode fazer.
– Você tem razão. Eu não posso confiar em mim mesma.

Ned ri, com seus olhos azuis elétricos piscando enquanto ele varre com um esguicho de água um monte de pó para fora da van. Deixo passar o seu eufemismo de pai sem nenhum comentário.

– Se serve de consolo, eu também não gosto muito dela.

– Ela acha que você é baixinho – conto a ele, para encorajá-lo.

– E eu acho que ela é uma vadia.

– Bobona, Ned. Bobona.

Dapper pula em um dos bancos, clamando-o para si. Não acho que vou encontrar outro lugar mais pacífico para escrever, então sento ao lado dele e saco o meu laptop da mochila. Ned diminui a velocidade da limpeza, porque, caso alguém apareça, ainda acharia que estávamos ocupados. Ambos somos muito bons em evitar trabalhar na tenda médica. O complexo de superioridade do Ted é acalmado pelo trabalho árduo, mas Ned e eu preferimos treinar tiro ao alvo na academia. Está frio no estacionamento, e os meus dedos começam a ficar um pouco dormentes quando escrevo. Enquanto isso, Dapper tenta passar a língua nas minhas mãos.

É aí que tudo começa a ficar confuso. Me lembro do Ned do lado de fora da van, com a cabeça inclinada, verificando embaixo do assento do passageiro da frente, e me lembro de ouvir passos do lado de fora, na calçada. Houve alguns sussurros e um flash na minha vista quando algo duro e pesado acertou a parte de trás da minha cabeça.

Minha memória está instável, mas vou fazer o possível para me lembrar do que aconteceu. Eu acordo e a minha nuca parece mole e molhada. Estou no escuro, numa escuridão úmida e ecoante. Tudo está um pouco molhado e congelado. Parece o porão do ginásio, mas cheira diferente, mais metálico e empoeirado. Toco a minha nuca e os meus dedos voltam pegajosos; uma gota me diz que a minha cabeça está sangrando, mas a ferida está viscosa e começando a se recuperar. Gemendo, eu sento e aperto os olhos na escuridão.

– Oi? – eu coaxo. – Alguém? Essa porcaria de novo, não. Porra. *Odisseu*?

Não há resposta, apenas a minha própria voz voltando para mim de direções diferentes. Desta vez, se eu tiver sorte, não haverá nenhuma furiosa batalha épica ou heróis gregos zanzando por aí. Há um leve e persistente perfume acima da minha cabeça, a poucos

metros do chão. Cheira um pouco a sabonete de lavanda, com a secura marcante de um *pot-pourri*. Tremendo, rastejo pelo chão tentando medir o tamanho do quarto. É um lugar pequeno, de uns dez metros quadrados, com duas paredes grossas feitas por grades de metal exalando um forte cheiro de ferrugem. As outras paredes são irregulares e feitas de cimento. Não há luz para ajustar a visão, mas eu poderia fazer uma abertura, como uma janela, acima de mim. O teto está coberto com papelão, que bloqueia a luz do sol ou das estrelas. Não tenho ideia de que horas são, nenhuma noção do tempo que teria passado entre estar sentada na van e acordar no chão. Há um balde em um canto, e eu só posso presumir que deve ser o meu banheiro.

O que me preocupa mais é o fato de eu estar sozinha, nem o Ned nem Dapper parecem estar por perto.

Eu fico esperando pelo que parecem horas, enrolada em mim mesma, contra uma das paredes, com apenas perguntas me fazendo companhia. Não sinto quase nada, porque sei que qualquer coisa que aconteça a partir dali está fora do meu controle. Não há nenhum rompante, nenhum momento de ira, porque não há muito mais para ser tirado de mim. Há apenas uma opção: esperar.

Por fim, com o estômago roncando e reclamando a cada vinte segundos, escuto passos. Uma luz de lanterna aparece, o feixe fino, amarelo, saltando pelo concreto. Vejo que, provavelmente, estou no porão mesmo, em um lugar que, algum dia, foi um estoque. A lanterna ilumina uma pilha de bolas de futebol e de basquete murchas em um canto, junto com os restos de uma velha trave de hóquei. A luz passa pelos meus olhos e faz a minha cabeça já dolorida quase explodir de dor. Protejo os meus olhos e os aperto para tentar ver através desse brilho lancinante quem está vindo até mim. Ela é bem alta, grande, com ombros largos e masculinos, e tem um cabelo encaracolado em forma de espanador que se apega à sua cabeça como um capacete gorduroso. Sua boca é pequena e enrugada e há uma olheira bem desenhada ao redor dos seus olhos. Ela é tão alta quanto o Ned, talvez um metro e oitenta.

– Onde estou? – pergunto, descobrindo que a minha voz ficou mais rouca.

– Coma agora – ela grunhe, ajoelhando-se com grande esforço para deslizar um prato raso abaixo da fresta da porta de metal. Há um grande e desagradável cadeado ao redor da maçaneta da porta. – Volto em algumas horas.

– Espere, por favor – eu digo, engatinhando e lutando para ir para a frente. – Você não pode pelo menos me dizer quem é você? *Quem é você*?

– Eu não sou importante – ela diz, com um forte sotaque alemão ou talvez sueco, como alguém recém-chegado da sua pátria-mãe. – Daqui a pouco eu volto.

Bem, ela é uma mentirosa safada, porque não volta por horas. Nesse meio tempo, como

o que está lá. Uma porção escassa e aguada de farinha de aveia, com um gosto rançoso; consigo imaginar aquilo definhando na parte de trás de uma despensa, juntando teias de aranha por décadas. Ainda assim, como tudo, na esperança de que não esteja misturado com algo. Tento dar um jeito de medir a passagem do tempo, mas sem o sol é impossível sentir de verdade o tempo passar.

Enquanto isso, fantasio quebrar a parede como se fosse o Super--Homem, voando pelo céu com a minha visão telescópica, esquadrinhando o terreno em busca da minha mãe. Então eu daria um rasante, a pegaria e a levaria para uma fortaleza em uma montanha, onde morreríamos de comer pudim de caramelo.

Quando escuto outro som, é na sala ao meu lado. A lanterna vem de novo, é a mesma mulher, mas, em vez de abrir a minha porta ou vir me ver, ela abre a porta da sala ao lado e empurra alguém lá para dentro. Há um arrastar de pés no cimento e um barulho da porta se fechando enquanto um cadeado é preso na maçaneta.

– Não lute. Você teve sua chance.

Desta vez, não é a carcereira falando, mas outra pessoa, uma voz grave e feminina que eu reconheço vagamente. A lanterna está apontada com firmeza para o chão, e eu não consigo ver o rosto dela.

– Vai se ferrar.

Meu coração sobe até minha boca. Obrigada, *Senhor*. É o Ned. Ele cospe no chão, e eu ouço um grito da mulher e uma risada tensa da grande alemã com as chaves.

– Que Deus tenha piedade da sua alma, Edward. Embora eu ache que Ele não terá.

Elas saem, a lanterna vai balançando para longe até que vira uma esquina e desaparece.

– Ned? É você?

– Nossa, Allison, você está viva! – ele diz. É alarmante o tom de surpresa na sua voz. Consigo ouvi-lo se contorcer até estar próximo da nossa parede compartilhada. Arrasto-me na mesma direção, colocando as mãos pelas grades até conseguir tocar a mão dele.

– Onde estamos? – eu pergunto, tão feliz por ter companhia que posso sentir as lágrimas enchendo os meus olhos.

– Acho que isso é uma escola primária, ou algo do gênero. As paredes lá em cima são cor-de-rosa, amarelas e verdes.

– E Dapper?

– Não vi – Ned diz. Pelo som da sua voz, posso visualizar o seu rosto franzindo. – Não consigo acreditar que você está viva. Nossa, Allison, é horrível. Elas são pessoas terríveis. Não sei o que vai acontecer com a gente.

– Pera aí… *quem* é terrível?

– As Esposas de Black Earth, é com elas que nós estamos, são elas… Merda. Elas

pegaram a van, devem ter feito isso, e pegaram a gente também.

– Mas isso não faz nenhum sentido. Por que elas nos sequestrariam? Por que arriscariam fazer isso? – eu pergunto. Posso sentir as mãos dele tremendo, balançando a parede com grades e fazendo com que ela tilinte suavemente, como uma lufada de vento.

– Sou eu. Elas querem... *queriam*... a mim.

– *Você?*

– Obrigado.

– Isso não é sobre quão pegável você é, Ned. O que eu quero dizer é: pra quê elas querem você?

– Elas perderam a cabeça, Allison, todas elas. Elas estão loucas...

– Mas se elas querem você, por que você está aqui embaixo comigo?

– Eu não poderia... não poderia fazer o que elas me pediram. Elas fizeram um tipo de culto ou algo do gênero, algo ruim. Não sei o que diabos está acontecendo – ele diz, com a voz morrendo no meio da sentença. Algo está muito errado, e a parede começa a balançar com força. – Elas tentaram... tentaram fazer sexo comigo.

– Jesus.

– Exato, Allison. Elas pensam que é o fim dos tempos, o Armageddon. Querem repopular a Terra, mas apenas com *verdadeiros crentes*. Elas ficam me chamando de Adão. E a Corie... ela estava lá, de pé, bem ali, e não fez nada, não tentou impedi-las. Isso é tão horrível... E agora... agora eu acho que, provavelmente, elas vão nos matar.

– *Nos* matar? O que diabos eu fiz?

– Nós somos pecadores. E eu... eu não pude... Elas estão com os meus meninos. Elas estão com o Evan e o Mikey.

– Nossa, Ned – eu digo, sentindo que o meu corpo quer desaparecer. O mingau de aveia está ameaçando voltar, e bem rápido. – Você deveria... você deve fazer o que elas mandaram. Não se preocupe comigo. Apenas tente colocar os seus filhos em segurança. Eu estou falando sério, é uma ordem.

– Não seja idiota – ele diz. – Eu não deixaria que os meus meninos me vissem desse jeito. Pelo menos eles não vão ser feridos... Bem, eu não sei direito, mas eles são apenas crianças.

– E o que vamos fazer agora? – pergunto, apertando meus dedos.

– Elas vão procurar por um novo Adão, ou sei lá, eu acho... e nós, bem, nós não somos necessários. Elas ficavam falando de sacrifícios, sacrificar os indignos. Elas estão reconstruindo o mundo, suponho, e do jeito que elas querem.

Qualquer coisa é melhor que isso. Nadar com tubarões famintos é melhor. Até mesmo ficar presa em um armário com o Collin e a esposa dele por toda a eternidade é melhor

que isso. Evan e Mikey estão provavelmente muito assustados lá em cima, com um monte de loucas, se perguntando onde o pai deles está. E vai saber o que estão falando ou mostrando a eles...

– Vamos sair daqui – eu digo, apertando as mãos dele mais uma vez. – Temos que fazer isso. Ainda não acabou, não enquanto estivermos vivos. Chegamos muito longe para morrer aqui. Eu não vou deixar um bando de donas de casa de merda me derrubar, não depois de chegar tão longe.

Não há esperança, mas procuro por ela mesmo assim, mergulhando de cabeça, quase esquecendo que não estamos lidando mais com mortos-vivos sem mente. Quero esquecer, esquecer tudo e encontrar um espaço entorpecido onde não haja pensamento, onde não haja sentimentos. Porém, algo me impede, algo me diz que eu devo continuar tentando, que eu não posso ser derrotada. Eu quero o meu cachorro de volta. Quero a minha liberdade e, principalmente, quero uma casa. Quero a minha mãe.

Comentários

steveemchicago disse:
26 de outubro de 2009, 17h27
ê! você voltou. desculpe pelo "descanse em paz". deixa pra lá, sei o que você está sentindo, allison. eu quero a minha mamãe também. fique longe dos remédios tarja preta a partir de agora. eles nublam os sentidos.

> **Isaac** disse:
> *26 de outubro de 2009, 18h01*
> Feliz de te ver por aqui, bem, viva. Acho que todos queremos as nossas mães. Agora se apresse e nos conte o resto da história, mulher!

Elizabeth disse:
26 de outubro de 2009, 20h46
Acho que essa é a última vez que comento aqui. Está cada vez mais difícil encontrar conexão. Estamos estocando peixes para o caso de a praga destruir o ecossistema do oceano. Temos peixe seco para dar e vender. Eu morreria para comer um burrito, mas tenho que me sentir agradecida pelo nosso suprimento de comida, qualquer comida. O oceano tem sido o nosso salvador, e eu sou grata a cada dia pela nossa segurança. Sei que você não pode chegar aqui, Allison, mas eu gostaria que você pudesse. Se algum dia você chegar até a costa, saiba que tem amigos nos mares.

Possessão parte 2

27 de outubro de 2009

Eu abordei o problema em etapas.

O primeiro passo era pegar de volta o meu laptop, para tentar pequenas vitórias e ver o que eu tiraria da nossa carcereira. A próxima vez que ela veio para nos dar comida, eu estava esperando na porta.

– Posso pegar o meu laptop de volta? – eu pergunto, usando a minha voz mais polida. Ela ri, balançando a cabeça e jogando o prato com tanta força por baixo da porta que acaba espirrando um pouco de mingau. – Por favor?

– Não.

Quando ela volta, eu tento de novo.

– Posso pegar o meu laptop de volta? Eu só queria ter alguma coisa para fazer. Estou enlouquecendo aqui.

– Você vai pedir ajuda – ela diz, jogando o facho de luz da lanterna na minha cara. – Você pode fazer muitas gracinhas.

– Não – eu digo, movendo a cabeça em sinal de negação com veemência. – Se não tem internet, não tem conexão, então eu não posso pedir ajuda. Olha, eu prometo, só quero alguma coisa para me manter ocupada. Sem gracinhas.

– Não.

– Mas... – *Merda, o que a convencerá...?* – Só preciso trabalhar alguns pensamentos, sabe? Tenho pensado e... bem, talvez vocês estejam certas, sabe? A respeito dessa história de fim dos tempos.

– Estamos *certas*?

– Isso! Sim! Eu só quero pensar melhor em algumas coisas e... escrever sobre os meus sentimentos... Ajuda de verdade a organizar meus pensamentos. Sem gracinhas, eu prometo.

– Sem gracinhas? – ela repete, intrigada.

– Nenhuma.

Ela volta uma hora depois, com a minha mochila. Antes de abrir o compartimento do laptop, ela vasculha tudo, tirando o que ela considera “gracinha”: um *pendrive*, um canivete, um grampo de cabelo, um CD. Eu espero do outro lado da sala para deixá-la mais à vontade, e ela abre com cuidado o cadeado, joga a mala e bate a porta.

– Sem gracinhas! – ela grita, sacudindo a porta de maneira ameaçadora.

– Combinado. Sem gracinhas.

Não há tomada e provavelmente não há eletricidade também, então me vejo forçada a

usar a bateria com parcimônia. Só abro o laptop para iluminar e dar uma olhada no ambiente, e escrever alguns apontamentos para me lembrar das coisas depois. Agora eu sei que poderia haver uma saída. Nossa carcereira não é muito inteligente, e isso me deixa tonta de esperança. Ilumino a cela do Ned com a tela. Ele está sentado perto das grades e aperta os olhos em direção a mim, com aqueles olhos azuis que brilham sob a luz do computador. Há um profundo corte sobre o seu olho e uma contusão ao longo da sua bochecha.

– Fase um completa – eu digo, sorrindo. Minha cabeça ainda está me matando e as dores praticamente não param, mas o que aconteceu é algo de que eu podia me orgulhar.

– Eu não acredito em você – Ned diz, balançando a cabeça. – Você vai estar em sérios problemas quando elas perceberem que você não mudou de verdade. Elas vão surrar você com o seu próprio laptop.

– Essa coisa de conversão pode não ser tão ruim. Quero dizer, o que exatamente uma mudança implicaria? Transar com você?

– *Ha ha.*

– Talvez elas encontrem alguém bem sexy para ser o novo Adão. Não dá pra saber…

– Você enlouqueceu.

– Não me julgue, Ned. Nós todos lamentamos de formas diferentes. Alguns tentam continuar vivendo, procurando o lado bom das coisas, confiar no lado bom da vida, e outras vão fazer coisas absurdamente insanas e começar um culto do fim dos tempos. Cada um na sua e tal. Quem é você para dizer que elas estão erradas?

– Acho que essa sua pequena vitória subiu à sua cabeça – ele diz, se alongando no chão.

– Nem um pouco. Veja bem, o que nós aprendemos hoje? A Helga é uma imbecil, ingênua até não poder mais, e disposta a barganhar com a gente. Eu digo que é um grande passo para a humanidade.

– Sim. E a menos que você seja o louco do MacGyver, esse laptop não vai nos tirar daqui.

– Um passo de cada vez, Ned, um de cada vez.

– Saiba que, se você nos tirar daqui, eu mesmo vou me livrar da Lydia para você – ele diz, rindo e, depois, engasgando, ao não ter resposta para a sua piada. Existe uma espécie de escuridão gelada e inquietante que se instala no seu estômago quando você se lembra de um desagrado profundo.

– Desculpe – ele diz.

– Tá tudo bem – eu digo, impaciente.

– Nós podemos falar sobre isso. Eu sou um bom ouvinte.

– Podemos conversar sobre você e a Corie também.

Mais silêncio. Ai.

– Ela é parte disso tudo, Allison. Nesse ponto, eu só estou torcendo para que ainda reste um pouco da velha Corie e que ela mantenha os meus filhos a salvo – sua voz vacila na última palavra. – Qualquer coisa além disso seria um milagre. E, de qualquer maneira, eu preciso de uma distração de… tudo isso. Então você fala.

– Não tenho nada a dizer.

Silêncio. Aos poucos, começo a ouvir um leve gotejar a alguns metros, o barulho de uma poça úmida se formando, o nascimento de uma colônia de mofo. Então, da escuridão, vem um assovio grave, primeiro só uma tentativa e, depois, mais forte, com mais confiança. A melodia é implacável, e as palavras vêm sem esforço, cruelmente, rodopiando…

Let's go fly a kite

Up to the highest height!

– Pare com isso! – eu digo, atirando um pedaço de cimento contra as barras da grade.

O riso ofegante do Ned desliza pelo chão úmido. Ele fica quieto por um momento e então:

– Posso só… só falar uma coisa? – ele pergunta. Eu ouço o raspar da sua calça jeans no chão conforme ele se aproxima da parede que nos separa. Eu não consigo pensar em uma resposta, então ele continua. – Tem uma parede entre nós, então eu vou ser honesto. A Lydia é só uma desculpa conveniente. Você esteve o tempo todo com medo de gostar demais do Collin.

– Ela não é uma desculpa, *Edward* – eu digo. – Eles são casados, sabe, sagrado matrimônio e tal?

– Certo, mas isso não muda o fato de que você está horrorizada com a ideia de perdê-lo.

– Claro que estou com medo. Caso não tenha notado, o mundo está meio que caindo aos pedaços. Pessoas morrem o tempo todo. Isso é um pouco assustador. Bem, isso e o fato de ele ter se casado com uma completa idiota.

– Como um homem pode resistir a uma atitude dessas?

– Cala a boca.

Ele tem sorte de haver uma grade entre nós. Eu provavelmente tentaria enforcar seu pescoço.

– Você não vai nem tentar brigar? Mostrar um pouco de paixão? De comprometimento?

– Não posso me comprometer com um homem casado. É como… sei lá… tentar comer um hambúrguer em um pão de cachorro-quente.

– *O quê*?

– Só… deixa pra lá, eu estou com fome – murmuro. – O que eu quero dizer é que não dá pra se comprometer com um homem já comprometido… ou algo assim. Não tenho nada a

temer porque ele não é mais meu, nunca foi.

– Comprometido? A esposa dele desaparece só por algumas semanas e ele se apaixona por você? Você não acha que isso é um sinal de, ah, não sei... turbulência? Isso não grita “divórcio iminente e inevitável”?

– Fique à vontade para pular fora do trem de homens casados quando você quiser.

– Não tem trem nenhum, Allison, não mais. A minha esposa está... em outro lugar... É outra pessoa – ele diz, sua voz viajando pelo ar. – E talvez essa seja a conclusão. As pessoas mudam. Talvez ele e a Lydia já estivessem com problemas. Você poderia ter certeza disso se tivesse se preocupado em falar com ele sobre o assunto.

– Não, de jeito nenhum! Você não pode pedir para que eu lute, que eu mostre um pouco de paixão e, em seguida, admitir que desistiu da Corie. Simplesmente não pode!

– Você o ama?

– Deixa pra lá.

– *Ama*?

– Sim.

– Então pare de se comportar como uma chorona, porra.

– Uau – eu digo, colidindo com a parede de cimento atrás de mim. Esqueça tudo, a parede, as correntes, o lugar. Sinto essa direto no meu estômago. – Você realmente superou essa sua coisa de pai não falar palavrão.

– Estou certo? – Ned pergunta.

– Claro que sim. Você está certo.

– Então volte a trabalhar para nos tirar daqui.

Comentários

Isaac disse:
27 de outubro de 2009, 13h34
Que jeito de manter o suspense por um dia todo. Há uma parte 3? É bom que exista.

> **steveemchicago** disse:
> *27 de outubro de 2009, 14h09*
> ela gosta de nos torturar, isaac. falando nisso, como é estar presa com um sujeito metido a psicólogo? e não me diga que nós vamos ter que esperar mais um dia para saber mais!

Possessão parte 3

28 de outubro de 2009

Um passo de cada vez não é mais adequado.

Ned e eu temos uma nova amiga. O nome dela é Renny e ela está vivendo na minha cela agora. Somos colegas de prisão. Ela é cabeça quente – barulhenta, cheia de opiniões e destinada a compartilhar do nosso destino terrível (eu não estou totalmente convencida de que elas querem nos matar, mas o Ned insiste). Renny teve o azar de entrar vagando pelo complexo das Esposas de Black Earth. Chamo de “complexo” pois gosto de pensar nelas como as supervilãs de algum filme de terror barato. Eu fico falando para o Ned que precisamos cortar fora a cabeça da cobra, mas, alusões bíblicas à parte, ele não acha graça. Quando a Renny se recusou a participar do “serviço de oração”, elas a jogaram aqui embaixo, com o resto do lixo. Ela é um recurso inestimável.

– Vadias do caralho.

Essa é a primeira coisa que ela fala para mim e é uma dica de quão profunda e significativa a nossa amizade será. Ela tem a pele escura e lisa, a testa alta e as maçãs do rosto acentuadas. Suas unhas estão quebradas, mas um dia estiveram pintadas de laranja fluorescente e amarelo. Seu cabelo preto-avermelhado é uma bagunça de pequenos cachos que apontam para todas as direções, seguros por uma ampla faixa na cabeça. Bato levemente no espaço ao meu lado, e ela passa a ter um assento.

– O que você viu lá em cima? – eu pergunto.

– Além dessas vadias malucas? Elas pediram que eu rezasse com elas, o.k., que seja, eu rezo com você se eu for ganhar um sanduíche. Elas me levaram para a sala da caldeira, onde elas tinham aumentado o calor em um milhão de graus, e me fizeram ajoelhar com elas para me “purificar”. Certo, estranho, mas deixa pra lá. Aí ficou bizarro, muito bizarro, sabe? Elas falaram que eu deveria transar com um cara, engravidar e continuar o legado de Adão e um monte de porcarias lunáticas do tipo. Não, obrigada, eu não faria isso nem por um sanduíche de metro.

– Não era o seu tipo?

– Nã-não.

– Religioso?

– Homem.

Renny concorda com a opinião do Ned de que reaver o meu laptop não é algo digno de celebração. Eles não têm imaginação. Passamos o tempo compartilhando histórias. Renny trabalhava com publicidade, perto de onde nós estávamos, na região de Madison. Ela estava em sua hora de almoço quando os mortos--vivos chegaram. Tentou sair,

acompanhada por alguns colegas de trabalho. Nos dias que se seguiram, eles se separaram, e ela vagou de casa em casa, vasculhando e usando coisas para se defender. Ela confirmou a história do Ned de que nós estávamos presos no porão de uma pré-escola.

– Tinha margaridas e outras tranqueiras do tipo nas paredes. Tem algo simplesmente errado nisso tudo.

Dois dias se passam. Renny é uma boa companhia, mas o Ned está ficando cada vez mais distante. Eu sei que ele está preocupado com os filhos, com o que pode estar acontecendo com eles. Ninguém veio falar comigo sobre a minha possível conversão, e eu acho que talvez elas já saibam que eu sou uma causa perdida. Mas, depois de dois dias, acontece uma coisa, algo que exige ação. Elas pegam a Renny.

Eu não a conheço há muito tempo, mas a conhecia o bastante para saber que é uma amiga que vale a pena. Ela tem um espírito guerreiro, um brilho nos olhos que não pode ser apagado, não importando as circunstâncias. Mas elas a levam. Elas a levam chutando e gritando. É preciso três mulheres para arrancá-la para fora da cela, uma para manter uma arma apontada para mim e duas para segurar a Renny e os seus socos precisos.

– Suas vagabundas, eu vou acabar com vocês! Só tentem, só tentem me dar uma briga justa!

Ela tem a boca suja e criativa. Eu não posso deixar que levem alguém como ela.

– Chega – eu digo para o Ned enquanto a voz de Renny some, o último dos ecos chegando até nós como um murmúrio baixinho e vibrante. – Chegou a hora.

– Allison – ele diz, parando por aí.

– Sabe, Ned... de todas as maneiras de se matar, eu realmente acho que a autoimolação é a melhor.

– Allison.

– Não, sério. Quero dizer que desse jeito parece que a pessoa está dizendo: “Olha, cara, eu estou morrendo... *com sentimentos*”.

– Sei que você não quer que elas te levem, mas, mesmo que você queira se matar, não tem como fazer isso aqui – ele diz, suspirando na escuridão.

– Você está pensando de um jeito muito quadrado.

– Eu acho que você poderia se enforcar com o cabo do computador. Aqui ele é inútil, de qualquer jeito.

Ned. Ned, seu gênio maldito.

– É isso.

– O quê? Isso o quê? Não, nem pense nisso.

– Não estou falando de *mim*, seu idiota – eu digo. – Mas eu prometo que, se você quer sair daqui e salvar os seus filhos, é isso o que nós vamos ter que fazer.

– O que você quer dizer? Com o cabo do seu computador? Estou perdido.

– Pra quê você estava me treinando? Pra quê foram todas aquelas horas na academia? Eu vou tirar a gente daqui de um jeito ou de outro, porra.

Ned está bufando, tentando me convencer do contrário. Agradeço a preocupação, mas a Renny está em perigo, e eu tenho a sensação de que cada momento que nós desperdiçamos diminui as chances de sobrevivência dela. E, além disso, eu estou cansada desse lugar, entediada às lágrimas, prestes a arrancar o meu cabelo apenas para me entreter.

Ned se acalma depois de um tempo, provavelmente por se convencer que eu abandonei a ideia. Mas não é o caso. Helga aparece cerca de uma hora mais tarde para nos trazer comida e eu estou pronta para ela, sentada perto da porta com o laptop aberto. Mantenho os olhos intensamente focados na tela, digitando, murmurando e rindo para mim mesma. Ela vê isso e para um pouco antes de empurrar a bandeja por baixo da porta.

– O que é isso? O que você está fazendo? – ela pergunta, inundando a minha cara com o feixe da lanterna. Não respondo, e dou ainda mais risada enquanto finjo digitar. Ela balança a porta, gritando para mim.

– Você! Eu falei! Sem gracinhas! – ela grita, batendo na porta. Na cela ao lado, posso ouvir o Ned se aproximando. – O que você está fazendo?

– Gracinhas.

Um grunhido começa no fundo da sua garganta e aumenta até ela estar se debatendo em busca das suas chaves, resmungando para si mesma e para mim, xingando e me ameaçando. Finalmente, ela encontra a chave certa e abre o cadeado, escancarando a porta. Recuo um pouco, escondendo a tela. Ela precisa ver mais de perto, bem perto, ou não vai funcionar. Helga me segue, mordendo a isca, e tenta ver a tela. Continuo rindo como uma maníaca, o que a deixa ainda mais brava. Para uma louca religiosa, ela conhece uma quantidade bem grande de linguagem inapropriada.

Ela está bem em cima de mim agora, então vamos por partes. Eu procuro por uma arma, mas não vejo nenhuma, nem no seu bolso, nem enfiada na cintura. Helga é uma zagueirona sólida, elas não acharam que era preciso armá-la. Isso vai ser pior, muito pior,

do que eu pensei. Quando ela se abaixa para olhar para a tela, eu entro em ação, agarrando o cabo que está nas minhas costas e jogando-o no pescoço dela. Ela se estica, surpresa, cambaleando para trás alguns passos. Mas eu estou pronta para ela, estou pronta há uma hora, e fico de pé, mais rápida e mais ágil. Pego a outra extremidade do fio e puxo com força, apertando o plástico em volta do pescoço dela.

Ouço as mãos de Ned batendo contra a parede, seus dedos agarrando as grades.

O laptop está aberto, a tela em direção a nós, a luz pálida e austera caindo sobre a nossa luta. Helga é quase trinta centímetros mais alta que eu e, quando ela se inclina, acaba me levantando do chão. Minha pegada é boa e forte, e eu a aperto um pouco mais, colocando o cabo de encontro ao nó duro da sua garganta. Isso parece muito mais fácil nos filmes. Ela decide que não vai conseguir me jogar das suas costas e então começa a se bater contra a parede de concreto.

Essa é uma reviravolta infeliz e inesperada.

Minha coluna estremece quando ela tenta me esmagar contra a parede, me prensando entre suas costas suadas e a parede de concreto. Mas eu não vou soltá-la, e percebo naquele momento que quem vai viver e quem vai morrer depende de qual de nós duas vai conseguir ficar com as armas.

– Allison! Allison, não!

Posso ouvir o Ned gritando com força, balançando as grades da porta. Sua voz, porém, está começando a desvanecer, e eu sinto os meus pulmões desistindo de suportar a Helga me moendo contra a parede. Minha visão está se tornando ruim, borrada, e está ficando impossível respirar. Mas penso na minha mãe, no recado dela na bolsa que nós encontramos, e no seu rosto, sua voz me pedindo, me dizendo para não desistir.

Minhas mãos estão escorregando do cabo plástico, mas não é por causa do meu suor. Tem algo escorregadio no cabo, se espalhando no meio dos meus dedos. Não posso deixar escapar, não posso afrouxar nem por um segundo sequer. Puxo com mais força, o último suspiro nos meus pulmões sai em um longo grito quando eu sinto minhas unhas se enterrando profundamente nas minhas mãos. Helga faz um barulho terrível, um gargarejo, gemendo e voltando a se bater contra mim. Ela está coberta de suor, e eu posso sentir a frente da minha camiseta ficando encharcada. Dói cada vez mais, e meu peito grita como se eu estivesse passando por muitos assaltos em uma luta de boxe. Meu coração e meus pulmões explodiriam a qualquer momento e, se eu não conseguisse mais um suspiro de ar, apenas um, eu estaria morta. A voz do Ned está ficando cada vez mais alta e as grades chacoalham e sacodem...

Se pelo menos o cabo não estivesse tão escorregadio, se eu pudesse respirar, se eu conseguisse ficar com os olhos abertos mais um segundo...

Até que tudo fica lento e escuro, e eu estou caindo para a frente. Eu não sei se estou viva ou morta, se a Helga venceu ou desistiu. Bato no chão com força, meu cotovelo gritando com uma centena de alfinetadas ao atingir o concreto. Talvez o meu braço estivesse quebrado, talvez eu finalmente tivesse ficado sem ar…

Quando acordo, meu braço está doendo e minha cabeça parece estar aberta de novo. Posso ouvir alguém chorando baixinho, soluçando.

– Argh.

– Nossa! – Ned praticamente grita. – Porra! Caralho, você está viva! Droga, Allison, nunca mais… Meu Deus… eu pensei que você estivesse morta.

– Por quanto tempo eu fiquei apagada?

– Uns dois minutos.

Sento bem devagar, usando o laptop para ver o que tem nas minhas mãos. É sangue, um monte. Helga está no chão a alguns centímetros de distância, com o rosto virado para baixo e o cabo do computador ainda enrolado no pescoço. Eu a empurro com o meu pé e vejo que o plástico começou a entrar na sua pele. Limpo minhas mãos na camiseta suada dela e levo um momento para me aprumar. Meu peito ainda ofega, mas o ar está chegando nos meus pulmões e os meus batimentos cardíacos estão se estabilizando.

– Eu não acredito nisso.

– Não brinca – eu digo, ficando de pé, trêmula. Precisamos ir rápido, antes que alguém venha atrás da Helga. Guardo o laptop e limpo o cabo na calça dela. Pego as chaves, saio e liberto o Ned, abrindo o cadeado. Seus olhos azuis e brilhantes me encontram na porta. Minhas mãos não param de tremer.

Ned me pega e me abraça demoradamente, aliviado, aterrorizado, tremendo tanto quanto eu.

– Vamos pegar os seus filhos – eu sussurro e, juntos, escapulimos pelas sombras, a lanterna da Helga em uma das minhas mãos e o pesado molho de chaves na outra.

Comentários

Isaac disse:
28 de outubro de 2009, 11h07
Ufa! Eu sabia que tinha mais.

> **Allison** disse:
> *28 de outubro de 2009, 11h45*
> Desculpe pelo atraso. Demora um pouco pra digitar toda essa porcaria.

>> **Isaac** disse:
>> *28 de outubro de 2009, 12h09*
>> Então digite mais… e mais rápido!

Andrew N disse:

28 de outubro de 2009, 12h17
A Elizabeth nunca mais se manifestou? O oceano parecia possível, mas agora nós vamos aportar, talvez definitivamente. Eu estou com medo do frio, mas com mais medo de morrer de fome em um barco. Se tivermos sorte, vamos conseguir evitar os loucos se escondendo nas florestas e as hordas fervilhando nas cidades. Eu gostaria de prometer que vou manter contato, Allison, mas acho que vamos sumir do mapa. Quando eu pensar em você, vou imaginar que você encontrou a sua mãe, que vocês duas estão sãs e salvas.

> **Allison** disse:
> *28 de outubro de 2009, 13h52*
> Andrew, eu fico feliz em saber que você continua seguindo em frente. Tome cuidado, especialmente com esses loucos. É sério, eles são um perigo. Eu estava esperando encontrar a Elizabeth e você, mas, pelo menos, você não está à deriva. Dê sinal de vida se puder, talvez a gente possa conversar quando as coisas se acalmarem.

Fogos do paraíso

28 de outubro de 2009

– Fala pra mim que vai dar tudo certo.

– Vai dar tudo certo.

– Agora diga que nós vamos embora daqui vivos.

– Allison, eu vou tirar você viva daqui – Ned responde. Soa como uma promessa.

– Ned? – eu pergunto.

– Sim?

– Sei que você pode nunca conhecer a minha mãe, mas me promete que nunca vai contar pra ela que eu fiz isso?

– Pode deixar.

A partir do momento que deixamos o cárcere para trás, posso sentir o Ned se aproximando de mim, pairando sobre mim como se eu ainda estivesse sob o risco de cair morta. Ele está sentindo um distúrbio na Força, assim como eu. Esse é um lugar ruim, muito ruim, e só vamos descobrir o tamanho do problema agora.

Nós estamos com a lanterna, mas tenho medo de usá-la. Eu sei que não temos muito tempo. Logo, alguém vai perceber que a Helga não voltou. O sangue dela ainda está sob as minhas unhas, acumulado em rachaduras nas minhas mãos. Nos movemos pela tenebrosa escuridão do porão no maior silêncio possível. Sem um machado ou uma arma, eu me sinto nua; os únicos tacos que encontramos por ali estão enrolados em espuma e não dariam armas respeitáveis.

Tropeço em um degrau e acho a escada que leva para fora do porão. Há uma porta no topo das escadas com uma fresta permitindo a passagem de luz. Pelo vão entre a porta e o chão, é possível vislumbrar pés se movendo lentamente para trás e para frente, para trás e para frente. Esperamos um momento, nos espremendo na porta. Se a pessoa estiver de costas, poderemos ter alguma uma vantagem, mas, se estiver olhando para a porta, é mais provável que estejamos ferrados.

Prendendo a respiração, e vou abrindo a porta lentamente. Por algum milagre, as dobradiças são silenciosas, e a porta abre poucos centímetros. Ela está olhando para outra direção, com uma lata de refrigerante na mão esquerda e uma pistola enfiada na parte de trás da calça. Reconheço a arma, é a mesma com a qual eu vinha praticando. O que faz com que eu me pergunte há quanto tempo elas estavam planejando esse êxodo, há quanto tempo estavam roubando material e esquematizando tudo. Em que ponto elas decidiram que apenas os círculos de oração não eram suficientes? Quando decidiram trocar a fé e o amor fraternal por fanatismo?

Arranco a pistola da sua cintura. Ela se assusta, dando um gritinho impotente, mas, quando gira, dá de frente com uma pistola apontada para o seu rosto e fica quieta bem rápido. Devo estar parecendo uma louca. Meu cabelo está emaranhado com suor e sangue, há uma mala de laptop cruzando o meu peito, minhas mãos e o meu rosto estão manchados com o último suspiro de vida de outro ser humano. Sinto dores profundas das contusões nas minhas costas e no meu peito. Estou mais ou menos certa de que uma das minhas costelas está quebrada, porque a dor é constante e irradia como ondas em brasa em direção à minha garganta.

– Onde está o meu cachorro? – eu pergunto. Ela abre e fecha a boca repetidas vezes. Está usando uma corrente de prata no pescoço com uma pequena cruz e três pingentes de pessoinhas, um para cada filho, provavelmente. Pego a pistola, agarrando-a pelo cano frio e fazendo-a voar. A coronha bate no rosto dela.

Nossa, eu sempre quis fazer isso.

Ela recua, mas o Ned está em silêncio ao meu lado. Posso sentir a sua atenção voltada inteiramente para ela, para o nosso objetivo.

– Vou perguntar mais uma vez – eu sussurro, engatilhando a arma, apenas para fins ilustrativos. – *Onde está o meu cachorro*?

– E-ele está na ca-cafeteria, no fim do corredor.

– Tem certeza?

– Sim, absoluta.

– E os filhos dele? – eu pergunto, fazendo um gesto com a cabeça em direção ao Ned. Seus olhos cinzentos lentamente se movem para ele, e um tremor começa no seu queixo, como se, de repente, sentisse medo. Levanto o cano da arma até o seu nariz. – Me responda ou eu garanto que você vai se arrepender. Com cem por cento de certeza.

– No... no fim do corredor, ala leste – ela diz, apontando para a nossa direita.

– Qual é o seu nome? – pergunto.

– Molly, Molly Albertson.

– Desculpe por isso, Molly. – Bato nela de novo, muito mais forte dessa vez, e ela colide contra a parede. Ned solta um grande suspiro e eu também. Eu nem percebi que estava segurando esse suspiro. Ele coloca uma mão no meu ombro e, nesse momento, vejo que todo o meu corpo está tenso.

– Você se dá bem com essa coisa? – ele pergunta.

– Não – eu respondo. – Não mesmo. Prefiro um bom e velho machado.

– Então me dê isso, sua criancinha.

Ned pega o revólver e, pelo jeito como seus dedos tocam a coronha, eu sei que é melhor que ela fique com ele mesmo. Ele checa o pente e franze a testa.

– Carregada – ele diz. – Eu duvido que ela sequer soubesse atirar.

– Podemos discutir isso depois. Crianças primeiro, cachorro em segundo, consciência em um distante terceiro lugar.

É estranho, esse lugar deveria ser um santuário; esse prédio, silencioso como um túmulo, deveria estar lotado de risadas e aprendizados. É um alívio que as outras salas não estejam cheias de gente como a Molly, mas, ao mesmo tempo, não posso evitar me perguntar onde estaria todo mundo. O sentimento de que há algo errado, algo de gelar os ossos, volta, e eu cerro os punhos para evitar que um tremor passe através da minha espinha. Nos abaixamos conforme nos esgueiramos pelas paredes. Por que nos abaixamos? Se elas nos virem, não vai mudar nada, mas, por algum motivo, isso faz com que eu me sinta mais escondida. Passamos por salas de aula, portas abertas, portas fechadas, e cada uma está pintada com um tema diferente: vermelho, azul, verde, roxo, margaridas, rosas e nuvens. Mas, em todos os lugares, há evidências de luta, de morte. Não deveria haver nunca, jamais, sangue no chão de uma pré-escola, mas ali está. Sobre as paredes, o chão, o teto, pulverizado em todas as direções, como se um pintor expressionista tivesse passado por ali. Design de interiores assinado por um psicopata.

Deixo Ned ir na frente, já que tem a arma. Cada vez que passamos por uma sala de aula, eu experimento um tremor doentio de medo, esperando que qualquer coisa ou que tudo exploda de trás das miniaturas de mesas e cadeiras empilhadas. Só que ninguém vem atrás da gente. Não há nada no salão que chame a atenção, mas, muito à frente, no final do corredor, posso ouvir um som estranho parecido com um tambor.

– Soltaram os loucos do hospício – Ned murmura, balançando a cabeça. Chegamos quase ao fim do corredor, então começamos a checar com cuidado cada uma das salas, procurando pelo menor sinal do Mikey e do Evan. Quero muito acreditar que eles estão bem, mas os corredores vazios e o som de tambores pulsando mais adiante estão me dando uma sensação inevitável de pavor.

– Tá tudo bem? – Ned pergunta.

– Comigo? Sim, tudo. Por quê?

– Você está… com uma respiração pesada, só isso.

– Desculpa. Meus pulmões estão doendo.

– Você tem muita sorte, filho da p…

– *Filha*.

– Isso.

Chegamos a uma bifurcação, com dois corredores em direções opostas. Há um cheiro de queimado no ar; não um cheiro prazeroso de lenha queimando no fim do outono, mas um cheiro amargo, acre, de plástico queimando ou cabelo chamuscado. Está vindo de um dos

corredores, de um par de grandes portas de aço que parecem levar para um ginásio ou uma cafeteria. As batidas ecoando ao longe e o vazio do lugar estão me deixando nervosa e em pânico. Não consigo evitar olhar para todas as direções enquanto tentamos silenciosamente decidir qual caminho percorrer.

– Olha, vamos por aqui. Se chegarmos lá e não tivermos nem sinal dos seus filhos, nós voltamos – eu digo. Ned estava suando tanto que uma mancha está se formando na gola da sua camiseta e o seu cabelo acobreado está molhado nas têmporas.

Eu não sei o que rola com as pré-escolas, mas elas são bizarras, especialmente quando você pode sentir a estranha agitação de espíritos irritados ao seu redor. Por que crianças pequenas são tão assustadoras? São só crianças. Talvez seja a nossa ideia de que elas serão inocentes e puras. Corrompa essa expectativa e os adultos se contorcerão como se tivessem sentado em uma pilha de cobras. Não há crianças demoníacas ali, mas é possível sentir a presença indelével de olhos, muitos olhos te observando.

Continuamos verificando as portas, mais rápidos e desleixados à medida que o desespero para encontrar o Evan e o Mikey toma conta. Posso sentir o Ned ficando cada vez mais nervoso, e sei que ele está se perguntando se a Molly nos enganou com um monte de mentiras. A fumaça e o cheiro são nauseantes, o ar está ficando espesso por uma neblina escura e cheia de cinzas. Verificamos sala após sala, armários e salas de manutenção e, finalmente, encontramos o Evan e o Mikey na sala dos professores a apenas alguns metros de distância das grandes portas de aço que estão fechadas, já com o cheiro e a fumaça entrando pelas rachaduras ao longo do chão e do teto.

– Papai!

É um som celestial e simples, mas cheio de alívio e felicidade, suficiente para emocionar o coração. Os meninos me dão um abraço depois de lutarem pelos braços do pai. O rosto do Ned está molhado, e ele se vira para limpar as lágrimas. Os garotos estão um pouco sujos e com escoriações, mas nada além disso. Parece que a Corie manteve pelo menos um pouco do juízo.

– Vocês estão bem? – eu pergunto.

– A mamãe disse pra gente ficar aqui – Mikey nos informa. Ele diz isso com tanta culpa e dúvida, que o Ned quase chora de novo.

– Está tudo bem, nós vamos tirar vocês daqui – eu digo a eles, fazendo um cafuné no cabelo do Evan. – seu pai nos deu permissão.

– Mas a mamãe vai ficar tão brava – o Evan protesta, com ambos os braços ao redor do joelho do pai.

– Verdade. Mas não chega nem perto do quanto *eu* vou ficar brava.

E estava prestes a acontecer, na verdade.

Reconheço logo de cara. É como Hitler, Genghis Khan ou Imperador Palpatine – você dá uma olhada neles e sabe que estão no comando. Ela era uma das que tinham a opinião mais forte, uma das mulheres determinadas a derrubar o Collin em favor de um novo regime. Acho que o nome dela é Sadie ou Sally, não consigo lembrar, só sei que eu já tinha visto aqueles olhos frios e calculistas e aquele cabelo com um permanente sujo. Ela não é muito mais alta e magra que eu, e tem um vazio desagradável nas bochechas, onde, uma vez, houve uma corpulência alegre. Posso ver a Corie de pé atrás dela, parada na porta. A tragédia da sua vida, o seu erro, está escrito claramente no seu rosto bonito, tão triste.

Sadie/Sally tem uma espingarda de cano serrado, sem dúvida outra arma roubada do estoque do Collin. Ela está diretamente apontada para o pequeno Evan.

Penso no Collin, no Ted e em Dapper, no quão perto chegamos de escapar e de encontrar um caminho de volta para eles.

– Abaixe a arma – ela diz, encarando o Ned. Ele olha para mim e depois para os filhos, com os olhos azuis em chamas de desespero. Não quero que ele faça isso, mas, no fundo, sei que ele precisa fazer, e que vai fazer.

Ned se ajoelha bem devagar, colocando a arma no chão, e então volta a se levantar, com as mãos para cima. Sadie ou Sally sorri e começa a se afastar. Ela faz um gesto para nós as seguirmos, a arma ainda apontada para o Evan. Ela provavelmente não é tão forte, mas eu estou fraca, sei disso. Ainda posso sentir Helga esmagando os meus pulmões. Se eu tivesse um pouco mais de força…

– Devagar agora, devagar – ela diz.

Quando chegamos no corredor, as portas de aço são abertas e uma densa nuvem de cinzas negras bate na nossa cara. Não consigo evitar a tosse, o cheiro é esmagador. Sadie ou Sally sinaliza com a arma para entrarmos na sala, que era o antigo refeitório. As longas mesas cinzentas foram empurradas para o lado. Os assentos, pregados às mesas, alternavam azul e verde pálido. Aos poucos, pessoas surgiam no lugar, despontando na cortina de fumaça. Elas estão muito distantes para as reconhecermos e formam uma espécie de parede, de costas para nós.

Meus olhos seguem a coluna de fumaça até a parte de trás da cafeteria, onde elas improvisaram uma fogueira. Algumas mesas estão viradas, contornando o círculo onde as mesas e os armários velhos estão empilhados e queimando. Minha visão começa a se ajustar e consigo ver a Renny perto da fila de Esposas, sob a mira de uma arma.

– Tragam ela aqui!

Corie leva o Evan e o Mikey embora, ignorando os protestos deles, virando-os de costas para nós. Não é um bom sinal.

Renny se junta a nós, seus lábios formando uma fina linha de desgosto.

– O que vocês fizeram? – ela pergunta, dando um riso nervoso.

– Longa história.

– Cala a boca – Sadie ou Sally diz, empunhando a espingarda como se fosse um cetro. Não é preciso ter um olho treinado para ver que ela não sabe o que está fazendo com aquela arma, mas, felizmente para ela, o raio de explosão dessa coisa significa que até um macaco cego poderia usá-la. A essa distância, não existe nenhuma esperança para nós.

Renny, Ned e eu somos colocados lado a lado. Sadie ou Sally se põe na nossa frente, a arma firme nas suas mãos nodosas. Com o dedo no gatilho, pronta para explodir. O calor é incrível, vindo da fogueira em ondas intensas. Não posso determinar exatamente o que é o cheiro que estou sentindo, mas com certeza não é de churrasco. A batucada está vindo da frente da fila de Esposas, onde algumas mulheres estão sentadas com as pernas cruzadas, batendo em baldes. Perto delas, há um punhado de mulheres dançando, jogando as mãos no ar e pulando como se estivessem em êxtase religioso. Curiosamente, não há homens, nem mesmo um coagido.

– Mudança de planos? – pergunto, notando a distinta falta de um Adão.

– Ele... não estava cooperando.

– Bom garoto – Ned sussurra.

– Seria ele o encantador cheiro que estamos sentindo agora? *L'air de Infidel*?

– Ele mesmo – ela responde, batendo no cano da espingarda alegremente com a palma da mão. – Um aviso para todos vocês, uma dica do que vai acontecer caso vocês não se arrependam e se ajoelhem perante nós. E você – ela sibila para o Ned – vai repensar a sua posição.

Ele ri secamente, com os lábios se curvando para o lado.

– Vocês não entendem mesmo, não é, suas malucas?

Ela levanta a arma, aparentemente para atacá-lo, então faço um movimento para poupá-lo do inconveniente.

– Escute, vagabunda, só nos jogue na fogueira antes que ela se apague. E jogue um pouco de querosene, porque vai ser preciso mais que essa coisinha aí pra nos calar.

– Idiotas, vocês... não valem nada, *pecadores*! – Sadie ou Sally diz, suspirando e revirando os olhos. – Vocês não sabem o que estão ignorando. Você poderiam refazer o mundo com a gente, reformar este mundo imperfeito e imoral e criar um lugar de maravilhas, um paraíso. Deus nos deu uma chance. Ele viu a nossa ganância, a nossa luxúria, os nossos corações corruptos e enviou um flagelo para destruir os descrentes. É um teste, um teste divino, para procurar os Guerreiros de Deus e os protetores de Suas novas e santas crianças.

– A resposta ainda é não, vadia – Renny diz, cruzando os braços.

– Não é aconchegante? Agora eu sei exatamente como Han Solo se sentiu antes de ser empurrado no poço de Sarlacc – eu digo. – Então, sabe, eu posso tirar isso da minha lista de coisas a fazer antes de morrer.

– Eu acho que o cheiro é realmente pior aqui – Ned acrescenta. Mesmo com a bravata, ele ainda está suando, e posso sentir o seu ombro ficando úmido contra o meu. Mas ele pode apenas estar transpirando por causa do inferno ali na frente. Atrás de nós, ouvimos o Evan tendo um chilique e a Corie tentando acalmá-lo.

– Eu poderia ganhar uma pitada de alho em pó antes do evento principal? – pergunto, tentando distrair Sadie ou Sally e chegar perto o bastante para derrubar sua arma. Só seria preciso uma distração, um golpe bem dado…

– Ah – ela diz, rindo, seus seios balançando sob a blusa de marca agora manchada. – Vocês não vão para o fogo. Não, pois é uma morte muito rápida, muito fácil para gente suja como vocês. Chegou a hora. Deixem os condenados comerem condenados. Libertem eles!

Nesse momento, eu meio que espero uma horda de mães raivosas vindo nos linchar, mas, tenho que admitir, Sadie ou Sally me surpreende, de verdade, me deixando genuinamente em choque. Existem coisas loucas e existem coisas completamente insanas.

– Meu Deus.

Mal posso ouvir o Ned por causa do batimento do meu próprio coração. Do lado da porta, escuto um som, um guinado, como se enormes engrenagens de metal estivessem se debatendo juntas em protesto. Aperto os olhos para enxergar através da fumaça e vejo uma mesa de almoço sendo arrastada para a frente, abrindo as portas que estava bloqueando. E liberando uma tremenda inundação de zumbis. Há alguns Murmuradores, mas eles estão tão fracos, com tanta fome, que parecem mais esqueletos com pedaços de pele pendurados, tentando manter a sua forma. Eles imediatamente se dirigem a nós, mancando, gemendo e gritando, seus pés ossudos fazendo barulhos horríveis ao rasparem no chão. Vejo algumas pessoas sentadas perto das portas com as mãos amarradas. Devem ser descrentes como nós, pecadores como nós. Ned está completamente imóvel, com os ombros flexionados com tanta força que posso sentir a contração dos seus músculos em um sólido nó de medo. Eu não tenho nenhuma ideia de como Sadie ou Sally planeja salvar a si mesma, mas ela está com a arma apontada para nós e com uma cara de quem está prestes a marcar um gol.

Então, vejo que as Esposas estão ocupadas fazendo uma pequena cerca, como a que se usa em fazendas para conduzir porcos ou gado, de maneira que os mortos-vivos fossem direcionados apenas para o Ned, a Renny e eu.

– Merda – Renny sussurra. – Merda. Caralho. Fodeu.

Elas são rápidas com as mesas, e agora posso ver mais e mais Esposas se reunindo do nosso lado, diminuindo o nosso espaço. Elas estão fazendo um curral, nos cercando e nos conduzindo de volta para o fogo. Alguns dos mortos-vivos passam por cima da barreira, atravessando a fogueira e rugindo com os seus escalpos em chamas. Sei que eu deveria estar pensando em alguma forma de sair disso, mas a minha mente está correndo inutilmente, as engrenagens do meu cérebro estão girando em falso. E tudo em que eu consigo pensar é no Ned, que está fedendo a suor, e nos olhos dos prisioneiros, dilacerados, arregalados, brancos, e em seus corpos, devastados. Os mortos-vivos não estão diminuindo a velocidade, eles apenas passam por cima de tudo o que está no caminho, consumindo, arrasando, seguindo em frente. Tento me esquivar para longe. Eu não quero assistir às pessoas serem executadas, mas tudo o que há para ver além disso são as Esposas fazendo o seu curral da desgraça. Nos afastamos o mais lentamente possível, para evitar provocar Sadie ou Sally.

Fico encarando uma das mulheres, uma com um rosto branco e mãos retorcidas, segurando uma das mesas como se aquilo fosse um dever sagrado. Sinto o fedor do Ned, ouço a Renny xingando, olho para essa mulher estúpida com a sua ridícula camisa de flanela e começo a pensar no Matt. De todas as pessoas, eu não achava que seria no Matt, o subgerente, em quem eu pensaria no momento da minha morte. No nerd com suas teorias da conspiração, camisas de flanela e olhares mortais.

Matt.

E é aí que me ocorre. Tão simples, ridículo e simples…

– Você! – eu grito, apontando para Sadie ou Sally. – Me diga, esses aqui são os condenados?

– Sim, os condenados, óbvio que são eles. Os condenados! – ela grita.

– E se você fosse um deles, você poderia, então, ser condenada também?

– Você não pode se salvar, garota. O julgamento é agora.

– Sério? Bem, bom trabalho. Acho que você ganhou o jogo do julgamento.

– Ganhei? Esta é a ira de Deus, não um jogo!

Tropeço alguns metros em direção a ela, esperando por uma última chance. É um tiro no escuro, mas qualquer coisa vale quando se está entre uma fogueira e um exército de mortos-vivos vindo pegar você e seus amigos.

– Você matou todos nós – eu digo, baixando as minhas mãos. Aponto para a beira da fogueira, onde alguns mortos-vivos ainda estão ardendo. – As cinzas.

– O quê? *Que* cinzas?

– As *deles*, sua imbecil. Dos condenados. Você não sabe de nada… não sabe de porra

nenhuma. Só de respirar as cinzas, ter um pouco da pele deles nos seus pulmões, é suficiente. Você não condenou apenas a gente, você condenou a si mesma.

É preciso um momento, mas a ideia cresce na cabeça dela, e o seu rosto, que estava sorridente, desmorona.

– Não acredito em você – ela diz, levantando uma sobrancelha e apontando a arma para o meu rosto. Sinto o suor escorrendo pelas minhas têmporas. Ned está perto, muito perto…

– Ai! – ele grita. Para falar a verdade, eu pisei no pé dele *de propósito*. Então ele percebe, entende o meu raciocínio e se dobra. Começa a gemer, segurando a cabeça, tapando os ouvidos e, em seguida, balançando para a frente, cuspindo no chão. Ele não é ruim. Renny se junta (abençoada seja ela), gargarejando, virando os olhos, gemendo.

– Veja! – eu também me abaixo, deixando o medo me balançar. – Veja o que você fez!

– Não! – ela grita, com olhos selvagens, boquiaberta com o Ned, que chegou ao ponto de arranhar o próprio rosto bonito, se contorcendo no chão. Faço uma nota mental para alertar a Academia: sinto cheiro de Oscar, mas talvez seja apenas o fedor de zumbis em chamas. – Não pode ser! Não pode! Oh, Jesus, oh, Senhor, como você poderia me abandonar, *como*?

Ela começa a chorar, a soluçar, e eu sei que agora é a minha chance, a única.

– Não – eu digo, indo em direção a ela. – Você O abandonou.

A espingarda está na minha mão, e é uma sensação boa. Todas as aulas de tiro vêm à tona correndo em uma descarga de adrenalina. Meus dedos sabem o que fazer, sabem como carregar uma arma, como mirar, apertar o gatilho e se preparar para o coice. Sou uma bomba de hormônios, estou pronta. Meu peito está tão dolorido que é tentador largar a arma. O barulho é incrível, como um foguete saindo diretamente da minha orelha.

O rosto dela já era, a maior parte dele, mas a expressão de surpresa e horror permanece no que restou dele.

Ned é bem rápido e esperto, tirando a arma das minhas mãos e começando a atirar, não ao acaso, mas com cuidado, pegando os mortos-vivos mais próximos e então dando tiros de aviso para as Esposas que chegam muito perto. A mira delas é terrível, agravada por toda a fumaça do lugar, e elas não conseguem dar um tiro decente. Não existe mais um homem bonito do meu lado, mas um verdadeiro soldado. Renny e eu subimos sobre as mesas e corremos atrás do Evan e do Mikey, pegando-os nos nossos braços sem pensar em mais nada. As portas já estão abertas, e partimos desabalados para o corredor, ansiando por ar limpo. Viro-me, procurando pelo Ned, e vejo que ele está tentando tirar a Corie dos mortos-vivos, do meio do tiroteio e da fumaça. Mas ela não vai embora, está

com os pés imóveis no chão. É possível ver no seu rosto, na sua postura.

Ela tomou a sua decisão.

Muito do que aconteceu depois está confuso. Sei que corremos, sei que podíamos sentir os mortos-vivos nos nossos calcanhares, nos perseguindo pelos corredores. Sei que uma onda de puro alívio me carregava, evitando que eu entrasse em colapso por exaustão e dor. E sei que a Renny pegou a bolsa do laptop para mim, mantendo-a a salvo, tirando-a de mim enquanto corríamos pela escola. Encontramos Dapper na sala de artes do outro lado do prédio, faminto e assustado, mas pronto para balançar o rabo para nós.

E sei que, quando saímos, fomos direto para a van roubada. Lembro de ter deitado no banco de trás, lembro do Dapper lambendo o meu rosto e as minhas mãos, o Mikey e o Evan sentados em choque. E, por último, lembro do som, do grito de angústia quando o Ned dobrou a esquina que nos levaria para casa, para a universidade, para Collin, Ted e Finn. Isso me fez sentar, foi aquele som que me fez esquecer a dor por um momento.

Olhamos juntos, ninguém disse nada. Olhamos para o *campus*, para o ginásio, em chamas.

Comentários

Isaac disse:
28 de outubro de 2009, 19h23
É bom finalmente ouvir toda a história. E eu sei como você está se sentindo, Allison, essa coisa de "e agora?". Tivemos que queimar o nosso celeiro ontem à noite. Uma horda de Murmuradores apareceu. Acho que o frio está deixando eles desesperados. Nós os encurralamos no celeiro e não tínhamos outra opção… Queimamos o lugar. Pareceu um velório. Tinha comida lá dentro, um monte, e agora tudo está um pouco mais difícil. Você não está sozinha, você não é a única pessoa se perguntando "e agora?".

steveemchicago disse:
28 de outubro de 2009, 19h55
isso foi difícil. vocês chegaram lá e o ginásio já era? além disso, tudo bem?

Allison disse:
28 de outubro de 2009, 20h04
Obrigada, gente. É difícil, mas o que não é? Vamos dar um jeito. Vamos nos reagrupar e encontrar um jeito de seguir em frente. Se nada funcionar, acho que é uma boa hora para visitar o Colorado.

Na natureza selvagem

29 de outubro de 2009

Vou atualizar agora só quando eu puder, onde eu puder, nos intervalos entre as longas crises de pânico e medo. Peço desculpas se deixei alguns de vocês preocupados, mas não tem mais ginásio, nem geradores, nem uma boa conexão, meus recursos se tornaram mais limitados. Vou postar quando passar por algum sinal decente de wi-fi, que aparece de vez em quando.

Mas, de novo: isso é mais do que apenas um resumo dos acon-tecimentos, uma lista de pensamentos e problemas. Isso aqui é uma forma de pensar exatamente o que eu preciso fazer. Não foi uma decisão fácil, e eu sei com certeza que, de alguma forma, estou sendo egoísta. Mas isso é o que eu preciso. Isso é o que deve acontecer para que eu possa garantir a minha sanidade mental e, talvez, a minha segurança.

Essa decisão veio após o choque de descobrir que o nosso lar, o nosso quartel general, tinha sido destruído. Nós nem tentamos chegar perto. De longe, ficou claro que sobreviver àquele inferno formado por uma massa de mortos-vivos era bem improvável. Então nos viramos e dirigimos sem destino até um veículo se aproximar, saindo da retumbante cortina de fumaças e cinzas que se tornou a nossa atmosfera diária. Isso não é mais uma cidade, mas um forno gigante produzindo fumaça e cheiro de decomposição.

Eles vieram até nós e, por um momento, eu não acreditei nos meus olhos. Reconheci o veículo e me lembrei com perfeita clareza da primeira vez que vi a caminhonete. Eu fiquei tão aliviada ao vê-la de novo, ao ver esse veículo pesado e um motorista uniformizado atrás do volante. E o Collin. Nós nos encontramos em um parque, ou no que um dia foi um parque, um grande espaço aberto, bom para avistar qualquer morto-vivo. O lago ficava próximo. Eu podia sentir o leve cheiro dos peixes, da areia e da água. Havia um pavilhão à distância e uma ponte encantadora com grades brancas. O parque era familiar, mas a maioria das placas da rua tinha sumido, ceifadas por carros ou mutiladas pela queda dos semáforos.

Mesmo lá, no parque, entre grama, árvores e banquinhos coloridos, o odor de morte e sofrimento persistia. Todos saímos da van e eu corri direto para Collin, sem pensar.

Ainda não tinha entrado na minha cabeça que, em tese, eu tinha perdido o direito de me importar com ele. Collin me abraçou com força e me levantou do chão. Talvez ele tivesse esquecido também.

O carro se esvaziou: Ted, Finn e, claro, Lydia também.

Não é que eu não quisesse que ela tivesse sobrevivido ao incêndio do ginásio, eu só tinha parado de pensar nela. Depois que o Ned me lembrou que eu tinha uma

responsabilidade para com o Collin e que era para eu parar de me comportar como uma criança, eu meio que parei de lembrar da existência da Lydia, o que foi, eu admito, um erro. Encontrá-la ali, com o corpo rígido e os olhos frios e distantes me encarando me encheu de uma raiva súbita. Súbita e estúpida. Ela sobreviveu, como eu, e tinha todo o direito de exigir respeito por isso. Ninguém tem um dom para a sobrevivência melhor ou mais impressionante, mas isso não quer dizer que eu esteja feliz em vê-la.

– Você não tem ideia – o Ned dizia, balançando o Ted pelos ombros, chacoalhando os óculos do coitado. – Você não tem ideia, cara, de como estou feliz em ver vocês de novo!

– Deixa eu adivinhar – o Ted respondeu. – As Esposas?

– Esposas vingativas – eu respondi, empurrando a Renny para a frente pelo braço. – Esta é a Renny. É gente boa.

Uma rápida volta de apresentações e já estávamos seguindo em frente, planejando, esquematizando, graças ao Collin e à sua robótica habilidade de lidar com situações difíceis. O que aconteceu foi que as Esposas que tinham ficado para trás no ginásio causaram tanta confusão que distraíram as pessoas responsáveis pela entrada. Isso permitiu que um infectado, só um, conseguisse entrar. Foi o suficiente. Violência e morte eclodiram no ginásio antes que o Collin e o Finn pudessem encontrar o infectado e colocá-lo em quarentena. As Esposas de Black Earth entraram em pânico, tentaram atear fogo no morto-vivo e acabaram colocando tudo em chamas, o ginásio e todo mundo que estava dentro, o que – infelizmente – foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Collin e Finn fizeram o melhor para manter o fogo e os mortos-vivos sob controle, mas a coisa escapou das mãos deles, como admitiram.

E, enquanto eles explicavam isso para a gente, contando a história deles depois de ouvir a nossa, eu não consigo evitar de ficar olhando para as árvores que nos rodeiam. Tudo é assustador agora, qualquer coisa poderia ser fonte de problemas, de machucados ou de morte. Há alguns pássaros lá em cima, espalhados entre os ramos nus, com penas eriçadas em torno das cabeças, se protegendo do frio. Eu me pergunto se eles talvez se esqueceram de migrar, se todo o inferno criado pelos humanos fez com que eles simplesmente se esquecessem. Talvez o ecossistema esteja ferrado para sempre. Talvez esses pássaros sejam os últimos da sua espécie, e estão só deixando as horas passar, deixando a humanidade se despedaçar enquanto observam com tranquilidade. Imagino eu mesma na escola, na aula de biologia…

Atrás apenas da perda de hábitat, a introdução de espécies "exóticas" não *nativas é a maior ameaça para a biodiversidade. Estas espécies são criaturas muitas vezes invasivas que afetam negativamente os hábitats em que elas são introduzidas ecologica, ambiental ou economicamente…*

– Tem algo lá em cima? – Ned sussurra, se inclinando. Finn continua falando sobre as armas, sobre quantas tinham se perdido, quantas tiveram que ser deixadas para trás.

– No-nossa? – gaguejo. – É você?

– Ha. Ha. O que você está vendo?

– Um pisco talvez, dois ou três – eu digo. – Não sei dizer.

– Pisco de peito ruivo. O pássaro do nosso estado – ele responde. Ele está cansado, com os olhos vermelhos. Dá para sentir em sua voz também. Eu ainda posso sentir o cheiro do incêndio no refeitório e também de cabelo e carne humana queimada. Ele está precisando de um banho urgente.

– Ah é? – eu pergunto.

– Sim – ele responde, e então acena discretamente para a Lydia. – Eu preciso me preocupar ou você vai ficar bem com isso?

– O quê? Ah, você está falando sobre a vagabunda do estado? Sim, eu dou conta.

– Allison.

– Eu superei.

– Eu espero que não – ele diz.

– Nós conseguimos salvar algumas barracas – Collin diz. Volto a prestar atenção, sabendo que os pássaros tinham mais chances de sobreviver do que nós. Eles vão dar conta. – Temos que encontrar um lugar seguro para passar a noite e depois pensar sobre para onde queremos ir.

Fico para trás com a Renny, o Ned e as crianças enquanto o Collin e o Finn saem com o caminhão para procurar um bom lugar para armar as barracas. Todo mundo está acabado, exausto, e eu tenho a sensação de que não vamos chegar muito longe, pelo menos não esta noite. Evan e Mikey estão em silêncio, quietos demais para duas crianças. Posso dizer que eles estão vagando por uma névoa, perdidos sem a mãe, em choque pelo terror do qual acabaram de escapar. Ted vem para ficar ao meu lado, deixando a Lydia sozinha, como uma empresária enfrentando uma sala de conselho composta só por desconhecidos. Ted pega a minha mão e a aperta, jogando o cabelo para o lado enquanto dá uma olhada em mim. Posso vê-lo observando o sangue nas minhas roupas, nas minhas mãos e nas minhas unhas.

Ele me puxa para um abraço e eu estremeço.

– Você se machucou? – ele pergunta em voz baixa. Suas sobrancelhas são como manchas escuras, surgindo por cima de seus óculos.

– Vou ficar bem, foi só uma confusão – respondi.

– Uma confusão bem sanguinolenta?

– Dá pra falar assim.

– Ei, você não precisa falar sobre isso. Não se não quiser – Ted murmura. Não sei dizer se ele se ofendeu com o meu silêncio. Ele chuta o chão com a ponta do seu All Star.

– Eu te conto mais tarde – digo para ele com gentileza. – Só não quero pensar nisso agora.

Está congelando aqui fora e nós ficamos próximos. Com uma pequena careta de satisfação, noto que a Lydia está com frio também, mas ninguém a convida para se juntar a nós. É oficial. Eu sou um monstro. Mesmo assim, quando você já está congelando, não é exatamente atraente convidar a rainha do gelo para ficar perto de você. Eu preferia dormir em um cemitério.

Ficamos juntinhos, tremendo, e não consigo deixar de lado a sensação de que eu já estive nesse parque antes. Isso faz com que eu me pergunte se estou perto da minha casa, se a minha mãe está por perto, sobrevivendo em um porão com um pé de cabra e um pouco de comida enlatada.

Collin e Finn retornam em dez minutos, silenciando tudo com a chegada dramática do carro. Eles pulam, com o cabelo vermelho do Finn sacodindo atrás do cabelo escuro do Collin, e indicam a direção de uma colina atrás de nós. Ela não é extremamente íngreme, mas é mais clara na parte superior. Uma névoa de outono começa a nos envolver, carregando com ela uma bruma que entra direto nos nossos ossos. Mal vejo a hora de me deitar, descansar, abraçar Dapper e dormir todo o sono que eu puder. Ninguém questiona a decisão do Collin e do Finn. Parece uma boa escolha, e nenhum de nós tem energia para discutir. Minhas costelas estão me matando, e eu posso sentir o cansaço escorrendo pelas minhas pernas, joelhos e unhas dos pés.

Nos amontoamos dentro da van e o Ned dirige até a colina. Renny joga *jokenpô* com os meninos e, depois de um minuto, eles estão voltando ao seu normal. Atrás deles, faço um sinal positivo para a Renny.

Deixamos a neblina para trás, mas ela nos segue impiedosamente, engolindo as árvores e os bancos coloridos e ocultando qualquer sinal da rua e o caminho por onde viemos.

Temos três barracas, e eu deixo a minha dor de lado para ajudar a montá-las. Lydia, Collin e Finn ficam com uma, Ned e seus filhos pegam a outra e Ted, Renny e eu ficamos com a terceira. Não são enormes, mas conseguimos nos organizar confortavelmente. É aconchegante, embora Dapper não ajude. Mas estamos contentes por termos um ávido cobertor de pé, mesmo que ele cheire a salgadinho de milho.

Logo quando Dapper começa a roncar, algo cutuca o meu joelho. Eu me sento e vejo uma empunhadura brilhante tocando com suavidade a minha perna. Ted sorri meio torto para mim, seu rubor escondido pela escuridão fria, mas sei que está lá.

– O que é isso? – eu pergunto, me inclinando para pegar, com uma dor despontando na

lateral do meu corpo.

– Só um velho amigo. Eu pensei que você gostaria de ter isso de volta.

É o meu machado, um pouco chamuscado, mas praticamente inteiro.

– Ted... eu... mas você não sabia se eu ia sobreviver...

– Claro que eu sabia – ele diz, rindo. – Eu sabia que seria preciso mais do que umas donas de casa mal-humoradas para acabar com você. Além disso, nada vai te impedir de encontrar a sua mãe, certo?

– Eu estou lisonjeada.

– Não foi nada.

– Não, sério, isso significa muito.

Ele volta a se deitar, ainda sorrindo, e eu me viro de lado, mas dói muito. Tudo dói. Finalmente, resolvo deitar de costas, socando a blusa que uso como travesseiro e formando um pequeno quadrado. Coloco-o debaixo do pescoço para me apoiar, mas é inútil. O sono não vem, nem sequer sussurra para mim de longe. Espero um pouco, espero até ter certeza de que o Ted e a Renny estão dormindo.

C-seis, H-seis benzeno, A-G-dois-O óxido de prata, C-U-Fe-S--dois sulfeto de cobre e ferro...

Quando me levanto, tropeço no cachorro, e Ted balbucia algo no seu sono.

– Só vou fazer xixi – sussurro, e ele se acalma de novo.

Está frio do lado de fora, e eu visto a minha blusa-travesseiro. O outono está indo embora e agora está frio de verdade. Estava prestes a acontecer, e eu não conseguia não me sentir ainda mais impotente contra a marcha constante de perigo que vinha em direção a nós, centímetro por centímetro. Se não formos dilacerados por monstros ou assassinados pela nossa própria espécie, vamos morrer de frio ou de fome, ou de alguma doença que vai roubar a nossa força, a nossa vida e, no final, a nossa dignidade.

Não me admira que eu não consiga dormir.

Caminho até o cume da colina, até onde começava a descer em direção a... o quê? Uma piscina? Algumas cercas? A névoa desceu e agora está pairando cintilante e prateada abaixo de nós. A lua brilha no céu quase limpo, apenas algumas nuvens borradas deslizam através das estrelas. Os últimos grilos estão lá e parece incrível que eles ainda não tenham morrido. Como seus pequeninos corpos estão aguentando? Como suportam o frio?

A colina se espalha pelos meus pés, a grama brilhando, úmida e adornada com centenas de pequenos cristais de gelo. Vamos acordar sob uma geada, bafejando sombras leitosas nas paredes da barraca... Mas dormir... Acho que não vou conseguir. Mesmo se meu peito parasse de doer, mesmo se o meu corpo se sentisse bem, não acho que os meus pensamentos me permitiriam descansar.

Ouço passos atrás de mim, sons suaves vindos da grama. Sei que não é um dos mortos-vivos. Os passos deles nunca são certos, sempre há um coxear, um arrastar ou um hesitar. Na verdade, sei exatamente quem é, mas não quero me virar para encará-lo. O calor da sua presença é precedido pelo assovio de algumas notas de uma música de *Mary Poppins*. Uma canção sobre pipas nunca soou tão triste antes.

– Não consegue dormir? – ele pergunta, sendo gentil.

– Muita gente na barraca – eu respondo.

– Sei que você está chateada. Não precisa mentir para mim – Collin diz, chegando bem perto. O mesmo odor familiar e uma incomum e indesejada fagulha de desejo. – Só porque… as coisas estão diferentes, não significa que você tenha que mentir.

– Certo.

– Você está magoada. Eu vi quando você estava montando as barracas. Você poderia só ter descansado, sabe.

– Sei.

– A ferida é muito grave?

– Não sei – digo com sinceridade. Quero que ele vá embora. Quero que ele leve o seu calor, a sua preocupação e o seu maldito sotaque para outro lugar. Para bem longe. Para algum lugar que não seja tão tentador. – Acho que eu quebrei uma costela ou algo assim.

– Você e o Ned foram um pouco vagos sobre os detalhes. Acho que foi proposital. Não precisa elaborar se não quiser…

– Eu matei alguém – eu digo.

– A guarda, sim. Ele mencionou… você meio que… derrubou ela.

– Eu não *derrubei* ela, Collin. Eu estrangulei ela com o cabo do meu computador. Estrangulei e então… o sangue dela cobriu as minhas mãos. Ela estava me sufocando, me esmagando contra a parede. Era ela ou eu. E quase foi eu.

– Meu Deus. Talvez eu não quisesse saber disso.

– Eu matei o Zack. Matei… outras pessoas. Me sinto horrível.

– Você não é, eu juro. Não consigo tirar os olhos de você.

– Claro que consegue – eu digo. – Você tem a sua esposa de volta. Tudo está bem de novo.

– Você sabe que eu não penso assim – ele diz, rindo amargamente. – Não sei o que dizer porque eu receio que… você pense que eu sou uma pessoa ruim. Mas eu não sei o que você pensa, não é?

– Vamos deixar assim – digo a ele. – Vamos só… não sei… vamos só manter uma certa distância. Vai facilitar as coisas para mim.

Collin fica em silêncio, mas não vai embora. Eu deveria lhe dizer que estou com medo,

que quero muito estar com ele, mas a possibilidade de ser recusada, repelida…

Ele parece distante, seu rosto se transforma numa máscara pálida e indiferente, inesperadamente atraente e imutável, como a de um faraó olhando para fora do seu túmulo. Estamos juntos no frio austero, nenhum de nós querendo ceder, aceitando falar. É por isso que eu quero ir, digo para ele em pensamento, *porque não posso ficar perto de você. Não posso ficar perto de você e não te querer para mim*.

Escuto um suspiro e imagino que talvez ele tenha visto um Murmurador perdido. E então eu a vejo na parte inferior da colina, brilhante, estranha e completamente fora do lugar. É tão inesperada que, por um momento, eu não acredito que ela realmente esteja lá. Talvez seja uma ilusão, uma alucinação compartilhada, apenas uma visão na névoa.

Um cavalo preto e branco – uma zebra – pisca para nós de lá de baixo.

– Nossa – ele diz. – É linda.

E é aí que eu me lembro onde estamos, as trilhas, os bancos, as placas esmagadas e o motivo pelo qual o parque parece tão familiar. É o Parque Henry Vilas. Minha mãe me trouxe aqui duas vezes quando eu era menina, e aqui do lado, à direita, no outro lado do parque, com os seus espaços selvagens, mesas de piquenique e bancos bonitos, está o Zoológico Henry Vilas.

Enquanto trota pela colina, o animal parece nos sentir observando-o de cima. A zebra para, gira em um círculo completo, seus cascos abafados pelo frio e pelo chão duro, e então nos encara. O focinho longo e listrado se abaixa e, em seguida, se inclina para o lado como em respeito a nós, os olhos escuros fechando e abrindo, revelando uma perturbadora sensibilidade equina. *Eu também estou perdida,* parece querer dizer.

Pergunto-me quantos animais sobreviveram, se há tigres, elefantes e girafas no meio das brumas. O pensamento não dura muito. Collin pega a minha mão, não para segurá-la, mas a embalando.

– Você me odeia? – ele sussurra.

– Não. Não é culpa sua.

Talvez seja o frio. Talvez seja a névoa fria pairando na parte inferior da colina. Ou talvez seja o animal nos observando, aquela coisa estranha que não devia estar ali, tão longe da sua casa e totalmente fora de lugar. Não importa o que seja, nós estamos nos beijando e a dor no meu peito está lá novamente, mas dessa vez é diferente.

Eu devo estar exausta porque o meu tempo de reação é terrível. Ouço vozes gritando, nervosas, mas não vou a lugar nenhum, como se tivesse subitamente submergido em uma piscina de lama. As vozes são silenciadas, distorcidas, mas eu não quero deixá-lo ir… Não nesse momento… Os lábios dele me deixaram embevecida.

– O que diabos há de *errado* com você?

É a Lydia. Ela está gritando, agitando os braços e me empurrando. Eu não revido. Quero bater de volta. Olho para baixo e vejo a zebra desaparecendo em meio à névoa, assustada, de volta para o seu esconderijo, assustada com a realidade.

– Calma, Lydia. Apenas se acalme.

Eles estão brigando, bufando, virando os olhos um para o outro. Fico de lado observando, alarmada por quão mal eu me sinto, o quão indiferente e triste eu me tornei. Não é o momento certo para uma revelação como essa, mas não importa. Eu me viro e deixo que continuem a briga. Lydia diz algo como “Volte aqui, não me dê às costas”. Porém, eu sigo até a barraca e pego um pedaço de papel da minha mochila. Apanho uma caneta, apertando os olhos na escuridão, desenho uma linha no meio e escrevo: “PRÓS & CONTRAS”.

Alguns minutos depois, tenho mais ou menos isso:

PRÓS

Gosto do Ted
Gosto do Ned
Gosto do Evan e do Mikey
Gosto da Renny
Amo o Collin
Collin e Finn têm armas e conhecimento
A união faz a força
Veículos

CONTRAS

Lydia
Mais bocas para alimentar
Mais pessoas, mais barulho
Lydia
Insignificância e dissidência
Compromisso
Adultério
Lydia
Minha mãe está por aí

Eu nem precisava fazer a lista. Só pensar nisso tudo, apenas escrever, me convence de que eu sei o que eu quero fazer. Não é uma decisão fácil, e sei que não vai ser popular, mas é a minha vida, a minha sobrevivência, e eu estou determinada a ser proativa, mesmo

em face de tantas… complicações.

Amanhã vou contar para os outros. Vou ficar diante deles, respirar fundo e dizer: decidi seguir sozinha. Obrigada pela ajuda, obrigada por terem sido meus amigos, mas é hora de seguir sozinha. Minha mãe está em algum lugar por aí e eu vou encontrá-la ou vou morrer tentando. Já esperei muito tempo. Não esperem um cartão postal, pois não vai ter nenhum.

Então, eu vou pegar Dapper, o meu laptop e o meu machado e vou procurar a casa da minha mãe e me certificar de que ela não está lá. Vou esquecer o Collin. Vou encontrar a minha mãe porque eu devo isso a ela. Vou encontrá-la porque chegou a hora.

Mas, agora, eu preciso descansar, amigos. E assim devem fazer todos vocês. Fiquem seguros, fiquem alerta e fiquem em contato. Vou escrever de novo em breve, quando eu chegar em outro lugar seguro que aparecer pelo caminho.

Comentários

steveemchicago disse:
29 de outubro de 2009, 15h06
o seu otimismo foi por tanto tempo um farol de inspiração, e eu não falo em comparação a nada, apesar das circunstâncias em que nós fomos colocados. ainda não sei por que continuamos com essa falsa normalidade por tanto tempo e agora estamos aqui vendo o que pode acontecer ao sermos muito generosos e acolhedores diante da extinção. odeio dizer isso, mas me sinto mal em pensar que existiram pessoas como você e collin… pessoas como eu… que foram generosas e ajudaram quando não deveriam. talvez eu tenha tido sorte, talvez você tenha tido sorte de não ter sido corajosa o suficiente para tentar encontrar um abrigo maior ou algum lugar mais permanente.
allison, não os abandone… eles precisam de você tanto quanto você quer estar com eles.

Noruega disse:
29 de outubro de 2009, 16h21
Boa sorte! Não sei se concordo com a sua decisão, mas, se conseguir encontrar o litoral e um barco, nós temos uma caverna ótima, quente, seca, espaçosa e livre da Lydia aqui do outro lado do Atlântico. O mesmo vale para quem estiver na vizinhança. Temos sinal de rádio, patrulheiros dizem que a transmissão é boa pela costa.

> **Allison** disse:
> *29 de outubro de 2009, 16h46*
> Isso é muito tentador! Você é o terceiro sobrevivente que sugere um barco, mas eu não sou uma velejadora. Além disso, tragicamente, nós não temos litoral aqui. Talvez o seu comentário atraia alguma ajuda; as pessoas aqui parecem saber o que fazer.

Cuidando da casa

30 de outubro de 2009

Talvez eu seja egoísta ou imprudente ou as duas coisas, mas, honestamente? Posso viver com isso.

Ted e Renny estão dormindo quando eu me levanto. Dapper também, mas ele não protesta muito com o meu cutucão para que ele saia da barraca. É cedo, apenas algumas horas depois de eu ter ido para a cama, e eu não dormi muito. Nós dormimos com as nossas roupas, sapatos e casacos. Não tenho muito o que levar comigo e não parece certo levar a comida ou os suprimentos deles, então só pego o meu machado, minha mochila e algumas barras de granola. Vai haver lugares para saquear, para furtar, eu digo a mim mesma, e o grupo não vai sofrer com a minha ausência. Não quando eles têm o próprio Capitão Comando e Ned Posso-Acertar-O-Alvo-A--Mil-Léguas-De-Distância Stockton. De qualquer jeito, estou machucada e atiro muito mal.

Me alongo e dou alguns pulos cuidadosos no solo congelado e quebradiço. Eu estou me acostumando ao sentimento de estar sempre com frio e de viver com aquela dor de fome no estômago. Estou vivendo a vida de cada um dos personagens de Dickens que eu consigo me lembrar. Dapper se senta e coça a orelha, imperturbável com minha ginástica matinal, sem saber que em breve, muito em breve, ele não vai mais roubar comida das mãozinhas do Evan ou limpar as mãos do Ted depois de ele comer um saco de salgadinhos.

Tento não pensar nessas coisas. Tento esquecer que, em questão de minutos, logo que eu descer a colina e passar por um ou dois prédios, não vai ter mais Ted, Collin ou as crianças. Não posso deixar o Ted saber que estou indo. Ele sabe a respeito de Liberty Village e tentaria me seguir. Não posso deixar isso acontecer. É triste, com certeza, mas tristeza e fome são difíceis de diferenciar a essa hora da manhã. A grama está densa e alta, mas eu respiro fundo e começo a descer o morro. Acho que, a julgar pelo nascer do sol, estou me dirigindo vagamente para o leste. Não há zebras na névoa esta manhã, não há leões ou girafas e nenhum ser humano para me parar.

Antes de tentar ir para o Colorado, tenho que ter certeza de que a minha mãe saiu mesmo daqui. Não me parece certo pôr o pé na estrada antes de checar a minha casa. Ela poderia ainda estar lá, esperando por mim.

Perdi a bolsa dela mãe há muito tempo no incêndio no ginásio, mas não importa. Conheço aquele bilhete de cor e nunca vou esquecê-lo.

Ouço um *zip-créque* à distância; é o rifle de elite do Finn. Eu sei que é ele porque ele está apaixonado por aquela arma, e Collin geralmente usa um fuzil de assalto, que soa

mais como *rá-tá-tá*. Finn deve ter trocado a guarda com o Collin em algum momento da noite. Aperto o passo, trotando em direção a umas árvores na base da colina. Se o Finn me confundir com um dos mortos-vivos, minha pequena aventura vai ter sido bem curta.

Eu chego até as árvores com o coração pulando e os pulmões praticamente quebrando com a dor nas minhas costelas. Continuo torcendo para que não haja nada de muito errado comigo, que essa trinca ou fratura se cure sozinha, que eu não esteja com uma baita hemorragia interna me levando para a morte.

Dapper se mantém perto, com o focinho mais ou menos colado à minha perna enquanto eu desacelero e me dirijo para a rua. Agora é real. Eu já estou longe do acampamento, voltar me faria ter uma conversa estranha com o grupo. Não vou voltar, não vou.

Não sei se eles vão adivinhar para onde eu fui, mas não importa; ninguém sabe como chegar lá. Atravesso o que deve ser a rua Wingra e vou para o sul em direção à rua Erin. Por enquanto, vou ter que adivinhar, pois a maioria das características distintivas das vizinhanças foram consumidas pelo fogo. Edifícios e casas estão carbonizados, sobraram apenas esqueletos ocos com janelas quebradas, olhando para a rua abandonada, vigiando caixas de correio caídas e carros parados.

As ruas estão quietas até a região do hotel Orchard, onde um grupo de Murmuradores vem se movendo em direção a mim. Há três deles, e estão vindo com uma velocidade desarticulada e desesperada, o que me diz que estão morrendo de fome. Felizmente, isso também significa que eles estão fracos, desajeitados e muito distraídos com a sua própria fome para serem uma grande ameaça. Isso não me incomoda. Não mais. Não posso nem imaginar o que um psicólogo teria a dizer sobre isso – olho para um ser humano em decomposição, uma pessoa reduzida a pele e ossos, e sinto apenas uma leve pontada de repulsa.

Por sorte, o pastor alemão em Dapper o faz aceitar ordens naturalmente. Ordeno que ele sente e fique parado, e é o que ele faz, apesar de seu rabo vibrar de excitação e frustração enquanto eu desço o machado nos zumbis. Ele quer ajudar, me defender, mas, se ele lamber um dos zumbis, eu vou ficar sem um bom cachorro e um leal companheiro.

Fico sem ar depois disso, com o machado pendendo na minha mão direita. Sem dormir e sem comer, não sou muito boa contra mortos-vivos. Dói puxar o ar para respirar, e a dor deixa os meus braços fracos. Prometo que vou me tratar melhor, comer mais, me exercitar e recuperar a força que perdi. Não há mais espaço para erros, ninguém para me segurar se eu tropeçar ou hesitar.

Descansando um pouco, me ajoelho e, cuidadosamente, limpo o machado no blusão de um dos mortos. Estou preocupada que Dapper lamba aquilo e fique doente.

Levamos mais trinta minutos para chegar até a rua Lowell e, a cada vez que

encontramos um mortos-vivos, fica mais difícil usar o machado. Talvez isso tenha sido um erro. Talvez eu devesse ter esperado até estar mais forte, curada, para seguir sozinha. Quem vai vigiar enquanto eu durmo? Dapper? De repente, o martírio parece significativamente menos glamoroso e muito mais como uma morte insidiosa e lenta.

A rua Lowell está silenciosa, o que é ao mesmo tempo encorajador e alarmante. Não há um ser humano normal para ser encontrado, não há cães errantes, nada que indique que a vida continua. Eu não estou acostumada a ver esse bairro desse jeito – parado, quieto, preenchido com vento e com a sensação de que não tem ninguém ali para ver o tempo passar. Estive ali algumas vezes antes; fosse no Dia de São Patrício ou no dia de qualquer outro desfile, as casas se esvaziariam de manhã e ninguém estaria de volta até a hora do almoço. Mas, pelo menos, havia a promessa de retorno, a sensação de que, em breve, os vizinhos voltariam, cansados ou queimados de sol, porém, felizes.

Assim como todos os bairros pelos quais passamos, aqui há sinais de saídas apressadas: portas escancaradas, janelas quebradas, utilitários e sedãs atravancando os quintais onde fugas falharam ou onde os motoristas simplesmente abandonaram seus carros. A grama cresce ao redor dos carros como se os engolisse ou os transformasse em um antigo monumento do passado.

A residência dos Hewitt fica a mais de meia quadra, no lado direito. Não é uma casa grande, mas eu sempre gostei muito dela. É grande o suficiente para ser espaçosa, e acolhedora o suficiente para ser íntima, amável e confortável, como um par de chinelos grandes e velhos. Não há Murmuradores nem Vagantes lá, só o som da manhã seguindo em frente e alguns pássaros saudando o sol, à medida que o astro-rei pisca para a cidade e se esconde atrás de um grupo de nuvens. É um velho sobrado de tijolos com um telhado bastante inclinado e um alpendre com ripas brancas de madeira. Nós sempre tivemos planos de colocar uma tela na varanda para evitar os mosquitos durante o verão. Falávamos sobre pegar uma *New Yorker*, alguns *mojitos,* e lermos a revista em voz alta uns para os outros nas noites quentes de verão quando não houvesse mais nada a fazer a não ser nos sentarmos no calor úmido e atordoante.

Uma bandeira ainda está pendurada do lado de fora da nossa casa, uma grande bandeira branca com um sinal do Greenpeace. Minha mãe sempre foi hippie, e eu nunca consegui convencê-la a se livrar dessa bandeira estúpida. Parece obscena agora, balançando lá, com uma mensagem de paz que não significa mais nada.

O carro se foi, a porta da garagem está fechada. Digo a mim mesma que é um bom sinal. Eu estou sempre procurando por sinais, pistas, dicas que me digam para onde ela foi, e se voltaria ou não. E, como todos os sinais, como todos os videntes e místicos, eu estou contando com o incerto. Mas é uma ponta de esperança, e eu não consigo abandoná-la. A

caixa de correio está vazia e a maioria das janelas ainda está boa. Quando chego à varanda, há manchas marrons no piso de madeira, mas isso não significa, necessariamente, que algo ruim aconteceu. Podia ser qualquer coisa. Qualquer coisa.

Tenho que derrubar a porta. O que me faz sorrir. Que detalhe singelo, mãe, trancar a porta quando o Apocalipse está vindo te pegar. Está fedendo do lado de dentro, mas é um tipo humano de fedor, um cheiro que agora reconheço. Há comida estragada em algum lugar, uns pratos sujos na pia começaram uma colônia de mofo. Mundos incontáveis e minúsculos surgiram por toda a casa: mofo, teias de aranha, um rastro de folhas que levam a uma janela quebrada. Mas não há nenhum sinal da minha mãe, apenas uma sensação de que as coisas foram deixadas às pressas.

– Mãe? – eu chamo, tomando cuidado para não falar muito alto, para não chamar muita atenção. – Mãe, você está aí? Sou eu, Allison.

Há uma fila de sapatos contra a parede, mas as botas de jardinagem dela estão faltando. Nossos chinelos combinando estão lá, me lembrando mais uma vez de como curtíamos os verões, como o tornávamos nosso e apreciávamos com intensidade o calor de cada dia preguiçoso.

Mas, agora, há um cheiro de leite podre, independentemente de a porta da geladeira estar fechada, porque a podridão está em toda a parte. As aranhas tomaram a cozinha, construindo teias em cada canto possível, fazendo suas casas da torneira até a maçaneta da porta, entre o livro de receitas e o cesto de frutas. Há duas maçãs estragadas em um pote e um cartão dobrado em outro.

Lembre-se de nós no ano que vem!
Família Landry Apple Orchard

O cartão é bordado em dourado e vermelho, e uma fita frágil passa através de um furo no topo. Pego-o, limpo a fina camada de pó e o enfio no bolso de trás da calça. Dapper está ocupado cheirando qualquer fonte de comida possível, e eu estou de olho nele, preocupada que ele pense que um pedaço podre de fruta é comestível. Sua curiosidade canina não inclui bom gosto para comida.

Exploro a sala de estar, a copa, a varanda dos fundos. O andar de cima também está vazio; o armário da minha mãe ainda está aberto, e um rastro de meias e roupas íntimas vai até a cama. Há uma marca sobre o colchão, um pequeno quadrado onde talvez uma mala tenha sido colocada. Ela saiu, eu acho, realmente tentou chegar aos apartamentos. Toco o colchão, forçando uma onda nauseante de decepção que sobe pela minha garganta de volta. Ela saiu e nunca chegou à livraria ou ao ginásio. Há ainda uma terceira possibilidade: ela chegou ao ginásio depois que as Esposas de Black Earth nos

sequestraram. Ela poderia ter sido pega no meio do caos, do incêndio.

E ainda não sei por que eu quero que ela esteja aqui na casa. Se ela tivesse ficado, estaria morta. Partir era a sua única opção, claro.

Pego um pouco de sabão, xampu, pasta de dente e fio dental e vou para o meu velho quarto. As janelas estão sujas e cobertas com emaranhados de teias de aranha. Empacoto algumas roupas velhas na minha antiga mochila do *Meu pequeno pônei*, a única coisa no meu armário com espaço decente. Minhas coisas de adulta estão no meu apartamento, mas ele está muito perto do olho do furacão, perto do que quer que tenha sobrevivido à destruição do ginásio. As roupas que escolho provavelmente vão ficar apertadas, já que são da época do ensino médio, mas são melhores que nada. Tento encontrar algo de valor para levar comigo, coisas que eu poderia trocar por comida ou remédios. Encontro uma caixa de camisinhas velhas embaixo do meu colchão; estão vencidas, mas eu sei, pela experiência no ginásio, que valem tanto quanto cigarros. Acho um pacote de cigarros também; estão amassados e são uma merda, mas talvez valham uma lata de feijões.

Antes de sair, volto ao andar de baixo para checar o que há próximo ao telefone, que está jogado em uma mesa abarrotada de correspondências e contas. É uma antiguidade do sótão da minha avó e ainda cheira a livros velhos depois de todos esses anos. A secretária eletrônica também está lá, mas, sem eletricidade, é inútil. Apesar disso, há uma notinha colada perto dela, dobrada, em uma posição proeminente. Pego com cuidado para não amassar.

Minny,

Espero que você esteja a salvo. A tia Tammy ligou e disse que estão montando um acampamento em Fort Morgan. Pegue a rodovia 39 e desça até a 88, e de lá até a 80. Siga a 80 até chegar na 76. É um caminho longo, e não sei se dá pra chegar lá. Estou partindo com a família Anderson aí do lado. Vamos encontrar a Allison primeiro.

E, então, na parte de baixo, sublinhado:

<u>*Vejo você logo, em Liberty Village!*</u>

Fort Morgan. Fort Morgan, no Colorado. Eu tinha ido lá algumas vezes para visitar a tia Tammy e sua família. São pessoas boas, do tipo que vivem no campo, que caçam, pescam e andam de caiaque. Mas fica a muitos estados de distância, a muitos quilômetros daqui. Ela deixou o recado para a prima dela, Minny, uma mulher que eu encontrei algumas vezes em churrascos e festas de família. Aposto que a minha mãe nunca esperou que chegasse às minhas mãos. Então eles pretendiam ir para o Colorado depois de me pegar.

Minha mãe está na estrada com os meus vizinhos. Ela não chegou aos apartamentos e não chegou ao ginásio, mas não existem provas de que esteja morta. A bolsa pode

significar qualquer coisa. O que a fez seguir sem mim?

Volto a subir as escadas, sentindo um peso estranho nas mãos, e vou até o quarto da minha mãe. Ela deixou o seu perfume para trás. Sempre amei o cheiro dela, ela nunca trocou o perfume. O aroma tinha impregnado tudo naquele quarto e, apesar de ser outro o nome que está no rótulo, aquele é o cheiro da minha mãe.Pego o frasco e seguro-o contra a luz. Através do vidro roxo, posso ver que há apenas um restinho. Coloco-o na minha mochila e me viro para ir embora.

Mas ouço um som no andar de baixo, passos na varanda. Ouço um tropeço, algo se quebrando, e meu machado já está pronto para atacar.

– Eu sei que você quer ajudar, garoto, mas é para o seu próprio bem – sussurro para Dapper que, a contragosto, se senta atrás de mim, me encarando com seus tristes olhos marrons.

Os passos vêm em direção às escadas, raspando pela madeira, cotovelos ou braços se chocando nas paredes. Posso sentir uma pequena explosão de energia tomando conta de mim, uma tenacidade de cafeína e adrenalina – o desejo de defender o que é meu. Eles não vão entrar na minha casa, na casa da minha mãe. Eles não vão me pegar, não ali e não naquele momento.

Vejo você logo, em Liberty Village!

Chego um pouco mais perto da porta aberta. Preciso pegá-los um por um, porque não tenho ideia de quantos são. Poderia ser só um, mas soava mais como dois ou três. Andando na ponta dos pés, ordeno que meu coração se acalme e me dê um descanso para que eu possa me concentrar, mas a adrenalina está vindo rápido demais e faz as minhas mãos tremerem.

Vejo uma pontinha de pele na porta, talvez seja uma mão, e eu vou em direção a ela, soltando um grito bárbaro e mirando a lâmina no pescoço do invasor.

Poft!

– Ah... eu... *Jesus*!

– Merda!

– Ah, nossa, Nossa Senhora, *Allison*!

É o Ted e, felizmente, a sua cabeça continua no seu pescoço. O machado está enterrado no batente da porta, e o Ted está no chão, com as mãos sobre a cabeça. Renny está parada na porta, segurando o peito assustada.

– Ted! Merda! Eu podia ter te matado! – eu grito, pulando para trás e quase tropeçando em Dapper.

– Você podia ter *arrancado a minha cabeça*, porra! – Ted corrige, seu grito quase atingindo o mesmo tom de pânico do meu.

Muito excitado para continuar sentado, o cachorro corre em direção ao Ted, lambendo o seu rosto e as suas mãos. Se o meu coração estava batendo antes, nesse momento ele está abrindo um buraco no meu peito. Ted olha para mim do chão, nuvens carregadas se formando nos seus olhos.

– Ah – eu digo, me alinhando, enquanto minha pulsação finalmente normaliza. Ted se levanta, seus óculos estão quebrados e tortos e o cabelo bagunçado, aplacando Dapper com um cafuné na cabeça. – Engraçado te encontrar aqui.

– Nós te seguimos – diz Ted.

– É, eu percebi.

– Minha ideia – Renny se gaba, arrancando o machado do batente da porta. – Ele disse que você ficaria brava, mas eu não esperava isso. – Ela aponta para a madeira partida.

– Eu pensei que vocês estavam... deixa pra lá. O que vocês estão fazendo aqui? – eu pergunto, pegando de volta o machado. Uma pequena chuva de cavacos da madeira cai na cabeça de Dapper.

– Nós falamos para o Ned vir também. Acho que ele queria, mas o Evan e o Mikey precisavam de um descanso – Ted responde.

– Isso não responde à minha pergunta – digo, balançando a cabeça.

– Você não vai conseguir sozinha. É... é estupidez pensar o contrário, Allison, e eu acho que você sabe disso – ele fala.

– E eu não ia deixar você me largar com um bando de estranhos – a Renny acrescenta, olhando para mim.

– Mas você conhece o Ned – eu digo a ela. – E os meninos.

– Não, não conheço. Não conheço nem *você*, mas prefiro ficar com você. Menos chances de tomar um tiro.

– O Collin e o Finn sabem o que estão fazendo – eu falo.

– Ah é? Então por que *você* partiu?

– Ah, não sei – eu digo, sem me importar. – As coisas estavam ficando um pouco cansativas desde que a minha vida se tornou a porcaria de uma música da Mariah Carey.

– A Lydia é só... Ela é só uma pessoa, sabe? Nós poderíamos ter dado um jeito. Mas acho que não importa mais. Não mais, pois nós estamos indo com você – Ted diz, olhando para mim detrás da longa franja preta sobre seus olhos. – Não tem sentido discutir, porque nós vamos te seguir, e eu *sei* aonde você está querendo ir.

– Ted...

– Não, escute, por favor. Sei que, de vez em quando, eu estou errado, mas não é sempre, e eu acho que você e eu... nós devemos isso um para o outro. Estamos juntos desde o início e conseguimos ficar vivos. Isso significa alguma coisa, não é? Isso não importa pra

você?

– Claro que importa, mas... sei lá... Eu só achei que tinha chegado a hora de uma mudança – eu digo, evitando os olhos dele. – Não é nada contra você, ou contra a Renny. Eu achei que seria melhor.

– Bem, não é – Renny diz, balançando as mãos. – É uma ideia idiota, e você podia ter morrido. Aqui, pra você. – Ela me entrega uma ara, uma pequena pistola. – O Ned falou pra você ficar com isso. Ele deu coisas para todos nós. Ele mandou que nós te desejássemos sorte e mandou isso aqui. – Ao falar isso, apertou a minha mão como uma profissional.

– Merda – eu digo, sentindo como se, na verdade, ela tivesse me dado um soco no estômago. Eu queria ver o Ned de novo e queria ver os meninos também. Mas, acima de tudo, eu queria ver minha mãe. Esse é o preço.

– Você quer checar tudo de novo? – Ted pergunta. Claro. Ele estava lá. Tinha visto a bolsa e o bilhete, e o fato de eu ter vindo aqui em vez de ir direto para o Colorado deve ter parecido suspeito.

– Eu encontrei isso – eu digo, entregando o bilhete que estava no meu bolso. Fico feliz que eles tenham algo para olhar enquanto eu limpo meus olhos com as costas da mão. Eu não tinha dito para eles "Estou feliz que vocês estejam aqui" ou "Vocês realmente vão ser de grande ajuda", mas estou pensando isso. O alívio de tê-los ali, de eles terem inadvertidamente corrigido o meu enorme erro, faz com que eu sinta vontade de chorar.

– Liberty Village? Que merda de piada é essa? – Renny pergunta, rindo.

– Não é uma *piada* – eu digo, arrancando o bilhete da mão dela. – É para onde a minha mãe foi e é para onde eu estou indo também. Essa foi a segunda vez que ela mencionou esse lugar. Eu encontrei um recado na bolsa dela um tempo atrás. Esse é O LUGAR, eu sei disso. É para onde estamos indo, se vocês dois insistirem em me seguir.

– Liberty Village, então – Ted gorjeia. – Cuidado... Hã... Onde é que fica isso mesmo?

– Colorado.

– Ah. Certo! Atenção, Colorado, aí vamos nós!

– Isso aí! – eu digo, enfiando a pistola na parte de trás do meu cinto.

– Vamos ver lá em baixo se sobrou algum enlatado.

– *Meu pequeno pônei*, hein? – Renny pergunta, batendo na minha mochila.

– Sim. Sou radical, sabe.

Comentários

Noruega disse:

30 de outubro de 2009, 17h07

Eu estou tão feliz que você ainda esteja bem.

Fiquei assustado quando você disse que ia sozinha!
Fique bem, Allison. E, por favor, fique a salvo.

steveemchicago disse:
30 de outubro de 2009, 17h24
você tem sorte de ter amigos tão bons. é óbvio que vocês têm que ficar juntos. a união faz a força, allison, não se esqueça disso.

> **Allison** disse:
> *30 de outubro de 2009, 18h03*
> É, você está certo, Steve. Acho que eu estou presa a esses fanfarrões pra sempre.

O mundo assombrado pelos demônios

31 de outubro de 2009 (Halloween)

– Foi perto!

– Isso não é perto.

– Você *ouviu* essa? Com certeza foi perto – Ted diz, cobrindo a cabeça como se estivéssemos em um terremoto e não dirigindo pela interestadual. Mas eu entendo, pois o barulho está me deixando nervosa também. Iowa City está sendo bombardeada.

Chegamos aos limites da cidade em um bom tempo. É incrível como podemos ir rápido quando não há limite de velocidade, nem policiais, nem trânsito nos obrigando a desviar a rota. Em alguns lugares, a rodovia está povoada por fileiras quilométricas de carros, com seus motoristas mortos ou vazios. É estranho ver isso, centenas de carros esperando pacientemente por algum sinal para continuar. Toda vez que nos deparamos com uma cena dessas, fico esperando os carros se moverem ou alguém vir nos pedir ajuda, mas isso nunca acontece. Fica apenas o sombrio sentimento de que qualquer batalha que era para ocorrer ali já tinha acontecido há muito tempo.

Para ser sincera, eu não sei se são realmente bombas caindo, mas parece. O barulho é ensurdecedor em determinados pedaços do caminho e há lampejos de luz laranja à distância, tiros, o rugido abafado de motores distantes. O trovejar da guerra ressoa por toda Iowa City no Halloween, e não há nenhuma travessura ou gostosura ou à vista, nem uma casa simpática com as luzes acesas. Ninguém está em casa.

O carro velho que conseguimos roubar tem só o que precisamos para seguir pela estrada, mas não muito mais. Ele tem algumas facilidades; o aquecedor crepita, começando aos trancos e barrancos, esquentando o carro por alguns minutos e depois estabilizando em algo que não é nem quente e nem frio. Não posso reclamar, nós três mantemos o carro aquecido com a nossa temperatura corporal. Esse não é o melhor momento para ficar reclamando, afinal, encontrar um carro que: a) funciona e b) tem chaves e gasolina é uma desventura torta o bastante para fazer Odisseu apontar e rir. Tentamos uma dúzia antes de conseguir esse, estacionado na frente de um restaurante etíope. As chaves estavam no chão, do lado da porta do motorista. Nós nos revezamos dirigindo, mas Ted nunca quer sentar no banco do passageiro. Há uma mancha misteriosa no estofamento cinza-ardósia. Tento não pensar a respeito do que pode ou não ter acontecido onde estou sentada.

Dapper está no banco de trás com o Ted, seu queixo peludo repousando nas pernas dele. Ele não se importa; quando se trata de carinho, nenhum humano está a salvo do amor irrestrito desse vira-lata.

O caminho para Iowa City pela rodovia 88 é percorrido com longos silêncios, seguidos por pequenas explosões de conversas. Renny dirige como se houvesse um demônio atrás da gente (e talvez haja mesmo). Gosto quando ela está dirigindo – é agressiva sem ser estúpida. Em um ponto próximo de Davenport, ela derruba uma linha de Vagantes que estavam na estrada, acertando-os em cheio. Observá-los girando no ar, braços e pulmões se espalhando enquanto eles são arremessados, é de tirar o fôlego.

– Sua contenção é admirável – digo a ela, um pouco chocada.

– Se você quiser chegar no Colorado antes do Natal, sugiro que me deixe dirigir do jeito que eu gosto.

– Imagino que seja um hábito recém-adquirido? Ou você também atropelava pedestres na sua vida anterior?

– Pedestres? Você está louca. Essas coisas não são *pedestres*. Pedestres têm um destino, têm *cérebro*. Aonde esses desgraçados estavam indo, na farmácia comprar Tylenol?

– Vou fazer um placar – Ted diz, rindo no banco de trás. Ele tira os óculos e bafora nas lentes, inspecionando-os antes de limpá-los na camiseta. – Dez pontos cada um.

Renny olha para mim, mas fico quieta. Eu já tinha matado a minha parte de zumbis, mas me parece um pouco desumano tratá-los como pinos de boliche. Estar dentro do carro faz com que eu me sinta estranhamente normal de novo, e todas essas coisas irritantes (moralidade, por exemplo) vêm se arrastando do lugar de onde estavam escondidas. Eles parecem tão vulneráveis lá fora, os mortos--vivos, balançando com seus pés mutilados, tropeçando em direção a nós, como se tivessem uma chance. Não sei por que me importo, mas fecho os olhos toda vez que a Renny tenta acertar um.

Depois de Davenport, as coisas ficam chatas por um tempo, então começamos a contar histórias sobre o Halloween.

– O Evan e o Mikey estavam tão animados. Espero que o Ned tenha conseguido fazer fantasias pra eles – eu digo.

– Com o quê? – Ted pergunta. – Grama e fita isolante?

– Sei lá, imbecil, use a sua imaginação. Eu vou fazer uma fantasia de alce para o Dapper na nossa próxima parada – eu digo, me virando para o banco de trás para fazer um carinho nas orelhas do cachorro. Ele se levanta só o suficiente para lamber as minhas mãos e, depois, as calças do Ted. – Você gostaria disso, garoto? Você é um alcezinho, não é?

– Eu me vesti de TV uma vez – Renny diz. – Coloquei um *collant,* e o meu pai cortou um buraco em uma caixa e enfiou umas orelhas de coelho em cima dela. Todo mundo curtiu lá em casa. Outra vez, nós mandamos todos os estagiários da firma irem perguntar "travessuras ou gostosuras" nas outras empresas do prédio. Nós fizemos todos se

vestirem de coelhos, abóboras e fantasmas e os mandamos buscar doces para nós. “Precisamos mesmo fazer isso?”, um deles perguntou, um verdadeiro bebê chorão, e eu respondi “Se quiser manter seu emprego, precisa”. Mas ninguém tinha doces e os estagiários voltaram com energéticos, balinhas de menta e pastilhas pra tosse!

Renny trabalhava com publicidade. Ela tinha muitas outras histórias como essa, quase todas envolvendo aterrorizar os pobres estagiários. Ela chamava isso de “amor duro”: algo que eles precisavam fazer enquanto eram jovens, estúpidos e estavam desesperados para entrar no mercado de trabalho.

– Minha mãe trabalhou duro em uma fantasia de sereia pra mim – conto a ela, descansando os meus calcanhares no painel do carro. – Ela não era uma grande costureira, mas conseguiu fazer dar certo, e me lembro que eu fiquei de coração partido porque aquele ano caiu uma tempestade de neve logo antes do Halloween. Ficar circulando com aquela barbatana pela neve de dois metros foi… Bom, eu fiquei parecendo bem idiota. Me lembro que ela e o amigo tinham que me levantar pelas escadas das casas dos vizinhos pra pedir doces. Por que diabos eles fazem isso?

– Quem? – Ted pergunta, tirando seus óculos remendados. Não importa o que ele faça, esses óculos não têm mais salvação.

– Pais. É… o fato de ela ter me levantado por cada uma daquelas escadas, e só porque eu escolhi a fantasia mais estúpida possível… uma barbatana… nossa. Claro que, no fim da noite, eu estava destruída, completamente ensopada por causa da neve. E ela estava tão alegre, tão feliz por mim quando eu cheguei em casa e mostrei pra ela todos os doces que eu tinha conseguido. Aposto que ela estava exausta também, mas ela nunca demonstrou, não pra mim.

– É por isso que estamos fazendo isso? Indo até o Colorado porque você se sente culpada por ter destruído sua fantasia de sereia? – Renny pergunta, rindo. Sei que ela está só me provocando, então deixo pra lá.

– Talvez. Talvez esse seja o motivo exato.

– Chato! – Ted grita do banco de trás. – Próxima!

– Certo, que tal essa: ano passado, eu acidentalmente pedi um livro erótico para a sessão infantil da livraria, para o display do Halloween. A palavra *travessura* tem dois significados bem diferentes, sabe – eu digo. Ted cai na gargalhada, batendo o punho no apoio de cabeça do meu banco para mostrar sua aprovação. – E um deles não é muito apropriado para meninas de nove anos vestidas de princesa Jasmine. Nós percebemos antes que algum cliente comprasse, ainda bem.

– Ted? – Renny pergunta, nos guiando ao redor de um veículo tombado. A parte traseira do caminhão está lotada de gaiolas de arame, abertas ou arruinadas ou cheias de sangue.

Uma trilha de penas jaz na estrada.
– O quê?
– Sua vez – Renny diz.
– Não temos Halloween na China – ele responde, batendo os dedos contra a porta. – Há o Teng Chieh, eu acho, e o Banquete dos Fantasmas Famintos.
– Tá me zoando? – Renny responde.
– Não, não estou te zoando, Renny. O que tem de tão inacreditá-vel nisso? Claro, eu não tive o privilégio de me vestir de caixa com orelhas de coelho para me humilhar na rua, mas não foi tão ruim.
– Seu mala.
– Mas... – ele diz, tirando o cabelo da cara. – Uma vez eu coloquei fogo na fotografia do meu avô durante o Teng Chieh. Foi um acidente, mas, cara... a minha mãe ficou *nervosa*. Quer dizer, veja só, lamparinas por toda parte... isso acaba acontecendo.
– Parece que você está bem arrependido, Ted – eu digo. – Sua mãe deve estar orgulhosa.
– Ou morta. Provavelmente...
– Bem – Renny diz, suspirando –, isso encerra o assunto.

Ficamos em silêncio de novo até Iowa City. Não consigo parar de pensar no que o Ted disse a respeito da mãe dele. Sei que é um mecanismo de defesa – ser tão insensível com a morte dela – mas, de certa forma, isso é pior do que se ele estivesse chorando. Talvez ele tenha aceitado, talvez ele saiba que nunca mais vai ver sua família de novo. Perder a família inteira e a Holly também... Deve haver algo dentro dele, crescendo, esperando para escapar, mas ele não nos deixa ver. Eu acho que, talvez, ele não seja o único que perdeu tudo. Renny e eu não temos nenhuma garantia de que qualquer um dos nossos familiares ou amigos tenha escapado. Claro, eu tenho o recado da minha mãe, sei para onde ela foi, mas parte de mim sente que é *impossível* vê-la de novo.
Abro o laptop de tempos em tempos, procurando por algum lugar com wi-fi disponível, alguma forma de conseguir contato com o mundo lá fora, mas não há nada. O último lampejo de conexão foi pouco antes de chegarmos à estrada. Foi minha última chance, minha última oportunidade de falar com todos vocês.
Chegamos a Iowa City ao entardecer. É uma zona de guerra, pior que a barricada do lado

de fora do ginásio, pior que qualquer uma das cidades fantasmas em chamas pelas quais nós passamos. Renny segue pela rodovia 80 e vemos a cidade desfilar à nossa esquerda com seus edifícios fumegantes brilhando como olhos vermelhos no meio do crepúsculo. Ted desce os vidros uns cinco centímetros para que nós possamos ouvir o som dos prédios crepitantes e de armas de fogo. Dapper se levanta, farejando o ar.

– Eles devem estar tentando segurar uma multidão – Ted murmura com o nariz colado contra o vidro.

Então, diante de nós, de um lado a outro da estrada, estende-se uma sólida parede de carros. O fim desse bloqueio não é visível, não há como seguir em frente; vários carros, caminhonetes e motocicletas estão empilhados como se um gigante os tivesse carregado e jogado, depois de ter brincado com eles, ficado bravo e descartado os brinquedos por aí. Nós damos a volta para achar uma saída, procurando alguma avenida principal, alguma rota que desviasse da rodovia bloqueada, e entramos em um pequeno vale comercial com restaurantes *fast-food* e lojas de peças.

Há luzes na saída da estrada, mas não são luzes de trânsito, são lâmpadas brilhando em um estacionamento do outro lado da rua. É uma grande loja de departamento, mas é difícil chegar lá. Renny diminui, e vemos que a rua está bloqueada dos dois lados por filas de carros.

– Não parece por acaso – eu suspiro. – Parece intencional.

Sinto uma dor no estômago, um mal-estar, um lodo pavoroso subindo até minha garganta, como se estivesse presa na pré-escola de novo. Bem devagar, percorremos a intersecção bloqueando o estacionamento. Há movimento ali, figuras, sombras. É Halloween. Eu deveria estar ajudando o Evan e o Mikey a vestir as suas fantasias, colocar os últimos detalhes no Wall-E pirata, mas estou aqui, sentada dentro de um carro gelado, contorcendo as mãos, quando um homem enorme e barbudo aparece do lado da janela.

Renny desce o vidro, só um pouquinho, pois podemos ver as alças de suas armas descendo por seus ombros. Há uma insígnia grosseira bordada no bolso do seu casaco, e o cheiro de fumaça de cachimbo invade o carro enquanto ele cutuca o nariz do lado da janela.

– Parem, cidadãos, parem! – ele diz. O grito é absorvido por alguns outros homens, todos eles circulando o carro. Na verdade, é difícil saber com precisão quem ou o que são. Posso ver o brilho de cigarros, pequenas cerejas vermelhas pulsando conforme eles inalam e exalam.

– Você vai ter que sair do carro, jovem – ele diz, batendo no vidro do carro com o rifle. Ouvimos um rangido quando o metal raspa a superfície gelada do vidro. – Só vou pedir uma vez. Isso vale para todos.

Renny olha para mim. O estacionamento está livre na nossa frente, mas talvez precisemos acertar alguns “pedestres” para poder escapar. Assinto quase imperceptivelmente, e ela começa a descer o vidro.

– Vai se ferrar, caubói – ela diz. O homem pega o rifle com as duas mãos, tentando bater a ponta dele no vidro para quebrá-lo. Dapper entra em erupção, latindo e rosnando, seu rabo formando um desenho no banco de trás.

– Preta desgraçada! – ele grita. Renny pisa no acelerador, o carro salta para a frente, acertando um dos outros homens. A janela já está levantada e eu não posso ouvir os gritos. Daí vejo a noite se iluminando no retrovisor e um familiar *rá-tá-tá* de armas de fogo. A janela de trás se quebra, implodindo depois de termos andado apenas alguns metros.

– Se abaixem! – eu grito. Mas é tarde demais; Ted está gemendo no banco de trás, xingando e ofegando.

– Ai, meu Deus! Onde você foi atingido? – pergunto, mantendo a cabeça baixa enquanto solto o cinto de segurança e mergulho na parte de trás. O tiroteio é implacável, salpicando a traseira do carro, gradualmente ficando mais leve e distante conforme os deixamos para trás.

– Para onde estou indo? – Renny grita, o carro cambaleando descontroladamente pelo estacionamento.

– Qualquer lugar, só nos tire daqui!

Viro o Ted e vejo que o seu ombro está ficando escuro bem rápido, seu moletom ensopado com o sangue do ferimento. Empurro Dapper, que uiva, tentando enfiar o focinho por baixo do meu braço.

– Droga – eu murmuro. – Merda, merda, Renny, ele foi atingido!

– Se segure!

Agarro o Ted e o aperto bem junto a mim. O carro acerta uma calçada íngreme e chacoalha todo, e o porta-malas se abre com o impacto. Ted está tremendo e gemendo de dor no meu pescoço, sinto seu sangue nas minhas mãos enquanto tento mantê-lo quieto. Eu não estou qualificada para lidar com isso. Todo o meu conhecimento sobre tratamento de feridas veio da TV, e não é muita coisa. Puxo minha blusa e a amarro no ombro do Ted.

– Ai, droga, o que você está fazendo? – ele geme.

– Eu estou... colocando pressão na ferida! Eu estou colocando pressão, o.k.?

– Certo.

Renny dirige feito louca, desviando e pisando no acelerador, e estou preocupada que, na próxima lombada que passarmos, ela vá mandar Ted, Dapper e eu pelos ares como três astronautas bêbados. Ted parece ter se acalmado. Ou então está prestes a desmaiar.

– Acho que estamos a salvo – ela diz, sem fôlego. Definitivamente, há menos lombadas agora. Ainda segurando a blusa, levanto a cabeça e olho pela janela; estamos embaixo da rodovia 80, enormes vigas de concreto de ambos os lados passam por nós conforme aceleramos pela grama. Seguro o Ted com firmeza quando a Renny bate contra uma cerca de arame e nos leva para cima de um aterro superficial. Através da escuridão nebulosa, posso ver um grupo de prédios baixos por toda a estrada na nossa frente. Damos uma volta, deixando o centro comercial para trás, e chegamos a um outro estacionamento, dessa vez de algum shopping.

– Renny… – digo, observando um aglomerado de luzes vindo em direção a nós. Algumas são de lanternas, outras de tochas. – Renny, alguém está vindo.

Ela se vira no assento do motorista e, juntas, vemos as chamas cada vez mais perto. Baixo a janela e puxo minha pistola, mirando na luz mais próxima. As tochas acenam para frente e para trás, como se sinalizassem para um avião.

– É melhor que vocês estejam vindo em paz! – eu grito, apoiando a coronha da arma no vidro da janela. Dapper aperta o focinho contra a parte de baixo do vidro, observando os estranhos se aproximando.

– Amigos – diz uma mulher robusta, com cabelos castanhos e encaracolados. – Não atire, não atire! Nós ouvimos disparos, vocês estão bem?

– Não – eu digo, mantendo a arma apontada para ela. – Um de nós está ferido.

– Não tenham medo – ela fala, com as mãos para cima. A tocha treme na escuridão. – Suponho que vocês cruzaram com os Territoriais.

– Quem?

– Os Territoriais. Eles são a milícia daqui – ela diz, baixando as mãos. – Olha, eu posso contar tudo pra vocês, só baixe a arma, por favor. Não vamos machucar vocês.

– Faça isso, Allison – Renny diz, desligando o motor.

– Não, não – a mulher fala. – Ligue o carro. Siga a gente até o acampamento.

Baixo a arma e a Renny dobra à direita, seguindo o grupo lentamente. Eles nos conduzem por cerca de cem metros até um aglomerado de tendas improvisadas montadas entre uma viga de concreto e um velho e machucado prédio de tijolos. Parece uma espécie de galpão de manutenção, mas há outros prédios por perto: um posto de gasolina saqueado e o que parece ter sido um Starbucks. Incêndios arruinaram a maioria das características distintivas dos edifícios, deixando-os queimados e sem expressão.

– Devemos sair do carro? – eu pergunto. Renny olha para mim, e seus olhos quase marejam quando ela vê Ted enrolado no chão.

– Talvez eles possam ajudar – ela diz, dando de ombros. – Nós não podemos continuar, não com ele desse jeito.

– Concordo. Ficamos aqui até o Ted melhorar, e então seguimos?
– Sim, mas por que você está me perguntando isso?
– Porque não quero ser a única responsável se isso for uma merda colossal.
– Acho que não temos muita escolha – Renny diz, dando de ombros novamente. – Ele está mal.
Renny sai do carro e dá a volta para me ajudar com o Ted. Seus cílios vibram no rosto conforme nós cuidadosamente o manobramos para fora do sedã. Um gemido baixinho e aflito escapa de seus lábios, mas Ted parece ter ficado inconsciente. Dapper trota ao nosso lado, tentando lamber o rosto dele para confortá-lo.
– Traga-o aqui – a mulher morena diz, iluminando o nosso caminho com a lanterna.
Há outros dois com ela, um homem alto com um chapéu de vaqueiro desbotado e uma mulher magra e esguia com uma grande juba de cabelos negros. O caubói desaparece nas sombras por um segundo e depois volta, limpando uma machadinha na calça.
– Desculpe – ele murmura. – Essas coisas malditas simplesmente não desistem.
Eles mantêm o caminho iluminado enquanto Renny e eu levamos o Ted apoiado, tentando impactar seu ombro machucado o mínimo possível. A mancha se espalhou por todo o seu ombro, indo até o cotovelo. Não consigo pensar nisso, na possibilidade do Ted sangrando enquanto nós ficamos só vendo, sem poder ajudar.
As barracas são rudimentares, mas robustas o suficiente. A mulher, entretanto, nos direciona para o galpão, onde uma luz pálida e amarela ainda funciona, zumbindo. Não posso deixar de olhar com admiração para a lâmpada. Talvez eu tenha a chance de recarregar o laptop novamente.
– Energia de emergência – ela diz, sussurrando quase como numa oração. – Só esperamos que aguente.
Ela e os outros dois desaparecem e voltam com um saco de dormir, alguns travesseiros e um saco de lixo. Eles montam uma cama para o Ted e cobrem parte dela com o plástico para evitar que ele suje o saco de dormir. Ele resmunga e treme quando o deitamos, seu rosto vertendo um suor denso.
– Obrigada – eu digo, estendendo a mão para a morena. Ela me cumprimenta sem nem hesitar ao ver sangue nos meus dedos.
– Nanette – ela diz, fazendo um gesto cordial com a cabeça. Seu nariz é bem estreito, um pouco torto, e a maior parte das suas feições estão tensas, mas, ainda assim, amigáveis. Ela está vestindo uma camisa xadrez cheia de detalhes e um casaco pesado por cima.
– Allison – eu respondo. – E essa é a Renny, o cão é o Dapper, e esse pobre coitado é o Ted.

Nanette apresenta os outros: Dobbs (com o chapéu) e Maria (com o cabelo escuro).

– Sinto muito por vocês terem trombado com esses demônios – Nannette diz com uma careta. – Eles são... ah, são *inomináveis*, uma gente inominável. O jeito como nos oprimem, o jeito que eles... pegam o que querem, quando querem! É desprezível!

Nanette fala como um cachorrinho *dachshund* deve pensar – rapidinho e com uma incrível energia nervosa, com pensamentos tropeçando e caindo uns sobre os outros conforme ela acelera em direção a outro ponto.

– Calma – eu digo, lançando um olhar ansioso em direção ao Ted, que parece estar piorando bem diante dos nossos olhos. – Quem são essas pessoas?

– Os Territoriais – Dobbs diz. – Eles acham que é trabalho deles segurar as pontas até que o governo chegue aqui. Mas eles não entendem. O governo não está chegando. Ninguém está chegando. Eles só queriam o que era nosso.

– Que seria...? – Renny perguntou.

– O supermercado – ele responde. – Estava tudo bem com a gente lá... defesa, muitos suprimentos, armas, comida e tal. Então os Territoriais apareceram e quase mataram todos nós. Disseram que o lugar pertencia a eles, que era obrigação deles... se apropriarem daquilo. Foi o que disseram. Apropriar é o cacete. Eles são ladrões... sujos e mentirosos.

– Deve ter sido por esses que passamos há pouco – Renny diz.

– Eles transformaram aquilo num verdadeiro forte e têm mais armas do que conhecimento sobre o que fazer com elas.

– Que merda – eu digo. – Sinto muito, de verdade, mas... olha, nós precisamos cuidar do Ted. Algum de vocês conhece um médico? Ou tem um kit de primeiros socorros ou algo do tipo? Tem um monte de barracas aqui, talvez uma enfermeira? Qualquer coisa?

– Bom – Dobbs diz, olhando de lado –, nós tínhamos um médico.

– *Tinham*?

Merda.

– Julian. É o meu... é o nome dele. Quando esse pessoal da milícia nos atacou, eles tinham armas, claro, mas tinham também explosivos, desses caseiros, e o Julian ficou para trás. Ou eles o explodiram ou ele ficou lá preso. Não acho que o mataram, não, o desgraçado era muito valioso.

Nanette coloca uma mão no ombro dele, com uma cara de quem perdeu o amado cachorro esmagado por um caminhão de cimento. Dobbs afasta sua mão, escondendo os olhos com a aba do chapéu.

– Então, se vocês não têm um médico aqui, não há nada que possamos fazer? – Renny pergunta.

Dobbs e Nanette se entreolham com uma expressão não muito agradável. Até o Dapper

se esconde atrás de mim por instinto.

– Bem…

– Não – eu digo. – De jeito nenhum. Vocês estão loucos se acham que vamos lá dentro para resgatar esse Julian.

– Você tem uma arma – Maria diz, apontando.

– O que significa…? Vocês não disseram que eles estão armados até os dentes? Essa pistola não vai servir pra nada quando eles estiverem atirando em nós com rifles.

– A Maria conhece o lugar até do avesso. Ela pode mostrar o caminho – Nanette sugere.

– Não. De jeito nenhum.

No chão, Ted começou a despertar, tremendo todo e gemendo muito. Não consigo lembrar os detalhes. Não vou.

– Allison – Renny diz, tocando o meu cotovelo –, posso falar com você por um minuto? Em particular?

Vamos para o lado de fora e ficamos de pé sob o brilho duro e feio das luzes de emergência. Dapper senta-se ao meu lado e, por hábito, apoio a minha mão na cabeça dele. Posso ver a boca da Renny tremendo quando ela olha para além de mim, para a estrada.

– Temos duas opções. Podemos deixar o Ted e seguir nosso caminho, ou podemos tentar resgatar esse médico.

– Não, são três. Três opções, Renny. A gente pode esquecer o médico e tentar fazer nós mesmas.

– Uma cirurgia? Eu… *nós*?

– Eu não vou deixar ele aqui, Ren. Não posso. Ele está comigo desde o começo. E não merece isso.

– Você *viu* o ombro dele? Está todo estropiado!

– Eu não sou uma boa atiradora, Renny. Se o Ned estivesse aqui, ou o Collin… olha, não tem sentido ficar aqui especulando. Mas eu sei que atacar aquele lugar cheio de armas é a pior ideia do mundo.

Mordendo os lábios, Renny lança um olhar por cima dos ombros, baixando a voz e se voltando para mim.

– O Dobbs parece capaz. Pode não ser tão ruim assim. Talvez exista uma porta nos fundos.

– Sim, tenho certeza de que ele é um maldito Jesse James, mas só três de nós não é o suficiente, e você sabe disso.

– Então que tal só um de nós? – ela diz, olhando nos meus olhos de um jeito que, Deus me ajude, faz o meu sangue gelar. – Se essa pessoa não conseguir, os outros vão fazer o

que puderem para ajudar o Ted.

Eu realmente devia ter pensado melhor sobre o assunto, meditar sobre isso por uma hora ou mais, mas não há tempo a perder, não com o Ted se aproximando cada vez mais da luz no fim do túnel.

– Melhor de três?

Tesoura ganha de papel. Merda!

Pedra ganha de tesoura. Viva!

Papel ganha de pedra. Merda dupla.

– Boa sorte – Renny diz, rindo. – Vou cuidar bem do Dapper.

– Não seja tão presunçosa. Pelo menos eu não vou ter que meter o meu cotovelo no fundo da escápula do Ted.

Renny me abraça, e ficamos assim por um minuto, deixando o alívio vir primeiro e, depois, o desespero. Ambas sentimos o momento até estarmos à beira das lágrimas, então nos separamos.

– Se eu fosse sapa, você seria a minha primeira escolha, gata – eu digo.

– Você seria tão sortuda – ela diz, socando o meu ombro.

– Tem um documento no meu computador. É o 103109, na área de trabalho. Saia pra dar uma caminhada essa noite e veja se encontra um sinal, talvez próximo ao supermercado, e faça o *upload* dele. Você vai ver o programa, está minimizado. Tem uma opção de *upload* e…

– Sabe, eu não sou uma completa imbecil. Eu já usei um computador antes.

– Ótimo. Obrigada. Agora traga a Maria aqui fora. Diga pra ela que estamos partindo agora. Ela não precisa entrar, só me levar até a porta.

Observo Renny voltar. Logo em seguida, Dapper começa a lamber a minha mão, sentindo, como sempre, que algo está errado. Não sei como ele faz isso, onde os cachorros conseguem esse talento, saber com precisão quando as coisas vão de mal a pior. Coço atrás das orelhas dele, me ajoelhando para que ele possa lamber o meu rosto algumas vezes. Ele dá um ganido para mim. Está com fome. Todos estamos.

– Fique bem, garoto – eu digo, encostando o meu nariz no dele. – E cuide do Ted. Acho que ele vai precisar de ânimo quando acordar. E diga oi pra minha mãe, quando você a vir. Acho que ela vai gostar bastante de você.

Comentários

Isaac disse:
31 de outubro de 2009, 18h12
Allison, não acho que seja uma boa ideia, nem um pouquinho. Halloween? Soa como um mau agouro pra mim.

steveemchicago disse:
31 de outubro de 2009, 19h04
jesus, possessão partes 1-3 tudo outra vez. apareça logo. não me faça perder o sono de novo, allison.

Noruega disse:
31 de outubro de 2009, 19h27
Caverna! Caverna! Corra, não ande, até o barco mais próximo e venha para cá. Tenho um mau pressentimento a respeito disso, Allison.

> **Isaac** disse:
> *31 de outubro de 2009, 20h34*
> Tarde demais, acho que ela já foi.

Sobrevivência do mais doente

1º de novembro de 2009

– Cuidado – eu sussurro, colocando a mão no ombro da Maria. – Não podemos usar a arma. Ainda não.

Com apenas uma arma para nós duas, e sendo o nosso principal objetivo agir furtivamente, Maria e eu somos forçadas a matar os mortos-vivos com as mãos. Ela é muito boa com a machadinha e eu ainda tenho o meu machado, por isso estamos até que bem. No escuro, sem o auxílio de nem mesmo uma lanterna, é difícil vê-los se aproximando. Eles tendem a se misturar com a escuridão, desaparecendo nas sombras e chegando até você sem nenhum aviso. O leve farfalhar da grama salva a minha vida mais de uma vez.

Maria me mostra o caminho dos fundos através de uma sebe baixa de plantas malditas que tentam arrancar os meus ossos, sob algumas árvores magras. Há dezenas de caminhões lá atrás, gigantes adormecidos ainda ligados à loja, prontos para descarregar artigos esportivos, roupas femininas ou melões. O que quer que estivesse dentro deles já deve ter sumido há muito tempo, trocado ou usado pelos Territoriais. Maria e eu vamos devagar, nos arrastando por trás das árvores e arbustos, que não nos oferece uma cobertura muito boa, mas, no escuro, é o bastante para nos encobrir por um ou dois minutos.

O tempo todo, não consigo parar de pensar sobre como esse maldito plano é ridículo. E tem também um pensamento persistente que vem logo atrás desse. Ter um médico por perto, *salvar* um médico, pode, potencialmente, tornar as nossas vidas muito mais fáceis. Maria indica uma patrulha que passa a apenas alguns metros na nossa frente, com seus cigarros emitindo pequenas cobras prateadas de fumaça que se misturam com os curtos sopros de suas respirações. Estão perto o suficiente para que eu sinta o cheiro do tabaco barato. Rindo e batendo papo, eles somem de vista atrás de um dos caminhões. Maria me pega pela mão e, juntas, passamos por um pequeno rio de cascalho entre nós e a loja.

– Aqui está a porta – ela diz. – Não deve estar trancada. Nós estouramos quando escapamos da primeira vez. Pegue isso.

Ela enfia um pedaço de papel enrugado nas minhas mãos.

– O que é isso?

– Um mapa. Não está muito bom, mas deve dar uma ideia de como funcionam os corredores. Não é um labirinto nem nada, mas isso deve ajudar.

– Obrigada – eu digo, ficando vesga com a bagunça hieroglífica de rabiscos e quadrados. – Boa sorte ao voltar.

– Rá – ela fala, dando um tapinha no meu ombro. – O mesmo pra você.

Eu não espero ela partir e, cuidadosamente, abro a porta traseira. Estou preocupada pensando que a patrulha vai voltar logo e não quero perder mais tempo. É uma missão suicida mesmo, então é melhor ir logo com aquilo. Me arrasto pela parede, apoiando uma mão nela para manter o equilíbrio, através do escuro corredor congelante. O mapa da Maria é quase incompreensível. Acho que os Pergaminhos do Mar Morto são mais legíveis que isso. Ele indica (eu acho) que essa porta é uma entrada de funcionários e, julgando pela quantidade de bitucas no chão, é também o lugar da pausa para fumar. O salão tem três saídas, duas são portas e uma é um corredor interligado. No mapa, há uma vaga indicação de onde eu deveria ir, pequenas marcas vermelhas de sugestão, e lembro do Dobbs mencionando uma explosão, então sigo em frente procurando sinais dela.

Vozes vêm e vão, ecoando pelos corredores, saindo do sistema de ventilação bem acima da minha cabeça. É deprimente. Não há nenhuma forma confiável de saber se os guardas estão logo na esquina ou no fim de outro corredor. É como estar andando em um cano, um gasoduto oco onde tudo ecoa e ressoa. Passo pelo que parece ser uma sala de descanso. Está vazia, exceto por algumas mesas e máquinas de venda automática com os vidros esmagados. Tudo, cada cor e azulejo, é estéril e frio, e a ideia de viver aqui por muito tempo me dá arrepios. Não que o ginásio fosse glamoroso, mas pelo menos tinha várias barracas coloridas. Talvez sejam apenas as circunstâncias, talvez não seja tão ruim assim e só pareça sombrio porque eu estou me esgueirando como uma ninja pobre e ridícula, segurando um mapa rabiscado com uma vã e minguante esperança.

– Você vai comer isso, seu veadinho, e vai gostar.

Eu paro, sentindo meu sangue gelar. Uma porta bate perto de mim, muito perto, e um isqueiro faz *flique-flique-flique*, mas não acende. Prendo a respiração, muito consciente de que, se ele iluminar o lugar, vai me ver achatada contra a parede.

– Não de novo, merda – ele diz, enfiando o isqueiro e o cigarro apagado de volta no bolso. Essa é a primeira e única vez na minha vida que eu sinto certa identificação com os intrépidos fuçadores de lixo noturno, os guaxinins. A sombra do guarda passa sobre a minha cabeça e, em seguida, ondulações também passam por cima de mim, à distância. Eu me encontro a cerca de um metro da última porta no final do corredor. É uma das que estão marcadas no mapa. O guarda desaparece pelo corredor adjacente, reclamando consigo mesmo sobre o isqueiro. Eu sei que ele não pode *ouvir* o meu coração batendo acelerado, mas parece que qualquer pessoa com um par de orelhas conseguiria.

Deixo passar um momento, caso o guarda decida voltar, mas nada acontece, apenas o barulho distante de passos e vozes. Expiro de uma vez, soltando o ar dos pulmões. Mesmo assim, não me sinto muito aliviada. Beijo o mapa e o enfio no bolso, junto com o cartão da

lavanderia e o bilhete da minha mãe.

A fechadura da porta está destruída, pendurada por um único parafuso. Eles pregaram dois suportes de cada um dos lados da porta, com uma ripa de madeira presa entre eles. Levanto um dos suportes para abrir a porta, levando a madeira comigo...

Crush!

Uma placa de metal bate na parede perto da minha cabeça, e algum tipo de substância granulada cinza chove sobre mim.

– Eu disse que preferia morrer a comer esse veneno!

– Não é veneno – eu digo, lambendo um pouco do mingau que caiu nos meus dedos. – É ralo, um pouco nojento, mas não é veneno.

– Quem é você? Você não é o carcereiro.

– O carcereiro já foi há muito tempo – eu digo. – Eu sou a Allison, e a sua amiga Nanette me mandou.

– Ah. Um resgate! E uma mulher... que reviravolta.

Eu me inclino contra a parede e dou alguns passos para dentro da sala. É um estoque; alinhadas com as paredes estão linhas de prateleiras meio cheias e uma luz de emergência pisca no alto, enchendo o lugar com um brilho amarelo e frio. Depois de dar uma observada geral no lugar, encontro uma cesta de basquete, uma lata enferrujada e um pacote de camisetas de algodão. Há um homem sentado contra a parede mais distante, com as pernas esparramadas e o braço direito em uma tipoia improvisada.

– *Você* é o Julian? – eu pergunto.

– Sim, Julian Clarke. *Doutor* Julian Clarke.

– Você não parece médico.

– Você está reconsiderando?

– Muito engraçado – eu digo, revirando os olhos. – Podemos nos apressar? Temos que sair daqui antes que os seus amigos voltem.

– Espero que você seja mais forte do que parece, querida – ele diz, acenando com a cabeça em direção às suas pernas. – Me caso com você se você conseguir carregar os meus cem quilos.

É aí que noto a mancha escura nas suas calças cáqui amarrotadas, uma grande marca de sangue na parte interna da coxa, logo acima do joelho. Sim. Perfeito. Um médico que parece mais um participante do *No Limite* que um cirurgião, que não pode andar nem usar o braço direito. Faço uma nota mental para matar a Nanette – *lentamente* – se sairmos daqui um dia.

– Então acho que você está preso aqui para sempre – eu digo, dando de ombros e voltando para a porta.

– Essa é a ideia.

– Bom, o que você que quer eu faça? Se você não pode andar, então eu não tenho muita utilidade para você.

– O sentimento é mútuo, amor.

– Certo, primeiro: pare com essa besteira de me chamar de “querida” ou “amor”. Segundo: sugira alguma coisa ou se prepare para ser arrastado pra fora daqui.

– Seus olhos são tão afiados quanto a sua boca? – ele pergunta, ainda reclinado contra a parede. Seu nome é dr. Desagradável Clarke. Parece um pouco com o Dobbs, se o Dobbs tivesse passado a maior parte da vida sob o ar-condicionado e em faculdades caras de medicina em vez de a céu aberto. Ele tem uma testa alta e uma cabeça cheia de tufos de cabelos castanhos desgrenhados, que lembram uma juba de leão, um sorriso brilhante e um grande nariz grego.

– Meus olhos funcionam muito bem, obrigada. O que você tem em mente? – eu pergunto, e suas sobrancelhas pulam.

– Quer uma resposta prática ou algo mais complexo?

– Prática, por favor.

– Está vendo isso? – Ele indica com a cabeça a lata enferrujada na prateleira.

– Sim.

– Vá verificar. Eu acho que vi algumas garrafas marrons ali quando me jogaram aqui.

A lata enferrujada é um velho recipiente de gasolina, mas, atrás dela, assim como Julian falou, há algumas garrafas plásticas marrons. Álcool para ferimentos, peróxido de hidrogênio, vaselina… reporto tudo o que eu vejo.

– Pegue estas camisetas, o álcool e o peróxido de hidrogênio – ele diz. Me movo para pegá-los mas hesito. – Ai, Jesus, *por favor*. *Por favor*, ó, minha senhora, você poderia trazê-los aqui?

– Claro, sem problema.

Então uma sensação horrível e nojenta começa a se formar no meu estômago porque eu estou começando a adivinhar as intenções dele. Eu estou quase lisonjeada com a ideia de que, depois de apenas um ou dois minutos, ele confie tanto em mim. Mas, de novo, que escolha nós temos? Se eu consigo imaginar a minha mãe a salvo, o Ted curado e feliz, com todos nós indo juntos até o Colorado…

– Sente-se – ele diz, batendo no chão com a mão boa.

– O que aconteceu com você?

– Braço ou perna?

– Bem… os dois?

– O braço é uma longa história, melhor deixar pra depois, quando tivermos mais tempo.

A perna foi na explosão. Eu fui um idiota e tentei pegar algumas coisas fugindo daqui e não funcionou tão bem. Como você pode ver, a minha perna agora é a orgulhosa proprietária de cerca de cinco centímetros de aço.

– Posso perguntar o que você estava tentando pegar? Ou é melhor não saber?

– Vinho Pinot Grigio, *baby*.

– Ah, pelo amor de Deus.

– O quê? Eu prefiro lamber a bunda de um elefante a passar o resto desse inferno sóbrio. Depois de uma ou duas horas perto do meu irmão, ou eu fico bêbado ou vai rolar um fratricídio.

– Sabia que você parecia familiar.

– Podemos bater um papo mais tarde. Que tal focar nisso aqui? – ele pergunta. Pulo para mais perto dele no chão de concreto, alinhando as garrafas e o pacote de camisas ao lado da sua perna. – Muito bem. Agora enfie a mão no meu bolso.

– Aham. Claro. Boa tentativa.

– Olha, *baby*, se eu quisesse que você pegasse no meu negócio, eu pediria, porra. Não, eu quero que você pegue a minha faca.

– Eles não revistaram você?

– Sim, um bando de caubóis do interior não perderia a chance de passar a mão em mim. Eles perceberam que, não importa o que eu tenha comigo, é menos do que eles têm, e estão certos. O que posso fazer? Esfaqueá-los até a morte com um canivete? Eles têm espingardas.

– Você poderia se surpreender com o que pode fazer com os objetos do dia a dia – eu digo, sorrindo para mim mesma.

– Falamos disso depois. Pegue a faca. Deve ter um isqueiro aí também.

Dentro do seu bolso esquerdo há um pequeno canivete suíço, com apenas algumas das ferramentas básicas. É um muito bom e tem seu nome gravado. Há também um isqueiro elegante, de prata. É nesse ponto que o mau sentimento no meu estômago realmente começa a se animar, fazendo as minhas entranhas se esmagarem e se contorcerem de desconforto. Eu não sou muito boa perto de sangue e tenho a sensação de que…

– Introdução à cirurgia: não faça nada que eu não mandar. Entendeu?

– Opa, opa, *cirurgia*? Vou arrancar essa coisa de você?

– A menos, é claro, que você prefira usar os seus dentes. Sim, você vai arrancar isso de mim. Algum problema?

– É que…

– Está com medo?

– *Não*. Eu só não sou muito boa com… sabe… sangue, veias e tal.

– Querida, se você durou esse tanto, então deve ter visto muita coisa ruim, certo?

– Com certeza.

– E, julgando pelo sorriso sinistro que você deu agora pouco, você já matou uma ou duas pessoas. Continuo certo?

– Eu… sim.

– Então você é capaz de usar uma arma *contra* alguém, mas não pode usar uma arma para me ajudar? Além disso, já que é você que está aqui e não a Maria ou o meu irmão, imagino que você precise da minha ajuda. Eles disseram a palavra mágica "médico" e você arriscou a sua vida pra me resgatar. É isso ou você está buscando ser canonizada. Então, o que aconteceu? Alguém lá fora se machucou, alguém com quem você se importa?

– Certo, pensando assim… – eu digo, engolindo em seco. – É só que tem mais… pressão nisso. Aliás, como você não *morreu*?

– Se eu puxar essa coisa maldita e não tiver uma maneira de estancar o fluxo, eu vou sangrar. Até a morte. O tempo já está correndo, provavelmente eu tentaria sozinho se você não aparecesse. É… você sabe, é complicado, o.k.?

– O.k.– eu digo.

– Se eu pudesse usar a merda do meu braço isso não seria um problema tão grande, mas como estou…

– Certo, certo. Entendi. Então, como começamos?

Julian endireita a perna machucada, dobrando a outra embaixo de si. Chego mais perto, devagar, sentindo o meu estômago dar uma guinada e fazer uma apresentação digna do Cirque du Soleil. De alguma forma, isso é pior do que atacar mortos-vivos na cabeça com um machado. Um movimento errado, uma escorregada, uma hesitação e eu posso matar um homem inocente com a minha incompetência.

Sem pressão.

– Você está suando – ele diz. – Bom, esse é o primeiro passo.

– Eu estou prestes a abrir a sua perna. Tenha modos, por favor.

– Tenho prioridades – ele diz. – Vamos, hum, precisar de mais coisas.

– O quê?

– Não entre em pânico. Nós podemos usar o que temos aqui.

– Como o quê? – pergunto, olhando para as prateleiras. Julian faz o mesmo, explorando a miscelânea de itens espalhados.

– Não vai ser *bonito*, mas…

– Vai funcionar? – pergunto.

– É provável.

– Isso é o suficiente – eu digo, dando de ombros e me levantando. A perna é dele

mesmo. – Do que precisamos?

– Pegue aquela grelha de acampamento e… aquilo ali. É um ferro? Pegue também.

Eu pego a grelha grande e desajeitada e o ferro, trazendo-os até o Julian, junto com as outras coisas. Parece que estamos de volta à Idade Média. Quase posso imaginar uma flecha saindo da sua perna. Abro o ferro e a grelha, ciente das intenções dele.

– Você precisa deixar a chama queimando. Aquilo é um galão de combustível?

Dou uma olhada na caixa e retiro uma vasilha redonda do tamanho de uma batata-doce, mas não há nada na caixa além disso, apenas algumas peças soltas.

– É isso, aí está o combustível. Tem uma conexão ali, não deve ser difícil de entender – Julian explica e, então, aponta para a parte de trás da grelha. Eu estou de saco cheio de ficar recebendo ordens, mas parte de mim está curiosa para ver aonde ele vai com isso.

– Está funcionando? Ótimo, vai servir. O.k., mantenha a chama queimando e quente, o mais quente que puder. Coloque o ferro lá dentro e o deixe lá.

Quando me ajoelho ao lado dele, o plano começa a tomar forma na minha cabeça.

– Beleza então, nada melhor que agora. Vamos lá. Corte a calça um pouco acima da ferida. Você vai precisar de espaço. Eu sei que a luz aqui é uma merda, você vai ter que chegar bem perto.

A grelha começa a sibilar, com a chama se tornando azulada à medida que o ferro esquenta. Posso sentir o cheiro do combustível queimando, o odor penetrante, amargo e doce que me lembra churrascos de verão. Faço como ele manda, me sentindo uma idiota conforme ele me ensina o passo a passo, falando com bastante clareza, como se eu fosse um bebê. Não importa. Eu posso suportar a sua atitude se isso significar que ele vai nos tirar dali e ajudar o Ted. Daí eu me lembro…

– Merda – eu digo, me afastando com tudo. Eu deveria estar *evitando* fazer uma cirurgia desse jeito.

– O que é isso? Ah, Deus, você já me matou?

– Não… o seu… *seu braço*. Filho da puta, como não pensei nisso antes?

– Vamos passar por isso quando precisarmos. Se tudo correr bem, quem sabe eu possa dar instruções pra você ajudar seu amigo, certo?

– Eu odeio você.

– Agora esterilize a lâmina – ele diz, sorrindo e seguindo em frente. – Use a faca maior do canivete. Dê uma boa queimada em cada um dos lados. Pegue uma dessas camisetas e arranque algumas tiras. Lave as mãos no peróxido de hidrogênio, limpe na outra camiseta e coloque um pouco do produto na lâmina também. Bom. Muito bom. Seque a lâmina e estaremos prontos.

– Nossa Senhora.

– Respire fundo, Allison – ele diz, ficando sério por um momento. Ouvir o meu nome, ouvi-lo usando um tom de consolo, ajuda. Não muito, mas o bastante para me fazer pensar que eu posso dar conta daquilo. Quando olho para ele, vejo que seu sorriso desapareceu. Até que não é tão feio sem o sorrisinho babaca. E a seriedade, a súplica tranquila em seus olhos, me faz firmar minhas mãos e voltar para as suas pernas. Não importa se ele pode ajudar o Ted ou não. Julian merece viver também, mesmo que seja um completo idiota.

– Pegue uma dessas tiras e amarre com força em volta da minha coxa, alguns centímetros acima do metal. Droga! Porra! Não *tão* apertado.

– *Desculpe*! Desculpe, assim está melhor? – Isso já está sendo difícil. Mais difícil do que ele fez parecer, pelo menos.

– Sim, assim está bom. Você só precisa diminuir o fluxo de sangue – ele diz, limpando o suor da nuca com sua mão esquerda. Ele está suando muito, as gotículas se acumulando na sua barba. – Pense nos estilhaços como uma bússola, certo? Eu vou te dar instruções dessa maneira; o norte é o meu cinto, o sul é meu pé. Entendeu?

– Não acredito que nós estamos fazendo isso.

– *Entendeu*?

– Sim. Entendi. Jesus, as suas pernas são peludas. Não consigo ver nada.

– Você vai inserir a ponta da faca apenas no leste do metal, tocando nele, o.k.? Então você vai fazer uma pequena incisão, não muito profunda, e puxar a faca para o leste. Leste, não sul, nunca sul, o.k.?

– Claro – eu digo, com a voz tremendo enquanto eu levanto a faca. Eu estou esperando, esperando e torcendo que eu não precise mesmo fazer aquilo.

– Não se preocupe, Allison, você está indo bem.

A faca entra, e é fácil… bem, mais ou menos fácil, com menos resistência do que eu espero. Prendo a respiração, forçando minha mão a ficar firme. Faço como ele manda, enfiando a lâmina não mais que cinco centímetros. O sangue vem de uma vez, seguindo o caminho da faca. Minha mão começa a tremer, então paro.

– Isso é normal. Tem que acontecer assim – ele diz com gentileza. – Você está sendo ótima. Agora, você tem alguma margem de manobra para pegar o metal. Não arranque, é só puxar com um movimento suave. Desenhe uma linha imaginária saindo do fim do metal, e siga essa linha. Puxe com suavidade, não lute contra o negócio, deixe que o caminho se decida sozinho.

Puxo com firmeza mas lentamente, tomando bastante cuidado para tentar sentir como o metal está preso na perna dele e qual é seu formato. Julian tem sorte, porque é quase inteiro reto, sem dobras ou curvas, apenas serrilhado em algumas partes. Não é tão ruim,

exceto pelo sangue borbulhando em torno do metal e pelo reflexo brilhante do revestimento vermelho do próprio estilhaço. Então sinto o cheiro forte e ferroso de sangue humano, e meu estômago volta a reclamar.

– Tá tudo bem, tudo bem, você está indo bem, está sendo ótima – ele diz, lendo a palidez no meu rosto. Meus pulmões estão começando a doer de tanto eu prender a respiração, mas isso me ajuda a ficar firme. Não posso parar agora, tenho que continuar puxando, com cuidado, devagar, mas com propósito. O metal parece infinito, e então termina, a extremidade pontiaguda pingando um pouco conforme vem na minha mão.

– Você conseguiu – ele diz, e nós dois suspiramos ao mesmo tempo.

– Porra – eu digo, largando o estilhaço em uma das camisetas. – Moleza.

– Esse foi só o primeiro passo, querida. Agora vem a verdadeira diversão.

Julian acena em direção ao ferro, seus olhos azuis-esverdeados dançando com malícia.

– Tem certeza? – eu pergunto.

– Sim, porque agora eu estou sangrando e não tem mais volta. Pegue isso aí, Allison. Você sabe o que fazer.

Posso sentir o calor do ferro até na alça. A parte de baixo está soltando fumaça, em um vermelho incandescente. Sou o mais rápida possível, meu ataque é duro e veloz para não dar tempo para as dúvidas.

Julian coloca uma mão sobre a boca, mas ainda é possível ouvir:

– Aaaaghhaaggghporquenãotôbêbado!!!

O guincho abafado arrefece até se tornar um sibilo baixo. Se ele continuar, os guardas virão se juntar a nós para assistir sua recuperação. Retiro o ferro, sua pele está selada e bem vermelha, com a ferida fechada, cauterizada. Está saindo fumaça de sua perna, e o cheiro dos pelos queimados se sobrepõe ao do combustível. A ferida fechada tem uma forma pontiaguda bem distintiva, como a insígnia da Frota Estelar de *Star Trek*, mas com alguns pontos decorativos.

Seus olhos estão lacrimejando, mas há um sorriso por baixo das lágrimas.

– Você conseguiu! Caralho, você conseguiu – ele diz, pegando os meus ombros e os chacoalhando. Coloco o ferro em brasa de lado, notando a marca na pele dele. Parece uma borracha moldada.

– E aí? – eu começo, me sentando e limpando o suor do meu rosto e do meu pescoço. – Você pode andar?

– Tenha paciência! – ele diz, rindo. – Posso ter um momentinho aqui? Você *acabou* de queimar as chamas do inferno na minha coxa.

– Sim – eu digo. – Ha ha, olha só, ainda está fumegando.

– Algo me diz que você gostou um pouco demais de ter feito isso.

Ele larga o meu ombro e se inclina para trás com um grande suspiro ofegante. Ficamos em silêncio por um momento, mas não consigo descansar, não consigo parar de pensar no Ted e no seu ombro. E se ele já estivesse morto?

– Certo, vamos – Julian diz, olhando para mim.

– Hum?

– O seu amigo, vamos lá ajudar ele.

– E como você sabe que é um “amigo”? – pergunto. Fico de pé e estendo uma mão. São alguns instantes de luta para levantá-lo. Ele inspira com força entre os dentes, saltando um pouco com o pé esquerdo conforme sente a dor da cirurgia. Com a mão esquerda, estabiliza a si mesmo, usando o meu ombro para se equilibrar. Ele é alto, o que não era fácil de adivinhar quando ele estava esparramado no chão.

– Docinho, eu sei porque tenho olhos e porque você deu uma de louca para chegar até aqui por um médico.

– Não é nada disso, ele é só um bom amigo.

– Bom, então... o meu dia está só melhorando.

– Só... não. Nojento – eu digo, balançando a cabeça em negativa. – Vamos.

– Me mostre o caminho, *baby*.

Comentários

Isaac disse:

1º de novembro de 2009, 12h03

Se você está atualizando, significa que conseguiu sair. Que alívio. E a cirurgia na perna? Bom, não posso dizer que eu estou surpreso, mas estou impressionado pra caralho!

O conforto dos estranhos

2 de novembro de 2009

Eu vi dentro do Ted.

– Um brinde!

Viro-me, despertada dos meus pensamentos. É o Julian trazendo uma garrafa, mancando até mim com a dor estampada em seu rosto e a tensão em seu corpo, mas não na voz. Eu me ofereço para ficar com o primeiro turno e talvez com todos os outros também, já que não conseguiria descansar até saber se o Ted está salvo. Renny está com ele, e prometeu me avisar assim que ele acordar.

Ela foi bem legal ao me avisar que há um indício de wi-fi a cerca de vinte metros a sudeste do campo.

– Um brinde? – pergunto, me virando para Julian. – A quê? – Ele se junta a mim no murinho de retenção de concreto, na extremidade norte do acampamento. Ele ainda cheira a peróxido de hidrogênio e ao álcool que usamos na cirurgia, e eu também.

– A você, claro – ele diz. – Ou a nós! Ou, não, a algo melhor: potencial! Deus sabe que você tem isso. – Ele dá um grande gole da garrafa e, conforme a leva aos lábios, posso ver o rótulo de Johnnie Walker.

– Onde diabos você encontrou isso? – pergunto, entusiasmada, tirando a garrafa dele. Eu precisava muito de uma bebida.

– Roubei do Sam – ele diz. – Droga, desculpe, quero dizer Dobbs – ele zomba, pegando o uísque de volta. Seu rosto se contorce quando ele engole, e seus lábios estalam em suprema satisfação. Tenho que admitir que eu também estou satisfeita. Eu não bebia tão bem desde... desde a última vez com o Collin.

Merda.

– Ele não vai ficar bravo?

– Com certeza, mas eu sou o irmão mais velho dele. É pra isso que eu sirvo!

O tendão do bíceps adere ao músculo do bíceps até o ombro e estabiliza as juntas. Quatro músculos separados se originam na escápula e passam para fora e ao redor do ombro, onde os tendões se unem para poder se tornar um rotor...

– Alô? Allison? – ele diz, estalando os dedos na minha frente. – Jesus. Eu não sabia... acho que estou tão acostumado com as cirurgias que nada mais me abala.

– Eu achei que eu fosse matá-lo. Acho que eu fiquei segurando a respiração o tempo todo. – Eu não conseguia parar de olhar para as minhas mãos, o sangue ainda grudado nas dobras. O sangue do Ted.

– Levanta a cabeça.

Sigo a mão do Julian e vejo um Murmurador em decomposição vindo em direção a nós. Ele faz tudo menos alardear a sua chegada, deixando escapar um grunhido deprimido. É como se ele já soubesse que nós estamos armados e prontos. Puxo a pistola e o derrubo com três tiros na cabeça. Eu poderia ter tido um desempenho melhor, mas as minhas mãos não param de tremer.

– Legal – Julian diz, sorrindo para mim. O homem não tem profundidade, é inabalável. Grandes dentes brancos olhando para você como se fossem o traseiro da Moby Dick. A cauda. Barbatana. Sei lá. – Posso ver que nós estamos em boas mãos.

Minhas mãos estão começando a se acalmar e parecem até mesmo bonitas, empoleiradas no topo das minhas coxas, como duas pombas cansadas após um longo voo. Eu ainda consigo ver os músculos se abrindo sob a faca, a pele, o *sangue*...

– Obrigada – murmuro.

– Pelo quê? Você que fez tudo, docinho.

– Pare de falar comigo assim. E não, eu não fiz tudo. Eu não conseguiria sem a sua ajuda, nem em um milhão de anos. Então... obrigada.

– De nada – ele diz, me entregando a garrafa.

– E obrigada – continuo – por ter sido legal.

– Eu *poderia* ter sido bem mais legal.

Dou uma olhada de esguelha para ver se ele está brincando. Não está. Então eu digo.

– Deixa pra lá – digo, balançando a cabeça.

– Vire mais esses olhos pra cima e você vai ter que ir pegar as suas córneas no chão.

– Você consegue parar? Quero dizer... em algum momento?

– Não.

O uísque é muito bom, com um sabor esfumaçado de mel. Posso sentir o caminho dele pela minha garganta, aquecendo conforme desce. Ficamos ali sentados em silêncio por um instante, com o mundo cinza e sem cor à nossa frente, repleto de dor, repleto de perigos. Eu me pergunto quantos mais estão vindo neste momento, mancando com suas pernas quebradas e seus membros rasgados. Como será a dor deles? Espero que não sofram. Espero que as suas existências sejam insensíveis.

– Se não é o Ted, então quem é?

Julian tira a garrafa da minha mão e a segura a meio caminho dos lábios, esperando minha resposta. Para um deficiente, ele com certeza não parece muito inválido, não no sentido físico.

– Ah, então não posso te dar um fora porque, choque e horror, não te acho atraente? Sei que, sendo médico, você provavelmente está acostumado a garotas se jogando aos seus pés o tempo todo, mas isso não funciona pra mim.

– Certo – Julian diz, dando de ombros e meneando a cabeça em direção ao campo à nossa frente. Outro Murmurador vem tropeçando em nossa direção, enquanto eu miro. – Mas quem é o cara?

– É só… um cara. Casado. Um sujeito casado que eu nunca vou ver de novo. Satisfeito?

– Não muito – ele diz, dando um gole no uísque. – Mas é um começo. E imagino que, contra todas as malditas possibilidades, a esposa ainda está por aí?

– Sim. – Os tiros acertam o Murmurador bem na testa.

– Ah, rá. E você não gosta muito dela?

– Não.

– Você disse isso pra ele?

– Você não é médico, porra? Onde diabos estão os seus modos para tratar um doente? Que tipo de médico você é, afinal? Não, espera, deixa eu adivinhar… ginecologista?

– Você gostaria, não? Eu já me ofereci para te mostrar os meus dotes e, se a memória não me falha, você recusou. – Ele para, hesitando por um momento antes de dar outro gole no uísque. Então, apertando os olhos para mim, diz: – Eu era pediatra.

– Uau. Crianças?

– Crianças.

– Isso deve ser duro.

– É – sua voz, que já é profunda e grave, baixa mais um pouco antes de continuar. – Mas quando as coisas vão bem, é exatamente onde você que estar.

– Viu, isso é bom. Uma boa mudança pra você. Gosto mais de você quando você não está sendo um babaca, sabe.

Por um momento, tenho certeza de que ele vai replicar. Mas ele fica quieto, coçando o queixo, pensativo. A luz é estranha aqui, tão escura e ainda brilhando com as estrelas. Sem as luzes de Iowa City para ofuscar a lua e as estrelas, o brilho do céu é hipnotizador. Penso em falar sobre isso, mas decido guardar para mim mesma. Julian trocou de calças, abandonando a de uma perna só por um macacão cáqui escuro. Está parecendo um fazendeiro australiano, um caipira, e, mesmo assim, não é difícil imaginá-lo com um avental de médico.

– Então – ele diz após um longo silêncio –, o cara casado sabe que você está sofrendo tanto?

– Não é da sua conta, sério.

– Você está com pressa para ir a algum lugar? Não? Não achei que estivesse.

– Você é um homem – eu digo, o que o agrada. Pego a garrafa de uísque. – *Você* saberia?

– Chato, realmente. Porém – ele diz, fazendo uma pequena reverência em direção ao

próprio peito –, se fosse *eu*, talvez eu só quisesse uma pessoa me batendo na cabeça e dizendo "Ei, imbecil, sua esposa é um monstro sugador de sangue".

– Não é minha função. Não é nem o meu lugar... – Eu devia ter parado aí, mas o uísque está começando a fazer efeito, e estou ficando faladeira. E tenho que admitir que, infelizmente, falar ajuda. – Um amigo meu costumava dizer que, sabe, se você gosta de alguém que namora, é justo contar para a pessoa que você está a fim. Se ela gostar mais de você do que com quem ela já está, então, resolvido; se não, então pelo menos você tentou. Mas, com pessoas casadas não é nem justo plantar essa semente, sabe? É... destrutivo.

– Talvez seja isso que ele precise – Julian diz, inteligentemente. – Um pouco de destruição.

– Não. O cenário é diferente agora. Ele tem que se apegar a ela, ela é uma parte da sua outra vida, a sua vida normal. E os relacionamentos... é tudo diferente. Amizades são construídas tão rápido, mas você tem que seguir em frente. Quantas pessoas eu conheci recentemente de quem eu gostei, gostei muito, e depois eu perdi? Quantas pessoas já me enganaram? Mentiram pra mim? Eu preciso manter o foco. E o foco é apenas me manter viva e ficar com a minha mãe. Não vale a pena parar por outras coisas, não quando os nossos prazos de validade são tão...

– Imprevisíveis?

– Exato.

– Sabe, existe uma frase em latim para isso.

– Não existe não.

– Existe sim – ele insiste.

Estou ficando bêbada. Essa é a única explicação para eu estar mesmo me entregando a essa conversa. É como se eu pudesse ver o caminho diante de mim, ver exatamente onde está a borda do penhasco e quando vou cair, mas, de alguma forma, *de alguma forma*, os meus pés apenas continuam se movendo. Você e eu, Johnnie Walker, somos iguais.

– Merda. Certo. Fale, então – eu digo, balançando as mãos.

– *Carpe connubium*.

– Você seria quase charmoso se não fosse tão infantil.

– Problemas à frente – ele diz, subitamente sério. Há mais dois deles, mais silenciosos que os outros. O cheiro dos seus corpos em decomposição chega até nós à distância. Não dá para esquecer esse cheiro. Eu cuido deles, verificando o clipe para me certificar de que tenho balas o suficiente.

Está acabando. Eu preciso economizar.

– É sobre sexo? Eu entendo, Julian. Você está com tesão. Não tem exatamente um clima

romântico por aqui.

– Não – Julian diz, e, pela primeira vez, seu sorriso branquelo sumiu. Ele prossegue, incoerente, dizendo coisas como: – É sobre você me resgatando daquele buraco de caipiras dos infernos. Sobre você dizendo “Eu não, nunca, sou péssima com sangue” e então fazendo uma maldita cirurgia *medieval* na minha perna. Sobre você, fria e calculista e sob pressão, salvando a vida do seu amigo. E sobre tomarmos um drinque enquanto você atira em zumbis. Quero dizer, você é meio *assustadora*, mas ninguém é perfeito.

– Acho que é hora de dizer boa-noite.

– Está cedo ainda.

– Você precisa descansar. Teve um dia cheio – eu digo, deixando o uísque com ele. Eu não posso ficar sozinha com aquilo. – Eu posso assumir a vigília.

– Allison...

– *Boa noite*, Julian.

Eu deveria seguir o meu próprio conselho e pedir a alguém para cobrir o meu turno. Mas não há nada atraente em dormir no chão duro sob uma lona rasgada, ou em um carro manchado de sangue. Não é insônia, é apenas a minha preferência em ficar acordada para encarar os demônios. No sono, eles têm mais poder. No sono, não há nenhuma maneira de se afastar do que está vindo te pegar.

Meia hora mais tarde, Renny vem me procurar. Ted está dormindo e está fora de perigo, ela acha. Levou só uns dois segundos para ela sentir meu bafo de uísque.

– O homem das cavernas está tentando te embebedar? – ela pergunta, bem acordada para aquela hora da noite, com seus olhos escuros brilhando como joias ancestrais. – Ousado.

– Não estou interessada.

– Não? Certeza? Ele estava no meio de uma cirurgia e ainda assim não conseguia parar de olhar para você.

– O que você está dizendo? – pergunto, querendo não ter sido tão apressada para deixar o uísque ir embora.

– Eu *diria* que ele está apaixonado, mas vou ficar quieta. Estou apenas te protegendo. Ele está sedento, é só o que estou dizendo.

– Eu sei disso, Renny. Sério. Ele não é exatamente o rei da sutileza.

– Eu normalmente não advogaria fugir de uma trepada, não é o meu estilo, mas eu sinto, como sua amiga, que tenho a obrigação de dizer que o Julian é, com toda a probabilidade, um ser desprezível – ela diz. – E estou pouco me fodendo se ele é médico ou astronauta ou qualquer outra coisa. Acho que você devia evitar esse cara.

– Você tem razão – eu digo, permitindo um sorriso. – E, por coincidência, estou

escrevendo um pôster motivacional na minha cabeça que diz: “Abstinência: ei, seus cuzões, não pitaquem se nunca tentaram”. Tudo em maiúsculas. E tudo escrito bem embaixo de uma imagem de um cinto de castidade de tamanho industrial.

– Você não quer dizer um grande coração vermelho e mal desenhado? – Renny pergunta. Ela não se abala com o meu olhar duro. – Não seja tímida. Você não me engana com essas merdas.

– Aparentemente, eu não consigo enganar *ninguém*. Muito bem, Miss Marple, não tem nada a ver com isso. Feliz?

– Totalmente. Mal conheci o seu amigo Collin – ela diz, me dando uma espiada de lado. – Mas, como dizem, parece ser uma boa pessoa. A esposa dele, por outro lado...

– Rá. Nem me fale.

Nosso riso morre na noite fria. Eu não quero olhar para ela, mas há algo em seu rosto, algo aberto e totalmente novo, que me diz que posso confiar nela. Isso me faz pensar se ela tinha irmãos mais novos, pessoas que a admiravam e dependiam dela, para quem ela dirigisse esse olhar acolhedor. Eu poderia me enrolar naquele olhar.

– Algo que você queira me contar? – ela pergunta.

– Só... acho que estou me sentindo uma idiota me prendendo a *sentimentos*. Sei que, pela lógica, eu deveria renunciar a essa história de monogamia. Existem novas necessidades, sabe? Novos parâmetros. Podemos ser uma espécie em extinção. Mas algo não me deixa seguir em frente. Eu continuo dizendo que só preciso de mais tempo, que vai ficar mais fácil, que vou parar de pensar nele... mas não acontece. Sei disso agora. – Há algo de bom, algo confortável e calmo nos olhos da Renny que me diz que ela já passou por isso antes.

– Você está certa – ela diz. – Não vai parar, mas isso não quer dizer que não vai ficar mais fácil.

– Ela era bonita?

– Como um tubo brilhante de batom novo. – Está pura escuridão ali fora, mas posso ouvir um sorriso em sua voz.

– Você já pensou em, talvez... quero dizer, se acabarmos como, tipo, as últimas pessoas do mundo... – eu digo. – Você sabe... teria um filho?

Ela endireita a postura no escuro, descansando uma perna sobre o muro de contenção. Ri em silêncio, deixando escapar um longo suspiro como se exalasse uma tragada pensativa de um cigarro.

– Minha mãe me perguntou isso quando eu saí do armário.

– Você está me zoando.

– Não, ela realmente me perguntou isso. Na mesa, durante o almoço no Dia de Ação de

Graças. Ela tinha colhões, aquela mulher, mas esqueceu que era a minha mãe, que eu herdei esses colhões dela. Então eu disse: "Não, mãe, não teria; nem agora, nem nunca, nem no fim do mundo nem no maldito começo dele. Não teria, não poderia, então vá se foder".

– Aposto que correu tudo bem.

– Ela não falou comigo por um mês depois disso – Renny diz, rindo. – Mas agora? Foda-se, eu provavelmente teria. Quero dizer, se a situação estiver ficando verdadeiramente extrema. Eu disse não para a minha mãe porque eu sabia por que ela estava me perguntando. Ela queria que eu admitisse que, lá no fundo, eu ainda era uma boa cristã. Mas eu não era e queria que ela entendesse isso.

– Não faça isso – eu digo a ela. – Mesmo se você for a última mulher na terra.

– Você está falando sério?

– Sim. Quero dizer, qual o sentido? Se é isso que você vai oferecer para uma criança – eu digo, apontando o campo encharcado de corpos gosmentos. – Se isso é o que eles vão ter que encarar, é melhor você se apegar ao que você é, ao que você acredita. É mais importante, no final, eu acho.

É uma daquelas noites ruins, uma noite desconfortável e solitária, e eu queria não ter deixado aquele uísque ir embora. Queria ouvir um pouco de *Mary Poppins* assoviado na escuridão.

Comentários

C em C disse:
2 de novembro de 2009, 19h09
O privilégio e a mágoa do casamento são a imagem que se apresenta ao mundo exterior. Se uma estrela explode, há um pouco mais de violência no Universo, mas também há um pouco mais de beleza, certo? Tenho mais a dizer, mas não sei bem o quê, então vou deixar que alguém mais inteligente diga o que eu gostaria: "Há épocas em que ele não podia entender a face que tinha estudado por tanto tempo e era quando essa garota solitária se tornava um mistério para ele tão grande quanto qualquer outra mulher do mundo que tivesse um anel de satélites para ajudá-la". Talvez um adeus seja necessário. Acho que, em vez disso, vou dizer: vejo você mais tarde.

> **Allison** disse:
> *2 de novembro de 2009, 20h03*
> Isso soa ameaçador, C. Minha bateria está acabando, eu vou implorar para que a Nanette me deixe usar o gerador reserva deles, então vou ser rápida. Não desista. Eu sei que é chato, mas não desista, nunca pare de lutar.
>
> > **Isaac** disse:
> > *2 de novembro de 2009, 20h58*
> > Allison sabe um pouco sobre perder as esperanças. Escute a ela e a mim, não desista, cara. Lute a luta que vale a pena.

Luta incerta

4 de novembro de 2009

– Renny.

– Hum?

– *Renny*!

– O que é que foi?

– Acorda. Rápido e em silêncio. Temos companhia.

É bem cedo, as bordas rosadas do amanhecer estão apenas começando a apontar na linha do horizonte, por sobre as árvores. Minha mente, posso dizer com certeza, está nebulosa. Julian está esperando do lado de fora da barraca quando eu saio; está esfregando alternadamente os bíceps para se esquentar e vacilando com a dor que perturba o braço ferido. Há olheiras escuras sob os seus olhos azuis-esverdeados. Seu rosto está pálido, sem sangue. Não há muita coisa no acampamento, então temos que usar moletons e calças de brim para nos mantermos um pouco mais aquecidos.

– Sei que não deveria levar para o lado pessoal, mas é um pouco desconcertante que eles não tenham notado o meu sumiço até *um dia depois* – ele diz, tremendo enquanto a sua mão esquerda passa pela tipoia.

– Pare de fazer isso – eu digo. – Você fica ridículo. E fale baixo.

– Está muito frio.

– É muito mais frio em uma sepultura.

Maria nos acordou pouco antes, reportando, depois do turno dela, que viu movimento e luzes no acampamento dos Territoriais e escutou o barulho de motores ganhando vida. Ela não sabia o que aquilo significava, mas tinha uma ideia muito boa. Eu suspeitava que eles fossem retaliar depois de termos roubado o Julian de volta, mas parte de mim esperava que eles simplesmente ignorassem. Eles não pareciam estar muito apegados ao médico, considerando que estavam dispostos a deixá-lo sangrar até a morte em um armário.

Renny emerge da tenda com o cabelo domado por uma faixa preta grossa. Ela tem bolsas sob os olhos, mas já está bem acordada e determinada. Dapper trota para fora da barraca também e se senta, descansando o focinho no meu joelho. Renny me entrega o meu machado; estamos o dividindo nos últimos dias.

– O que vamos fazer com o Ted?

– Acho que temos que levá-lo para dentro do carro – eu digo, ajustando a alça da mala do laptop.

– Mas o carro foi alvejado e está um lixo.

– Apenas por segurança – eu respondo. – Até que a gente tenha uma rota de fuga clara. Se ele estiver deitado no banco de trás, eles não vão poder ver. Eles vão verificar as barracas primeiro, antes de qualquer coisa. Julian, vá ajudar os outros a empacotar as coisas. Renny e eu podemos mover o Ted.

Vou até Julian, puxo-o para longe da Renny e seguro o seu braço saudável.

– Posso te fazer uma pergunta pessoal?

– Claro – ele diz. – Nossa, Allison, pode me perguntar qualquer coisa.

– Você sabe o que é coquetel molotov e você conseguiria fazer um pouco?

– Eu… difícil… acho que sim, talvez.

– Bom, ótimo! – eu grito. – Então vá fazer.

Antes que Julian pudesse responder, Renny e eu mergulhamos para dentro da barraca. Ted está lá, seu moletom saliente no ombro onde as pesadas bandagens estão enroladas. Ele está pálido e suando, mas vivo. Nós o movemos cuidadosamente para colocá-lo sentado e, em seguida, o levantamos, tomando cuidado para não fazer pressão sobre o seu ombro. Estamos indo devagar. O lugar natural para erguer outra pessoa é a articulação do ombro, mas eu tenho que pegá-lo pelo tronco e empurrá-lo para cima. No meio do processo, ele começa a acordar.

– Humf? – ele pergunta, com a cabeça apoiada no ombro da Renny.

– Estamos só te levando para um lugar mais seguro – digo, tirando o cabelo bagunçado da sua testa e ajustando os seus óculos tortos. É mais fácil com ele acordado, já que ele pode, pelo menos, usar as pernas para nos ajudar. Ele ainda está cochilando quando o colocamos entre nós e o guiamos para longe das tendas. Nós vamos em direção ao sedã estacionado na beira do campo. Há uma névoa fria rente ao solo, e a grama amarela congelada cede conforme nós mancamos juntos pelo caminho. De vez em quando, Ted grunhe com desconforto, então nos ajeitamos para colocar menos pressão na sua ferida.

Ainda há uma trilha de sangue no chão marcando o caminho percorrido para tirar o Ted do carro. A parte de trás do automóvel está uma bagunça completa, repleta de vidro e com manchas do sangue sobre o banco e o chão. Pelo menos, as janelas estilhaçadas arejaram um pouco o veículo. Com a porta aberta, Renny para, olhando para tudo com a boca torcida em uma carranca de repulsa.

– É só por um tempo e, de qualquer forma, ele está dormindo.

Ela assente, se abaixando para limpar o vidro do banco. Juntas, descemos Ted lentamente até o banco de trás, recostando-o até que ele esteja deitado. Ele resmunga incoerentemente, franzindo o nariz enquanto se contorce, procurando uma posição mais confortável.

– Só para deixar registrado, não acho que a gente deveria mencionar isso quando ele

acordar – Renny diz.

– Sim. Concordo.

Quando chegamos às barracas, Maria, Nanette e Dobbs estão ocupados colocando seus suprimentos na caminhonete. Julian não está em um lugar visível. Um plano tinha começado a se formar na minha mente, e eu torço para que tenhamos uma chance de tirar a maioria dessas pessoas daqui em segurança. Os Territoriais têm armas e veículos, é verdade, mas confiam demais nessas duas coisas.

– Maria! – eu chamo, correndo até eles. – Posso falar com você um minuto?

Nos descolamos do grupo. Parece que eles conseguiram arrumar a maioria dos suprimentos e das tendas improvisadas. Eles já não tinham muito, e é óbvio que aquilo nunca foi pensado como uma solução permanente.

– Sei que vai parecer uma pergunta estranha, mas você conhece algum lugar por aqui que possa estar... bem... infestado? Algum lugar que tenha muitos mortos-vivos, tipo uma loja ou um depósito?

– Eu... bem... não tenho certeza – ela diz, me lançando um olhar suspeito. – Mas acho que você pode tentar o cinema. A polícia selou o lugar na primeira noite e eu não vi nada sair de lá desde então. Assim, a não ser que alguém tenha tentado entrar...

– Perfeito. Onde fica?

– Logo ali – ela diz, apontando para oeste do mercado. – É do outro lado da rodovia, talvez a cerca de um quilômetro.

– Obrigada. Fale para os outros se apressarem.

– Posso... posso perguntar por quê?

– Por que o quê?

– Por que você quer saber isso? Onde está a infestação?

– Ah. É pra lá que nós vamos.

Maria fica me observando enquanto eu me afasto, sua boca pendendo um pouco aberta. Depois de um momento, ela se vira e retorna para onde estão os outros, torcendo as mãos e olhando por cima do ombro para mim a cada segundo ou dois. Estranhamente, me sinto próxima de Collin por um instante. Sei que o estou evocando de longe, imitando o seu comportamento calmo e distante. Só queria ter tempo para sentir falta dele.

É provável que esse não seja o melhor plano que eu já tive, mas uma dose saudável de caos pode ser exatamente o que precisamos para abalar os Territoriais e fazer as coisas penderem a nosso favor. Entre os mortos-vivos, a minha pistola e os coquetéis molotov, talvez tenhamos confusão o suficiente.

Renny me encontra antes que eu encontre Julian. Ela está esbaforida, se curvando e apoiando as mãos nas coxas enquanto ofega.

– Allison, eles estão… estão vindo. Acabou o tempo.

Sigo-a até o Dobbs e a sua caminhonete. O veículo está bem carregado, a caçamba transbordando com madeira, lonas, baldes e outras coisas. Existem algumas ferramentas na parte inferior e algo que parece a marmita de um trabalhador. Provavelmente inútil. Dobbs, Nanette e Maria estão parados em um semicírculo quando eu pulo da traseira da caminhonete e abro a caixa. Dapper tenta saltar para dentro da caçamba, mas eu o empurro para fora.

– O que você está fazendo? Nós temos que ir! – Nanette está gritando, me balançando pelos ombros. Renny a empurra e tenta acalmá-la, mas Nanette a afasta.

– Vocês não entendem! Eles vão matar a gente!

– Só se acalme – eu murmuro, atravessando o mar de mais de dez centímetros de profundidade de pregos, parafusos, pedaços de papel e jarras vazias. Apesar de estar frio, posso sentir o suor se formando nas minhas têmporas. Pego um punhado de parafusos e coloco-os na mão da Renny. – Quando o Julian voltar, diga pra ele jogar um pouco disso nos coquetéis.

– No *quê*?

– Só… você vai ver quando ele chegar.

Eles estão todos olhando para mim, esperando. Esperando que eu os salve. *Olha aí, Julian*, eu queria gritar, *está vendo o que acontece quando ninguém é firme*? Quando ninguém assume a liderança? Eles estão paralisados, congelados em inércia por algo que eles acham que é um perigo intransponível. Mas não é tarde demais, não é impossível, ainda não…

– Voltei!

É o Julian. Seu braço bom está cheio de garrafas espalhando gasolina na manga da sua roupa, e ele manca o mais rápido possível. Está alegre, como podemos ver quando ele se inclina suavemente para alinhar os frascos e as garrafas sobre a porta traseira. As outras pessoas se reuniram na picape, pessoas que estavam no acampamento e que eu não tive a chance de conhecer. Há um casal com uma menina hispânica entre eles e dois rapazes adolescentes. Não sei os nomes deles e só os vi de relance, se deslocando de uma tenda para outra.

– Um, dois, três, quatro, cinco… seis! – Julian diz, se afastando do seu trabalho e olhando ao redor conforme diz isso. – Não sou incrível?

– Aqui – Renny diz. – Allison mandou você acrescentar isso aqui.

Ouço os parafusos caindo dentro da gasolina conforme finalmente consigo pensar em algo útil.

– Alguém tem um par de luvas? – peço, tirando a poeira do topo da grande garrafa

plástica com o dedo. Coloco-a perto do meu rosto e vejo que o rótulo está quase completamente apagado, mas ainda é possível ler em uma pequena impressão em preto: NaOH.

Penso no Ted recitando componentes químicos enquanto pega no sono, naquele triste sussurro juvenil no escuro. Penso no Ted curvado na parte de trás do carro, deitado em cima do seu próprio sangue encrostado e eu sei, sem nenhuma dúvida, que esse é o caminho. Essa garrafa é a chave.

– Deve ter um par de luvas aí – Dobbs diz, abrindo caminho, empurrando os outros com os ombros. – Ali – ele diz, apontando para um par de luvas flexíveis masculinas. Elas são para trabalho pesado e muito grandes para as minhas mãos.

– Muito grandes – eu digo. – Alguém mais?

Movo a garrafa e a coloco de lado. A marmita fede a maçã estragada e a queijo mofado, mas enfrento o cheiro tempo suficiente para tirar para fora um saco plástico de almoço usado. Sinto um puxão na parte de trás da minha blusa e olho para baixo para ver uma menina segurando um par de luvas pretas e felpudas diante do meu nariz. Puxo as luvas e, além de serem confortáveis, encaixam bem. Há gatos pretos e docinhos bordados na parte de trás.

– Tem certeza? – eu pergunto.

– Sim. Minha irmã não precisa mais delas. – Ela volta para o homem e a mulher, ficando atrás deles de uma vez, colocando as duas mãos atrás dos joelhos deles. Eles não parecem seus pais biológicos, mas isso não importa.

– O que você precisa que a gente faça? – Dobbs pergunta, tirando o seu chapéu e jogando-o na caçamba.

– Reúna todo mundo e...

Os tiros começam, lentamente, mas aumentando conforme os Territoriais se aproximam. Eles estão pulverizando uma saraivada de balas no acampamento. Nós ficamos todos juntos, nos abrigando atrás da picape e da carga. A menina cobre os olhos com as mãos.

– Por ali! – eu aponto, tentando falar por cima do barulho. – Vão o mais rápido que puderem, e se protejam conforme avançam.

– Mas e as nossas coisas? – Nanette protesta, gesticulando em direção à caminhonete.

– Vocês podem pegar mais tarde, agora vocês precisam ir o mais longe que puderem.

Dobbs pega Maria pela mão e se abaixa, liderando o grupo, usando a caminhonete como barreira. A parte da frente do automóvel está recebendo a maior parte das balas. Julian e Renny estão ajoelhados ao meu lado.

– Acendam essas coisas e joguem todas!

Nós três nos revezamos para usar o isqueiro do Julian, acendendo os pavios (que sobraram na calça de uma perna só do Julian) antes de arremessar as garrafas de vinho, as jarras e, sim, as garrafas de Johnnie Walker por sobre a caminhonete.

– Tentem jogar em uma linha! – eu grito, mas não tenho certeza de que eles me ouvem em meio ao som do fogo e dos rifles. Julian fede a gasolina, então faço com que se afaste conforme acendemos a segunda leva de coquetéis e os jogamos sobre as nossas cabeças. Me agachando, espreito em torno da borda da caçamba a tempo de ver um dos carros dos Territoriais explodindo com o coquetel batendo em seu capô. Ouço um silvo agudo quando os pneus dianteiros do veículo são arremessados.

– Vá com os outros – eu digo para a Renny, pegando-a pelo antebraço. – E leve Dapper.

– Eu não vou a lugar nenhum – ela diz. – E o Ted?

– Não vão encontrar ele, ele não está nem no campo de visão deles. Por favor, vá. Eu posso lidar com isso.

Renny dá uma olhada nas luvas engraçadas, no machado e na pistola antes de virar os olhos e pegar Dapper pela coleira.

– Se você morrer, eu vou enterrar você com essas coisas.

– Justo.

Nos cumprimentamos, e ela se vai. Julian está me encarando com uma cara bem séria, me desafiando a mandá-lo embora.

– Não vou pedir pra você sair, se é isso que você está esperando – eu digo.

– Bem, eu não vou... Oh!

– Tenho mais um coquetel e eu posso precisar que você cubra a minha retirada. Para o caso de as coisas darem errado.

Puxo a mala do laptop e a enfio no seu braço bom.

– Segure bem. Não deixe nada acontecer com isso. E com isso também. – Checo o pente e entrego a pistola. Só restam dois tiros, não é muito, mas talvez o suficiente. Pego o machado e faço um aceno com a cabeça em direção à garrafa de plástico na caçamba.– Coloque essas luvas de trabalho e encha esse saco de sanduíche até a metade com pólvora – eu digo.

Julian pega a garrafa, olha para o rótulo e seus olhos se arregalam.

– O que diabos você vai fazer com isso?

– Apenas fique sentado. Eu sei o que eu estou fazendo. – Esta não é, a rigor, a mais absoluta verdade, e deve haver alguma centelha de confiança no meu rosto neste momento porque o Julian fica para trás, se agachando contra a porta da caçamba. – Eu volto logo, tá bom?

– O quê? – ele sibila tentando pegar o meu pulso. Ando na ponta dos pés até ficar fora

do seu alcance. – Não, você não vai! Allison, volte... Allison!

– Estou saindo! – eu grito, tentando superar o som de metal queimando e tiros estourando. Até que os estampidos diminuem e, então, param. – Não atirem! Eu estou saindo!

– Cessar fogo!

Saio com calma de trás da picape, levantando as mãos para cima em sinal de rendição. Não estou absolutamente segura de que não vão me matar de qualquer maneira, mas algo me diz que eles querem falar . Um pouco de terra espirra em mim, acompanhado de um *rá-tá-tá* de um rifle.

– Eu disse para vocês cessarem fogo, porra!

Engulo em seco, ofegante, me forçando a continuar. Na minha frente, há três carros alinhados com um jipe de combate tipo Humvee a muitos metros de distância dos outros. Se esse daí estivesse perto ao ser atingido por uma das explosões, poderia ter causado um efeito dominó. O interior do Humvee ainda está queimando, a fumaça preta sobe para o céu por sobre os outros carros. Digo carros, mas são mais como jipes modificados. Os tetos estão todos pintados de preto. Há uma insígnia em cada capô, um desenho desajeitadamente feito à mão começando a manchar e desaparecer.

– Não atirem! – eu grito de novo, e a minha voz cede. – Não estou armada.

– Cidadã! Largue o machado!

O homem falando comigo está com a cabeça para fora de um dos jipes. Ele tem uma enorme e espessa barba negra e lábios muito vermelhos. Tem um chapéu de lona com uma estampa de camuflagem na cabeça e uma arma semiautomática apontada para mim. Dou mais alguns passos para a frente e depois, lentamente, bem lentamente, me agacho e solto o machado no chão.

– Você matou dois dos meus homens – Barba Negra grita, passando o dorso da mão pelo nariz. Posso sentir a pressão das armas, o calor de oito ou nove armas apontadas para mim. Prontas para matar.

– Vocês atiraram primeiro – eu grito de volta. Eu nem sei se são pessoas ruins, mas suspeito que são. Eles teriam atirado em nós, matado possíveis aliados. Eu olho para os seus rostos, seus olhos intensos e irritados e me pergunto: quem é mesmo o inimigo?

– Cadê o doutor?

– Estamos com ele – eu digo e grito por sobre os ombros. – Julian! Acene para os homens!

Uma mão pula de trás da picape, a mão do Julian. Ele a acena para trás, como um rabo de cachorro.

– Veja, *cidadão* – eu digo, dessa vez perto o bastante para não precisar gritar –,

podemos fazer isso como seres civilizados. Tem gente inocente aqui. Se você deixar eles irem, então eu te entrego o doutor. Acho que é uma troca justa. Essa gente não tem nada a ver com isso, fui eu quem o resgatou.

– Como seres civilizados, é? – Barba Negra diz, rindo. Há um filete de catarro preso no seu bigode. Não consigo parar de encarar aquilo. – Eu acho que é um pouco tarde para isso. Queremos o que é nosso. Nossa propriedade.

O vento muda, despejando a fumaça preta do Humvee direto nos meus olhos. Adorável.

– Como eu disse, ninguém mais precisa se ferir – eu falo devagar, aproveitando a oportunidade para chegar um pouco mais perto. Esquadrinho os jipes: dois homens no primeiro carro, três (incluindo o Barba Negra) no do meio e dois no terceiro. Agora eu sei... se ao menos eu tivesse mais balas. – Vou pegar ele pra vocês, o.k.? Só... não atirem em ninguém. Eu vou pegar a sua propriedade.

– É bom mesmo – Barba Negra diz, sorrindo de novo com sua boca de tubarão. – É bom.

Ando para trás, sem nunca desviar meus olhos dos Territoriais. Não consigo ter certeza se esses são todos eles. Deve haver mais no supermercado, mas não importa. Eles já jogaram as cartas, agora é a hora de eu revelar as minhas.

Quando eu chego na picape, Julian está pronto, com um olhar frio e petulante.

– Shhh – eu sussurro, me ajoelhando perto dele. – Se acalme. Eu não estou entregando você de verdade.

– Então o que foi tudo isso? – ele sibila, trazendo o rosto para perto do meu.

– Eu precisava ver quantos eram. Vamos precisar ser criativos. Apenas fique aqui e, por favor, não jogue uma dessas coisas enquanto eu estiver lá fora. Quando você ouvir um barulho, veja se consegue atirar em um dos carros. Depois disso, você vai com os outros na direção oposta. Direção oposta, entendeu?

– Não temos nada para lutar, eles vão esmagar a gente.

– Não vão, não. Confie em mim, você vai ver. Você ainda está com a sacola?

Ele me entrega a sacola plástica e dou um jeito de me aproximar.

– Abra o meu bolso.

– Sim, claro – ele diz, com um sorriso triste. – Boa tentativa.

– Olha, *baby*, se eu quisesse que você pegasse no meu negócio, eu apenas pediria.

Julian abre o meu bolso e o segura aberto, seus dedos ainda dentro das luvas. Suas mãos tremem. O vento é bem forte, balançando nossas roupas e cabelos, mas a pólvora está segura.

– Tá tudo bem – digo a ele. – Tudo bem.

Com um suspiro, pego a sacola e a enfio no meu bolso, me certificando de que a

abertura está voltada para cima. É difícil fazer isso com as luvas de lã, mas não há tempo para cometer erros ou hesitar.

– Aqui – eu digo, e Julian solta o meu bolso. Pego a arma da tra-seira da picape e coloco-a na parte de trás da minha cintura, puxando minha blusa para baixo até estar inteiramente escondida.

Olho para Julian, para o seu pequeno sorriso desamparado que ainda coloca covinhas nas suas bochechas. Eu não sei dizer se ele vai chorar ou me dar um soco. Há algo diferente nele, uma vulnerabilidade. Quase consigo ver como ele devia ser quando menino. E eu me sinto assim também… inocente e assustada e à beira de fazer algo que eu abomino.

– Eu preciso ir – eu digo. – Por favor, saia daqui. Por favor, mantenha os meus amigos seguros.

– Eu vou ver você de novo.

– Isso – falo para ele. – Você vai.

Pulo para fora da picape e caminho em direção aos jipes, ganhando velocidade, andando o mais rápido que eu posso, sem correr. Passo pelo machado e deixo-o no chão. Eles veem no meu rosto. Eu sei que veem. Os passageiros no carro do Barba Negra se mexem olhando para mim através do para-brisa. Parece que eu estou caminhando por uma fronteira, entrando em uma nova terra com novas regras.

– Ei, ei, *ei*! – Barba Negra grita, lutando para conseguir mirar em mim. – Não tão rápido.

– Acalme-se. Nossa. Ele não vai vir – eu digo, com o rosto petrificado. Eu estou ao lado do motorista do jipe do Barba Negra, e ele desceu para me olhar nos olhos. – Se ele não vai vir, então eu vou te levar até ele. É justo.

– Você é fria – Barba Negra diz, me avaliando com nova admiração. Ele baixa uma mão, e o resto dos homens parece relaxar. – Você é fria pra caralho.

– Ele é um médico de um braço só. Que merda eu vou fazer com um médico de um braço só?

Isso é o que nós fazemos em nome da sobrevivência. Isso é o que nós somos agora.

– Você gosta do Capitão América? – pergunto casualmente en-quanto o Barba Negra sai do jipe. Eu seguro a porta para ele e me movo um pouco, de modo que eu fique entre ele e o carro. – Imagino que você goste.

– O que diabos você está falando, vagabunda?

– Também não sou uma grande fã, mas me lembro de uma cena em uma HQ do Homem-Aranha… eu nunca vou esquecer. Ele diz: “Quando o povo, a imprensa e todo o mundo fala para você se mover, seu trabalho é se plantar no chão como uma árvore do lado do rio

da verdade, e dizer a todos: não…

Bang-bang!

– …se mova *você*.”

Acabaram as balas, é hora do grande final. Mergulho a mão na sacola, cavando e agarrando tanta pólvora quanto consigo antes de arremessá-la contra o Barba Negra. A pólvora bate no rosto dele, seus olhos ficam parecendo torresmo com as bolhas e erosões em sua pele. Eu também o chuto bem no estômago. É um momento reconfortante *à la* Steven Seagal. Os outros homens estão tentando mirar sem acertar seu destemido líder, que está gritando e segurando o próprio rosto derretido.

É tarde demais.

Já estou no jipe, dando marcha a ré e pisando no acelerador. O rádio ganha vida, o que certamente não ajuda o fato de meu coração já estar prestes a explodir. Desligo o aparelho conforme o jipe acelera para trás. Piso nos freios e faço uma volta de noventa graus, indo para o outro lado. Tenho certeza de que todos eles experimentam um momento de pânico, um momento em que eles se perguntam se deveriam perseguir os refugiados ou a mim. Eles me escolhem.

Três pessoas mortas para que outras dez possam viver. Onze, se eu conseguir sobreviver de alguma forma.

Os tiros me seguem, acertando a lataria do jipe, fazendo um som musical como martelinhos contra o metal de um xilofone. Escuto o coquetel molotov explodindo, mas Julian erra, e os dois carros continuam na minha cola, não muito longe. Jogo a sacola plástica pela janela, bem como as luvas. Agora, só preciso encontrar aquele cinema.

Logo ali. Do outro lado da rodovia, talvez a um quilômetro de distância.

Onde diabos fica isso? Eu viro em uma esquina, e é difícil evitar uma minivan parada na estrada. O Territorial morto no banco de passageiros pula contra a janela, uma única gota de sangue escorrendo do buraco de bala na sua testa, seu crânio batendo no vidro. As caminhonetes estão à minha esquerda, e vislumbro a porta pela qual eu furtivamente passei para resgatar o Julian. Verifico o espelho retrovisor; um dos carros está ficando para trás, com um dos pneus traseiros furados. O coquetel do Julian deve ter mandado um parafuso ou dois para o beleléu, e agora eles mal podem alcançar seus camaradas.

O supermercado parece se estender eternamente, com a estrada se curvando por trás dele. É um caminho dividido em dois, há uma linha de concreto no meio, com árvores e arbustos plantados em intervalos de um metro. Através das árvores nuas, vejo o fim do supermercado, um trecho de estrada e uma intersecção. Há carros espalhados a esmo, como um baralho jogado no chão. Meu peito dói, mas eu não sei se é da minha costela quebrada ou das batidas do meu coração. Não há mais nada a fazer a não ser seguir em

frente e fazer esses neandertais violentos ficarem de joelhos.

Um letreiro luminoso aparece atrás de um shopping center. A placa é azul e amarela, e anuncia um filme que mais parece uma questão tipo “preencha os espaços vazios” de uma prova escolar do que um anúncio. A maioria das letras está faltando, o que torna impossível sequer chutar que filme poderia ser. Tento pisar mais forte no acelerador, mas já estou empurrando-o contra o chão. É quando o ouço, gemendo e xingando no banco traseiro.

Eu realmente preciso trabalhar na minha mira.

Ele se senta e vem em direção a mim conforme passamos pelo estacionamento do cinema. O lugar está lotado, como se todo mundo tivesse saído de casa para ver um novo e excitante *blockbuster*. Tenho a sensação de que Maria está certa: vários carros ali significam que o lugar está cheio de pessoas. Ou melhor, de mortos-vivos.

O Territorial no banco de trás tenta agarrar o volante com uma mão e sua arma com a outra. Baixo a cabeça, permanecendo assim enquanto voamos pela entrada que leva até o cinema. Naquela velocidade, ele se chocaria contra as portas a qualquer instante. Ouço o som de armas automáticas acertando o jipe por trás, e uma sacudida forte quando um dos nossos pneus traseiros é atingido. Como ele não consegue alcançar o volante, tenta o meu pescoço, seus dedos deslizando sobre a minha garganta, molhados com o seu próprio sangue. Por mais que eu me esforce, ele continua me arranhando, arranhando. Nós temos que conseguir, temos que continuar...

Dou uma cotovelada nele, mirando na cara, mas acertando seu ombro. A arma dispara e, a julgar pelo barulho, passa a menos de um centímetro da minha cabeça. O cinema surge à nossa frente, a marquise desaparecendo à medida que passamos por baixo da entrada ornamentada. Não tenho tempo para parar esse cara, não tenho tempo para lutar. Prendo o cinto de segurança e observo as portas vindo diretamente para nós, o jipe na nossa cola chegando cada vez mais perto.

Mantenho os olhos colados no velocímetro e no ponteiro subindo.

70 km/h... 80 km/h... 90 km/h...

O impacto me manda com tudo para frente, e o *air bag* se abre contra o meu rosto conforme as portas do cinema implodem contra o veículo. O jipe parece pular para cima, as rodas traseiras voam antes de baterem com tudo no concreto. Dói, mas estou alerta o suficiente para reparar no Territorial sendo arremessado do banco traseiro como um míssil, se chocando contra o para-brisa e indo parar no lobby. Chove vidro no capô, caindo do para-brisa quebrado. É difícil me mover, e parece que eu recebi uma profunda “massagem” com um taco de beisebol, mas solto o cinto de segurança e – depois de arrancar a arma do Territorial morto do meu lado – me jogo contra a porta com força,

desabando no saguão escurecido.

Os murmúrios, os gemidos retumbantes e desesperados, soam mais como um bacanal do que como uma horda de mortos-vivos famintos. É como se eles viessem das próprias paredes, se movendo pelos corredores, escorrendo para fora de cada porta e fresta aberta. O cheiro é absolutamente fascinante.

Eles já são muitos. Estão trancados ali há semanas, e quem não foi devorado foi transformado em uma casca vazia de ser humano, de olhar morto, babando de boca aberta. É provável que o Territorial esteja morto ou morrendo, mas os zumbis descem sobre ele de uma só vez, cobrindo-o como uma nuvem de moscas famintas.

Fico perto do jipe quando o outro carro chega, rodando e batendo perto da bilheteria. Fizemos barulho suficiente para alertar o resto dos frequentadores do cinema, então manco para longe do jipe, me esquivando por baixo de uma porta mutilada. Relanceio por sobre os meus ombros para ver os outros Territoriais sendo arrancados do carro. Parece quase certo, grotescamente poético, de certa forma, alimentar monstros com monstros.

Há algumas complicações não previstas, óbvio: o fato de que estou agora sem um veículo, além de que o outro carro vai me alcançar em algum momento. Desvio para o lado esquerdo do estacionamento, agachando contra os carros abandonados para me manter fora de vista. Os mortos-vivos do cinema trabalharam rápido nos Territoriais e logo vieram fluindo para fora do saguão de entrada, uma cadeia ininterrupta de zumbis famintos e desesperados vindo direto para mim.

Posso lidar com eles por um tempo, mas meu peito está começando a doer seriamente, e eu devo ter torcido o tornozelo, porque o sinto doer como se estivesse cheio de agulhas e pregos. A arma está na minha cintura, com duas balas a menos; não chega nem perto do suficiente para massacrar os mortos-vivos que estão só dez metros atrás de mim. Mas eu sei que isso tem sido o suficiente, que a Renny, o Ted, o Julian e os outros vão ter tempo para escapar. Eu sei que, mesmo que eu não tenha chance de voltar para o acampamento, os outros têm agora uma chance de lutar.

O terceiro jipe finalmente aparece, entrando no estacionamento e diminuindo à medida que percebem a carnificina no saguão e a fila notavelmente ordenada de mortos-vivos saindo de lá.

Eles começam a atirar nos mortos-vivos, chamando a atenção deles, o que tira um pouco a pressão de cima de mim, mas isso não adianta muito com os zumbis mais próximos, que me seguem obstinadamente, determinados, desimpedidos, sem exaustão humana ou dor. *Respire*, digo a mim mesma, *respire profundamente*.

Meu tornozelo está me atrasando, me fazendo mancar, e eu só venci metade do estacionamento. Quanto tempo mais vou conseguir continuar? Quanto tempo antes de

tropeçar, cair ou trombar em caipiras armados à procura dos amigos?

Eu posso ver, lá na frente, a divisão da estrada, cheia de árvores decorativas. Estarei a céu aberto, onde serei um alvo fácil, mas não tenho certeza para onde ir. Chego na estrada, ofegando como uma corredora de maratona, arrastando o tornozelo, mordendo o lábio para evitar a sequência de palavrões que estou morrendo de vontade de gritar. Há um vislumbre de cinza prateado à frente e um som de motor morrendo, tentando a todo custo se manter funcionando.

Protejo os meus olhos para ver o que está se aproximando, mas não me atrevo a diminuir a velocidade. Consigo ouvir os mortos-vivos bem perto, tão perto... Pego a arma e atiro, mas o pente faz um *clique* de volta para mim, vazio.

A buzina do carro soa, me fazendo saltar, e eu olho para cima a tempo de ver a Renny vindo, chamando os mortos-vivos atrás de mim. Ela está fazendo alguma coisa, gritando alguma coisa para o homem no banco do passageiro. A porta se abre com um tilintar e Julian me puxa para dentro, me pegando pelo tronco com o seu braço bom e batendo a porta antes que eu possa recuperar a respiração e olhar ao meu redor. Renny pisa no acelerador e deixamos o cinema para trás.

Mal posso ouvir o som da minha própria respiração ofegante e do motor do sedã. É quando percebo que meu tornozelo não só está doendo como também está prestes a cair. Meu rosto está molhado, e não de chorar.

– Nossa, olhe pra você – Julian diz. Tento me sentar, tento sair do colo dele, mas Ted ainda está deitado no banco de trás e Dapper está no banco ao lado dele, então não há lugar para mim. Ted parece tão tranquilo lá atrás. Quieto. Sedado. Julian pega a manga da sua roupa e limpa o meu rosto. Pinica.

– Eu enfiei o jipe no cinema – eu disse.

Julian tira algo do meu cabelo. Parece uma agulha sendo arrancada direto do meu crânio.

– Porra! Que *merda* é essa? – Um pedaço bem afiado de vidro sangrento vem nas mãos dele.

– Você consegue respirar? – ele pergunta, franzindo a testa para mim.

– Mais ou menos – eu murmuro, lutando de novo. – Posso sentar?

– Sim, mas vá devagar.

Julian estava certo. (Sob nenhuma circunstância quero ser citada por essa frase.) Eu preciso de uma pausa disso tudo.

Ele dá um pulo para o lado, deixando um pequeno espaço para que eu me acomode. Ele puxa o quebra-sol para baixo e abre o espelho para eu ver o meu reflexo. Há cortes em todo o meu rosto, e o sangue cai na minha testa, partindo de onde ele tirou o caco de

vidro. Envolvendo o meu pescoço, há uma marca distinta de uma mão de sangue. Olho para baixo e encontro vidro preso no meu bolso, na minha blusa, em todos os punhos das mangas. Vidro em todos os lugares, cortes em todos os lugares. Sangue em todos os lugares...

Dapper enfia a cabeça na parte da frente do carro para lamber a minha mão machucada. Ele me cheira, me avisando que está feliz em me ver de novo.

– E os outros? – eu pergunto, tentando acertar meu tornozelo.

– Eles... não vão se juntar a nós. Eles querem ficar – Julian murmura.

– O quê? *Ficar*? Ficar onde?

– Eles estão indo para a fazenda do meu irmão, ao norte. Eles estavam esperando por minha causa, e agora que eu estou bem... Renny contou pra eles sobre Liberty Village, nos oferecemos para encontrar um carro para eles, mas eles querem ficar.

Seu trabalho é se plantar no chão como uma árvore do lado do rio da verdade, e dizer a todo o mundo: não, você se move.

– Eu queria ter agradecido a eles – eu digo. – Queria os ter conhecido melhor.

– Quanto a isso... – Renny diz. Seus olhos estão na estrada. Ela nos levou à Rodovia Municipal 6, ignorando as placas que pediam que ela dirigisse no máximo a 70 km/h. Estamos andando paralelos à rodovia à nossa esquerda. – Eu pedi que alguns deles escrevessem como chegaram aqui... sabe, do mesmo jeito que você faz aquela sua coisa.

– Blog?

– Sim, blog – ela diz. – Eles não digitaram nem nada, mas eu coloquei dentro da mala do seu laptop.

– Quando foi...

– Ontem – Renny diz. – Achei que poderia ser legal, sabe. Pensei que o Ted gostaria de saber.

– Você está perseguindo sua medalha de escoteira de antropologia? – pergunto. Renny levanta os punhos para bater no meu ombro e então para, lembrando que, no momento, eu tenho a integridade estrutural de um *sashimi* velho.

– Nós temos que parar para te limpar – Julian diz, se espremendo contra a porta para dar mais espaço para mim. – Alguns desses cortes aqui são bem feios.

– Vamos voltar à via expressa primeiro. Quero colocar uma distância boa entre nós e os nossos amigos. Vamos precisar pegar comida, de qualquer jeito – Renny responde.

Como se para provar o argumento dela, meu estômago deixa escapar um ronco que assustaria um *dobermann*.

– Fome – eu digo, franzindo a testa.

– Vamos parar logo – Renny diz. – Eu prometo.

– Não acredito que você usou aquela garrafa de Johnnie Walker.

– Tempos de desespero, docinho. Tempos de desespero – Julian murmura, olhando pela janela.

Observo a cidade sumindo atrás de nós. A fumaça sobe de Iowa City, de Coralville, de cada parada no caminho. Em algum lugar, Dobbs está liderando sobreviventes rumo à sua fazenda, e eu não sei se é um novo começo ou um tipo de final. Não consigo me decidir se fizemos algum bem. É isso o que podemos esperar – deixar um lugar em cinzas, deixar uma pegada no fogo?

Comentários

Isaac disse:
4 de novembro de 2009, 13h23
Obrigado, Deus, pelos pequenos milagres. Essa passou raspando, hein? Fico feliz que você escapou. Nós derrubamos todas as lojas em um raio de vinte quilômetros e acho que, em breve, vamos precisar encontrar uma nova área. Se pudermos chegar ao norte antes da primeira nevasca mais forte, podemos conseguir uma residência mais permanente. É justo, certo? Você está indo para Liberty Village, nós também precisamos de alguma coisa.

> **Allison** disse:
> *4 de novembro de 2009, 14h04*
> Bom, se o Canadá for ruim, você sempre pode tentar o Colorado!

Na estrada

5 de novembro de 2009

– Agora que sabemos que há vida após a morte...

– Um *tipo* de vida.

– Certo, um *tipo* de vida. Isso faz com que alguém fique mais interessado nessa história de céu e inferno?

Julian e eu recebemos a incumbência de vigiar o lado de fora da loja de conveniências. Des Moines é uma cidade fantasma, uma contraparte estranhamente silenciosa do caos de Iowa City. Renny está lá dentro, enchendo algumas sacolas com salgadinhos e bebidas. O lugar já foi saqueado, mas nós aprendemos a encontrar o estoque dessas lojas e arrombar algumas portas que escondem água, refrigerante ou suco. Às vezes, é possível até recriar o pânico que tomou conta desses lugares. Renny pediu para ficarmos do lado de fora exatamente por isso. Julian e eu ficamos um pouco animados demais brincando de *CSI: Des Moines* no último posto de gasolina.

A julgar pelo rastro de sangue vindo da sala de descanso dos empregados, o principal ataque ocorreu aqui.

O que mais você percebe, Greg?

Bem, Grissom, há marcas de dedos no chão, como se alguém tivesse tentado rastejar para dentro. Devia estar trancado. Vou levar esse fragmento de dente quebrado para a Trace, pois parece que há um resto de pipoca na coroa.

Oh, Greg, você é tão deliciosamente nervoso e apressadinho. Realmente é o adorável padawan *desta equipe diversificada e emocionalmente abalada de cientistas! Além disso, você nunca vai ter chance, porque ninguém namoraria alguém com o cabelo assim.*

Obrigado, Griss! Você é uma mamãe-urso durona na minha vida.

De nada, Greg. Agora pare de falar e passe um cotonete naquela poça de urina...

Pois é. Você pode ver porque, dessa vez, ganhamos a tarefa de guardas.

– Eu não tenho curiosidade sobre o paraíso – conto a ele. – Aliás, não estou curiosa a respeito de nada, a não ser comida. Me deixe comer alguma coisa e eu volto a esse assunto.

Julian me faz sentar no meio-fio (óbvio que quero dizer que ele me encheu o saco para que eu fizesse isso, até eu ceder), para poder prestar os primeiros-socorros em mim. O primeiro lugar que paramos não tinha curativos nem antibióticos. Mas tinha brincadeirinhas nojentas do Julian em abundância. Felizmente, a alegria infantil dele durou só 45 minutos, e depois ele voltou a se preocupar com a minha saúde. Sinto como se uma manada de elefantes estivesse sapateando sobre os cortes no meu tornozelo, mas

poderia ser pior. Eu poderia ser o Ted.

– Vamos trocar as bandagens dele em algum momento? – eu pergunto. Meu olhar vagueia até o sedã, onde Ted ainda está dormindo. Não trocamos os curativos dele desde a cirurgia.

– Com certeza. Posso fazer isso, se você tiver medo de olhar – Julian responde.

O sol está lá fora, trazendo com ele o vento duro de novembro. Julian parece aquecido o bastante. Ele pegou uma blusa horrorosa no último posto de gasolina, de cor verde-vômito, com um lobo uivando bordado no lado esquerdo. Não é surpresa nenhuma que ela tenha ficado para trás durante os ataques. O estacionamento é pequeno, sem árvores, e assovia como as Grandes Planícies. Ervas daninhas pulam para fora das rachaduras no chão em ângulos esquisitos. São marrons e curtinhas, como se não pudessem esperar para sair de baixo do estacionamento e, em seguida, tivessem pensado melhor, quando o frio chegou. Eu quase posso imaginar o lugar todo coberto de ervas daninhas, completamente tomado, como se a Terra o reclamasse para si. Parte de mim não ficaria surpresa em ver um estegossauro ou uma manada de búfalos vagando pela rodovia.

– Por que você acha que eu estou com medo o tempo todo? Preciso engolir uma droga de uma espada pegando fogo pra você superar isso ou o quê? *Ai*! Porra, Jules.

– Fique parada – ele diz. – Não acho que você seja medrosa. Mas acho que você não gosta de se confrontar com a mortalidade do Ted.

– É você que está todo filosófico. Retiro o que eu disse, não preciso da comida. Vou responder à sua pergunta agora. Não, a existência de uma terceira opção, os mortos-vivos, não me convence de que o paraíso e o inferno sejam reais. Pelo contrário, só me convence de que não são.

– E se existirem mesmo? – ele perguntou.

– Não existem.

– Qual é, me deixe.

– E, se existirem, espero que o paraíso seja uma viagem de carro. Espero que seja você, a Renny, o Ted e eu com nada a não ser tempo nas nossas mãos. Espero que seja, sei lá... cruzar uma grande distância com seus amigos.

Julian puxa a mão e o cotonete do meu rosto. Com a luz do sol, posso ver meu rosto refletido em seus olhos azuis-esverdeados. Suas covinhas emergem, abraçando seu súbito sorriso. Ele emite um som de confusão ou, talvez, de prazer, e coloca a bola de algodão de volta na minha testa. Por um momento, é uma sensação boa, mas logo começa a arder.

– Não preciso pensar no inferno – eu concluo. – Eu já sei como é.

Renny sai da loja de conveniência com os braços carregados, largando as sacolas diante de nós.

– Primeira leva. Tem tanta coisa no estoque, estaremos carregados pelo resto da viagem.

– Legal, demore o quanto quiser – eu digo.

Renny volta lá dentro, cantarolando conforme anda.

– Você parece cansada – ele diz.

– É, não estou dormindo muito bem. Nunca fui muito boa em dormir em carros.

– A gente podia invadir algumas casas – ele sugere. – Procurar algumas pílulas para dormir.

– Não – eu digo rapidamente, lembrando do ginásio, da vodca e do assustador rei de Ítaca dizendo para eu seguir o meu coração. Estremeço.

– Aconteceu alguma coisa?

– Eu jurei que não ia mais tomar remédios – eu digo. – A última vez que tomei algo mais forte que remédio pra dor de cabeça, terminei alucinando que eu estava em Troia e que Odisseu era o meu guia espiritual. O cara é barra-pesada.

Ele dá risada e, ao perceber que estou falando sério, acrescenta:

– Bem, é um bom guia espiritual. O meu, provavelmente, seria um alce.

– Ou a Diana Ross.

Renny retorna com outro carregamento cheio de sacolas. Levanto da calçada e pego um saco para aliviá-la. Ela balança a cabeça em direção ao saco que acabei de tirar dela.

– Espie aí dentro, tem uma surpresa.

Puxo a borda do saco para o lado e vislumbro um metal cinza.

– Um machado novo! – eu disse, radiante. A melhor notícia do dia.

– Eu achei lá nos fundos. Não dá pra acreditar em quantas lojas ainda têm essas coisas por aí. Quero dizer, deve ser algo bem perigoso de se ter – ela diz.

– Obrigada por isso. – Testo o peso do machado. É mais pesado que o primeiro, e a lâmina poderia ser mais afiada. Ai de mim, você nunca esquece o seu primeiro. – Eu estava me sentindo pelada.

– Ei!

Em uníssono, nós três nos viramos para o sedã. Um tufo de cabelos escuros e um par de olhos castanhos e confusos nos espiam, com os óculos arrebentados e inclinados para o lado.

– Amém, Senhor! Achei que vocês tinham me abandonado no estacionamento.

– Como você pôde pensar isso? – eu grito. Corro até o carro e encontro o Ted sentado nos fundos, ainda pálido, mas desperto e sorrindo. – A gente nunca abandonaria o Dapper.

– Espertinha.

– Fico feliz em ter você de volta – eu digo, fingindo que vou dar um soquinho no seu

ombro bom. Renny e Julian me alcançam, segurando uma garrafa de água já aberta para o Ted.

– Bem-vindo de volta – Renny diz. – Esse é o Julian, ele é médico.

– Então é a você que eu devo agradecer? – Ted pergunta, apertando os olhos em direção ao Julian.

– Sim e não – Julian responde, passando a mão no cabelo bagunçado. – Foi um trabalho colaborativo. Como você está se sentindo?

– Dolorido… e um pouco grogue, mas eu posso mexer a minha mão, então está tudo bem, certo?

– Temos salgadinhos de viagem, graças à Renny – eu digo. – E o Julian vai trocar os seus curativos antes de partirmos.

– Tem alguma carne seca aí pra mim? – Ted pergunta. Renny já estava jogando as sacolas ao lado dele, no banco.

– Tanto quanto você for capaz de comer – Renny responde. – Espero que você goste de frango *teriyaki*. Não encontro nada sabor pimenta-do-reino.

– Ganhamos algumas, perdemos outras, é assim – ele diz.

É muito bom vê-lo sorrindo, bebendo e comendo tranqueiras. Ele deixa Dapper morder e, depois, come do mesmo pedaço. Sim. O nosso Ted está de volta.

– Tem algo acontecendo – eu digo, apertando meu peito. – Acho… sim… meu coração de pedra está amolecendo um pouco. Ficamos tão preocupados com você, Teddy.

– *Eu* estava preocupado comigo – ele diz. – Tive uns sonhos loucos com insetos gigantes, sereias e outras merdas.

– Aposto que seriam ainda melhores se tivéssemos encontrado alguma morfina – Julian diz.

– Aí eu teria que te beijar – Ted diz.

– Eu pagaria pra ver isso – Renny acrescenta, dando um tapinha nas costas do Julian. Ele salta de lado, fazendo uma careta.

– Acho que todos nós preferíamos ver você e a Allison fazendo isso – Julian responde. – E, por todos, quero dizer o Ted e eu.

– Difícil – eu digo, franzindo a testa. – Renny é muita areia pro meu caminhãozinho.

– Amém – Renny diz. – Vamos embora?

Enquanto o Ted tem as suas bandagens verificadas, Renny coloca alguns sacos plásticos no banco de trás para encobrir as manchas de sangue seco. Aproveito a oportunidade para pegar o meu laptop e passear ao redor do estacionamento, mantendo um olhar atento sobre onde eu poderia encontrar sinal de wi-fi. É um milagre eu ainda estar encontrando qualquer tipo de sinal, e isso me faz pensar de onde será que ele está vindo. Ou ainda

existem bastiões de civilização em atividade ou eu consegui comprar o único laptop mágico da loja.

No canto mais longínquo do estacionamento, há uma pontinha de sinal, só uma barrinha. Sento no chão para postar uma atualização. VOCÊ GOSTARIA DE SE CONECTAR À SNET? Sim, com certeza. Essa pontinha de conexão me dá esperança. Isso me lembra que algo da civilização ainda perdura, em algum lugar, talvez até mesmo por perto.

Através da linha fina de árvores na beirada, posso ver uma figura, um arrastar de pés irregulares.

Fecho o laptop e pego o machado. É instintivo agora, deve ser como uma mãe se sente ao segurar o seu recém-nascido, ou como um missionário se sente quando segura uma cruz. Ouço um estalo em alguns galhos e vislumbro fome ou esperança nos olhos do espreitador. Não importa o que está lá, eu levanto o machado e golpeio.

Quando a cabeça do Murmurador está aos meus pés, vejo que é uma mulher de meia-idade com a garganta cortada e sem as duas orelhas. Parece que ela tinha permanente e estava vestida com uma roupa florida. Era a mãe de alguém, amante de alguém e, agora, estava sem mente e sem cabeça. Não é a minha mãe, penso comigo mesma, esse não é o destino da minha mãe. Estamos tão perto do nosso destino agora, e eu sei que vou vê-la quando chegarmos lá, em Liberty Village, uma Disneylândia no horizonte, um lugar onde todos os seus sonhos se tornam realidade. Não posso evitar. Sinto--me uma criança – a excitação e a ansiedade crescem a cada minuto.

Comentários

Isaac disse:

5 de novembro de 2009, 16h37

A área para a qual estamos indo está ficando muito perigosa. Eu só queria dizer adeus e boa sorte. Você segurou as pontas, e agora que está quase em casa, acho que é hora de eu seguir em frente também. Nós vamos tentar ir mais para o norte, talvez até o Canadá. Se encontrarmos algum lugar seguro, mando uma mensagem, mas parece que você já está em casa, Allison. Desejo tudo de bom e boa viagem.

> **Allison** disse:
>
> *5 de novembro de 2009, 17h01*
>
> Oi, Isaac! Estou um pouco… engasgada. Sinto que estou perdendo um amigo. Não perdendo, mas, você sabe. Eu espero que você encontre o seu caminho com segurança até o Canadá. Tem sido uma viagem estranha e horrível, mas eu acho que você a facilitou para mim pelo menos um pouco, para todos nós. Não se esqueça de ficar de olho em ambulâncias e lojas de conveniência.

Portões de fogo

7 de novembro de 2009

– Essa é a música que nunca termina. Sim, ela segue eternamente, minha amiga...

– Ah, termina sim – Renny diz, apertando firme o volante como uma caminhoneira em chamas na última hora de uma corrida de alta velocidade. – Ela termina com o seu crânio rolando na interestadual e o meu pneu fazendo o seu intestino grosso de picadinho.

– Vamos lá, pessoal – eu digo, tocando o ombro da Renny. – Estamos quase lá. Depois, vocês nunca vão ter que pisar nesse carro de novo.

Um monte de coisas estranhas se tornam normais quando você está constantemente com medo pela sua vida. O mesmo acontece quando você experimenta uma emoção que, lá no passado, vinha de forma fácil e livre. Você percebe. É por isso que, quando vemos a placa em que, anteriormente, lia-se FORT MORGAN A 70 KM riscada e repintada como LIBERTY VILLAGE A 70 KM, não posso evitar uma sensação boa, uma inundação de endorfina. Isso é alegria e alívio. A sensação de que, finalmente, finalmente, um desejo de um coração puro se tornou realidade.

– Setenta – Ted repete, cantarolando. – Malditos setenta quilômetros, quilômetros, quilômetros de distância!

Renny e eu estamos revezando a direção para que a outra possa dormir. Renny não deixa o Julian dirigir porque não confia nele, alegando que apenas pessoas com condições de usar ambas as mãos podem dirigir. Ele não parece se importar e dormiu a maior parte do caminho para o Colorado. Todos estamos cansados e, na segurança do carro, autorizados a tirar sonecas. É um sentimento bom, mesmo que eu esteja morrendo por um chuveiro e uma refeição de verdade.

Estamos todos acordados depois da placa indicando Liberty Village. Não falamos, mas permanecemos sentados, em um silêncio de excitação e apreensão. Eu sei que, da minha parte, mal posso acreditar que é verdade. Fico pensando que, se eu piscar, se eu cair no sono novamente, a cidade vai desaparecer, tornar-se apenas uma miragem. O horizonte está começando a mudar. As colinas das planícies do Meio-Oeste dão lugar à desunião montanhosa do Colorado, no cenário imprevisível que possui sua própria e estranha harmonia de formas e cores. Há tantos verdes e cinzas, tantas novas texturas para apreciar. E há uma espécie de sentimento compartilhado no carro, um zumbido no ar. Leva um tempo (muito tempo) para aceitar, mas, depois, com um solavanco, eu sei o que é.

Esperança.

Tem sido terrível. Uma viagem disfuncional e suada, cheia de queixas, odor corporal e

silêncios mal-humorados, mas, agora… agora… o futuro inflamou o nosso lado bom.

– A primeira coisa que eu vou fazer é trocar de cueca – Julian diz, quebrando o silêncio tenso.

– Espero que você não quisesse dizer isso em voz alta – Renny murmura.

– Se anime, Renny – eu digo. – A primeira coisa que eu vou fazer é encontrar a minha mãe e abraçá-la até que ela peça misericórdia.

– Eu vou procurar uma cama e *dormir* nela – Ted diz. – Dormir pra caralho.

– Eu vou *trepar* – Renny grita, apertando a buzina.

– Amém – grita o Julian, e o Ted expressa a sua concordância entusiasmada.

Eu não sei bem o que dizer. Qualquer entusiasmo que eu sinta sobre esse aspecto é amortecido pelo conhecimento de que não estou pronta para esquecer o Collin, ainda não. Terei a minha mãe, e ela vai ser a melhor distração possível. Mesmo assim, sinto esse vazio me chateando por dentro, uma ansiedade que diz: você está marcada, marcada por algo que nunca poderá resolver. Você sente falta dele.

Olho ao meu redor. Maldição. Eles estão rindo, *rindo juntos*, parecendo um bando de patetas em uma série de comédia na TV. É fantástico, e eu não consigo evitar me juntar a eles.

– O que é isso? – Julian pergunta. Ele está apontando para al-guma coisa à nossa frente, talvez sete ou oito quilômetros na interestadual.

A vida, como dizem, nunca é tão fácil quanto parece.

Renny diminui e, gradualmente, percebemos. É uma barricada, e, na frente dela, uma horda de milhares de mortos-vivos. Eles estão tentando chegar a Liberty Village, como nós. Essa grande concentração de vida, de seres humanos respirando, deve tê-los atraído como moscas são atraídas à merda. A barricada se parece com algum tipo de ponte, como se ambos os lados tivessem explodido e caído na estrada para conter a onda de mortos-vivos. Ao longo da borda superior, há uma barreira de fogo, uma parede cintilante de fogo e fumaça.

– Deve ter centenas deles – Renny sussura.

– Como diabos eles esperam que a gente passe? – Ted pergunta.

– Talvez não esperem – eu digo. – Merda.

– Deve ter algum caminho pra gente contornar – Julian diz.

– E se não tiver? – eu pergunto.

– Isso, chegamos tão longe para desistir sem nem mesmo tentar!

– Calem a boca! – Renny diz. – Os dois.

Ela para o carro a cerca de dois quilômetros da barricada, perto o suficiente para ouvirmos o rugido da multidão. Olhamos para o monte de mortos-vivos babando e

bloqueando o nosso caminho. Pego o bilhete da minha mãe no meu bolso.

Vejo você logo, em Liberty Village!

Quando eu tinha seis anos, minha mãe insistiu para que eu aprendesse a nadar. Eu nunca fui muito boa nisso e assim continuei pelo resto da minha vida. Mas ela queria que eu tentasse, só para eu saber como fazer isso, caso acontecesse alguma coisa. Me lembro de bater os braços como uma louca até outro o lado da piscina, ofegante, engolindo litros de água clorada e fazendo o meu melhor para imitar o nado peito. Ela ficava lá no final da piscina, se curvando e batendo na superfície da água, me aplaudindo. "Você está perto!", ela dizia. E, a cada vez que a minha cabeça saía da água, eu escutava: "Você está perto!".

Nessa idade, não existia nada melhor que o sentimento de atravessar a piscina, pressionar as pontas dos dedos contra a parede oposta e ver a minha mãe olhando para mim tão orgulhosa quanto poderia estar. Será que ela se orgulharia de mim agora? Será que ela vai se orgulhar?

Tão perto.

Há pontas úmidas no recadinho dela, pequenas manchas apagando a tinta.

– Puta merda.

Olho para o bilhete, sentindo a pressão de alguém me observando. Julian está me encarando através do espaço entre o banco e a porta. Algo se passa entre nós, a transmissão de algo. Ele abre o cinto de segurança, que se recolhe, balançando um pouco ao voltar para o suporte. Eu sei no que ele está pensando, e a minha mão dispara para agarrá-lo, mas a porta do lado do passageiro se abre.

Pi-pi-pi... O carro nos lembra de fechar a porta.

– Julian, não!

– O que diabos ele pensa que está fazendo? – Ted grita.

– Acho que é a nossa deixa – Renny diz, pisando no acelerador.

– Não! Você está maluca? Não podemos deixar ele fazer isso, porra! – eu grito, me arrastando pelo banco do passageiro.

– Ele fez a escolha dele – Renny diz. – Tem uma rampa logo ali, veja. Ele está nos deixando passar. Você quer desperdiçar o grande sacrifício dele?

– *Vá se foder*. Como você pode...

– Estou falando sério. Não desperdice essa chance.

Tão perto.

– Allison! Allison, volte para o carro!

A voz dela vai ficando cada vez mais baixa, já estou correndo. Eu posso ignorar o meu tornozelo, posso ignorar a dor. Não vou deixar isso acontecer. Há nuvens ao longe, nuvens escuras divididas por rachaduras brilhantes de luz. Está ameaçando chover, após dias de

nada a não ser tempo seco.

O desgraçado é bastante rápido para quem está com a perna ferida. Estou ofegante quando o alcanço. Ele está correndo para a multidão de zumbis, desviando para a esquerda, provavelmente na expectativa de levá-los junto para deixar o carro passar. Quando ele me vê o seguindo, levanta a mão e para.

– Você não é muito boa nessa coisa de "plano", não é? – ele pergunta.

– Ah, vá se foder. O que diabos foi isso? Você não pode se tornar um mártir. Eu não vou deixar.

– Você quer ver a sua mãe de novo ou não? – ele grita. Com o canto do olho, vejo que a multidão de mortos-vivos nos notou e alguns começaram a vir em direção a nós. O mau cheiro é insuportável.

– Isso não é sobre a minha *mãe*. É sobre o seu maldito ego. Deixe a minha mãe fora disso, certo? Volte para o carro comigo, podemos pensar em um modo de escapar disso.

– Sim, vamos jantar e talvez esperar que um helicóptero ou Jesus Cristo caia do céu e anjos nos carreguem nas costas. Isso vai funcionar, Allison, então saia do meu caminho.

Ele me empurra e eu o empurro de volta.

– Eu te odeio tanto, te odeio pra caralho! Devia ter te deixado no supermercado. Devia ter deixado você apodrecer e *morrer*.

– Allison – ele diz, baixando a voz. – Allison, qual é... você não quis dizer isso.

Pego o machado e miro no Murmurador mais próximo, arrancando a sua cabeça com dois golpes. Outros estão vindo, e mais outros atrás deles.

Renny não consegue se decidir, dirigindo para fora do alcance dos mortos-vivos e, depois, circulando de volta para perto de nós. Ela ainda está gritando, mas não posso ouvi-la por causa do barulho horrível de tantos mortos-vivos.

– Você quer morrer, então? – eu grito. Sinto as primeiras gotas de chuva batendo no meu nariz.

– Não, não quero. Eu prometo.

– Tá bom, você quer ser um herói? Nós podemos arranjar isso. Vamos. Você e eu, vamos correr de cabeça no meio da multidão e ver o que acontece, ver quanto tempo conseguimos durar. Daí seremos lembrados, que tal? E tudo de ruim que nós fizemos vai simplesmente desaparecer. Talvez o Ted e a Renny consigam, talvez não. Vale a tentativa, certo?

– Vem cá, eu não... se acalme, o.k.? Foi estupidez minha. Calma!

Eu continuo indo, virando à esquerda em direção à multidão. Eles são lentos. Eu sei que eles são lentos e que eles não vão me pegar se eu mantiver um ritmo constante. Renny parece ter se decidido, e está andando em marcha lenta ao longo da rodovia interestadual,

pela direita. Está funcionando. Pouco a pouco, a multidão percebe carne fresca ao seu alcance e a horda começa a se diluir no lado direito. Julian paira atrás de mim, esquivando-se quando um dos mortos-vivos chega perto demais e eu tenho que nos defender. Há tantos, mas tantos arranhando... são tantas as mãos enjoativas que me querem, querem a minha carne, o meu sangue...

– É isso, não é? É isso que você quer? Um gesto grandioso e heroico? Seu *idiota*!

– Allison, essa não é a melhor hora... merda! À sua esquerda, sua esquerda!

Eles estão desesperados, famintos e muito mais rápidos do que eu esperava. Como grupo, eles têm uma inércia concreta que nunca parecem ter por conta própria. Somos forçados a apertar o passo e depois correr, e voltar a trotar quando ficamos muito cansados. Os campos de couve em ambos os lados da estrada estão secos e escuros, os vegetais não colhidos estão alinhados, escurecidos, como se fossem um campo cheio de cérebros podres. O cascalho no acostamento da estrada estala sob os nossos sapatos, Julian manca o mais rápido que pode e eu grito com ele para que mantenha o ritmo, que fique atrás de mim, fora do alcance deles. A chuva cai com força agora, respingando nos nossos narizes enquanto nos dirigimos mais para o fundo da multidão. Não há como voltar atrás. O caminho a seguir é impossível, mas o caminho de volta é suicídio garantido.

Eu não tenho ideia do que nós vamos fazer quando realmente atingirmos a barreira, mas não temos tempo para pensar, só para balançar, cortar, balançar...

– Essa é *última vez* que eu salvo você, seu estúpido.

Parte de mim – a parte delirante e imprudente – sabe que ele está certo. Nós poderíamos ter esperado, deliberado, encontrado um caminho, mas há um tipo de elegância perturbadora nesse plano. É, certamente, a abordagem mais corajosa e simples, se realmente pudermos escapar dessa vivos... Consigo ouvir o Collin agora, me repreendendo com aqueles olhos sérios, balançando a cabeça para mim por não pensar antes de agir, tão apressada, precipitada. Eu não me importo. Ted e Renny provavelmente vão conseguir, mas a gente... Eu não tenho nenhuma expectativa agora, apenas determinação, foco e as minhas machadadas controladas. É um estado zen, um estado de tanto pânico e adrenalina que a sua mente simplesmente se apaga, restando apenas o principal objetivo: mutilar, decapitar, mutilar, atravessar, abrir caminho.

As chances estão contra nós, ao que parece.

Rastejando do lado oposto da estrada está o sedã, um pontinho cinza no horizonte. Eles estão bem à direita, e o carro se inclina perigosamente, quase fazendo com que eles caiam na vala. Fico pensando em todas as vezes que arriscamos as nossas vidas por causa desse carro estúpido, apenas para conseguir gasolina ou para ir mais um maldito quilômetro

adiante.

Imprudência. É o que temos para oferecer aos nossos amigos.

A barricada está mais perto; posso sentir o calor doentio e opressivo de tantos corpos em decomposição prensados juntos. Uma mão afiada e murcha agarra a tipoia do Julian. Eu não hesito, nem por um segundo. Chego perto e abro a alça do pescoço. As abas da tipoia soltam e Julian puxa o braço para manter o ritmo. Consigo ouvir a sua respiração, seus pequenos grunhidos entre as inspirações, os sinais de que cada passo dói, cada passada está o matando.

– Estamos quase lá! – eu grito. – Nós vamos conseguir!

– Allison, eu não posso, a minha perna... – ele diz, ofegando. Seguro o seu braço bom e o trago para perto. A ponte caída está próxima agora, alta e iminente como uma grande amurada troiana, só trevas e chamas, com o asfalto apresentando rachaduras longas e reentrâncias. À esquerda, há um barranco subindo em direção à borda superior da ponte. Parece muito íngreme para os pés desajeitados dos mortos-vivos e quase íngreme demais para os vivos, mas dá para ver pontos de apoio aqui e ali, pedaços de metal e concreto. É quase como se uma parede de terra subisse sobre as nossas cabeças, como se o declive suave de uma colina tivesse sido implodido da ponte.

– Podemos escalar – eu grito. – Estamos tão perto!

O aterro está liso por causa da lama, a chuva está mandando o solo do topo para baixo, em longos filetes que se arrastam vindos de lá de cima para formar uma piscina sob os nossos pés. Os incêndios ao longo da ponte foram apagados com a chuva, o cheiro de fumaça enche o ar ao nosso redor e quase sobrepuja o fedor dos mortos-vivos.

– Você primeiro! Eu vou ficar! – eu grito, com a chuva forte caindo sobre a minha testa, pingando nos meus olhos. Não estou ansiosa para escalar essa parede de barro, mas é a única maneira de subir.

– Não!

– Vá! Eu tenho o machado!

Ajudo o Julian a se segurar no primeiro ponto de apoio, um pedaço de concreto a dois metros acima do solo. É difícil para ele, com o braço quebrado pendendo inútil do seu lado. Ele tem que se içar para o próximo pedaço de cimento com um só braço. Eu fico no chão, sacudindo a chuva e o cabelo dos meus olhos, vendo mortos--vivos se aproximando em torno de nós a apenas poucos centímetros de distância, que conquistei com golpes e mais golpes.

– Allison, você precisa escalar!

Ele está certo. Se eu não começar agora, não vou conseguir passar pela ponte. Agora que os incêndios foram apagados, nós podemos cruzar e reencontrar a Renny e o Ted. Mas

esperei tempo demais, talvez… Logo que eu me viro, eles me alcançam.

– Venha! Agora!

Se eu me virar, se eu der as costas para eles por um momento…

– Dê o machado! – ele diz, seus dedos balançando em cima da minha cabeça.

– Não consigo!

– Dê isso pra mim! Agora! Vem!

Eu me apoio contra a parede de lama e empurro o machado em direção a ele. Quando ele pega, sinto como se eu tivesse perdido uma parte do meu corpo. Meu pé encontra o primeiro apoio e eu me lanço para cima, para perto do aterro, tentando manter os meus braços e pernas parados. Não ajuda muito. Sinto mãos arranhando os meus sapatos, os meus tornozelos. Acima de mim, Julian está se segurando em um pedaço de cimento quebrado, seu braço ferido com o machado, a lâmina passando perto do meu ombro. Vejo que isso o machuca, ele está grunhindo por entre os dentes, empurrando o desconforto e a dor para poder vigiar as minhas costas.

– Merda!

A lama está se movendo e, com ela, os apoios de cimento. Os pedaços sob os meus pés estão cedendo, afundando cada vez mais, em direção aos mortos-vivos que esperam lá embaixo. Eu me esforço para fincar os pés no aterro, para fazer alguma coisa, qualquer coisa para não cair, mas os apoios de cimento cedem completamente, desmoronando sobre os crânios dos zumbis que estão arranhando os meus pés. A lama me empurra lá de cima, desliza pelos meus cotovelos e joelhos, e me leva com ela.

Há um pedaço de vergalhão balançando sobre a minha cabeça no lugar onde Julian está apoiando os pés. Se eu o agarrar, ambos podemos cair, mas não há outra escolha, eu estou escorregando, perdendo o controle…

– Se segure! – ele grita.

– É muito alto! Merda! Estou escorregando!

– Se segure!

A chuva despenca nos meus olhos e gotas marrons de lama caem dos sapatos do Julian no meu rosto. Mal consigo enxergar, mas não posso me dar ao luxo de deixar escapar o concreto só para limpar os olhos. Julian está me estendendo a mão, abrindo e fechando os dedos no meu rosto.

– Para cima! – ele grita. – Para cima!

No fundo da minha cabeça, ouço um batuque, como uma criança travessa brincando com um xilofone; é um velho baque retumbante, uma palpitação como a do coração me mandando subir. Antes que eu perceba, antes que consiga parar, a música de *Mary Poppins* está na minha mente, marcando o ritmo ao redor como se alguém tivesse pegado

os versos, os separado, feito as unhas e dado um banho de loja e, em seguida, os colocado juntos na música de novo.

Let's go fly a kite.

Up to the highest height

E a música se repete sem misericórdia, com o ritmo ficando mais rápido, louco, até eu ter certeza de que o meu coração vai explodir com o barulho. Julian está batendo, gritando, eu não posso ouvi-lo, apenas a música, desequilibrada e tropeçando no meu cérebro como um gigante tonto...

Gritando, morrendo de dor, alcanço o concreto e puxo-o, gritando por entre os dentes enquanto coloco os meus dedos ao redor da barra e iço a mim mesma, me recusando a largá-la, me recusando a permitir que o metal escape de mim. É isso. Última oportunidade. Para cima ou para baixo, viva ou morta. Até que eu sinto a mão ossuda e dura em torno do meu tornozelo direito...

Estou quase lá, a dor, a exaustão, tudo isso esquecido no momento em que emprego as minhas últimas forças para me levantar até o próximo apoio. Sinto a pressão no meu ombro e olho para cima para ver a mão do Julian agarrando a minha camisa, me puxando, a outra mão segurando o machado, cavando o aterro para fazer um apoio para as minhas mãos. As mãos dos zumbis me libertam. Por um segundo, estou balançando no ar, livre, flutuando, observando os rostos logo abaixo, o vazio, os olhos e as bocas abertas. São tantos olhos...

O vergalhão suporta nós dois, mas posso sentir que ele está começando a ceder sob nosso peso. Julian se apoia no aterro e eu subo mais, usando as costas e os ombros dele para escalar até chegar em terreno firme. Vejo seu peito arfar contra a parede de lama, as suas pálpebras tremularem de dor. Não consigo imaginar como o seu braço quebrado e a sua perna mutilada devem estar doendo neste momento.

– Me dê a sua mão, eu levanto você – eu digo. – Me dê a sua mão!

Ele está desaparecendo. Esse último empurrão para me jogar para cima custou muito para ele. Sua cabeça repousa no aterro, seu corpo está inerte, desfalecido. Eu balanço as mãos na frente do seu rosto. Ele é grande e pesado, mas eu só preciso de um esforço, uma carga monumental de força que, eu sei, é algo que eu sou capaz, algo que está esperando dentro de mim.

– Vamos lá! Me dê a sua mão! – eu grito. Ele olha para cima, seus olhos piscando para se livrar da água da chuva. Está pronto para desistir, eu posso ver. – Me dê a sua mão, Julian! Caralho!

E então sua mão está na minha, seus dedos entrelaçados no meu pulso. Seguro-o com as duas mãos e me inclino para trás, apertando meus ombros até que eles quase estejam

se tocando. Mas nada acontece. Puxo de novo e de novo, mas ele está preso. Quando olho por sobre a borda, vejo que o mesmo zumbi que agarrou a minha perna já pegou Julian. E há um outro zumbi agarrando-o e puxando-o. São muitos e todos eles estão lutando contra mim; três, quatro e depois cinco mãos envolvem as pernas dele. Ele grita comigo para que eu puxe com mais força e eu tento, de verdade, mas o vergalhão está escorregando e nós dois estamos indo para baixo.

– Allison – ele diz e, em seguida, sua mão se solta. Ele sorri e abre a boca para falar mais, mas já está caindo, mergulhando de costas como um atleta, de braços abertos, caindo em uma piscina agitada. Luto para recuperar a sua mão, mas ele está fora do meu alcance, e eu não posso mais distinguir o seu cabelo cor de areia e seu corpo do mar de braços mortos-vivos. Eu assisto, impotente, eles o levando.

Meu machado está no aterro, onde Julian o deixou. Pego-o, me levantando. Eu vou embora. Eu tenho que ir.

Está chovendo e trovejando, e o som da morte grita aos meus pés, insistindo para que eu me renda também. Depois, vem a minha respiração, profunda e aliviada, e um eco da risada do Julian, um som tão inesperado, tão bem-vindo, que eu não posso deixar de rir também. Por um momento, é como se ele ainda estivesse ali, caindo perto de mim, de costas, a mão em seu peito enquanto ele ri e ri...

Mas ele não está aqui, ele partiu e estou sozinha, com frio e encharcada. O céu acima da minha cabeça é cor de cobalto, as nuvens se movem, correndo para algum destino desconhecido.

Ando pelo topo do aterro até a ponte, olhando para baixo em direção aos monstros e às suas bocas vorazes, e vislumbro o que poderia ter sido o meu destino. Há sinais na terra que se parecem com marcas de explosão. Corro para cima da borda da ponte, onde o concreto é de um ou dois metros de espessura. Sigo para o meio, olhando para trás, vendo o caminho de onde eu vim. Há tantos deles. Pobres almas. Pobres almas inquietas...

A chuva está congelante, muito mais congelante agora, no silêncio. Lá embaixo, há um despenhadeiro e a confusão de uma horda de mortos-vivos e, em algum lugar – eu espero que morto e em paz –, um amigo. Os monstros gemem e chiam, espalhados em um aparentemente interminável carpete de preto e cinza. Há um rastro através da ponte indicando onde os incêndios aconteceram, mas agora é apenas uma sugestão das chamas, do cheiro de carvão e fumaça, do fantasma de fogo.

Consigo ver o sedã do outro lado da ponte em marcha lenta, esperando por mim. Não quero ir, ainda não, mas, agora que os incêndios se apagaram, não haveria nada que mantivesse os mortos-vivos longe da rampa e do outro lado. A buzina soa. Eles estão esperando.

Uma loucura súbita me toma e eu me inclino para a frente sobre a ponte, em busca de um sinal do meu amigo. Eu meio que espero ver o Julian subir pela ponte, rindo e xingando, mas não vejo. É óbvio que não.

– Eu podia ter ficado aí com você – eu digo, me levantando novamente.

Renny está buzinando, me chamando. Mas, antes de ir, volto para a borda da ponte e solto o machado. Deixo-o cair no meio da multidão fervilhante abaixo.

– Obrigada – eu digo. – Agora eu preciso ir. Nossos amigos estão esperando.

Em liberdade

15 de novembro de 2009

Há quase dois meses, eu era bem comum. Naquela época, se você me desse um machado, eu pensaria em cortar lenha ou em limpar um tronco caído. Bom, essa não sou eu, não mais.

Aqui não é uma utopia. Eu provavelmente não tenho que dizer isso para vocês. Não é o paraíso, nem de longe. Mas acho que posso dizer algo agora que eu nunca pude dizer com segurança antes: é a minha casa.

Claro, eu pensei que a livraria era bem legal, pensei que os apartamentos, apesar de tudo, funcionariam, e realmente torci para que o ginásio pudesse ser uma coisa mais permanente, mas isso aqui – isso – é uma casa de verdade, com privacidade, camas e pessoas dispostas a criar uma comunidade. Acho que essa é a diferença. Somos uma só mente aqui, e não em um sentido bizarro, apenas queremos as mesmas coisas. Queremos estabilidade, segurança e a chance de construir algo duradouro.

Há muralhas tremendamente grossas aqui, o que me incomodou um pouco quando cheguei, mas eu me acostumei. Nesta vida, nestes dias, as casas têm muros. Nós fazemos o que podemos para mantê-los do lado de fora e para nos manter em segurança. Há um fosso a cerca de trinta metros de distância das muralhas. Quando o fosso fica cheio, nós ateamos fogo. Nossos muros estão reforçados com lanças de madeira, mas nenhum morto-vivo chegou tão longe. A Vila, na verdade, é mais como um forte, um acampamento reforçado, mas não há nenhum tipo de discriminação aqui, e todas as formas de vida são bem-vindas. Se alguém conseguir chegar até os portões, esse alguém merece entrar. Essa é a regra.

Mantemos as barricadas reforçadas com fogo, mantemos nossos soldados armados e vigilantes, e tentamos fazer pequenas coisas, coisinhas mínimas, mas boas, que fazem a diferença. É mais fácil colocar fogo num poço de zumbis quando você sabe que, na manhã seguinte, você vai estar ensinando espanhol para crianças. As estradas estão muito sujas e cheias de cascalho, e os edifícios queimados estão sendo reconstruídos lentamente. Há uma bandeira hasteada acima do centro da cidade: em um fundo branco, um símbolo do infinito na cor verde. Isso significa que todos são bem-vindos e significa que nós vamos continuar. Vamos continuar para sempre.

Abrimos uma escola, a Escola Clarke. Eu propus batizá-la de Escola Julian Clarke do Vigarista Sarcástico, mas o nome foi rejeitado por unanimidade. Ted dá aulas de biologia e química, Renny dá aulas de arte, e eu faço o que estava estudando para fazer: dou aulas de literatura.

É engraçado, a minha mãe sempre foi a mais estudiosa. Quando eu me candidatei para a faculdade, tive a estranha sensação de que todos já me conheciam, e, de fato, *conheciam*. Bem... conheciam a minha mãe. Eles eram seus colegas, quer dizer, seus admiradores. Ela brilhou no exclusivo clubinho acadêmico e mostrou que uma mulher podia ler livros e elaborar teorias de merda tão bem quanto eles. Eu queria fazer isso também. Queria viver em um mundo onde os homens torceriam os narizes para mim, e eu pegaria aqueles narizes e os esfregaria nos meus longos artigos absurdamente bem escritos e bem pesquisados.

Nunca cheguei a fazer isso. Nunca encontrei essas pessoas, esses esnobes que me odiavam por eu ser mulher ou por não ser esperta, espirituosa ou densa o bastante. E talvez elas não existam agora. O seu lugar no mundo foi esnobado. O que eu encontrei foi um bando de crianças sem escola, sem livros, sem professores.

E ela não está aqui, a minha mãe. Ainda não. Procuro por ela todos os dias, claro, escapando um pouco das aulas para ir me sentar nas muralhas, observar e esperar. Não vou desistir de ter esperança; não agora que eu sei que coisas incríveis podem acontecer, que as pessoas podem te surpreender com sua vontade de viver.

O que eu sei sobre a minha mãe, o que eu sei com certeza, é que ela estaria orgulhosa. Eu não sei se você consegue voltar para o passado, voltar para quando você ainda não conhecia *A ilha do tesouro*, *Um conto de duas cidades* ou *Os três mosqueteiros*, mas essas crianças estão ouvindo essas histórias pela primeira vez. Eu sei que parece pouco, mas não é. Esses livros não estavam em Fort Morgan – Liberty Village – quando chegamos. A biblioteca tinha sido saqueada, destruída, tudo foi queimado até às cinzas. Então, há dois dias, eu comecei uma missão de resgate. Até onde eu sabia, Stevenson, Dickens e Dumas estavam presos em algum lugar, e era o meu dever ajudá-los. Agora, eles estão seguros, acarinhados, exatamente no lugar ao qual eles pertencem: as mãos de crianças que acharam que as suas vidas tinham acabado. Você não sabe o que é miséria até olhar para um menino de seis anos e perceber que, na curta vida dele, ele já experimentou mais tragédias do que você vai conhecer nesta encarnação.

Mas eles sorriem. Eles sorriem quando nos sentamos juntos em um círculo na agência de correios saqueada e nos revezamos para ler em voz alta. Eles olham para mim em busca de orientações e explicações.

– O que significa “sublime”? – eles perguntam. – O que é “salpicado”?

Nem tudo é ótimo. Nem tudo é simples. Existem, naturalmente, dificuldades. Existem, claro, surpresas e choques. Eu pensei que, quando eu saísse daquele campo, estaria deixando para trás um grupo de amigos que eu nunca mais veria. Mas eu estava errada. Na verdade, o Ned, o Evan, o Mikey e o Collin não só sobreviveram, como chegaram aqui

antes que nós, esses desgraçados.

Nós não os vimos até o segundo dia aqui. O primeiro dia foi... bem, não fizemos muita coisa além de descansar, comer e dormir. Eles nos deram frangos assados na brasa e nós comemos como selvagens, rasgando a carne carbonizada do osso, nos deleitando com o suco escorrendo nos nossos rostos, quentinhos. Acho que eu me lembro de um momento quando a Renny sorriu com pedaços de carvão e frango presos nos dentes, e eu me senti muito aliviada, como se eu tivesse levado nós quatro nas minhas costas todo o caminho até ali. Não é verdade, é claro. Todos nós dividimos o fardo. Eu nem contei para ela sobre as coisas nos seus dentes; ela parecia tão contente e livre.

O segundo dia trouxe todo um caminhão de surpresas. Quando eu finalmente acordei (por volta do meio-dia, acho), alguns visitantes esperavam do lado de fora do nosso alojamento. Alojamento é uma palavra generosa, creio, mas é a correta. Os alojamentos não são grandes, mas são resistentes, feitos com as mesmas técnicas que os primeiros desbravadores usaram para construir as suas casas de fronteira. O Colorado é meio ridículo assim, mas o fato de essas pessoas terem abraçado a adversidade com um espírito de fronteira é notável, inspirador. De qualquer forma, quando nós (Ted, Renny e eu) finalmente demos um jeito de sair da cama, encontramos Ned e seus filhos esperando do lado de fora. Evan estava usando sua fantasia de Wall-E pirata, que Ned ajudou a confeccionar muito tempo depois do Halloween. De acordo com Ned, o Evan não tirava a roupa de jeito nenhum, não até que a “Allison pudesse ver”.

Após o choque e a alegria de vê-los de novo, tive de encontrar o Collin. Com seu charme habitual, Ned me contou que Collin também estava lá, me lembrando, com uma piscadela clandestina, de ser forte e me defender. Ted e Renny o encararam, como se ele estivesse falando bobagens, mas eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Então os deixei lá conversando e trocando histórias. Afinal, haveria bastante tempo para escutar sobre o Halloween do Evan, e eu queria saber como eles tinham conseguido vir nos encontrar aqui. Ned não contou, claro. Apenas disse: “Pergunte pro Collin, é culpa dele”.

Encontrei Collin ajudando no novo orfanato, um grande edifício feito de madeiras rudimentares no canto nordeste da cidade. Ele estava finalmente sem o seu uniforme preto, vestindo uma camiseta e um jeans cinza desbotado, parecendo adorável, pobre e inglês. Sua arma estava perto, bem conservada e encostada em uma parede.

Eu levei limonada para ele.

– Obrigado – ele disse. Nós caminhamos para longe da construção. A limonada já tinha ficado quente. Nós ainda estamos trabalhando em um jeito de fazer gelo de forma eficiente. Ele toma um gole da bebida por um momento, me olhando com os olhos escuros e sérios sobre a borda do copo de papel.

– Eu estou feliz que você tenha conseguido – Collin diz. Ele limpa o suor nas suas têmporas. – Sabia que você conseguiria. – Havia um sorriso em seu rosto que eu não consegui entender, uma autossatisfação, que me fez pensar...

– Merda.

– O quê? – ele perguntou, e vi o seu sorriso escapando das beiradas dos copos.

– C em C. *Você era* C em C.

– Mistério resolvido – ele diz, inclinando a cabeça para a frente, como se eu fosse um velho e respeitável colega. – Muito bem, Sherlock Holmes.

– Foi assim... que você descobriu como chegar aqui? Você estava lendo o blog?

– Ficamos na casa de uma família em Rockford, eram tão gentis que nos deixaram usar o computador deles – ele disse.

É óbvio, parte de mim esperava que ele acabasse nessa vida familiar, e que isso o arrastaria para longe de mim, mas o seu rosto permaneceu dolorosamente aberto, até mesmo ansioso. A outra parte esperava, contra todas as possibilidades, que houvesse algo pelo que lutar. Ele não tinha mudado fisicamente, não mesmo. Tinha um novo arranhão na bochecha, estava um pouco mais grisalho nas têmporas, mas estava ali, alto e ereto, exatamente como eu me lembrava. Porém, havia alguém novo olhando para mim, alguém com uma urgência desconhecida, uma curiosidade voraz que eu nunca tinha visto antes ou que, de alguma forma, eu tinha conseguido esquecer.

E eu me senti recuando, me preparando para a decepção que logo viria. A qualquer minuto, ele a mencionaria e comunicaria que esse era o início da nossa longa e torturante amizade.

– E como diabos vocês conseguiram chegar aqui? – eu pergunto.

– De caminhonete, de carro, de todas as formas que pudemos – ele respondeu, baixando o copo de limonada. Ele olhou para o copo, se remexendo. – Eu fiquei triste de ler a respeito do seu amigo.

– Sim. Ele teria gostado daqui. – Era a única coisa que eu conseguia pensar para dizer. Senti um nó na garganta e, rapidamente, olhei para os meus pés. Eu não queria falar sobre o Julian.

– E a Lydia? – perguntei.

Eu não a tinha visto ainda, nem com Ned e as crianças, nem emburrada em segundo plano. Finn, estranhamente, também estava sumido. No ginásio, ele era como a sombra ruiva do Collin, sempre andando em algum lugar no fundo com a sua arma e o seu temperamento. Foi difícil, depois de tantas semanas, esperar qualquer coisa além do pior. Eu só podia imaginar o que o Collin deve estar pensando sobre mim, sobre o que eu disse sobre ela, sobre *ele*.

– Bem – Collin diz, observando o meu rosto. – Ela está bem… quero dizer, da última vez que nos vimos, ela estava bem. Tão bem quanto alguém pode estar, eu acho, considerando o momento.

– Bom – eu disse, tentando mascarar a minha curiosidade. Sem sucesso, claro.

– E você? – ele perguntou. – Você está…

– Bem.

– Bom!

– Tá tudo bem. Quero dizer, é bom ver você – eu digo, enfiando as mãos nos bolsos.

Minhas bochechas formigaram de calor e ficaram mais quentes ainda quando comecei a me lembrar do número de vezes que insultei Lydia no blog e que escrevi algo completamente imbecil a respeito do Collin. E Odisseu, ai, meu Deus, Odisseu… Existem sentimentos que te afundam e existe areia movediça, que consome a sua vida e que te afoga em sentimentos mortos. De repente, eu experimentei de forma intensa o último caso.

– Então, uau, vocês estão aqui, isso é… ótimo. Estou feliz que nós estejamos todos aqui, juntos – eu digo, de forma desconexa.

– Eu também.

– Nossa, Collin! Você vai me falar ou vai me deixar sofrer?

Ele sorriu com uma doçura quase infantil, e eu sabia que ele estava esperando que eu perguntasse, estava deixando a curiosidade acabar comigo. Era bom vê-lo sem o seu uniforme, vestindo roupas normais, parecendo mais um professor, um mestre, um homem ordinário e menos um soldado. Por fim, ele respirou fundo e começou a falar, lentamente.

– Eu queria dizer que é complicado, mas eu não acho que seja – ele disse, despenteando os seus cabelos com a palma da mão. – Ela ficou para trás, em Rockford, assim como o Finn. Foi a decisão deles, e eu… eu estou feliz que eles estejam felizes e a salvo.

– Você quer dizer que eles estão juntos? Finn e Lydia? *Juntos* juntos?

Eu podia sentir o café da manhã que não comi girando no meu estômago.

– Sim, isso mesmo – ele riu. – Ela foi cordial o bastante para me avisar da… bem, da mudança dela. Eu devia ter percebido isso, de verdade, mas quando as coisas aconteceram eu estava um pouco distraído – ele disse, ociosamente girando o copo de limonada. Os seus olhos, seus olhos sorridentes, estavam brilhando sob o sol frio e silencioso.

– Isso é… maluquice. É inacreditável, Collin. Eu sinto muito – eu disse, sabendo que ser simpática com os sentimentos dele era o meu dever, o meu primeiro dever como amiga. Era melhor deixar a dança da vitória para mais tarde.

– Não, você não sente, não – ele disse, corretamente. – E nem eu.

– Mas ela te deixou, e por um homem mais jovem... quer dizer, o *seu sobrinho*.

– Com certeza, as ações delas são justificáveis em comparação com as minhas – ele disse rápido, rindo de novo. Então, o seu rosto sorridente murchou para uma cara séria. – Hum. Que bobo. Eu achei que você ficaria satisfeita.

– Satisfeita? *Satisfeita*? Eu... você... vá se foder!

Senti o meu coração, essa maldição, se levantando para fora do meu peito, tentando escapar pela minha boca e em direção às nuvens. Se eu pudesse guardar aquele sentimento... Mas não podia, era muito sentimento para conseguir segurar. Collin largou o copo no chão frio e duro e correu para me abraçar. Nós nos seguramos, e eu procurei algo importante para dizer, como sempre. Graciosamente, Collin me salvou do embaraço.

– Todos os dias foram só uma nova versão do anterior, um dia para tentar te esquecer. Eu tinha que fazer alguma coisa. Eu tinha que te encontrar – ele disse, e era aquela voz, aquela voz dourada e bonita que chegou pelo rádio há muito tempo e me orientou, como um barqueiro feito de luz, para uma nova vida. – Talvez tenha sido bom que eu não estivesse com você – ele disse, beijando o meu rosto. Eu ainda tinha alguns curativos da aventura no cinema. – Você quase me fez ter um ataque cardíaco com algumas dessas acrobacias que você contou.

– E você não ficou bravo? – perguntei. – Com o que eu escrevi?

– Não, não, claro que não. Um pouco chateado, talvez – ele disse, rindo. – Mas nunca bravo.

Há, como sempre, decepções. Minha mãe ainda está desaparecida, Ted flertou com uma morte precoce e um homem bom morreu para que eu pudesse chegar aqui. Porém, há alegrias também. Há o inverno para esperar – uma estação de sobrevivência, sofrimento e trabalho em equipe. Trabalho em equipe com um companheiro, um bom companheiro. Acho que, em breve, nós vamos sair para procurar *Uma casa na floresta*, o Collin e eu, liderando outra expedição para restaurar a biblioteca. Isso deve nos oferecer alguma perspectiva, tão necessária hoje em dia. Não somos ruins nisso. Nunca fomos *muito* ruins nisso. E Dapper vai começar a brincar na neve. Evan e Mikey vão fazer bonecos de neve e talvez o Collin nos ensine a fazer iglus. Nós dois estamos esperando para construir a nossa própria cabana antes que o inverno chegue. Acho que não vamos conseguir fazer

rápido o suficiente, mas Deus sabe que vamos tentar.

E talvez, logo que os primeiros flocos de neve caiam, os mortos--vivos sejam retardados. Talvez os barulhos de tiros nas muralhas parem. Talvez, quando os flocos de neve começarem a se juntar nos painéis de vidro frio e nós precisemos ferver a água para nos manter vivos, quando as janelas estiverem bordadas com rendas geladas, talvez, então, teremos um momento de paz. A primavera vai se seguir depois disso, e talvez minha mãe chegue aqui, trazendo com ela o sorriso que eu conheço tão bem, o rosto que não é o meu rosto, o amor que, definitivamente, é o meu amor. Talvez aí uma quietude se instale, e cada um de nós vai olhar para o céu e dizer: não é tão ruim, os mortos-vivos estão chegando e nós talvez não possamos sair, mas, pela primeira vez, realmente não é tão ruim.

E talvez eu tenha mentido. Talvez, de uma certa forma, aqui seja uma utopia. Uma utopia meio complicada e difícil, mas uma utopia.

Um paraíso de possibilidades infinitas.

Comentários

Isaac disse:
2 de janeiro de 2010, 13h55
Aparecendo pra dizer que estamos sãos e salvos, apenas um pouco acabados. O Canadá é bonito e austero nessa época do ano. Eu não vou esperar mais pelas atualizações de vocês. Se passaram meses desde seu último post. Eu vou apenas continuar acreditando que vocês estão bem e nos deixando orgulhosos em Liberty Village.

steveemchicago disse:
16 de janeiro de 2010, 15h31
ainda aqui. consegui passar pelo natal e além. estamos agradecidos por cada dia e também por vocês terem conseguido chegar nos seus destinos.

> **Noruega** disse:
> *2 de fevereiro de 2010, 15h31*
> Oslo se foi, Drammen também, os mortos-vivos estão vindo para o norte. Está tudo bem, apesar de tudo, estamos prontos para eles. Eu pensei que era a última vez que vinha aqui e disse adeus pra sempre. Mas vou continuar a voltar. Sempre. Apenas para o caso de acontecer alguma coisa. Eu provavelmente vou continuar entrando no blog a cada poucos dias, só para me manter otimista até que as luzes finalmente se apaguem.

Editora Witt-Burroughs
Universidade de Independence
Avenida Johnson, 1640
Independence, CEP 12404

10 de setembro de 2108

Nova Universidade do Norte do Colorado
Rua South Sherman, 10
Liberty Village, CEP 80701

Caro professor Stockton:

Agradeço pelo seu contínuo interesse na nossa editora. Devemos o nosso sucesso de longa data a indivíduos dedicados como o senhor.

É com grande pesar que estou negando a sua proposta de publicar a narrativa da srta. Hewitt na nossa vindoura coleção. Embora eu aprecie o seu interesse no projeto e admire a sua dedicação à universidade, não posso de boa-fé incluir esta mulher em um projeto destinado a elogiar o que há de melhor e mais nobre na nossa espécie. Eu estou perplexo com o fato de o senhor ter sequer imaginado que um conto tão vulgar e sanguinolento poderia ter mérito para estar ao lado de histórias como as de Shana Lane e Simon Forrest, artistas do mais alto calibre, tanto moral quanto de espírito. A dra. Marion Moore protagonizará notoriamente essa coleção. Claro que você vai reconhecer a dra. Moore como a brilhante mente científica responsável pelo composto Z-12 – inodoro, transparente e inofensivo para os vivos, mas extremamente letal contra os Infectados. O trabalho dela pode ser considerado o único recurso para conter a contaminação. Apesar do que os seus poucos detratores possam dizer, foi apenas através da meticulosa investigação da dra. Moore que nos foi possível identificar a localização exata da instalação na Virginia Ocidental onde o vírus assassino foi desenvolvido, projetado e, finalmente, espalhado.

Portanto, sr. Stockton, devo ser sincero e dizer que estou pessoalmente ofendido pela sua sugestão de que Allison Hewitt pertença à nossa coleção. Considerei a moralidade fluida e indefinida desta mulher tão repugnante e injusta quanto as suas ações confessas. Assassinato? Roubo? Esse é o rosto das massas sem rosto, você diz? Alguém como a dra. Moore nos salvou de uma tragédia bem maior. Qual é, exatamente, a grande contribuição da srta. Hewitt? Nós aqui da Editora Witt-Burroughs nos esforçamos para promover uma mudança, para demonstrar que, mesmo quando confrontada com a maior adversidade possível, a humanidade se esforçou para seguir em frente com bravura e não chafurdou na selvageria e na degradação que nos separam dos Infectados. Nós não iremos, jamais,

incluí-la em um trabalho destinado a inspirar os leitores.

Desejamos-lhe sucesso em todos os seus empreendimentos futuros, professor. E eu gostaria também de acrescentar que espero que o senhor eleve o seu objetivo um pouco na busca pela sua bolsa de pesquisa.

O senhor receberá, naturalmente, uma cópia da coleção publicada – um presente meu e, espero, uma inspiração.

Sinceramente,Dr. George F. Burroughs